



Liliana Rosa Dias Figueiredo de Almeida Moreira

CENTROS E PERIFERIAS NA MOBILIDADE ACADÉMICA E CULTURAL: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE AS CIDADES E UNIVERSIDADES DE COIMBRA E GRONINGEN

Tese de doutoramento em Turismo, Lazer e Cultura, ramo de Lazer e Desporto, sob a orientação do Prof. Doutor Rui Adelino Machado Gomes, apresentada à Faculdade de Letras e à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

Setembro de 2014



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

LILIANA ROSA DIAS FIGUEIREDO DE ALMEIDA MOREIRA

**CENTROS E PERIFERIAS NA MOBILIDADE ACADÉMICA E CULTURAL:
UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE AS CIDADES E UNIVERSIDADES DE
COIMBRA E GRONINGEN**

Tese de doutoramento em Turismo,
Lazer e Cultura, apresentada à
Faculdade de Letras e à Faculdade de
Ciências do Desporto e Educação
Física da Universidade de Coimbra

Orientador: Prof. Doutor Rui Adelino Machado Gomes

COIMBRA

2014

Este trabalho teve o apoio dos Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade-COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT-Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do projecto PTDC/IVC-PEC/5049/2012, Brain Drain And Academic Mobility from Portugal to Europe, coordenado pelo Investigador Responsável Rui Adelino Machado Gomes.



Moreira, L. (2014). *Centros e periferias na mobilidade académica e cultural: um estudo comparativo entre as cidades e universidades de Coimbra e Groningen*. Tese de doutoramento, Faculdade de Letras e Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Coimbra, Portugal.

Agradecimentos

Uma tese é um caminho que só é possível percorrer com companhia. Neste espaço, que já me parece exíguo, fica o meu profundo agradecimento a todas as pessoas que me acompanharam.

Ao Prof.º Doutor Rui Gomes agradeço o privilégio de me orientar, a sua disponibilidade, a sua amizade e o rigoroso sentido crítico com que sempre me ajudou na busca do melhor caminho. Fica também o meu apreço sincero pelo desafio da leccionação.

Uma palavra para o vasto conjunto de população anónima que respondeu ao inquérito e pela simpatia de estudantes que, sem me conhecerem, tiveram a iniciativa de enviar o questionário online, especialmente o Erasmus Student Network de Groningen, pelo seu incansável esforço na divulgação do mesmo.

À Catarina Moleiro do Coimbra Group que me abriu as portas na Universidade de Groningen e me colocou em contacto com a Jodien Howers que me apresentou a instituição holandesa.

O reconhecimento devido aos meus colegas da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, em particular ao Prof. António Figueiredo pelo apoio institucional e pessoal, à Prof.ª Elsa Silva pelas contínuas palavras de esperança, ao Prof. Carlos Gonçalves pelas discussões de ideias, à Prof.ª Susana Ramos pelos livros, à Sandra Guerra pela infinita paciência.

Deixo uma nota particular à Cristina Cruz pela disponibilidade e genuína amabilidade, para ler e reler a tese e assinalar com o seu lápis de carvão as inúmeras gralhas. Ao Prof. Rui Brites pelos conselhos úteis e seguros sobre os dados.

Divido igualmente os agradecimentos a todos os amigos, pedindo as habituais mas sinceras desculpas pelas ausências ou presenças descontinuadas de encontros, festas e mesmo conversas. Se não os refiro

todos, é mesmo porque, estando já cansada, receio magoar algum por não indicá-lo.

Esta tese não seria possível sem a educação que tenho, a que trouxe de casa, dada pelos meus pais. Educaram-me para ter liberdade de espírito, de pensamento e de voz. Agradeço especialmente o apoio financeiro que os sonhos precisam.

À minha sogra que sempre me apoiou incondicionalmente. Ao meu irmão, cunhados e sobrinhos fica uma palavra de apreço pelo conforto que foi saber que todos eles acreditavam que eu era capaz.

As palavras finais ficam para o João Paulo e o Francisco, sem eles nem existia caminho. O João Paulo que me apoiou muito além do imaginado e que sei que está sempre ao meu lado, tendo a capacidade de me obrigar a parar quando via que precisava. Ao meu filho Francisco peço desculpa pelas ausências necessárias, que me fez vacilar quando me pediu: “desiste e fica comigo”. Se alguma coisa fica deste trabalho que seja o exemplo que não se desiste.

Resumo

A presente investigação centra-se no turismo de educação global, tomando como objecto de estudo a comparação dos fluxos estudantis dirigidos a Coimbra e a Groningen, cidades localizadas num país semiperiférico, Portugal, e num país central, os Países Baixos. O estudante internacional é entendido segundo duas categorias, regular, quando se desloca com vista à obtenção de um grau de ensino e, em mobilidade, quando o período de tempo passado no estrangeiro é menor e não lhe confere um grau.

De modo diacrónico identificaram-se as cidades médias de destino e as intersecções com as dinâmicas culturais, assente na análise comparativa das agendas culturais *online*. De modo sincrónico, reuniram-se os factores influenciadores para o fluxo transfronteiriço de estudantes, com base na análise comparativa dos resultados do inquérito por questionário.

A abordagem extensiva das actividades culturais permitiu-nos concluir que as cidades médias diferem em termos de oferta cultural, considerando a oferta de Groningen mais homogénea e erudita e a de Coimbra mais heterogénea. O consumo cultural dos estudantes internacionais não difere substancialmente nos dois países, mas sim consoante o seu enquadramento académico, isto é, varia entre os alunos regulares e em mobilidade.

Os resultados da investigação, de modo intensivo, permitem-nos concluir que existe um modelo que espelha a predisposição do estudante internacional para estudar num país diferente, que parte primeiramente do seu espírito individual, sob influência das suas redes de apoio social e financeiro, passando pela imagem do país receptor e escolha matizada das cidades e universidades. O conjunto dos motivos dos estudantes em Coimbra e em Groningen diferem, mas as dissemelhanças emergem, sobretudo, nos estudantes regulares com o propósito principal associado ao estudo e nos estudantes em mobilidade, cujo enfoque principal está no turismo.

Palavras chave: estudante internacional, centros, periferias, globalização, educação, turismo.

Abstract

This research focuses on the global tourism education, taking as its subject the comparison of student flows directed to Coimbra and Groningen. The first located in a semi-peripheral country, Portugal, and the second located in a central country, the Netherlands. The international student is understood according to two categories, regular, when moving with the purpose to obtaining an academic degree, and mobility, when the period of time spent abroad is smaller and does not confer a degree.

The diachronic analysis identified the medium size cities and intersections with cultural dynamics, based on comparative study of online cultural agendas. The synchronic approach studies the influential factors for the cross-border flow of students, based on the comparative analysis of the results of the questionnaire survey.

The results of the extensive research of cultural activities allowed us to conclude that the medium-sized cities differ in terms of cultural offerings, considering the offer of Groningen more erudite and homogeneous and Coimbra more heterogeneous. The cultural consumption of international students not differs in the two countries, but depending on your academic framework, varies between regular and mobility students.

The outcomes of intensive research allow us to conclude that there is a model for the predisposition of international student to study in a different country. Beginning with the individual spirit of the student, under the influence of their social and financial networks, passing by the image of receptor country. At the end emerges the mixed choice of city and university. All the motives of students in Coimbra and Groningen differ, but the dissimilarities emerge, especially in the regular students associated with the main purpose to study and mobility students, whose main focus is on tourism.

Keywords: international student centers, peripheries, globalization, education, tourism.

Índice

Resumo.....	VI
Abstract.....	VII
Índice.....	VIII
Índice de quadros.....	X
Índice de gráficos.....	XI
Índice de tabelas.....	XII
Índice de fotografias.....	XIII
Introdução.....	1
Parte I CONTEXTO.....	7
1. Evolução dos Estados europeus.....	9
1.1. A Evolução das cidades.....	11
1.2. Património arquitectónico.....	14
2. O nascimento das universidades na Europa.....	18
2.1. A Universidade de Coimbra.....	20
2.2. A Universidade de Groningen.....	22
2.3. A religião enquanto elemento diferenciador das universidades.....	24
3. As universidades na contemporaneidade.....	28
4. Cidades, universidades e identidades.....	32
5. Demografia comparada: Portugal e os Países Baixos.....	37
5.1. Coimbra e Groningen.....	41
Parte II OBJECTO E PROBLEMÁTICA.....	53
1. Velhas e novas acepções de cultura.....	55
1.1. O objecto cultural e o mundo social.....	59
1.1.1. O fenómeno cultural e a acção social.....	61
1.2. A organização social da cultura.....	64
1.3. A cultura como dimensão da globalização.....	73
1.4. Centros e periferias da cultura.....	75
1.5. Cidades, lazeres e culturas urbanas.....	78
1.5.1. As culturas urbanas e o poder local.....	82
1.6. A tipologia das práticas culturais.....	84
1.7. Conclusões do enquadramento cultural.....	87
2. Centros e periferias em educação.....	89
3. Turismo de educação.....	104
3.1. Problemática.....	104
3.2. Velhas e novas acepções do turista de educação.....	106
3.3. Centros e periferias do turismo de educação.....	109
3.4. Tipologias analíticas de turismo de educação.....	114
3.5. Tipologia analítica configurada.....	123

Parte III METODOLOGIA.....	127
1. Introdução à metodologia.....	129
1.1. Objectivos.....	130
1.2. Hipóteses.....	136
2. Análise extensiva.....	139
2.1. Enquadramento metodológico.....	139
2.2. Instrumentos metodológicos: o corpus documental das agendas culturais.....	140
3. Análise intensiva.....	148
3.1. Amostragem.....	148
3.2. Versão final do inquérito por questionário	150
3.3. Análise lógica da validade: a reformulação de questões.....	156
3.4. Pré-teste.....	157
3.5. Glossário conceptual da análise intensiva.....	158
Parte IV APRESENTAÇÃO DE DADOS E DISCUSSÃO.....	161
1. Resultados do estudo extensivo.....	163
1.1. A densidade da oferta cultural.....	163
1.1.1. O campo das contextualizações.....	163
1.1.2. Os campos das práticas do lazer em termos espaciais e da semiótica	166
1.1.3. Tipo de entidades promotoras de iniciativas culturais.....	178
1.2. A estrutura da oferta cultural.....	180
1.3. Conclusões sobre as dinâmicas culturais.....	181
2. Resultados do estudo intensivo.....	185
2.1. Caracterização sociodemográfica e perfis de estudantes.....	185
2.1.1. Deslocação na cidade.....	196
2.2. Práticas de lazer dos estudantes internacionais.....	198
2.3. Predisposição de estudar no estrangeiro.....	211
2.4. As redes de suporte dos estudantes internacionais.....	220
2.5. Imagem das cidades e das universidades.....	224
2.6. Factores de atracção da cidade.....	227
2.7. Factores de atracção da universidade.....	233
2.8. Atracção pela cidade ou universidade.....	240
2.9. Conclusões das dinâmicas dos estudantes internacionais.....	244
PARTE V CONCLUSÕES FINAIS.....	247
BIBLIOGRAFIA E FONTES.....	257
ANEXOS.....	283

Índice de Quadros

Quadro 01	Índice de Desenvolvimento Humano.....	39
Quadro 02	População e economia.....	40
Quadro 03	Indicadores económicos de Coimbra e Groningen.....	44
Quadro 04	Indicadores turísticos em Coimbra e Groningen.....	46
Quadro 05	Indicadores cívicos em Coimbra e Groningen.....	47
Quadro 06	Ranking Europeu das cidades médias.....	51
Quadro 07	Despesa de Capital da Câmara Municipal de Coimbra em Cultura e Desporto 2011- Euro – Milhares.....	83
Quadro 08	Despesa de Capital da Câmara Municipal de Groningen em Cultura 2012- Euro –Milhões.....	83
Quadro 09	Despesa de Capital da Câmara Municipal de Groningen em Desporto 2012- Euro –Milhares.....	84
Quadro 10	Comparação dos indicadores de quatro rankings.....	98
Quadro 11	Resultados percentuais da fiabilidade intra-observador.....	146
Quadro 12	Distribuição e repetição de iniciativas culturais em Coimbra e Groningen: Janeiro – Dezembro 2012.....	163
Quadro 13	Frequências relativas e absolutas de registos nas dimensões espaciais em Coimbra e Groningen.....	166
Quadro 14	Equipamentos culturais em Coimbra e em Groningen.....	181
Quadro 15	Frequências e percentagens dos indicadores das dimensões espaciais Coimbra e Groningen 2012.....	183
Quadro 16	Caracterização da amostra da população estudantil.....	185
Quadro 17	Situação de matrícula por ciclo de estudos.....	186
Quadro 18	UC: Situação de matrícula por Continente.....	191
Quadro 19	RUG: Situação de matrícula por Continente.....	192
Quadro 20	Forma de deslocação nas cidades.....	197
Quadro 21	Grupos de praticantes da UC pelas características sociodemográficas.....	206
Quadro 22	Grupos de praticantes da RUG pelas características sociodemográficas.....	208
Quadro 23	Clusters dos motivos para estudar no estrangeiro por características sociodemográficas - Coimbra.....	216
Quadro 24	Clusters dos motivos para estudar no estrangeiro por características sociodemográficas - Groningen.....	217
Quadro 25	Influência da rede social do estudante na decisão de estudar no estrangeiro por universidade.....	222
Quadro 26	Influência da rede financeira do estudante na decisão de estudar no estrangeiro por universidade.....	223
Quadro 27	Regressão logística binária - modelo preditor da imagem positiva da cidade.....	225
Quadro 28	Regressão logística binária - modelo preditor da imagem positiva da universidade.....	226
Quadro 29	Perfis dos estudantes e atracção da cidade de Coimbra.....	229
Quadro 30	Perfis dos estudantes e atracção da cidade de Groningen.....	232
Quadro 31	Perfis dos estudantes de Coimbra e a atracção da Universidade.....	235
Quadro 32	Perfis dos estudantes de Groningen pela atracção da Universidade.....	238

Índice de Gráficos

Gráfico 01	Número de graus no primeiro ciclo nas Universidades.....	29
Gráfico 02	Número de graus no segundo ciclo por língua de ensino.....	30
Gráfico 03	População total de Coimbra e Groningen entre 1994 e 2009.....	43
Gráfico 04	Número de desempregados por 100 activos em Portugal e nos Países Baixo.....	45
Gráfico 05	Principais países receptores de estudantes em 2007-2008.....	113
Gráfico 06	Frequência de repetição de eventos em Coimbra e Groningen: Janeiro – Dezembro 2012	165
Gráfico 07	Frequência das iniciativas culturais expressivas públicas em Coimbra e Groningen: Janeiro – Dezembro 2012.....	167
Gráfico 08	Frequência das iniciativas expressivas públicas em Coimbra e Groningen: Janeiro – Dezembro 2012.....	168
Gráfico 09	Frequência das iniciativas culturais participativas públicas em Coimbra e Groningen: Janeiro – Dezembro 2012.....	169
Gráfico 10	Iniciativas culturais participativas públicas - música: Janeiro – Dezembro 2012.....	170
Gráfico 11	Frequência de eventos receptivos semipúblicos - produtos cinematográficos: Janeiro – Dezembro 2012.....	172
Gráfico 12	Frequência das iniciativas culturais eruditas criativas em Coimbra e Groningen: Janeiro – Dezembro 2012.....	174
Gráfico 13	Frequência das iniciativas eruditas criativas (semiótica) em Coimbra e Groningen: Janeiro – Dezembro 2012.....	175
Gráfico 14	Frequência das iniciativas culturais receptivas informativas de públicos cultivados em Coimbra e Groningen: Janeiro – Dezembro 2012.....	176
Gráfico 15	Frequência das iniciativas receptivas informativas de públicos cultivados (semiótica) em Coimbra e Groningen em 2012.....	177
Gráfico 16	Frequência dos operadores culturais em Coimbra e Groningen em 2012.....	179
Gráfico 17	Escolaridade do Pai dos estudantes internacionais da UC.....	188
Gráfico 18	Escolaridade da Mãe dos estudantes internacionais da UC.....	188
Gráfico 19	Escolaridade do Pai dos estudantes internacionais da RUG.....	189
Gráfico 20	Escolaridade da Mãe dos estudantes internacionais da RUG.....	190
Gráfico 21	Representação dos perfis dos estudantes da UC.....	194
Gráfico 22	Representação dos perfis dos estudantes da RUG.....	195
Gráfico 23	Componentes de lazer por universidade.....	201
Gráfico 24	Componentes de lazer por situação de matrícula.....	203
Gráfico 25	Clusters de lazer por perfis de estudantes da UC.....	204
Gráfico 26	Clusters de lazer por perfis de estudantes da RUG.....	207
Gráfico 27	Média de satisfação com os equipamentos culturais.....	209
Gráfico 28	Médias dos motivos para estudar no estrangeiro por universidade.....	213
Gráfico 29	Médias dos motivos para estudar no estrangeiro por situação de matrícula.....	215
Gráfico 30	Clusters de motivos por perfis de estudantes da UC.....	219
Gráfico 31	Clusters de motivos por perfis de estudantes de RUG.....	220
Gráfico 32	Coimbra: Média do grau de importância dada aos seguintes factores na decisão da escolha da cidade de destino.....	228
Gráfico 33	Groningen: Média do grau de importância dada aos seguintes factores na decisão da escolha da cidade de destino	231
Gráfico 34	Média de grau de importância dada aos seguintes factores na decisão da escolha da universidade de acolhimento UC.....	234
Gráfico 35	Média de grau de importância dada aos seguintes factores na decisão da escolha da universidade de acolhimento RUG.....	237
Gráfico 36	Coimbra: Índice global de atractividade da cidade e universidade.....	242
Gráfico 37	Groningen: Índice global de atractividade da cidade e universidade.....	243

Índice de Tabelas

Tabela 01	Diamante Cultural de Griswold.....	58
Tabela 02	O sistema de Arte – Cultura: uma máquina para criar autenticidade.....	68
Tabela 03	Atributos dos Modos de tipo 1 e 2 para a produção de conhecimento.....	93
Tabela 04	Combinação de influências da Educação, Turismo e Imagem Geral do destino.....	121
Tabela 05	Imagética de uma tipologia analítica do turismo de educação.....	125
Tabela 06	Grelha de classificação em quatro categorias das Agendas Culturais.....	143

Índice de Fotografias

Fotografia 01 Torre Martini.....	16
Fotografia 02 Torre da Universidade.....	17
Fotografia 03 Parque de estacionamento para bicicletas em Groningen.....	196

INTRODUÇÃO

A presente tese aborda a temática do turismo de educação, enquanto lugar central na reflexão sobre os processos de globalização, privilegiando o contraste de uma expansão hegemónica e uniformizadora da educação, veiculada para os estudantes internacionais e a tentativa destes últimos de reconfigurarem resistências contra-hegemónicas, em formas culturalmente cosmopolitas.

O turismo de educação é analisado através de um estudo comparativo entre os estudantes internacionais de universidades, sediadas em duas cidades médias, Groningen e Coimbra, instituições localizadas num país central, Países Baixos e num país semiperiférico, Portugal, do sistema mundo.

De modo diacrónico, pretende-se identificar as características das cidades médias de destino e as intersecções com as dinâmicas culturais, as universidades e os poderes regulatórios, sob a forma de indicadores estruturais de atracção. De forma mais sincrónica, será dada uma atenção particular à reunião dos factores influenciadores do fluxo transfronteiriço de estudantes.

A escolha destas cidades e suas universidades não foi aleatória, tratam-se de cidades médias, com um número aproximadamente igual de total de habitantes, em que as universidades têm praticamente o mesmo número de estudantes e número de faculdades. Cada uma das universidades tem mais de quatro séculos, sendo Coimbra a mais antiga, e pertencem a redes de cooperação científica comuns.

A problematização desta temática combina as teorias da dependência do sistema mundo, em articulação com a educação transnacional, as cidades médias e culturas urbanas, bem como com as tipologias analíticas das mobilidades e turismo. Assim, fez-se um esforço de maturação intelectual para conjugar as dimensões das cidades médias e culturas, bem como da educação e das mobilidades.

O turismo de educação não sendo um fenómeno novo, tem sido pouco estudado enquanto unidade científica autónoma. A pertinência do presente projecto é sem dúvida explorar o domínio deste tema, não apenas na lógica individual do sujeito-actor, enquanto estudante e turista, mas contextualizar a acção na dinâmica das cidades e da cultura e inseri-las numa explicação transnacional.

Verdadeiramente emancipatório, seria realizar um estudo sobre o turismo de educação num prisma oriental, mas por simples falta de meios não foi possível, até porque constituiria uma continuidade de colonialismo do conhecimento, feito por oposição dos saberes. A globalização abordada está num contexto ocidental, sob um eixo europeu, mas que nem por isso não tentará sair da égide da homogeneização.

Na fase preliminar do processo de investigação, urge enunciar a questão geral que sustenta o presente projecto: “o que predispõe um estudante estrangeiro a ingressar numa universidade sediada numa cidade europeia de dimensão média, localizada num país diferente da sua residência permanente?” Pretende-se assim ajudar a clarificar a caracterização dos países no sistema-mundo, as cidades médias e as suas referências identitárias e interligação com as culturas urbanas e universidades. Neste contexto explora-se o turismo da educação.

A um nível mais substancial vamos pois encontrar dois objectivos transversais a todo o trabalho. De modo extensivo pretende-se identificar as características das cidades médias de destino, especialmente na dinâmica cultural, na sua relação com as universidades e poderes regulatórios, sob a forma de indicadores estruturais de atracção, numa estratégia contrastante alicerçada no sistema-mundo. Por outro lado, de forma mais intensiva, ao nível micro, pretende-se investigar a reunião dos factores influenciadores para a mobilidade do estudante internacional.

O mundo encontra-se em período de mutação no que respeita a diversas dimensões, a saber: instituições que integram formas de poder diferentes, sistema de hierarquias baseados em novos critérios, conflitos sociais e políticos a que crescem novas formas emancipatórias de regulação. Deste modo, o novo sistema tenta captar as realidades emergentes que se confrontam com as realidades do passado. O turismo de educação é uma das realidades emergentes composta por fluxos transfronteiriços, uma das constelações práticas colectivas, que importa analisar.

Tratando-se de educação, que só por si é um direito de cidadania, o turismo de educação promove a cidadania global e influencia as dinâmicas identitárias da Europa, já de si imbuídas de um espírito de internacionalização alicerçado num

sistema mundial historicamente hierarquizado. É igualmente de salientar que os estudantes em si mesmo podem introduzir alguma heterogeneidade nos modos de saberes alternativos.

A educação é em si mesmo um conceito que se relaciona com a construção de identidade, e por conseguinte um importante objecto de estudo. O papel das universidades será revisitado num contexto de transição que questiona o próprio papel destas instituições no mundo. O turismo de educação poderá ser visto ora num contexto regulador, ora num contexto emancipatório, mais justo e democrático.

A metodologia de investigação combinará as técnicas qualitativas, de estudo extensivo para a visão diacrónica do objecto de estudo e as técnicas quantitativas, de estudo intensivo, para o enfoque específico do estudante internacional.

A motivação para o estudo está no carácter renovado da temática, na emergência de novos actores, na escassez de estudos na área, especialmente na Europa, e mais incisivamente no modelo comparativo de dados. Existem alguns estudos mas apenas se focam num dado país ou instituição. Cruzar dados relativos a diferentes países e paralelamente cruzar culturalmente as cidades e universidades foi um objectivo extenso, mas realizado na lógica da procura de realidades por comparação, seguindo a lógica do sociólogo Swanson, que defendia que “thinking without comparasion is unthinkable” (Swanson, 1971, p. 145).

Pretendemos assim contribuir cientificamente para a temática do turismo da educação.

PARTE I

CONTEXTO

1. Evolução dos Estados europeus

Por toda a Europa, o Império Romano deu lugar ao território da cristandade, com a sua cultura do espaço, num sistema medieval de enclaves políticos com uma ordem multipolar. O papado detinha a autoridade para fazer doações de regiões através de bulas, manobrando os territórios em jeito de jogo político de administração sacralizada. A Igreja era assim o suporte da soberania política dos Estados. Com o avançar do tempo, “o castelo perde as suas virtudes protectoras e o Império enfraquecido, deixa de poder garantir a segurança das pessoas e dos bens. Pouco a pouco, impõe-se a ideia de que já nem um nem outro têm eficácia e que a invenção do território do Estado-Nação constitui a melhor fonte de segurança.” (Badie, 1996, p. 46). Acompanhando a crescente secularização, os Estados-Nação passam a assentar numa soberania territorial, racional e de autodeterminação, espaços com jurisdição própria com o monopólio da violência legítima. A esfera pública foi sendo identificada progressivamente com o princípio de Estado.

Na Europa, o final da guerra dos 30 anos, que opôs católicos e protestantes alastrando-se à contestação dos impérios, culminou com a liberdade de culto e com a redefinição de territórios. As condições de paz firmaram-se por um conjunto de tratados assinados em Vestefália em 1648, constituindo a fonte do paradigma estatocêntrico, por integração de formas de estruturação política internacional. Este legado vestefaliano assenta em quatro características cruciais: A territorialidade enquanto unidades atomizadas de espaços geográficos exclusivos, de fronteiras bem definidas; A soberania em que o Estado detém o poder de guerrear, de controlar pessoas e recursos, “the state claims the undisputed and exclusive right to rule and so represents the ultimate source of legal and political authority over the people within a delimited territory.” (McGrew, 1997, p.3); Autonomia, baseada na independência nomeadamente no que respeita a intervenções externas. “The principle of state autonomy is based on a cost /benefit ratio for the use of force which is favorable to periodic resort to war, low levels of environmental externalities and economic independence, low information flows and a high degree of cultural and political heterogeneity.” (Pureza, 1998, p. 36); E por último, a legalidade das relações inter-estatais ancorada em normas jurídicas dependentes do consentimento dos Estados.

A identidade dos povos cresceu com esta cartografia de poderes, reguladoras das comunidades. Para alguns autores como McGrew (1997) e Pureza (1998), este legado pode ser classificado por sistema de alta intensidade, transposto na correspondência de intenções entre governação e governo.

No que respeita à composição social, socorremo-nos das explicações durkheimianas sobre a sociedade pré-industrial, afirmando que a sua coesão social se explica por uma solidariedade mecânica assente nas semelhanças entre os seus elementos, relacionada com a pequena divisão do trabalho e fraca fragmentação social. As teorias de Émile Durkheim foram alvo de críticas, nomeadamente quando se trata de explicar os estádios seguintes da evolução da sociedade. Porém, por ora, enquadram-se nas elucidações das sociedades feudalistas. Daí que a sociedade se imponha ao indivíduo, existindo uma forte consciência colectiva e um direito de tipo repressivo. No início da Idade Moderna, o volume da população era geralmente baixo e de baixa densidade moral e material (Aron, 1991).

O território europeu foi assim sendo estruturado ao longo dos séculos, num processo lento e geológico. Neste sentido, o Estado-Nação associa-se ao conceito de comunidade imaginada de Benedict Anderson (2008) e na sua articulação com o nacionalismo enquanto identidade nacional, mas não na vertente materialista de *ius soli*, de território. Trata-se da identificação de pertença à comunidade de modo cultural, na construção da história pela sua representação, através de uma língua comum, não mais o latim, numa agregação de vontades legitimada pelos povos e não por um monarca absoluto. Esta ideia de nacionalismo emergiu historicamente ligada aos ideais da Revolução Francesa, nos movimentos de libertação das soberanias dos reis absolutos e na defesa das constituições. Este significado é bem diferente da ideia de nacionalismo posterior, que assolou a Europa no século XX, da exacerbação do predomínio nacional. A definição de “comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo soberana” (Anderson, 2008, p.32), implica que cada indivíduo crie a sua comunidade, sempre com fronteiras e uma identificação cultural comum.

Esses elementos integradores comuns, constituídos por símbolos e práticas, advêm de um processo de selecção dos factos, alvos de posterior interpretação e valorização, compondo a memória colectiva imaginada. Estas escolhas foram

sempre realizadas pelos vitoriosos, silenciando as minorias e as guerras perdidas. A herança cultural não é mais do que o culminar dessa mesma triagem validada por quem detinha o poder para tal legitimação.

Constatar inevitáveis descoincidências entre a História passada e a História representada. Aliás, por a História ser precisamente uma “representação de representações”, o passado memorizado não é mais do que o berço comum dessas múltiplas representações. O passado memorizado ou as memórias históricas têm a sua arqueologia própria que repousa em elementos significativos, reactualizados de forma cintilante, ao projectarem-se no imaginário social. (Pais, 1999, p. 183).

A história dos povos europeus evoluiu, por demarcação dos vizinhos, no marcar das diferenças para valorizar as homogeneidades e deste modo se criarem e (re)criarem as várias identidades.

1.1. Evolução das cidades

Na época pré-industrial, as cidades mais não eram que agregados populacionais que cresceram em volta de vestígios arquitectónicos, muitas vezes de carácter defensivo, como castelos. Este microcosmo ligava-se à escala da mentalidade da maioria das populações iletradas e dominadas pelas forças religiosas de cada lugar.

Como concluiu Paul Bairoch num conhecido estudo, o factor tamanho das cidades - até um certo nível, bastante elástico - constitui um elemento positivo do ponto de vista do processo de desenvolvimento económico". O crescimento dos centros urbanos, porém, tem componentes positivos e negativos, sendo a diferença entre ambos que dita o seu tamanho. De qualquer modo, "cidade e sistema de cidades não são respostas sistémicas a algumas necessidades económicas". Múltiplos factores intervêm no crescimento urbano e na hierarquia das cidades, e não apenas os de natureza económica. Talvez por isso mesmo apela-se para a criação de cidades médias. As cidades, reescrevia-se em Portugal no século XVII, não deviam ser muito grandes nem muito pequenas, seguindo a mediania aristotélica, de modo a que fosse possível ouvir em todos os cantos a voz do pregoeiro, isto é, onde a sociabilidade fosse a de uma comunidade. Pequenas eram as cidades em boa parte da Europa, antes da revolução industrial. (Oliveira, 1996, p.309).

Como o presente estudo pretende apresentar uma comparação entre duas cidades, cabe-nos aqui reflectir sobre a história das cidades alvo do estudo: Coimbra e Groningen. No fundo, um pouco da cronologia de representações arreigadas a cada uma.

Groningen é uma das doze regiões administrativas dos Países Baixos, localizada geograficamente no extremo norte, cuja capital detém o mesmo nome. Groningen é uma das cidades mais antigas, encontrando-se a 187 quilómetros a norte de Amesterdão. Com vias navegáveis pelo Hunze e Aa que estabelecem a ligação ao mar e rodeiam a parte central da cidade, criando uma espécie de ilha com várias pontes. Historicamente, a cidade pertencia a uma região denominada Frísia que esteve sob jurisdição do império romano, do domínio anglo-saxónico entre o século IV e VII, sob domínio franco e, já no século oitavo, ao império alemão. Sob a alçada alemã foi alvo de doações ao bispado de Utrecht e palco de diversas guerras civis, bem como envolvida na Guerra dos Cem Anos que opôs a Inglaterra e a França. Mais tarde, esteve sob o domínio do rei Carlos V de Espanha e imperador alemão, da Casa de Habsburgo e do Sacro Império Romano. Nesta altura, a cidade-estado bem como todos os Países Baixos sofreram com a rigidez do Santo Ofício, envolvendo todo o território numa guerra civil que terminou com a independência do país em 1581 e implantação da monarquia dominada pela Casa de Orange-Nassau.

Economicamente, pela sua posição geográfica, pertenceu à Liga Hanseática¹, inserida na rede comercial do norte da Alemanha, de mercadores marítimos como um importante centro de comércio. Os próprios agricultores constituíam um grupo muito forte e politicamente activo, “the labors of agriculture do not prevent them from taking an active part in political life and in the administration of public affairs” (<http://www.oldandsold.com>). A riqueza agrícola de Groningen deveu-se, não só à fertilidade do seu solo, mas a um sistema de exploração da terra pelo arrendamento anual das herdades, independentemente da sua produção. Rendas essas que os proprietários não podiam aumentar, passando hereditariamente este contrato para um dos filhos do rendeiro.

¹ Liga Hanseática: Associação de mercadores das Cidades-Estado do norte da Europa, que se juntaram em 1266 para fazerem frente à concorrência inglesa. “Exportavam os produtos agrícolas das terras do Norte; cereais da Prússia e da Polónia, peles, gorduras, cera e mel da Rússia; madeira das florestas árticas; alcatrão para a calafetagem dos navios e peixe salgado. Em contrapartida importavam lãs de Inglaterra, tecidos da Flandres, especiarias orientais e sobretudo vinho e sal da França e dos países meridionais.” (Prada, 1966, p. 164).

No campo religioso, foram muito permeáveis ao protestantismo, às ideias de Martinho Lutero e Erasmo de Roterdão. Tolerantes à liberdade religiosa, tiveram uma forte comunidade judaica antes de 1939. O feriado municipal de Groningen (*Gronings Ontzet*) a 28 de Agosto, comemora a libertação pelos populares em 1672 do cerco da cidade feita pelo Bispo de Münster que entendia ser do seu bispado toda a região. Se na Primeira Grande Guerra os Países Baixos se mantiveram neutrais, na Segunda Grande Guerra foram invadidos pela Alemanha e em Abril de 1945, na Batalha de Groningen a sua principal praça, o Grote Markt, foi fortemente devastada. “Despite the destruction in the inner city, the basic infrastructure of the city escaped relatively unscathed (...) There are a number of plaques throughout the city that still remind the citizens of Groningen of that four-day battle” (Dykstra, 2002, p. 52).

Coimbra, situada na região centro de Portugal, encontra-se a cerca de 200 quilómetros de Lisboa em direcção ao norte do país, com uma boa base de navegabilidade através do rio Mondego. O rio atravessa a cidade ao sul e desagua no Atlântico pela Figueira da Foz. Esteve sob o domínio romano, designada nesse tempo por *Aeminium*, posteriormente sob domínio muçulmano até à reconquista cristã da Península Ibérica e da cidade especificamente em 1064. Coimbra fez desde o seu início parte do Condado Portucalense, oferecido ao Conde D. Henrique de Borgonha pelo Rei Afonso VI de Castela e Leão. Na cidade rodeada de muralhas medievais e na alcáçova real viveram parte dos reis da primeira dinastia, tendo Coimbra sido capital do reino até 1255.

Devido à boa navegabilidade do rio Mondego, Coimbra foi um importante entreposto comercial nomeadamente de sal, ainda hoje um dos largos da cidade junto ao rio se chama Portagem, exactamente por ser o espaço de cobrança de impostos aos produtos chegados à cidade. Pela grande produção de cânhamo ao longo das margens do rio criou-se na cidade a Feitoria dos Linhos já no século XVII. Posteriormente, a cidade viu expandir alguma indústria associada ao açúcar, à cerâmica e aos têxteis e os campos do baixo Mondego foram dedicados ao cultivo do arroz.

Religiosamente dominada pelo cristianismo e pelos seus clérigos, até final do século XV coexistiram com uma judiaria e uma mouraria. Politicamente, a cidade

manteve-se estável, mesmo no período do domínio filipino de 1580 a 1640, tal como no período das Invasões Francesas no início do século XIX. O feriado municipal comemora-se a 4 de Julho, dia da morte de D. Isabel, Rainha-Santa, padroeira da cidade (Borges, 1987). Portugal participou na Primeira Grande Guerra e manteve-se neutro na Segunda Grande Guerra e também pela sua posição geográfica na Europa não foi terreno de batalhas.

Estas apresentações históricas das cidades reflectem o resumo das informações versadas na literatura própria, bem como nos guias turísticos. Porém, não devemos esquecer que muitas notas ficaram esquecidas, pois as histórias das cidades, tal como as dos Estados se fazem pelos conjuntos de representações. Cada olhar sobre um facto histórico, não é mais do que um olhar, cada interpretação desse mesmo facto é como um arqueólogo que descobre uma peça, tem o mérito de a descobrir, mas retira-a irremediavelmente do lugar. A história de um povo pode traduzir-se pela sua reprodução arquetípica, sabendo nós *a priori* que “existem sempre, no mínimo, dois níveis de leitura das fontes socio-históricas que derivam da análise do momento descritivo-legitimador do sistema e do seu momento construtivo-reflexivo.” (Gomes, 2005, p. 20).

1.2. Património arquitectónico

Não se pretende neste ponto intentar um inventário artístico em ambas as cidades, não faria sentido no âmbito do trabalho, mas evidenciar a importância do património arquitectónico. “As pessoas não têm dificuldade em essencializar, e procuram, quase sempre, ancorar as suas identificações em identidades fixas, essencialistas, genéticas e históricas.” (Mendes, 2001, p. 516). Reconhecendo assim, que a imagem destas cidades cresce imbricada aos seus monumentos, como âncoras e existindo sempre uma alusão patrimonial nas suas promoções turísticas, faremos uma pequena alusão a este prisma. As referências identitárias das cidades e a sua imagética, como indica Fortuna (2001) poderão equacionar-se de modo orgânico, numa espécie de recalçamento de imagens ou de natureza induzida a serem moldadas pela publicidade.

Daí que a temática das identidades se cruze com a questão da produção e da perpetuação das memórias sociais. Estas, para serem eficazes, têm de ser celebradas e comemoradas. Papel relevante cabe aos mediadores, aos empresários da memória, que num trabalho identitário constante procuram reiterar as certezas adquiridas, fixar e cristalizar ou adaptar a tradição (...) O resultado deste trabalho fica visível em objectos materiais (monumentos, museus, etc.) é um dos ingredientes essenciais na manutenção dos grupos e das estruturas institucionais de uma sociedade. (Mendes, 2001, p. 499).

Inevitavelmente, ao abordarmos as questões do edificado histórico somos conduzidos à dimensão de antiguidade e à forma como esta é percebida e preservada, quer pelos cidadãos, quer pelos grupos de elite. Contudo, conservar os recursos históricos, não é propriamente o mesmo que preservar o património (Barreira, 2007). A sustentação do património detém uma componente política, de legitimação pela história de identidades locais. O produto patrimonial ganha utilidade económica (Carr, 1994; Morris, 1994). “Heritage is a contemporary commodity purposefully created to satisfy contemporary consumption. One becomes the other through a process of commodification.” (Ashworth, 1994, p.16).

Curiosamente, ou não, as imagens icónicas das duas cidades são torres, embora a de Groningen pertença ao município e a de Coimbra à Universidade de Coimbra. Os marcos patrimoniais das cidades, que outrora exerceram uma função manifesta de simples torres de relógio, em Groningen também com um pendore defensivo e em Coimbra com o objectivo de observatório astronómico, assumem actualmente uma função latente com uma vertente muito mais economicista. Hoje ambas são fontes de atracção turística e de captação de receitas financeiras.

A Torre Martini, contígua à igreja Martini, em homenagem a St. Marteen, é considerada o mais importante monumento de Groningen. Inicialmente construída nos primeiros anos do século XIII foi reabilitada no século XIV e novamente no século XVII, por motivos de danos no edifício provocados por causas naturais, como raios de fortes tempestades. Pertence ao estilo gótico e tem 97 metros de altura. Na sua primeira construção foi considerada a torre mais alta da Europa, encontrando-se no centro de Groningen, na ilha rodeada pelos canais. Os cidadãos de Groningen, muitas vezes referem-se à torre como *d'Olle Grieze* (Old Grey One).



Fotografia n.º 1: Torre Martini

Groningen possui ainda outras igrejas e uma sinagoga, actualmente, muitas dedicadas a espaços de eventos culturais, o palácio de Prinsenhof e vários museus.

Em Coimbra, a Torre da Universidade insere-se no Paço das Escolas, “a sua proto-história remonta a 1537, quando, recém-chegada a Coimbra e na iminência de alojar-se no velho Paço Régio, a Universidade insiste, junto de D. João III — justificando que *“nã podia aver boa ordem sem relógio”* —, na transferência de Lisboa do especioso instrumento e do competente sino, adquiridos em finais do século XV.” (Pimentel, 2010, p. 59). Primeiro num local, pois a instituição universitária tratou logo de a erigir sob o comando de um mestre de obras, e depois noutro sítio, sob a direcção de um famoso arquitecto italiano de então, já reconhecido pelo monarca levou a que a sua construção definitiva se dê em 1737, duzentos anos depois, com custos acrescidos. Com 34 metros de altura, erguida no topo da cidade, é frequentemente designada por “a cabra”, pois na sua regulação temporal para a “boa ordem”, marca o compasso dos estudos.



Fotografia n.º 2: Torre da Universidade (coimbrar.blogspot.com)

Coimbra detém um vasto património arquitectónico em grande parte associado à própria universidade, tendo inclusivamente esta instituição apresentado a sua candidatura a património mundial da UNESCO² (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). Na cidade, o vasto conjunto de igrejas mantêm a sua primeira função e existem vários museus (Pimentel, 2005). “A evolução do espaço urbano de Coimbra é hoje bastante bem conhecida, porque dado não ter sido regular, se podem precisar com razoável rigor os seus limites em determinadas datas, nos momentos em que certos eventos a fizeram desenvolver ou a mutilaram.” (Dias, 1983, p. 9).

² O dossiê da candidatura da Universidade de Coimbra a Património da Humanidade foi entregue em Janeiro de 2012 e intitulava-se “Universidade de Coimbra, Alta e Sofia”, os dois polos originais na cidade. A candidatura implicava o lado material de bens móveis e um lado imaterial de costumes, praxes e serenatas da canção de Coimbra. Em Junho de 2014, a UNESCO atribuiu o selo de Património Comum da Humanidade.

2. O nascimento das universidades na Europa

As universidades medievais surgem na esteira das escolas cristãs espalhadas por toda a Europa e no desenvolvimento das cidades, por volta do século X. “Nos mosteiros, catedrais e colegiados trabalhava-se com intensidade no domínio intelectual (...) ao lado das suas escolas e bibliotecas, havia *scriptoria*, com tudo o que a códices, pergaminhos, palimpsestos, papel, tintas, iluminuras, cera, ferragens e encadernações dizia respeito.” (Rodrigues, 1990, p. 5). Através do método escolástico, conciliava-se a fé cristã e o pensamento racional, com base em interpretações mais literais ou mais profundas da Bíblia e de diversas traduções de textos romanos, com a *Summa Theologica* de Tomás de Aquino como expoente máximo. O ensino escolástico dividia-se no *trivium* com a gramática, dialéctica e retórica e no *quadrivium* da matemática, geometria, música e astronomia.

Corria o ano de 1088 quando nasceu a primeira universidade em Bolonha, seguindo-se Oxford, Paris e Montpellier. O modelo alastrou-se a outras cidades e países. Na Península Ibérica em 1218 foi fundada a Universidade de Salamanca.

Nesse tempo, as universidades eram mundos dentro de cidades, quase nunca capitais de modo a propiciar um clima de estudo. “Outro traço característico das Universidades medievais era o funcionamento corporativo, tendo a sua comunidade os seus próprios alfaiates, almoxarifes, carcereiros, carneiros, escrevães, farmacêuticos, inquiridores, livreiros, notários, ouvidores, procuradores, raçoeiros, tabeliões etc., e um foro específico, o foro académico, que constitui um conjunto de privilégios concedidos.” (Rodrigues, 1990, p. 9). A par deste funcionamento corporativo advinha uma organização administrativa que conduziu à criação de estatutos próprios alusivos aos exames, aos graus e aos trajes académicos.

Bastante interessante é constatar que para além das origens nas escolas cristãs, as universidades surgiram pela emergência de aprendizagens especializadas que não podiam passar pela mão dos mesteres, como Direito e Medicina. Não foi igualmente vocacionada para a educação da nobreza que continuou os seus hábitos de lazer e estilo de vida ocioso. Possibilitou um maior acesso ao ensino, “the provision of a means for the education of large number of

persons... is one of the remarkable achievements of the Middle ages... the aim of making available the elements of learning to all who had the ability to learn... might well be compared to the modern democratic ideal of providing educational opportunities for all” (Daily, 1961, p. xiii).

Com o Concílio de Latrão em 1179, o estudo e as *licentia docenti* (licenciaturas) foram promovidas por toda a Europa. Os livros eram manuscritos e o latim era a língua por excelência e assim se mantiveram até à invenção da imprensa no século XV, difundindo e democratizando a cultura.

Mais curioso ainda é verificar o grau de internacionalização das universidades medievais, que abriam horizontes aos estudantes e deixavam circular ideias. Uma internacionalização mais elitista, é certo. No entanto, a essência dos problemas da mobilidade dos estudantes tiveram aí as suas origens e assim permanecem, pois residem tão-somente na viagem e na dormida. “Para tornar possíveis essas deslocações, eram concedidas aos estudantes bolsas de estudo e outros subsídios para fazer face às várias despesas, como as de deslocação e de alojamento.” (Rodrigues, 1990, p. 12).

Existem mesmo autores como Byrd e Dye que advogam o facto de as universidades de hoje, especialmente as dedicadas ao ensino à distância, se comparam muito às universidades medievais. Podemos reforçar alguns dos pontos de vista desta teoria nas instituições actuais. A identificação do docente com a instituição mantém-se como posto de trabalho. As faculdades continuam a competir pelos alunos, onde os estudantes são vistos como clientes. Nos tempos medievais as instituições não tinham estruturas próprias, actualmente e com maior ênfase no ensino à distância, a questão do espaço torna-se igualmente incorpórea (Daily, 1961). Nos primeiros anos do estudo geral em Coimbra, antes mesmo da construção dos colégios da rua da Sofia, os alunos tinham as suas aulas na casa do Reitor (Rodrigues, 1990). Dye citado por Byrd acrescenta mesmo:

While many of today’s colleges and university campuses are adorned by the ‘ivory towers’ of medieval times, they differ in significant ways from medieval ancestors. There is, however, one notable thread that links the modern college and university with its Parisian and Bolognian ancestors. Throughout the history of western university, the primary reason for seeking an education has been to learn the arts of

writing clearly and persuasively, reading carefully, evaluating evidence, reasoning analytically, and thinking independently and critically. These skills were unquestionably central to education in medieval universities. Technology and internet allow a return to a 'quasi' medieval pedagogy using email, browsers, laptop, the internet, and other collaboration technologies to effectively teach the needed arts and skills. (Byrd, 2001, p. 5).

Mesmo nas universidades tradicionais, encontramos hoje essas mesmas características medievais. O inglês, como quase língua franca, era o latim de outrora. Todos os actuais regulamentos saídos do Processo de Bolonha se assemelham à criação dos estatutos e regulamentos das primeiras universidades clonados em grande medida pelos de Bolonha e Paris. A própria divisão entre Humanidades e Ciências, no jeito escolástico mantém-se, como se as humanidades não fossem ciência e as ciências não fossem humanas. O inculcar das competências sistémicas aos estudantes expressas no Processo de Bolonha tem muito da retórica medieval inicial e da ênfase do pensamento crítico. A própria internacionalização institucionalizou-se e as mobilidades massificaram-se, mas as velhas questões de alojamento e deslocação permanecem.

2.1. A Universidade de Coimbra

Em Portugal, a Universidade de Coimbra, como Estudo-Geral, foi fundada a 1 de Março de 1290, pelo rei D. Dinis, da primeira dinastia, através de um documento que inicia com as palavras *Scientiai thesaurus mirabilis* e confirmada pela Bula Papal do Papa Nicolau IV, *De Statut Regni Portugalliae*. O ensino foi inicialmente dedicado às Artes, Direito Canónico, Direito Civil e Medicina. Só mais tarde o ensino da teologia foi permitido, estando até então confinado aos mosteiros. Os docentes com a sua origem no clero eram pagos pelas rendas das próprias ordens monásticas e pelas propinas dos estudantes. Os pagamentos provindos da Igreja não eram de estranhar se atendermos ao facto que em “toda a época pré-industrial, os rendimentos eclesiásticos em Portugal calcula-se que representariam uma terça parte dos rendimentos nacionais.” (Torres, 1989, p. 32).

O Estudo Geral, como primeiramente foi criado, ora funcionou em Lisboa, ora em Coimbra, até que se fixou definitivamente nesta última cidade no ano de

1537 e por ordem do monarca D. João III, já Vasco da Gama havia descoberto o caminho marítimo para a Índia e Álvares Cabral o Brasil. Em 1540 instala-se o Santo Ofício em Portugal e começam os anos de forte censura literária.

O maior impulso dado à instituição foi no tempo do Marquês de Pombal e na chamada reforma pombalina de 1759 a 1773, nessa altura foram edificados o Laboratório Chimico, o Observatório Astronómico, o Jardim Botânico, o Museu de História Natural, a Tipografia Académica, o Teatro Anatómico e o Dispensário. Neste período o então primeiro ministro de Portugal entendeu que os diversos hospitais da cidade deveriam ser administrados pela universidade.

Várias foram as personalidades portuguesas que passaram pela Universidade de Coimbra, muitos escritores, políticos e nesta instituição se educaram várias das elites intelectuais do império português. O primeiro prémio Nobel português, Egas Moniz, doutorou-se em Coimbra na área da medicina e mesmo o primeiro presidente da República Portuguesa, Manuel de Arriaga, havia sido Reitor da Universidade.

Portugal, contrariamente à Espanha, não instituiu o ensino universitário pelos países colonizados e portanto Coimbra acolheu brasileiros e africanos que espalhavam novamente pelo império as ideias homogéneas da nação. Em 1827 foi criado o “Real Instituto Africano para receber quinze estudantes africanos a ser mantidos à custa da Fazenda Pública” (Rodrigues, 1990, p. 193). Chegou a ter um reitor Brasileiro, D. Francisco Lemos de Faria Pereira, entre 1799 e 1821, que durante as Invasões Francesas organizou um corpo de militares entre os estudantes, partindo para a luta com canções que ainda hoje são parte dos hinos académicos.

As repúblicas de estudantes remontam ao primeiro rei que fundou a universidade, D. Dinis, e cuja principal função era ajudar na questão do alojamento, mediante um certo pagamento do estudante. A existência implica igualmente uma ideia de comunidade de pertença, com os seus elementos agregadores, mas também os encargos e responsabilidade. A Associação Académica de Coimbra, enquanto congregação de estudantes foi criada a 3 de Novembro de 1887, com diversos propósitos entre os quais domínio cultural e desportivo. Esta associação teve sempre um carácter atento e reivindicativo, estando envolvida em todos os

processos políticos do país. Entre 1965 e 1968 foi mesmo regida por uma comissão governada pelo governo, não permitindo as eleições livres deste órgão.

2.2. A Universidade de Groningen

A Universidade de Groningen é a segunda instituição universitária mais antiga do país e actualmente a terceira maior dos Países Baixos, logo após Amesterdão e Utrecht. Fundada a 23 de Agosto de 1614, pouco depois da independência do país, teve as suas origens na escola de St. Marteen. A sua criação deveu-se à vontade do conselho da província de Groningen e Ommelanden, num documento intitulado *Eternal Edict*, com o estatuto de universidade imperial. O seu primeiro Reitor, já exercia este cargo na antiga escola de St. Marteen, professor Ubbo Emmius, um protestante calvinista fervoroso.

Destacamos a preocupação com a atracção de estudantes estrangeiros, logo a partir do primeiro ano, “A placard of this announcement on the foundation of the university was printed. Sevenhundred copies were distributed throughout the big cities of the Dutch Republic and beyond to attract students (...).There were 82 students enrolled in the first year of the university, including 30 foreigners.” (<http://www.rug.nl/science-and-society/university-museum/history>).

O ensino dividia-se pelas faculdades de Direito, Medicina, Filosofia e Teologia, sendo o latim a língua oficial até 1876. Com a criação do Reino dos Países Baixos, a designação da universidade mudou, intitulando-se Colégio do Estado e integrando novas áreas como Letras, Matemática e Física. Um ano após a sua fundação, a universidade detinha uma biblioteca e um laboratório anatómico. O hospital universitário foi inaugurado em 1793 sob a influência de Evert Thomassen à Theussnink, que havia viajado pela Europa, defendendo a necessidade de ligar os cuidados de saúde e a educação. Em 1850 foi inaugurado o Museu de História Natural, seguindo-se o Jardim Botânico e um laboratório químico.

Com base num relato extraído de um livro de viagens de um desconhecido italiano a Groningen, cujo original foi publicado em 1880, podemos tentar vislumbrar como era vista a universidade por um estrangeiro:

Groningen has a university, for which reason it is honored by its neighbor cities with the name of the Athens of the North. This university, established in a new and vast building, has but a small number of students, since the peasants, the only rich men in the province, seldom send their sons to it, and the wealthy gentlemen of Friesland are educated at Leyden. It is, however, a university well worthy of standing with the other two. There is a fine anatomical cabinet, and a museum of natural history, containing many precious objects. The programme of studies differs little from that of the other two universities; there is a difference, however, in the direction, which, in consequence of the neighborhood of Hanover, is subject to the influences of German literature and science, and presents a religious character entirely its own (...). (<http://www.oldandsold.com/articles19/holland-16.shtml>).

Reunida num só polo no centro da cidade, acompanhou a expansão desta e do seu urbanismo no início do século XIX. Em 1876 o *Higher Education Act*³ nos Países Baixos mudou a perspectiva do ensino (Wolthuis, 1999). De colégio passa novamente a universidade e a língua oficial tornou-se o holandês. Esta decisão legislativa acompanha a influência do sistema de ensino alemão nos Países Baixos. Para alguns autores, esta ascendência revelou-se nefasta, até mesmo um retrocesso, na medida em que, entre outras acções, retirou do ensino universitário o ensino profissional. Para outros, implicou a possibilidade de maior acesso ao ensino universitário de grupos mais desfavorecidos mas por via do mérito (Bank, J.; Van Buren, M. 2004). Esta disposição governamental veio igualmente a incutir a dimensão de investigação no Ensino Superior e vários laboratórios foram erigidos como o de fisiologia, de farmácia, de física, de botânica e geologia. A especialização do conhecimento densifica-se. Pese embora a ênfase nas ciências exactas na Universidade de Groningen, até 1912 esta instituição teve a exclusividade do ensino das línguas modernas nos Países Baixos.

Em 1906 o seu edifício principal ardeu e novas construções foram edificadas e adaptadas ao desenvolvimento e urbanismo da cidade, permanecendo até hoje.

Entre várias figuras de reconhecido mérito internacional, destaca-se Frits Zernike, laureado com um prémio Nobel pela descoberta da face de contraste do microscópio.

³ Higher Education Act: "According to this initial piece of legislation on higher education in the Netherlands, higher education was concerned with training and preparation for independent scientific endeavour and positions in society for which an academic training was required." (NSCGP, 1995, p. 9).

No que concerne aos estudantes provinham dos mais variados pontos do país, a associação de estudantes nasce logo nos inícios da própria universidade. Porém, o governo da universidade proibiu estas associações, o que conduziu ao aparecimento de diversas sociedades secretas, constituídas por alunos com afinidades geográficas ou até desportivas. O direito de pertença a estas associações fazia-se pelo pagamento de quotas. “An ‘Ommelander’ fraternity, representing the region around the city of Groningen, was founded in 1645 to stimulate the fun part of student life and a feeling of togetherness. The organizing of massive drinking parties and ‘battles’ with the other fraternities achieved these goals.” (<http://www.rug.nl/science-and-society/university-museum/history/university-of-groningen/?lang=en>).

Novamente nas palavras do viajante italiano que conheceu Groningen:

The students of the University of Groningen are more interested in literature and science, towards which ends they form societies for readings and study in common, above all of practical science, which predilection is one of the most marked characteristics of the Frieslanders, with whom those of Groningen have many features of resemblance and numerous ties of relationship. The students of Groningen are more quiet and more studious than those of Leyden, who, as far as it is possible to be wild in Holland, have the reputation of being wild. (<http://www.oldandsold.com/articles19/holland-16.shtml>).

Apenas em 1849 a associação de estudantes foi reconhecida pelas estruturas do governo universitário. Muitas mudanças ocorreram após a II Guerra Mundial e especialmente após Maio de 1968, tornando-as mais democráticas, sem cobrança de quotas e mais voltadas para questões práticas, nomeadamente de alojamento, refeições e vida cultural.

2.3. A religião enquanto elemento diferenciador das universidades

Na Europa moderna, a Igreja católica perde parte do seu domínio, especialmente no Norte da Europa, a polémica centrava-se na necessidade da Igreja regressar ao cristianismo primitivo. Mais tarde, vários dogmas da religião católica foram colocados em causa como o poder temporal da Igreja e a supremacia

do Papa e assim nasceram os movimentos da Reforma. Paralelamente, emerge no mundo o sistema do capitalismo⁴.

Max Weber um dos fundadores da sociologia elaborou os seus estudos com base em correntes de pensamento derivadas da história, da jurisprudência, da economia e da filosofia. Analisou o conteúdo das crenças protestantes e as características do capitalismo. O seu mérito foi ter verificado que a racionalização da vida económica caracteriza o capitalismo moderno e se relaciona com compromissos de valor irracionais, partindo da constatação do “facto de os dirigentes das empresas e os detentores de capitais, bem como as camadas superiores da mão-de-obra qualificada e, mais ainda, o pessoal técnico e comercial altamente especializado das empresas modernas, serem, precisamente protestantes.” (Weber, 1990, p. 25). O espírito do capitalismo moderno caracteriza-se por combinar a actividade lucrativa com métodos económicos legítimos e não utilizam os lucros na satisfação de prazeres pessoais. Este prisma pressupõe um progresso na racionalização das diferentes instituições de modo regulador. Parte dos seus estudos versam o protestantismo ascético, “... no sentido mais lato desta palavra, tão rica de significados, chamamos «puritanismo» que classifica os movimentos religiosos ascéticos da Holanda e Inglaterra, sem diferenciar os dogmas e os programas de constituição das igrejas.” (Weber, 1990, p. 89). Max Weber distinguiu quatro correntes: o calvinismo, o metodismo, o pietismo e as seitas baptistas. Focou-se particularmente na primeira: o calvinismo.

Para os calvinistas, o universo foi criado para maior glória de Deus e só tem significado através dos propósitos divinos. Os desígnios de Deus não podem ser conhecidos pelos homens e creem na predestinação. Assim, todos os calvinistas se devem considerar eleitos e para aumentar a confiança nesta crença, os eleitos devem ter uma actividade profana intensa. A fé religiosa do puritano leva o homem a dedicar-se a tarefas que lhe eram indicadas por vocação, isto significa que o trabalho no mundo material passa a ter um grande valor ético. A acumulação de riqueza só é condenável se o homem levar uma vida ociosa. O calvinismo sempre

⁴ Capitalismo: “No aspecto estritamente económico, o novo espírito caracterizou-se pela sua atitude especial a respeito do dinheiro e das coisas materiais; como homens que viviam no mundo, o ideal dominante das pessoas desse tempo cifrou-se na busca do bem-estar material e do gozo da vida.” (Prada, 1966, p. 228).

teve mais adeptos entre os estratos superiores. Por contraste, os grupos mais inferiores, mais humildes e resignados, professavam o pietismo.

Foi neste enquadramento religioso que se terá desenvolvido a Universidade de Groningen, uma vez que o seu primeiro Reitor era um calvinista assumido. Ubbo Emmius era filho de um luterano, mas foi fortemente influenciado na sua educação em Genebra pelas posições calvinistas. De regresso a Groningen e como Reitor da escola local foi encarregado de governar a universidade, pois “the higher education was immediately seen by the provincial government as being a means to forming the intellectual and governmental independence of the new province. It was for this reason that in 1612 a decision was made to found a university and it was up to Emmius to ensure its organization.”

(<http://www.rug.nl/museum/geschiedenis/hogleraren/ubbo?lang=en>)

Actualmente, existe uma fundação com o seu nome, cujos propósitos continuam muito perto da procura do fomento do capitalismo,

The main goal of the Ubbo Emmius Fund is to raise funds for financial support of the university and input from the private, business and public sector on pioneering and ground-breaking research and education. Thanks to great efforts made by board members of the Ubbo Emmius Fund, an extensive network of people and companies interested in the University has been realised. These partners are prepared to financially support the University. Funds are raised for scholarship programmes, to fill honorary chairs, education centres and special research projects. (<http://www.rug.nl/corporate/universiteit/fondswerving/uef/index?lang=en>).

A Universidade de Coimbra foi sempre regida pelo clero e pelo catolicismo, nas palavras do actual Reitor “... não podemos esquecer que, até à implantação da república, todos os estudantes e funcionários da Universidade de Coimbra tinham de jurar fidelidade à fé cristã” (Trindade, 2012, p.9). Entre o século XIII e XVI, passaram pela instituição sessenta e quatro reitores. O primeiro Reitor conhecido foi Frei André Ursinus em 1288, destacando-se neste período o Reitor D. João das Regras, doutorado em Bolonha. Nessa altura, a universidade tornou-se o centro da cultura das elites de todo o império. Após a vinda definitiva da instituição para Coimbra, em 1537, o primeiro Reitor foi D. Garcia de Almeida, Comendador da Ordem Militar de

Cristo, sobrinho do Bispo de Coimbra e do primeiro Vice-Rei da Índia, D. Francisco de Almeida.

A Ordem Militar de Cristo, fundada por D. Dinis, foi sucessora da Ordem do Templo, ficando com os seus pertences. As diversas dinastias portuguesas estiveram ligadas a esta ordem, antevendo uma explicação para a nomeação deste Reitor.

A Coroa Portuguesa exercia, por isso, um total controlo sobre a Ordem de Cristo, muito embora a Santa Sé a continuasse a tratar como ordem religiosa. Por este motivo, a Ordem passou a exercer não apenas a administração espiritual sobre os territórios descobertos mas também a administração temporal, o que lhe deu um vigor singular. (<http://www.ordens.presidencia.pt/?idc=120>).

Paralelamente ao estabelecimento definitivo em Coimbra chega a Portugal o Santo Ofício da Inquisição e também nesta cidade se liga à Universidade, “dois reitores (D. Fernão Martins Mascarenhas e D. Francisco de Castro) chegaram mesmo a serem Inquisidores Gerais, tendo o último publicado um Regimento do Santo Ofício; muitos Lentes foram Inquisidores, Deputados, Qualificadores ou Familiares do Santo Ofício, e devem-se a eles vários sermões de autos de fé.” (Rodrigues, 1990, p.49).

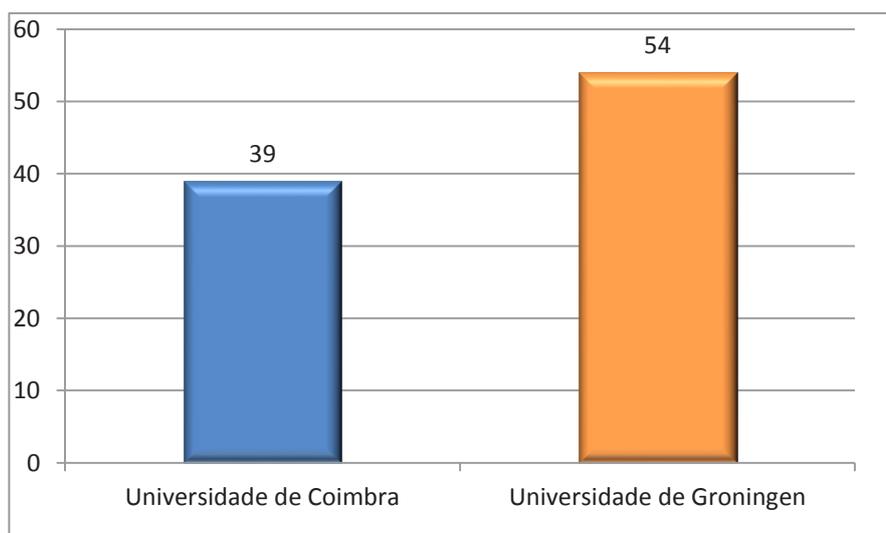
Se os pensamentos religiosos comandavam os reitores, podemos constatar que praticamente em 1614, no ano em que é fundada a Universidade de Groningen por um calvinista, a Universidade de Coimbra acabava de ser regida por um Inquisidor Geral do Santo Ofício (D. Francisco de Castro). De um lado, a censura pela ordem ascética do trabalho, do outro, a censura dogmática e católica.

3. As universidades na contemporaneidade

Actualmente, a Universidade de Coimbra conta com oito faculdades designadas Letras, Direito, Medicina, Ciências e Tecnologia, Farmácia, Economia, Psicologia e Ciências da Educação e a última, com apenas duas décadas de existência dedicada às Ciências do Desporto e Educação Física. A Universidade de Groningen é composta por nove faculdades dedicadas ao estudo da Economia e Gestão, Ciências Sociais e do Comportamento, Teologia e Estudos Religiosos, Artes, Direito, Ciências Médicas, Ciências Espaciais, Filosofia, Matemática e Ciências Naturais. A divisão dos saberes é diferente. Existem áreas científicas que em Coimbra se instituem como faculdades, como é o caso da farmácia, da psicologia e ciências da educação, bem como das ciências do desporto e educação física que surgem na Universidade de Groningen integradas nas faculdades de Matemática e Ciências Naturais, Ciências Sociais e do Comportamento e Ciências Médicas respectivamente. A Universidade de Groningen demarca-se igualmente pela composição de uma faculdade dedicada à Teologia e Estudos Religiosos, autónoma da faculdade de Filosofia e que deixa transparecer o cunho religioso da sua origem.

Em ambas as instituições o sistema de ensino, integrado no Processo de Bolonha, está dividido em ciclos de estudo, organizado em créditos, assentes na contabilização da carga de trabalho, que se institui em unidades de créditos europeus, designados de ECTS (*European Credit Transfer System*), visando a transferência e a acumulação de créditos, numa organização baseada em competências. O reforço da internacionalização é visível nas duas universidades e será tema de maior aprofundamento num capítulo posterior.

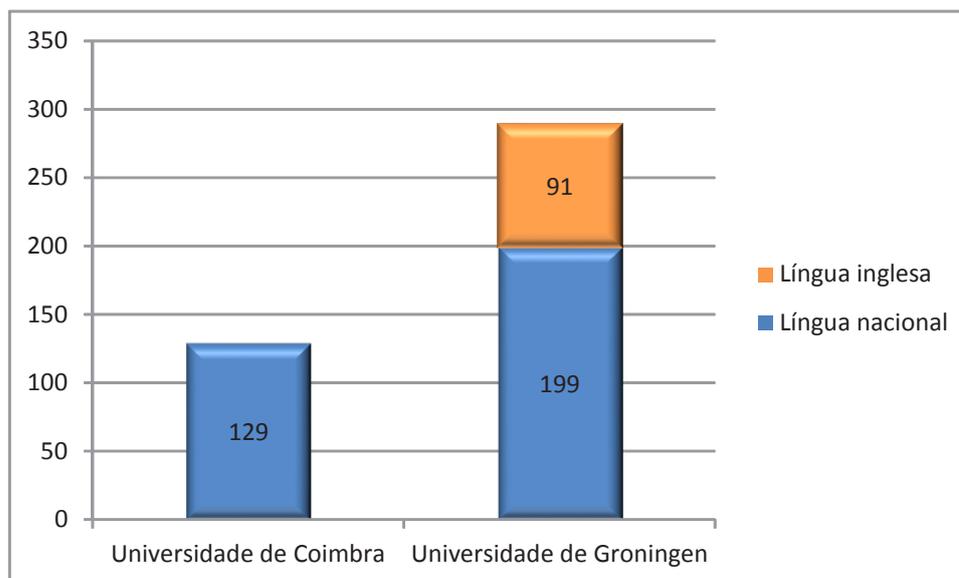
Limitando-nos para já ao número de graus dentro de cada ciclo de estudos podemos constatar algumas diferenças. No primeiro ciclo a Universidade de Coimbra oferece trinta e nove licenciaturas para as cinquenta e quatro da Universidade de Groningen.

Gráfico n.º 1: Número de graus no primeiro ciclo nas Universidades

Fonte: Infogestão UC e Communication Office RUG

Parte da diferença entre estes números explica-se por algumas áreas não serem abrangidas na Universidade de Coimbra, tais como: Inteligência Artificial, Econometria, Direito Internacional e Europeu, Direito Notarial, Direito Tributário e Teologia, enquanto objecto de grau individual. Mas não só, parte dos cursos estão divididos pelo regime de leccionação sendo contabilizados duas vezes, situação que em Coimbra apenas se encontra na licenciatura em Ciências do Desporto e licenciatura em Ciências do Desporto pós-laboral.

No segundo ciclo, a Universidade de Coimbra proporciona cento e vinte e nove cursos de mestrado e em Groningen encontramos cento e noventa e nove, sendo que noventa e um são em língua inglesa. Esta é a grande diferença apresentada: o número de cursos que a instituição holandesa oferece exclusivamente em língua inglesa, reflectindo o bilinguismo do corpo docente e discente:

Gráfico n.º 2: Número de graus no segundo ciclo por língua de ensino

Fonte: Inforgestão UC e Communication Office RUG

No que respeita ao terceiro ciclo, encontramos uma grande diferença na sua estrutura, em Coimbra a oferta é de cento e três cursos de doutoramento adaptados ao modelo de Bolonha. Em Groningen cada Faculdade tem a sua escola de pós-graduação oferecendo programas que se dividem em ramos de investigação, no geral, “in the three or four year PhD programmes, students conduct their own research while the Graduate School provides a balanced mix of expert supervision, tailor-made postgraduate training and the freedom to pursue your own ideas within relevant research themes”. (<http://www.rug.nl/education/phd-programme/general-information/>). Os programas de doutoramento são praticamente tutoriais, existindo um supervisor doutorado para cada doutorando e um mentor doutorado para cada área, sendo o mais comum a publicação de artigos científicos em revistas com factor de impacto e posterior defesa da tese. Os programas embora possam ter unidades de crédito, apresentam alternativas mais flexíveis como se comprova no curso de Direito:

From the Optional Courses, The PhD researcher may choose those courses that benefit his/her own research most. One methodological course and one thematic course should be taken. Furthermore, the PhD researcher may be invited to participate in the Summer School, a yearly event organized in cooperation with the

partner universities of Ghent, Uppsala and Turku. The Summer School may replace any other optional course. (<http://www.rug.nl/research/gradschool-law/phd/>)

Porém a grande distinção neste terceiro ciclo sumariza-se nesta questão retirada da secção das questões frequentes:

Does the Graduate School have a PhD student programme in which I can enroll? No, in contrast to Graduate Schools in, for example, the USA, we do not have such a system. At the University of Groningen, PhD students are considered employees. Therefore, PhD students earn a monthly salary and do not pay any tuition fee. In order to become a PhD student, people apply to PhD positions that are advertised. Alternatively, they may have a research grant or stipend/scholarship to pay for their studies. In the case of an own research grant, students contact the staff member with whom they would like to collaborate directly to discuss the possibilities for a PhD position.

(<http://www.rug.nl/gmw/research/graduate/infopropectivephds>).

Para além das bolsas de estudo possíveis para os estudantes de doutoramento, estes podem também auto financiarem-se e pagarem a totalidade da propina. Não são aceites estudantes de mobilidade nos programas de doutoramento.

O número de estudantes entre as duas instituições varia em dois mil estudantes. A Universidade de Groningen apresenta 27.700 estudantes e a Universidade de Coimbra 25.600. Porém essa diferença não se reflecte no número de estudantes de doutoramento, pelos dados do inforgestão e do Communication Office, a Universidade de Coimbra tem cerca de mais novecentos estudantes neste ciclo de estudos, num total de 2.385 em Coimbra para 1.500 em Groningen.

Relativamente aos órgãos de gestão, no caso da RUG, como na maioria das universidades holandesas, cada universidade tem um Conselho Geral, composto por cinco membros nomeados pelo Governo. O Conselho da Universidade é composto por vinte e dois membros eleitos entre os elementos da universidade, nomeadamente por sete estudantes. A instituição é gerida pela Comissão da Universidade composta por três membros, um deles o Reitor com responsabilidades nas áreas da educação, pesquisa e internacionalização, um presidente que faz a ponte com o Conselho Geral e o terceiro membro é o responsável pela área

financeira e infraestruturas. O Reitor é nomeado pelo Grupo de Directores das Faculdades.

Na Universidade de Coimbra existe um Conselho Geral, composto por trinta e cinco pessoas, membros eleitos entre os representantes dos docentes, não docentes e estudantes, bem como membros externos que são cooptados. Um Conselho de Gestão que integra o Reitor, um Vice-Reitor designado pelo Reitor e o Administrador da UC. O Reitor enquanto órgão de governo da universidade eleito pelos membros do Conselho Geral, centraliza todas as áreas e é assessorado pela equipa reitoral.

As diferenças que respeitam aos estudantes internacionais serão aprofundadas num futuro ponto da tese.

4. Cidades, universidades e identidades

A identidade de cada cidade emerge veiculada à sua história, aos seus monumentos, às suas lendas e heróis. Poder-se-á afirmar que as identidades são assim construídas com base numa imaginação partilhada e idealizada. Conduzidas por modelos estereotipados, as identidades processam a reprodução social, numa lógica de tipo orgânico (Fortuna, 2002). No caso português, o cidadão vai interiorizando as ideias das elites sobre os portugueses, como povo contemplativo e sonhador. No entanto, para Sousa Santos, “o excesso mítico de interpretação sobre a sociedade portuguesa explica-se em grande medida pela reprodução prolongada e não alargada das elites culturais de raiz literária, muito reduzidas em número e quase sempre afastadas das áreas de decisão das políticas educacionais e culturais (...) a cegueira das elites culturais provocou a invisibilidade do país.” (Santos, 1991, p. 58). Nesta disposição, uma característica sempre realçada é a antiguidade, o peso da história. Analisando o pequeno texto de apresentação das duas cidades, nos sítios electrónicos das respectivas empresas de turismo, podemos confirmar esta aceção.

No sítio electrónico de Coimbra, o texto editado *online* reveste-se de um carácter cronológico de acontecimentos, claramente imbuído de um rebuscar do

passado, em jeito de corolário de factos antigos expresso logo no primeiro parágrafo:

A Cidade de Coimbra possui uma mística muito própria, fruto de um passado cheio de factos relevantes, e também das memórias de muitas dezenas de milhares de portugueses que, ainda hoje, espalhados por todo o país ou além fronteiras, lembram os anos de juventude aqui passados, quando cursaram a Universidade, tempos normalmente de despreocupação, folguedos e esperanças. (<http://www.turismodecoimbra.pt/pt/sobre-a-cidade/coimbra.html>).

O passado nostálgico, a mística, as lembranças, as memórias são unidades contextuais da categoria da antiguidade.

No caso de Groningen, o processo de reprodução social de tipo orgânico também se encontra presente, mas de modo mais diluído (Essed, 2008). A categoria da antiguidade está expressa remetendo-nos para o património arquitectónico do passado.

As a lively university city, Groningen has the youngest average population in the Netherlands. It has a long and turbulent history, which becomes evident from the historic warehouses, courts and buildings. Groningen is also a city with nerve, with the most numerous examples of innovative architecture within its boundaries. In addition, it was once proclaimed the city with the best city centre in the Netherlands because of its charm. Experience all of this and explore Groningen. (<http://toerisme.groningen.nl/en/about-groningen/city-of-groningen>).

Mas nem só do passado vivem as identidades, há sempre um lugar para o presente e uma tentativa de prospecção do futuro (Mattoso, 1991). Assim, as imagens e por conseguinte as identidades dos lugares podem ter uma lógica de “natureza induzida na medida em que são formatadas e reformatadas através da publicidade e da influência dos *media*, de operações de requalificação do espaço, de organização e de promoção de eventos culturais.” (Fortuna, 2002, p.18). Novas formas de apropriação das cidades crescem com os novos estilos de vida a par das políticas de urbanismo.

Com base nos mesmos textos, em Coimbra faz-se alusão de modo bastante incipiente à expansão da cidade pela dinamização da universidade em polos e a sua

evolução arquitectónica. Em Groningen, a imagem de juventude é fortemente veiculada, bem como a menção de “cidade holandesa com o melhor centro”.

Uma observação interessante, mas que esteve na base da escolha das duas cidades é o crescimento associado às suas instituições universitárias, ambas apelidando-se de cidades universitárias. Coimbra relaciona-se com a universidade pelas memórias de antigos estudantes e com o seu património arquitectónico. Em Groningen a universidade emerge muito associada à juventude dos seus estudantes.

Um estudo de Machado Pais sobre a identidade de jovens na Europa (Pais, 1999), remete-nos para algumas explicações sobre as identidades e a sua relação com as memórias colectivas, que nos parecem uma boa base para algumas extrapolações sobre algumas assimetrias europeias.

O maior entusiasmo pela História surge precisamente entre jovens de países europeus que estão na cauda do desenvolvimento económico da Comunidade Europeia (Portugal e Grécia). Podendo as identidades ser construídas prospectivamente (para o futuro) e retrospectivamente (para o passado), é possível que existam razões para que algumas identidades nacionais estejam essencialmente orientadas para o futuro – e o futuro significa investimento, desenvolvimento, progresso. São identidades prospectivas. Em contrapartida, há identidades que parecem alimentar-se do passado pelo significado histórico desse mesmo passado. São identidades retrospectivas, que se amarram ao passado e que são próprias de sociedades com uma dupla especificidade: vivem uma situação de relativa periferização económica mas, em contrapartida, valorizam o seu passado histórico. (Pais, 1999, p. 185).

Neste contexto Coimbra, como cidade portuguesa, corroborando a tipologia de Fortuna numa lógica orgânica, emerge como possuidora de uma identidade retrospectiva vinculada ao seu capital histórico. A imagem estereotipada da cidade assenta na antiguidade, como “estratégia de afirmação de uma identidade sólida e estável que é legitimada pela história, caucionada por símbolos que é capaz de resistir à erosão do tempo e de converter o passado em elemento renovador.” (Fortuna, 2002, p. 22).

Groningen, cidade de um país central da Europa, com outro capital económico, associa-se a uma identidade prospectiva, onde o dinamismo, a juventude e multiculturalismo são encarados como alavancas do futuro (Verkuyten,

2002). Os jovens holandeses são mesmo considerados como um dos grupos europeus com características de personalidade curiosa e criativa e com estabilidade emocional "... Dutch were among the highest ranking countries in Emotional Stability (ability to deal with negative emotions in an effective manner)." (Klimstra, 2011, p. 286).

Sabemos que as identidades alicerçadas no património são forjadas por grupos com capital cultural suficiente que lhes permite escrever a história, num processo de selecção e interpretação de factos. O património evolui a par das tendências socioeconómicas, num devir histórico. As cidades são portanto alvo de estratégias de marketing de gestão da imagem. Cada cidade promove as suas particularidades de modo a "afirmar uma identidade e uma imagem forte que lhes permitam alvejar consumidores específicos ou difundir uma representação mais positiva" (Peixoto, 2000, p.106).

Na opinião de autores como Masser, Svidén & Wegener (1994), o património tornou-se num conceito dinâmico, adaptado a novos estilos de vida e hábitos de lazer. Se atentarmos aos indicadores da população, de declínio e envelhecimento vemos o património a assumir um papel de instrumento político, veiculativo da manutenção dos ideais vigentes. As próprias estratégias de marketing utilizam o património como objecto de lazer proporcionado pelas mudanças dos estilos de vida. Peixoto (2000) designa estas estratégias de retórica política dos governantes locais. Retórica pela linguagem utilizada, pelos rótulos novos dados a velhos objectos.

O património, tornado meta-linguagem aos serviço das políticas urbanas, converteu-se numa palavra chave da retórica urbana e dos discursos performativos dos actores locais. O património e as suas representações configurando uma dimensão retórica muito acentuada, são invenções culturais que procuram legitimar e naturalizar um autodeterminado tipo de discurso sobre a evolução recente das cidades (...) e corresponde a uma segunda via das coisas. (Fortuna, 2003, p. 225).

Mesmo em termos económicos, a terciarização e a diminuição da agricultura conduz ao uso do património como experiência e não apenas como um produto que se consome. O património vivencia-se, sendo este o mote de muito do turismo ecológico e muito recentemente do enológico. Outro bom exemplo desta

instrumentalização de património no domínio universitário são as acções para captação de públicos pré-universitários com actividades como “um dia na universidade”, onde possíveis futuros estudantes experienciam o serem universitários. Outro exemplo, as Universidades de Verão onde estes potenciais estudantes dormem em residências, comem em cantinas, têm aulas nas faculdades e são acompanhados em actividades culturais e recreativas por alunos do ensino superior de traje académico.

As identidades, como já se disse aparecem muitas vezes associadas ao território, ao espaço de fronteira. Porém, numa perspectiva mais globalizada, existem autores que advogam uma nova identidade para o espaço europeu, como Ashworth e Larkham (1994), Dietvorst (1994), que crie unidade, reinterpretando a história, ouvindo as minorias, numa conservação sustentável dos artefactos, com menos acento na comercialização do património, com um sistema policêntrico de capitais, numa verdadeira cultura partilhada, mas sem se perder a riqueza da diversidade. Há um longo caminho a percorrer e a discorrer nesta visão. “The political, economic and ultimately social goals of a European Community cannot be achieved by summits, treaties and directives alone. These must receive an echo of consent from Europeans who identify with a supra-national entity. This, in turn, requires a reinterpretation of the past.” (Ashworth & Larkham, 1994, p. 2).

O Conselho Europeu no European Landscape⁵ Convention, indica:

The existence of a common European attitude to landscape is a factor of its identity (...) emerging European landscape policies as an interpretative key for representations of Europe as cultural ‘unity in diversity’ a formula that as come to embody the main narrative of the identity of Europe elaborated by European institutions. (Sassatelli, 2010, p. 68).

Esta visão europeísta suscita dúvidas e críticas. Se por um lado há uma necessidade teórica desta identidade, por outro parece uma realidade cada vez mais inatingível. A solução pode passar pelas ideias avançadas por alguns autores como

⁵ “Landscape” means an area, as perceived by people, whose character is the result of the action and interaction of natural and/or human factors (Conselho Europeu, 2000, p. 3).

Giddens (1999) e Urry (2007), numa nova consciência sociológica do espaço de fluxos e de redes, onde “space and identities are conceptualized as non essentialist (relational), non-univocal (multiple) and non-fixed (mobile)”. (Sassetelli, 2010, p. 71).

Nesta lógica também segue Appadurai (1990, 2004) e as suas cinco dimensões de fluxos culturais globais que exploraremos no trabalho. Em suma, a identidade está a desenraizar-se dos territórios antigos, caminhamos para uma descoincidência entre as identidades e o mapa físico. Os fluxos, enquanto movimentos transfronteiriços, remetem-nos para um espaço mais fragmentado, que não é interpretado de modo unidimensional. Como somos todos herdeiros do positivismo, tendemos a observar a realidade numa matriz positivista e fenómenos como a (re)territorialização emergem. Muitas vezes as pessoas que constituem estes fluxos transfronteiriços procuram recriar o seu território de identidade, muitas vezes a partir do seu imaginário, mas fisicamente num novo espaço, também ele delimitado, mas num país de acolhimento, Leite (2009) define este modo de (re)territorialização como:

o processo de sedentarização dos sujeitos em mobilidade, que passa pela ocupação de um espaço – físico, geográfico, mas também construído social e subjectivamente – a partir do qual os sujeitos sediam a sua vida, reconstróem as suas identidades, as suas redes sociais, as suas actividades – profissionais, religiosas, artísticas, sociais, ou outras – no país de acolhimento. (Leite, 2009, p.4).

As identidades recriam-se no mundo globalizado numa dialéctica entre a territorialização e a (re)territorialização.

5. Demografia comparada: Portugal e os Países Baixos

Por demografia comparada entende-se mesmo uma ordenação de dados empíricos acumulados e não uma análise demográfica intensiva das populações em estudo (Nazareth, 1988). Estes elementos servirão para melhor contextualizar e descrever estes países numa abordagem ligeiramente mais afastada da história das populações encetada até aqui e mais próxima de indicadores económicos.

O mundo, para além de estar em constante rotação, está em permanente mudança e paralelamente surgem novos conceitos para o definir, como o de Zygmunt Bauman de “*dephysicalization*” (Bauman, 1988, p.19), onde a distância é um produto social na medida em que tudo depende da velocidade da comunicação. Os renovados conceitos de espaço e tempo emergem de um modo diferente, comprimidos. A compressão do espaço não permite vislumbrar as fronteiras, outrora tão bem definidas. Surgem novas explicações sobre o espaço como a ideia indiferenciada entre o longe e o perto. O tempo também apresenta diversas dimensões, o simultâneo e o contemporâneo confundem-se.

O campo das globalizações emerge ainda muito marcado pela dimensão económica. No âmbito das teorias da dependência (Wallerstein, 1979), o sistema mundial moderno assenta em dois vectores: a economia mundo e o sistema interestatal.

O objecto empírico, a partir do qual pretendemos caracterizar o nosso estudo constitui-se por duas cidades inseridas em dois países pertencentes à União Europeia, os Países Baixos e Portugal. Politicamente detêm formações diferentes, os Países Baixos, enquanto monarquia constitucional desde 1848 e Portugal como república parlamentar desde 1910.

Na história contemporânea, num mundo estatocêntrico de soberanias clássicas, os Países Baixos foram membros fundadores da Benelux⁶, precursora da União Europeia a que Portugal aderiu em 1986. Actualmente, a União Europeia é constituída por vinte e sete estados membros e ora avança normativamente no sentido da diluição do mapa de Vestefália, ora recua em termos institucionais. Embora pertencentes à mesma instância transnacional, os Países Baixos e Portugal apresentam as suas diferenças.

No último Relatório do Desenvolvimento Humano, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano (PNUD) 2011, Portugal e os Países Baixos

⁶ Benelux: Um acordo de comércio livre entre a Bélgica, os Países Baixos e o Luxemburgo, instituído em 1960.

integram o mesmo escalão do índice de desenvolvimento humano⁷, “muito elevado” em comparação com todos os países do mundo, todavia detêm posições diferentes.

Quadro n.º 1: Índice de Desenvolvimento Humano

País	Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) Valor	Esperança de vida à nascença (anos)	Média de anos de Escolaridade (anos)	Anos de Escolaridade esperados (anos)	Rendimento Nacional Bruto (RNB) per capita (PPC USD 2005 Constante)
3 Países Baixos	0,910	80,7	11,6	16,8	36.402
41 Portugal	0,809	79,5	7,7	15,9	20.573

Fonte: Relatório do Desenvolvimento Humano, 2011

Se na esperança média de vida à nascença, indicativa da possibilidade de uma vida longa e saudável quando se nasce, as diferenças não são muitas, apenas um ano, nos outros factores como no conhecimento e rendimento, as desigualdades acentuam-se. À partida, os anos de escolaridade esperados são idênticos contudo, a média de anos de escolaridade já se distancia, de 11,6 nos Países Baixos para 7,7 anos de Portugal. Estes dados são ainda mais evidentes se prestarmos atenção às diferenças entre as taxas de abandono escolar e de formação, de 23,2% em Portugal e de 9,1% nos Países Baixos, no ano de 2011 (PORDATA: Eurostat).

Similar situação é apontada no RNB (rendimento nacional bruto), indicador de um padrão de vida digno onde as diferenças existem novamente, com os Países Baixos com um valor superior. É na conjugação destes três factores: um padrão de vida longo e saudável, o conhecimento medido por anos de escolaridade e o rendimento que promove uma vida condigna, que a UNESCO elabora o índice de

⁷ Índice de Desenvolvimento Humano (IDH): Um índice composto que mede as realizações em três dimensões básicas do desenvolvimento humano - uma vida longa e saudável, o conhecimento e um padrão de vida digno (PNUD, 2011, p.136).

desenvolvimento humano. Podemos vislumbrar na equação deste índice alguma correspondência ao modelo funcionalista, da teoria do capital humano, assente na proposição de aumento directamente proporcional entre a educação e produtividade. Este modelo será analisado em maior detalhe na revisão da literatura referente à educação.

No que concerne ao crescimento populacional e mesmo económico, segundo dados do mesmo relatório, constatamos as diferenças entre estes países, apresentados no quadro 2. De salientar os 0% de crescimento médio anual da população portuguesa, revelador da sua baixa taxa de natalidade. Explorando um pouco estes dados através de elementos recolhidos na PORDATA através da EUROSTAT, só no ano de 2009, o crescimento natural em Portugal é - 4.943 contra os 50.680 dos Países Baixos.

Realçamos igualmente a percentagem do PIB (produto interno bruto) em despesa pública de educação que não é muito díspare, sendo até ligeiramente superior em Portugal. Porém, embora análogo em percentagem, como o valor bruto do PIB é diferente, implica um investimento real maior por parte dos Países Baixos.

Quadro n.º 2: População e economia

País	População		Economia	
	Total (milhões) 2011	Crescimento médio anual (%) 2010/2015	PIB per capita (USD em PPC) 2009	Despesa pública em educação (% do PIB) 2006-2009
3 Países Baixos	16,7	0,3	40.676	10,8
41 Portugal	10,7	0,0	24.920	11,3

Fonte: Relatório do Desenvolvimento Humano, 2011

Devemos ter sempre em atenção que estes indicadores apenas revelam os números *per se*, isto é, sabemos os montantes, mas não são aqui indicados as formas como são investidos nestes domínios.

Se considerarmos o Relatório do Fundo Monetário Internacional e a sua listagem dos países por produto interno bruto de 2011, constatamos que os Países Baixos se encontram em 17.º lugar e Portugal em 43.º.

Grosso modo estes são os indicadores dos países que nos importa salientar para posteriormente afinarmos a comparação e dedicarmo-nos às cidades. Por ora, devemos acrescentar que no excuro histórico da Europa registamos que os mecanismos de governação deixaram de estar sob o monopólio exclusivo do Estado. A própria globalização, entendida por Giddens como “intensificação de relações sociais mundiais que unem localidades distantes de tal modo que os acontecimentos locais são condicionados por eventos que acontecem a muitas milhas de distância e vice versa” (Giddens, 1990, p. 64) mudou e, encontramos hoje uma pluralidade de teorias sobre a globalização ou globalizações, para sermos mais precisos. Os novos campos de interação, os novos actores sociais, as novas interdependências, os fluxos transnacionais configuram uma teia de relações práticas em estado de transição. Por conseguinte, continuamos a contextualização do trabalho e das cidades nelas envolvidas.

5.1. Coimbra e Groningen

Diversas serão as escalas de análise a utilizar num estudo que se pretende comparativo entre duas cidades e especificamente entre duas instituições universitárias. Ao nível micro, debruçar-nos-emos sobre a segmentação territorial, herdeira do Estado-Nação e estudaremos localmente as cidades. No entanto, devemos ter em atenção que o estudo do território não se confina às fronteiras físicas, implica identidades, de um espaço socialmente construído.

Uma constatação importante que deriva das teorias da dependência é concluir, como Carlos Fortuna “... que uma das consequências do cruzamento dos processos locais com os processos globais é a intensificação da transformação identitária das cidades.” (Fortuna, 2002, p. 20).

Mas devemos entender que o conceito de cidades médias não são as cidades globais que tanto falam Friedmann (1994), Castells (1999), que se podem definir,

(...) that focuses above all on a concept of the cosmopolitan metropolis as a command post for the operations of multinational corporations, as a centre of advanced services and information-processing activities, and as a deeply segmented social space marked by extremes of poverty and wealth (Scott, 2001, p. 813).

As cidades médias podem considerar-se como aglomeradas urbanas com uma posição hierárquica na teia da rede urbana nacional e que emergem muito associadas a indicadores demográficos (). “No relatório EUROPA 2000+ o intervalo de análise alargou-se, encontrando-se as cidades médias entre os 20.000 e os 500.000 habitantes” (Marques da Costa, 2002, p.106). Alguns autores como João Ferrão (1994) referem mesmo cidades intermédias ou intermediárias, as que abarcam na sua definição componentes geo-económicas: “em primeiro lugar, o reforço do papel das cidades enquanto elementos estruturantes do território e motores do desenvolvimento regional; paralelamente a formação de arranjos territoriais fisicamente descontínuos, assentes em estruturas reticulares fortemente conectadas.” (Ferrão, 1994, p. 1131).

Para a caracterização das cidades médias, alvo do estudo proposto, devemos observar a estrutura demográfica da população, sabendo *a priori* que entram no leque de natureza intermédia em termos demográficos, se considerarmos a população total nas cidades (Henderson, 1997), (Salas-Olmedo, 2012). Devemos igualmente tomar atenção a sua localização geográfica, não se inserindo em grandes centros metropolitanos.

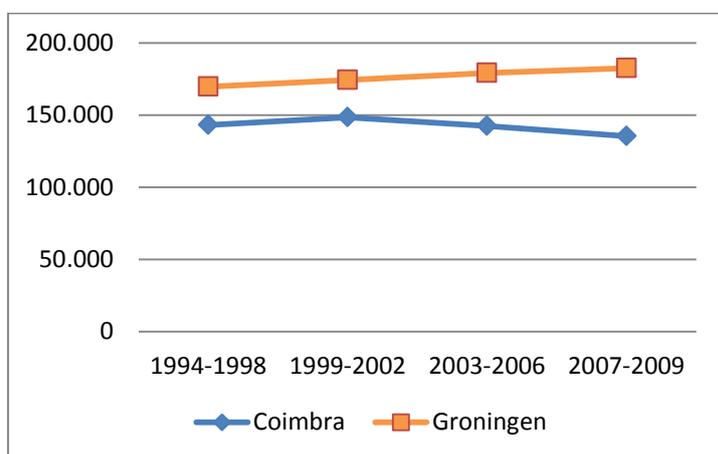
Será empreendido um esforço de caracterização por comparação das duas cidades atendendo ao crescimento populacional, a população activa por sector de actividade, os indicadores do turismo e fluxos transfronteiriços.

Muitos dos dados que a seguir se apresentarão respeitam ao projecto *Urban Audit Cities*, uma acção da Comissão Europeia de colecção e comparação de dados

e indicadores estatísticos entre cidades europeias, aleatoriamente escolhidas. Procurou-se desde logo a comparação pelos mesmos indicadores nos mesmos anos de referência, pelo que os dados apresentados correspondem aos anos em que determinados elementos foram medidos respectivamente em Coimbra e em Groningen.

A população total de cada cidade média entre 1994 e 2009 está representada no seguinte gráfico, registando o crescimento da cidade holandesa e o decréscimo da portuguesa.

Gráfico n.º 3: População total de Coimbra e Groningen entre 1994 e 2009



Fonte: EUROSTAT Comissão Europeia: Urban Audit Cities

Constatamos que dos 143.072 habitantes em Coimbra entre 1994 e 1998 houve um decréscimo para 135.314 para o biénio de 2007 e 2009. Inversamente, em Groningen, dos 169.627 habitantes entre 1994 e 1998 houve um aumento progressivo até chegar aos 182.428 no biénio de 2007-2009. Groningen é mesmo considerada a cidade com a população mais jovem dos Países Baixos. As razões no caso de Coimbra podem não se prender apenas pelos valores dos saldos naturais e migratórios. Os preços das habitações em Coimbra como veremos na tabela 3 poderão ser uma das explicações para um menor número de residentes na cidade e maior nas suas áreas limítrofes.

Quadro n.º 3 : Indicadores económicos de Coimbra e Groningen

	Taxa de actividade económica 1999-2002	Taxa de desemprego 1999-2002	Custo mensal de um transporte público para 5-10 km 2003-2006	Preço médio por m ² de um apartamento 2004	Percentagem de famílias que vivem em habitação própria 2004
Coimbra	57.4	5.2	27.7 €	1383€	69%
Groningen	64.5	6.4	56.6 €	970€	31%

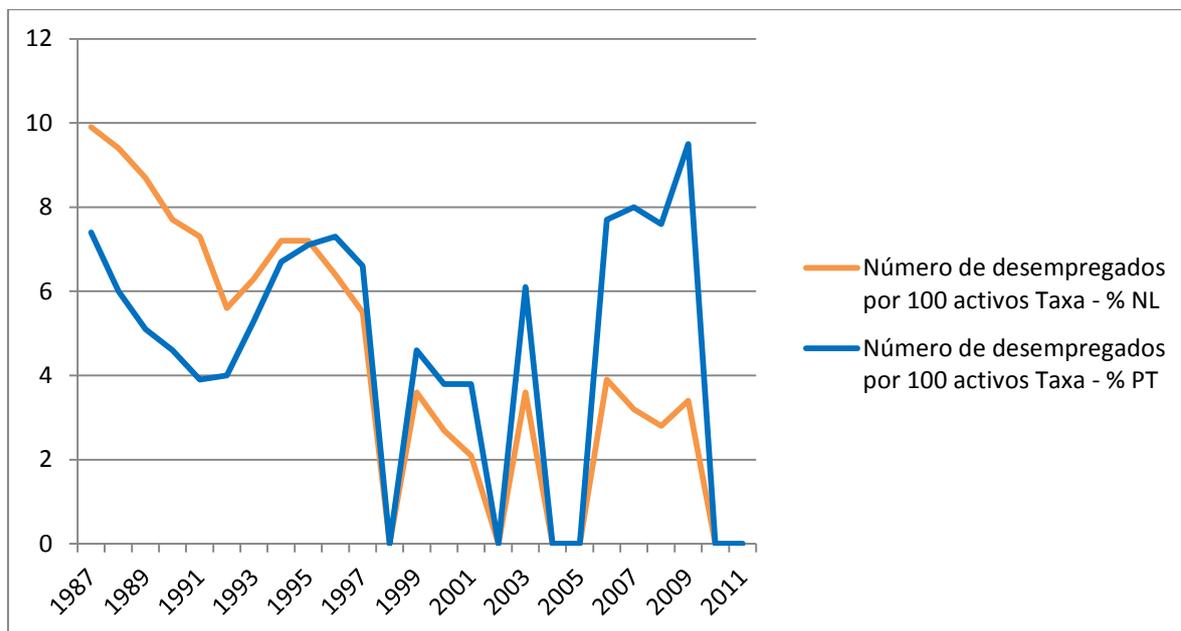
Fonte: EUROSTAT Comissão Europeia: Urban Audit Cities

As diferenças entre as taxas de actividade económica representam algumas das distinções correspondentes a um país central, Países Baixos e um país semi-periférico, Portugal. Groningen detém gás natural, tem um grande centro de construção naval e desde os tempos do império que se dedica à produção de açúcar. Coimbra para além da produção da rizicultura detinha até há pouco tempo várias fábricas de cerâmica e têxteis de pequena e média dimensão.

Se observarmos o preço médio do m² de um apartamento somos levados a concluir que existe um elevado valor do mercado imobiliário português, face à taxa de actividade económica. Porém, constatando a percentagem de famílias que vive em habitação própria em Coimbra, mais do dobro do que em Groningen, encontramos uma explicação plausível que reside na grande procura deste bem, registando o elevado valor do mercado imobiliário e a sua inflação.

A taxa de desemprego será mais explorada pelo gráfico seguinte, num período superior a vinte anos, permitindo perceber melhor a sua evolução apresentando dados mais recentes.

Gráfico n.º 4: Número de desempregados por 100 activos em Portugal e nos Países Baixos



Fonte: PORDATA

O gráfico n.º 4 revela-nos valores mais actuais sobre a taxa de desemprego e é bastante representativo da presente situação portuguesa, no que respeita ao número de desempregados⁸, se no final dos anos 90 do século passado os Países Baixos detinham uma maior taxa de desemprego, a partir de 2002 a situação inverte-se completamente existindo até maior distância entre os valores, só no ano de 2011 Portugal apresenta uma taxa de 12,7% para os 4,4% dos Países Baixos.

⁸ Desempregado: Indivíduo, com idade mínima de 15 anos que, no período de referência, se encontrava simultaneamente nas situações seguintes: a) não tinha trabalho remunerado nem qualquer outro; b) estava disponível para trabalhar num trabalho remunerado ou não; c) tinha procurado um trabalho, isto é, tinha feito diligências no período especificado (período de referência ou nas três semanas anteriores) para encontrar um emprego remunerado ou não. Consideram-se como diligências: a) contacto com um centro de emprego público ou agências privadas de colocações; b) contacto com empregadores; c) contactos pessoais ou com associações sindicais; d) colocação, resposta ou análise de anúncios; e) realização de provas ou entrevistas para selecção; f) procura de terrenos, imóveis ou equipamentos; g) solicitação de licenças ou recursos financeiros para a criação de empresa própria. O critério de disponibilidade para aceitar um emprego é fundamentado no seguinte: a) no desejo de trabalhar; b) na vontade de ter actualmente um emprego remunerado ou uma actividade por conta própria caso consiga obter os recursos necessários; c) na possibilidade de começar a trabalhar no período de referência ou pelo menos nas duas semanas seguintes. Inclui o indivíduo que, embora tendo um emprego, só vai começar a trabalhar em data posterior à do período de referência (nos próximos três meses). (metainformação – INE).

Quadro n.º 4 : Indicadores turísticos em Coimbra e Groningen

	Espaços verdes públicos (m ² per capita)	Lugares nos cinemas por mil habitantes	Número anual de visitantes a museus por residente	Número de dormidas anual de turistas em alojamentos registados	Número anual de dormidas de turistas em alojamentos registados por residente
Coimbra	19	13.0	0.7	315.342.0	2.2
Groningen	39	16.7	1.7	223.800.0	1.2

Fonte: EUROSTAT Comissão Europeia: Urban Audit Cities – ano 2004

No quadro 4 versando os indicadores turísticos, deparamo-nos com algumas diferenças entre as cidades. Nomeadamente, Groningen apresenta um maior número de espaços verdes, que em tudo se adequa ao seu estilo de vida e hábitos de lazer muito mais voltados para o usufruto da natureza. O número de lugares de cinema não é díspare, atendendo ao número de habitantes, mas já encontramos uma diferença considerável quando nos referimos ao número anual de visitantes a museus, favorável a Groningen. É curioso notar que Coimbra tem maior capacidade de atracção turística, atendendo ao número de dormidas, mas tal não se reflecte nas visitas a museus. Podemos avançar com uma possível explicação as pernoitas em Coimbra têm um propósito definido, podendo mesmo ser em trabalho ou em visita a familiares hospitalizados, uma vez que existe um grande centro hospitalar na cidade, e portanto não são um público vocacionado para visitas a museus. Por outro lado, em Groningen, um elevado número de visitas a museus que não cresce proporcionalmente com o número de dormidas poderá ser explicado pela visita dos próprios residentes. Tentaremos explorar melhor estes dados com os resultados aos hábitos de lazer dos estudantes universitários.

Quadro n.º 5 : Indicadores cívicos em Coimbra e Groningen

	Número de crimes registados por mil habitantes	Percentagem de eleitores registados
Coimbra	44.93	57%
Groningen	109.46	58%

Fonte: EUROSTAT Comissão Europeia: Urban Audit Cities – ano 2001

No que respeita a alguns valores de cidadania, o número de crimes registado é superior em Groningen, mas devemos atender que tal diferença se encontra diluída pelo número de habitantes, como foi apresentado entre 2003 e 2006, Coimbra detinha 142.408 habitantes e Groningen 179.185 habitantes.

Um dos valores mais semelhantes é a percentagem de eleitores registados, implicando uma consciência política activa de perto dos 60% em ambas as cidades.

No que diz respeito ao urbanismo, em Groningen existiu mesmo um planeamento político para o seu urbanismo, que passou pela reestruturação do centro histórico e um novo plano de tráfico rodoviário, esta estratégia foi igualmente alvo de estudos para as várias cidades da União Europeia (Alves & Ramalho, 2011). Especificamente em Groningen, a reestruturação foi votada em referendo pelos cidadãos e nas palavras de Matthijs Rolsma, presidente do CIEE (Centro de Verão de Estudos Contemporâneos Holandeses) de Groningen:

In 2001, the citizens of Groningen voted against the first plan to restructure the Grote Markt. In 2005, a new plan was accepted by means a referendum. This plan included bringing the new buildings 17 yards forward towards the Great Market on the eastside, thereby creating a new square behind the buildings and the idea of Groninger forum was included. (...) Including residents in the planning process is a typical example of the Dutch polder model: nothing is decided before consent is acquired from all relevant actors. Sometimes this makes the planning process a very long and bureaucratic procedure, but it is important to make sure that the actors are involved and get everyone on board to make sure the plan succeeds and meets its targets.

(<http://study-amsterdam-scns.ciee.org/2012/03/urban-planning-restructuring-the-eastside-of-grote-markt-groningen.html>).

Podemos explicar este processo de Groningen como “uma animação crescente dos centros históricos e a sua turisficação como expressões que pretendem sugerir ideais de cidadania e participação cívica”. (Fortuna, 2003, p. 220). A estimativa de custos de requalificação rondava os cento e noventa milhões de euros, em 2007. O centro da cidade requalificado tornou-se um verdadeiro ponto de atracção para os seus residentes, com ruas sem trânsito com um elevado volume comercial, denotando um ar moderno, que lhe valeu o título de melhor centro citadino dos Países Baixos. Fomenta-se o lazer e as práticas turísticas numa reconceptualização localizada do espaço público, numa lógica de usos plurais, dinâmicos e bem sucedidos.

A resolução dos problemas de tráfico automóvel fez parte do plano de reestruturação do centro da cidade. Nas palavras do presidente deste grupo, Gerrit van Wernen, em 1994, “this is not an environmental program, it’s an economic program. We are boosting jobs and business. It has been proved that planning for bicycles is cheaper than planning for cars.” (True, 1994, p.7). Assim, o planeamento teve um propósito bem definido, com consequências nos hábitos da população, tornando-os inclusivamente cidadãos mais fisicamente activos, onde a bicicleta se tornou o meio de transporte mais utilizado.

The new city center plan aims to find "a balance between accessibility and livability" in three ways: 1) using a compact city model, planners will work to limit distances between residential areas and businesses, 2) creating special facilities for environmentally-friendly transportation alternatives like bicycles and public transportation, and 3) integrating traffic and transportation policy measures, economic issues, environmental concerns, planning and public space needs. (True, 1994, p. 7).

Com a utilização de bicicletas em tão larga escala, outras medidas foram adoptadas e integradas no programa de planeamento, como a construção de uma forte rede de ciclovias, novas pontes sobre os canais e mesmo alterando as regras do trânsito, dando prioridade a este transporte sobre todos os outros, “... the main 46 routes of cycling networks is used daily by 216.000 citizens” (<http://carbusters.org/2009/11/03/groningen-the-worlds-cycling-city/>).

Outra necessidade emergiu, como a construção de numerosos parques subterrâneos para bicicletas. Só na principal estação de comboios, o parque alberga três mil lugares para este meio de transporte. Todo este planeamento conduziu a mudanças significativas no urbanismo. No mesmo periódico *Carbusters - Journal of the car free movements* pode ler-se “Groningen municipality research showed in 2008, 78% of residentes and 90% of employees now live in 3 km of the city centre”. Desta forma a cidade ganhou mais um título de cidade holandesa com mais ciclistas. Ao promoverem o uso de bicicletas afastaram assim a desertificação do centro a que são votadas muitas cidades de trânsito condicionado.

No caso de Coimbra, o seu centro histórico perdeu importância, em termos residenciais como consequência da intensificação da suburbanização, a função comercial deslocou-se para centros comerciais em zonas não tradicionais, remetendo assim a sua função de lazer associada para outros locais. Os próprios serviços, nomeadamente bancários descentralizaram-se pela cidade. A situação não é muito distinta da descrita pelo *Jornal de Notícias* numa edição do ano 2000, citado em *Fortuna*, “o centro histórico de Coimbra é caracterizado por habitações caducas, sem o mínimo de condições, onde se acolhem moradores de poucos recursos, com predominância para idosos...” (2003, p. 222). Há um esvaziamento de funções e por conseguinte de pessoas e de vida.

Coimbra urge um verdadeiro plano de recuperação arquitectónica por todo o edificado, repleto de patologias. Esta requalificação necessária participada por vários intervenientes evitava contestações dos cidadãos, como aconteceu no Porto, em Guimarães e até mesmo em Leiria. Tal projecto foi iniciado com a criação da *Coimbra Viva - sociedade de reabilitação urbana*, com o principal propósito de “promover a reabilitação urbana da zona de intervenção definida como Centro Histórico do Município de Coimbra, designadamente a área da Baixa, tal como foi definida no Relatório da Comissão Interdisciplinar da Baixa aprovado pelo Câmara Municipal em 30 de Março de 2005.” (<http://www.coimbravivasru.pt>).

A *Coimbra Viva* está associada aos fundos da *Jessica Holding Fund de Portugal*⁹, que por sua vez é gerida em parte pelo Banco Europeu de Investimento e

⁹ *Jessica Holding Fund de Portugal*: trata-se da operacionalização da iniciativa JESSICA em Portugal, através de um instrumento de engenharia financeira – fundo de participação dotado de 130 milhões

visa entre outras actividades financiar a reabilitação e regeneração urbana. Foi com este propósito que os programas se iniciaram em 2005 com base em duas áreas de intervenção, primeiro a zona da Praça 8 de Maio e a Praça do Comércio, envolvendo a passagem na baixinha do eléctrico rápido de superfície e a segunda intervenção a incidir no Terreiro da Erva, Rua da Sota e Rua da Sofia. As obras ficaram sob a responsabilidade da empresa do Parque Expo.

Porém, parte da requalificação da cidade de Coimbra envolve um ambicioso projecto ligado à empresa Metro Mondego¹⁰ que como se pode ver no seu sítio electrónico tem por objectivo:

Implementar e desenvolver um sistema de Tram - Train nos municípios de Coimbra, Lousã e Miranda do Corvo, optimizando a utilização dos recursos públicos afectos ao projecto. Garantir um modo de transporte ecológico, moderno, confortável e seguro com uma adequada oferta de serviço e que promova a mobilidade da população. Integrar o Tram - Train num processo de modernização e articulação dos sistemas de transporte, contribuindo para a melhoria das acessibilidades e do desenvolvimento económico e social, bem como para as condições de integração territorial e de planeamento e ordenamento urbano. (<http://www.metromondego.pt/>).

Este projecto está longe de estar concluído e já levantou ondas de contestações, pois a antiga linha com uma automotora que fazia a ligação de concelhos limítrofes a Coimbra foi desactivada, estando essas populações condicionadas desde então. Muitas explicações são levantadas desde a gestão, à falta de financiamento. Contudo, em tudo afecta o planeamento da cidade pois parte da intervenção do centro passava por este meio de transporte e com os anos foi contribuindo para alguma desertificação do centro de Coimbra.

de euros, 100 milhões do FEDER e 30 milhões de euros provenientes da Direcção Geral do Tesouro e das Finanças, que visa financiar projectos sustentáveis em áreas urbanas. (<http://www.fundojessicaportugal.org/>).

¹⁰ Metro Mondego, S.A., é uma sociedade anónima de capitais exclusivamente públicos, constituída por escritura pública a 20.05.1996. Tem por objecto a exploração, em regime de concessão atribuída pelo Estado, de um sistema de metro ligeiro de superfície nas áreas dos municípios de Coimbra, Miranda do Corvo e Lousã. (<http://www.metromondego.pt/>).

Embora os projectos possam estar a decorrer a verdade é que o centro vai perdendo a sua centralidade dentro da própria cidade. Para além das questões de segurança e higienização, o êxodo da Baixa avança. No entanto, como alerta Fortuna (2003) há igualmente que não cair na tentação de polarizar o esvaziamento do centro de Coimbra. Estas explicações mais extremistas de desertificação que, de mero senso comum passam a verdades, condicionam fortemente as políticas de requalificação dos centros. Há uma forte tentação de cair no saudosismo de um centro que nunca foi, utopia bem explicada por Benedict Anderson (2008) ou, esquecer todo o passado e fazer novos centros.

Como forma de conclusão desta primeira parte de contextualização das duas cidades e universidades apresentamos um estudo comparativo entre cidades médias europeias da Universidade Técnica de Viena intitulado *Smart Cities, Ranking of European medium-sized cities* (Giffinger, 2007) que compara setenta cidades europeias, verificando os seus pontos fortes e fracos através da recolha estatística de um conjunto de indicadores nacionais analisados à luz de seis variáveis, a saber: economia (competitividade), população (capital humano e social), governação (participação política), mobilidade (sistema de transportes e acesso a tecnologias informáticas), ambiente (recursos naturais), vida (qualidade de vida). Como indicadores da qualidade de vida debruçaram-se: nos equipamentos culturais, nas condições para a saúde, na segurança individual, na qualidade da habitação, nos equipamentos educativos, na atractividade turística e na coesão social.

Neste estudo, a cidade de Groningen posicionou-se em décimo quinto lugar e Coimbra em quadragésimo sexto, reforçando a este nível as características centrais e semiperiféricas respectivas com os seguintes resultados:

Quadro n.º 6: Ranking Europeu das cidades médias

	Economia Inteligente	População Inteligente	Governação Inteligente	Mobilidade Inteligente	Ambiente Inteligente	Viver Inteligente	TOTAL
Groningen	14	9	15	20	37	13	15
Coimbra	52	63	54	49	16	37	46

Fonte: Smart Cities- Ranking of European médium-sized cities (p.16)

Para a centralidade da dimensão holandesa concorrem as políticas governativas sistematizadas, o incentivo ao consumo, o esforço da democratização de acesso à cultura, incluindo minorias étnicas, mas especialmente a dimensão da oferta cultural e a sua estrutura.

Para a semiperiferia portuguesa contribuem os indicadores intermédios de produção e consumo e as políticas governativas menos constantes (Reis, 1993).

PARTE II

OBJECTO E PROBLEMÁTICA

1. Velhas e novas acepções de cultura

O termo cultura foi apropriado pelo Iluminismo, como educação do espírito. Mais tarde, o conceito foi enquadrado por dois paradigmas: o marxista e o funcionalista. A abordagem marxista, enquanto materialismo histórico, remete-nos para o termo de ideologia, como conjunto de ideias através das quais se representa o mundo, num primado do material ideal, onde a classe que dispõe dos meios materiais partilha os meios de produção intelectual. O paradigma funcionalista tende a reduzir a compreensão dos factos sociais às suas funções, neste caso à fruição, esquecendo por exemplo o campo ideológico dos emissores das obras de arte. A cultura como objecto de estudo implica a análise do sentido, enquanto significados partilhados por uma sociedade e a análise da sua expressão enquanto dimensão de visibilidade, de comunicação do sentido.

Já a universalidade do *belo* kantiano, o juízo estético, passava pela comunicabilidade e partilha, para que o juízo fosse validado sem a intervenção de conceitos objectivos. Dentro dos clássicos da Sociologia Max Weber (1990) vai mais longe, ao advogar uma abordagem interpretativa e compreensiva dos fenómenos culturais e não apenas a constatação das suas regularidades. Na acepção weberiana, a interpretação é o momento sem o qual o mundo social não existe. Toda a metodologia weberiana pressupõe a existência de ideias de valor e a capacidade de atribuir sentido a essas ideias.

A compreensão dos fenómenos culturais conduz-nos a sistemas simbólicos ou conjuntos de significados. A linguagem dos sistemas simbólicos compõe-se por três tipos de signos: os símbolos, enquanto construções de um objecto; os ícones, objectos que representam outros por semelhança; e os índices como sinais ou indicadores. Como os símbolos são alvo de várias interpretações, os estudos sobre a cultura enfatizam muito mais a análise destes. Um objecto simbólico tende a ser mais valorizado, quanto mais polissémico for, isto é, quantas mais interpretações lhe forem atribuídas. Sem interpretação os objectos culturais não existem, o que nos conduz de imediato ao problema da interpretação e dos actores envolvidos neste processo. Um fenómeno cultural para ser compreendido implica o conhecimento do seu autor e as formas de produção, o seu receptor, ou seja, quem usa esses

objectos, as diferentes formas de apropriação desse objecto, bem como a relação com o mundo social e quais as organizações que se apropriam da produção do simbólico.

O autor de um objecto cultural influencia a forma como este se produz e o significado que lhe vier a ser atribuído. Sem cair em leis determinísticas, há sempre condicionalismos de pertenças geográficas e sociais. Regressando a Kant, citado por Abbagnano:

para julgar os objectos é necessário *gosto*; mas para a produção de tais objectos é necessário *génio*. Este é constituído, pela união numa determinada relação entre a imaginação e o entendimento; união na qual o entendimento, como princípio do *gosto*, intervém para disciplinar a liberdade sem freio da imaginação. Da imaginação procede a riqueza e a espiritualidade da produção artística; do entendimento ou do gosto derivam a ordem e a disciplina desta. As artes belas, exigem, pois, imaginação, entendimento, espírito e gosto. (Abbagnano, 1984, p. 121).

Os próprios receptores dos fenómenos culturais variam consoante o contexto. Durante algum tempo pressupôs-se que a interpretação da obra de arte era a do seu criador, de domínio autoral e as discussões centravam-se nas possibilidades das interpretações coincidirem com as do autor da obra. Porém, cedo esta concepção perdeu peso e as teorias da recepção ganharam relevância, o sentido das obras de arte vem também do conjunto das interpretações que lhe são atribuídas. Autores, como Robert Jauss (1978), enfatizam mesmo o papel dos receptores de uma obra pelo conjunto de possibilidades de interpretações ou traduções do fenómeno cultural, consoante o seu contexto e as suas disposições de recepção. A interpretação de uma obra passa a ser vista de uma forma diferente, o sentido baseia-se num conjunto de formas discursivas partilhadas, a que Stanley Fish (1980) denomina de comunidades interpretativas, com competências de interpretação idênticas mas dentro dos limites materiais do objecto, isto é, não podem ser contrárias à obra em si mesmo.

A compreensão das formas de produção dos objectos simbólicos implica a análise dos autores desses objectos e dos receptores, bem como o modo como são apropriados pelos diferentes grupos sociais. Nesta interacção entre emissores e

receptores deparamo-nos com a pluralidade de públicos que se diferenciam pela forma como recebem os objectos culturais e pelo seu enquadramento social.

Os públicos das actividades culturais podem determinar-se pela sua frequência de fruição, isto é, de consumo, Teixeira Lopes (2004) identifica os públicos habituais correspondendo aos públicos cultivados de Telmo Gomes (2004), por contraposição aos públicos retraídos, ambos os autores utilizam esta mesma designação para a população mais centrada no espaço doméstico e de sociabilidade local. É comumente aceite que o consumo cultural se articula com a categoria socioprofissional, o capital escolar, a idade e o género. No plano intermédio de consumo, surgem os públicos displicentes de Telmo Gomes ou os irregulares de Teixeira Lopes, caracterizados por um elevado capital escolar e juvenildade, mas com práticas de consumo pouco constantes e expostos,

por conseguinte a fenómenos de regressão cultural, por duas vias: a familiar (retorno a situações de coabitação com outras gerações muito menos escolarizadas e sem hábitos regulares de culturas de saídas) e a profissional (tarefas rotineiras e de execução que desmobilizam potenciais competências de inovação e criatividade) (Lopes, 2004, p. 46).

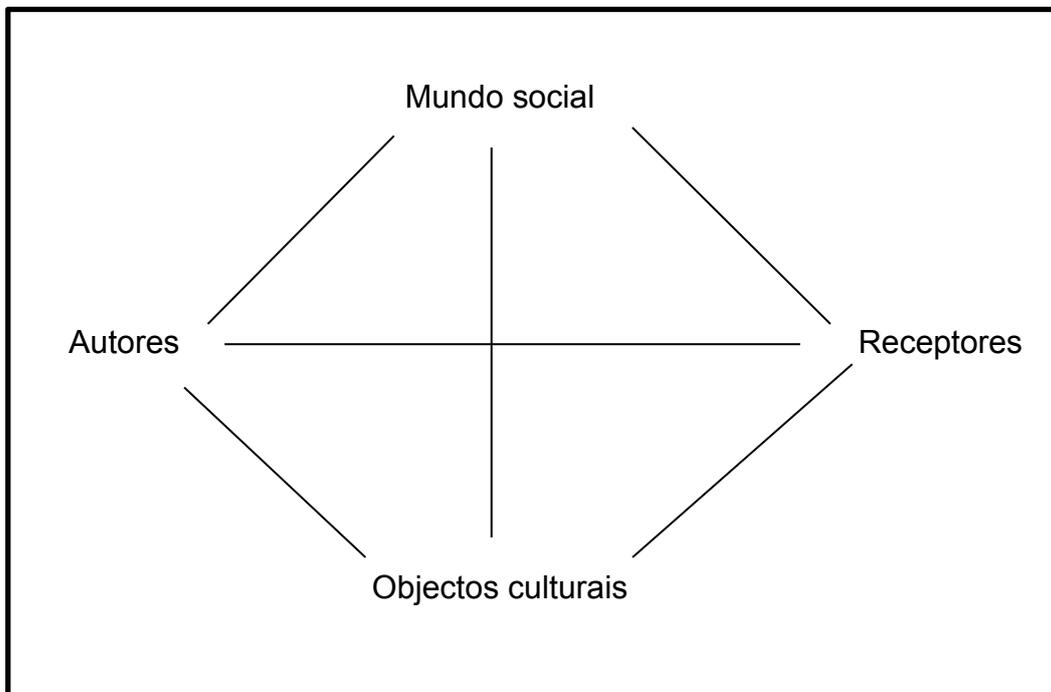
Quanto ao consumo cultural, os diversos estudiosos da cultura holandesa não refutam totalmente as teses de Bourdieu, mas alguns estudos sobre o consumo cultural de van Eijck, van Rees, Stichele entre outros (Richard, 1996), advogam a tese do consumo cultural omnívoro, isto é, uma procura e usufruto de vários géneros culturais. No entanto, não são extremistas e consideram que o consumo diferenciado se associa mais à juventude, concluindo também pela associação do consumo cultural à escolaridade e por conseguinte à definição desses grupos de omnívoros culturais relativizados: “The greater education of high-status individuals only leads them to an *abstract* commitment to taste diversity; thus, the role of education is to merely refine abstract ideological commitments to cultural diversity while leaving actual taste practices largely unchanged”. (Richard, 1996, p.907).

No que respeita ao consumo cultural português, muitos estudos foram já publicados e utilizando a súpula de Madureira Pinto (2004), o universo de

consumidores é minoritário e socialmente restrito, existindo públicos diferenciados em grande parte devido ao factor escolarização e território.

Para a completa compreensão da cultura, para além dos autores, que produzem os objectos simbólicos e receptores, apropriação dos objectos, quem efectivamente os usa, é necessário ir além e tentar relacionar objectos culturais com o mundo social e com a própria acção social. Esta articulação foi expressa por Griswold no esquema do diamante cultural (1986).

Tabela n.º 1: Diamante Cultural de Griswold



Fonte: Griswold, 1986, p. 15

De seguida iremos aprofundar a relação entre os objectos culturais na ligação ao mundo social, com a sociedade no seu todo, numa tentativa de perceber como as formas simbólicas são apropriadas pelas instituições, que são parte estruturante da sociedade.

1.1 O objecto cultural e o mundo social

A relação entre o objecto cultural e o mundo social pode analisar-se, grosso modo, em duas correntes: a legitimista e a relativista. A legitimista defendida por Pierre Bourdieu (1989) relaciona a cultura com a noção do poder simbólico. Os objectos culturais são símbolos estruturados e estruturantes, pois atribuem significado aos objectos e constroem a realidade social. As formas simbólicas formam e exercem um poder dominante, constituindo a ideologia que irá prevalecer sobre a sociedade. Numa sociedade classista, os dominados reconhecem como legítimo o poder dos dominantes. As classes dominantes têm maior capital cultural e financeiro e exercem esse poder com uma espécie de violência simbólica, de constrangimento, mas sem coacção física. Estas formas simbólicas correspondem à ideologia e nesta acepção podemos observar a influência marxista. A tentativa de definir a classe dominada é feita pela desigualdade, através da consciência dos dominados de não terem as mesmas competências de gosto, compreendendo o gosto como uma disposição adquirida para avaliar, para marcar diferenças. Tudo o que se afasta do gosto dominante é ilegítimo.

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os «sistemas simbólicos» cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber para a «domesticação dos dominados». (Bourdieu, 1989, p. 11).

Nesta visão também existem fracções nas classes dominantes quando emergem autoridades específicas em certos campos, como os críticos que reivindicam a legitimidade do seu conhecimento. O domínio onde se produz a cultura funciona como um microcosmo de luta de classes, não sendo possível estudar a cultura sem estudar a estrutura social.

A abordagem relativista entre o objecto cultural e o mundo social conduz-nos ao interacionismo simbólico e a autores como Howard Becker (1986), onde os temas de estudo mais importantes são os sinais passados pelas acções recíprocas dos

indivíduos. A cultura representa o conjunto de sentidos partilhados de símbolos sociais a partir dos quais se forma uma acção comum, mas que não se passa à escala de toda a sociedade. O conhecimento de um objecto cultural é sempre relativo para este autor, na medida em que conhecemos as representações que fazemos dele e estas variam consoante os contextos organizacionais. Mesmo as representações de um objecto passam por vários processos até se concluírem. Primeiro pela selecção, onde se exclui sempre uma parte da realidade, segundo pela tradução, utilizando a linguagem convencional para descrever o objecto e por último pela combinação, ou seja pela organização dos factos e pela interpretação dada ao objecto. As configurações culturais variam conforme os contextos, não passam por exemplo pela tradição associada ao gosto de classe. Não se defende uma cultura para toda a sociedade, não seria possível, mas a partilha de sentidos, de interpretações, uma comunidade de significações, num processo interactivo, o que não implica necessariamente partilha de valores, um guia de acção colectiva, como uma definição mínima de cultura. O relativismo não é moral, é metodológico, todas as formas culturais devem ser analisadas através dos mesmos instrumentos.

Na esteira da relação entre o objecto cultural e o mundo social encontramos igualmente outras reflexões como as de Michael Schudson (1991), ao apresentar cinco dimensões que explicam como os objectos culturais influenciam a sociedade ou o mundo social. A acessibilidade pela publicidade dada a um objecto não implica o seu consumo, mas sim o conhecimento que um certo bem existe, aliás quanto mais inacessível maior o seu valor simbólico. A força como segunda dimensão assenta nos discursos retóricos em que envolvem o objecto e persuadem os consumidores da sua importância. A ressonância, enquanto expressão de desejo de posse de um objecto. A retenção institucional, ou seja, a legitimação atribuída pelas instituições que tornam a obra constante no tempo. Por último, a resolução que se explica pela capacidade de certos objectos induzirem a uma acção específica, como o apelo ao consumo.

1.1.1 O fenómeno cultural e a acção social

O fenómeno cultural é igualmente analisado à luz da sua relação com a própria acção social. Nesta interacção encontramos novamente as teses de Bourdieu e Becker. Como vimos, para Bourdieu (1989) esta relação é estabelecida segundo o conceito mediador de *habitus*, uma matriz de disposições que os actores sociais vão incorporando e que lhes permite determinar a forma de agir em dados momentos, “o *habitus*, como indica a palavra, é um conhecimento adquirido e também um haver, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista) o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural (...) o do agente em acção” (Bourdieu, 1989, p. 61). Para este autor, as formas simbólicas são estruturas, enquanto moldes complexos e organizados, independentemente do modo como os actores sociais os põem em acção. Como refere o autor, o princípio do *habitus* não é um sistema de categorias universais, como diria Kant, mas um esquema que se incorpora, de classificação e percepção. O *habitus* varia consoante os campos de actividade social do indivíduo e é sempre determinado e condicionado pela posição do indivíduo na estrutura social, daí a relação entre acção e cultura se faça através deste conceito, até porque para Bourdieu não há distinção entre classe e estilo de vida.

Para Howard Becker (1986)¹¹, a acção comum parte justamente da partilha de símbolos sociais e não de estruturas. O conceito de *habitus* pressupõe que exista congruência entre campos e Becker advoga diferenças e inconsistências entre os indivíduos na escolha dos mesmos campos. A acção comum baseia-se justamente na comunhão de certos conhecimentos, os indivíduos compreendem o mundo da mesma forma, há uma cooperação mais eficiente e consensual.

Normalmente, as pessoas que cooperam para produzir uma obra de arte não partem completamente do zero. Pelo contrário, baseiam-se nas convenções existentes e de uso partilhado, que fazem parte dos habituais métodos de trabalho no domínio artístico considerado. As convenções artísticas abrangem todas as decisões que se tomam para produzir uma obra, embora qualquer convenção

¹¹ Não podemos deixar de referenciar que Howard Becker foi um músico de jazz de sábado à noite e que tocava em bandas que formavam uma cultura própria, cultura essa que os seus avós certamente desconheciam. Esta vivência ajudou a justificar a sua teoria de cultura não arreigada às tradições e imposições de distinções de classes sociais.

possa ser revista, tendo em conta a necessidade de se satisfazer especificamente um determinado trabalho. As convenções ditam a escolha dos materiais (...) os procedimentos a adoptar para traduzir ideias (...) prescrevem a forma que deve tomar a combinação entre disciplinas artísticas e os géneros (...) indicam as dimensões apropriadas para uma obra, a duração mais sensata (...). As convenções regem as relações entre o artista e o público, ao determinarem os direitos e as obrigações de uns e outros (Becker, 2010, p. 50).

Bourdieu (1989, 1996) desenvolveu um modo de pensar a cultura relacionando-a com a estratificação social, Becker (1986, 2010) enfatiza os valores e as convenções como os maiores elos entre a cultura e a acção. Existem ainda autores em que a relação da cultura com a acção social não depende diretamente da influência dos valores classistas ou da cooperação, procuram análises alternativas. Ann Swidler (1986) partindo de um estudo sobre a cultura em tempos de estabilidade e instabilidade explica as acções a curto e longo prazo. A longo prazo, as tradições e o senso comum fornecem recursos para estratégias de acção, as ideologias, ligadas a períodos de instabilidade criam novos modos de acção. Swidler defende que os indivíduos, pelas suas experiências, adquirem um repertório de recursos culturais que se vão ajustando e influenciam a acção social, distanciando-se do funcionalismo na medida em que recusa a ideia que existe um factor a dar consistência à cultura. A acção social é produto de escolhas, das selecções dos indivíduos, mediante os seus recursos culturais. Quanto maior a diversidade de contextos e experiências, maior o seu leque de escolhas. As acções são ajustadas permanentemente consoante as novas capacidades dos indivíduos. As pessoas agem não em função da sua situação de classe, mas porque são capazes de fazerem escolhas entre os recursos de acção disponíveis. Os grupos dominantes são os que têm mais acesso a determinados recursos por usufruírem de uma maior diversidade de contextos e experiências.

The alternative analysis of culture proposed here consists of three steps. First, it offers an image of culture as “tool kit” of symbols, stories rituals and world-views which people may use in varying configurations to solve different kinds of problems. Second, to analyze culture’s causal effects, it focuses on “strategies of action”, persistent ways of ordering action through time. Third, it sees culture’s causal significance not in defining ends of action, but in providing cultural components that are used to construct strategies of action. (Swidler, 1986, p. 273).

Esta teoria institucional, não rejeita as tradições, as pessoas utilizam-nas porque muitas vezes são a forma mais comumente aceites e portanto alvo de menor discriminação. De igual modo, os repertórios explicam os muitos recursos utilizados vindos da acção colectiva de Becker. Esta última abordagem tem a virtude de articular as perspectivas legitimista e relativista.

As acções sociais não são um simples produto da história, de ideologias que impõem regras. No entanto, se encararmos a cultura como apenas uma caixa de instrumentos, conseguiremos apenas explicar as causas da acção. Nem as teorias mais determinísticas, nem as teorias que nos remetem para repertórios individualmente são capazes de explicar a totalidade da cultura. Parece-nos que o actual hibridismo de objectos se associa ao reposicionamento de fronteiras, mais ténues e a contextos sociais em transição influenciando o enquadramento dos autores e consumidores.

O domínio da cultura tem mudado muito, alterando as bases das suas definições, Maria de Lódes Lima dos Santos apresentou um excelente resumo destas mudanças no livro *Novos trilhos culturais* (2010), coordenado igualmente por Machado Pais, concluindo pelos novos aspectos ou valências na cultura, positivas ou negativas, cruzando-as com as dimensões estrutural e comportamental, resumidas em três novos pontos que passamos a apresentar. Primeiro, os novos aspectos do exercício das actividades culturais e artísticas e respectivos mercados, observados na emergência do novo artista através da desregulação das competências tradicionais, pelo aumento da rotação dos bens culturais, bem como pela ligação das esferas, cultural, artística, científica e tecnológica. Segundo, a mesma autora chama a atenção para as novas valências no processo de recepção e consumo de bens e serviços culturais, pelo incremento da procura, pela interactividade do público, pela organização dos tempos livres e refere mesmo um “consumo pervasivo-cumulativo-fragmentado” (Lima dos Santos, 2010a, p. 32) através de práticas culturais exercidas cumulativamente, tal como a flexibilização dos comportamentos e o aumento da esteticização do quotidiano. Em terceiro, as últimas valências apontadas pela autora resumem-se aos novos aspectos das agendas das políticas culturais através da economia criativa, pelo aumento dos estudos científicos nesta área e pelo planeamento cultural em rede.

Esta primeira parte permitiu-nos conceptualizar e explorar a polissemia do conceito de cultura. Realizou-se um excuro histórico do conceito e debateram-se os principais dilemas da construção de uma ciência da sociedade, pela definição do seu objecto de estudo de modo a melhor enquadrarmos a organização social da cultura, as culturas urbanas e o aprofundamento dos géneros culturais.

1.2. A organização social da cultura

A organização social da cultura, compreendida como os mecanismos de ordenação e legitimação da cultura que conduzem à estruturação da acção, pode ser entendida por três abordagens que nos remetem para a teoria dos campos de produção cultural, para a teoria dos mundos da cultura e para uma abordagem mais institucionalista da própria cultura. Todas elas lidam com um problema comum, o facto de nas sociedades contemporâneas a produção cultural ser caracterizada por símbolos.

A teoria dos campos de produção cultural defendida por Bourdieu (1989) compreende a criação cultural nos diferentes espaços sociais nacionais. Implica as rupturas com o marxismo na medida em que privilegia a substância e não o materialismo, com o economicismo que reduzia o campo social ao económico e mesmo ao objectivismo pela observação das lutas simbólicas. Esta teoria assenta numa tipologia social, onde se representa o mundo social na forma de um espaço (com várias dimensões) construído com base na diferenciação de capital. O capital é compreendido como forma de poder em determinado campo, assumindo-se como cultural, económico, social e simbólico. O espaço social é multidimensional, com campos autónomos, mas que se estrutura entre um espaço dominante e um dominado, onde a cultura tecida pela classe dominante é legitimada pela classe dominada e os agentes são definidos pela posição que ocupam no espaço social. Os agentes diferenciam-se por dois factores: o volume de capital do indivíduo e a estrutura do capital, com base em indicadores como o rendimento e a profissão. Na sua teoria dos campos, Bourdieu procura estabelecer leis determinísticas, como as homologias estruturais pela identificação das posições nos diferentes campos, isto é,

quando se ocupa uma posição no espaço cultural procura-se uma posição idêntica no espaço social.

Em todos os campos há sempre competição, no sentido de produzirem mais, procurando chegar a um campo de vanguarda consagrada. Quando existe um movimento dominante que é criticado, a doxa passa a ter que se afirmar contra alguém que os critica e transforma-se em ortodoxia, reafirmando os seus princípios. Neste sentido, a produção de novos objectos simbólicos implica a acumulação de poder por parte de um grupo dominador. Para Bourdieu existe ainda um subcampo de produção restrita, onde os agentes se revestem de maior autonomia e afirmam uma produção cultural específica, legitimados por outros produtores culturais e o subcampo da grande produção, da arte industrial, com menor autonomia legitimadora por parte dos autores, mas sim reconhecida pelo público em si mesmo, pelas massas, com maior capital económico porém, com um capital simbólico menos específico produzindo por vezes arte em série.

Encontramos a oposição principal, entre a grande produção pura, destinada a um mercado limitado aos produtores, e a grande produção, orientada para a satisfação das expectativas do grande público, reproduz a ruptura fundadora com a ordem económica, que está no princípio do campo de produção restrita; esta oposição é recortada por uma oposição secundária que se estabelece, no interior do próprio subcampo de produção pura, entre a vanguarda e a vanguarda consagrada (Bourdieu, 1996 p. 147).

Em jeito de crítica, o quadro teórico de Bourdieu é muito totalitário, ao querer abarcar toda a dimensão social, sendo difícil de aplicá-lo a realidades que estão a mudar, mas ressalvamos que se baseou em estudos sobre a sociedade de finais do século XIX. Sabemos hoje que os espaços são transnacionais e as distâncias entre produtores restritos e industriais não são tão estanques.

Na teoria dos mundos da cultura, (Becker, 1986), esta é compreendida como sentidos partilhados através de práticas colectivas. O conjunto das actividades colectivas coordenadas entre os actores sociais e as instituições para dar visibilidade ao fenómeno cultural são os mundos da cultura. Os mundos da arte são um sistema de produção que integra produtores, distribuidores e consumidores, cuja actividade cooperativa, organizada através do seu conhecimento, de modos

convencionais de agir, produz o tipo de obras de arte que caracterizam o mundo da arte. Pressupõe a existência de uma rede sem a qual a criação de objectos de arte não é possível. A criação de uma obra de arte implica a cooperação entre os actores sociais, divisão de trabalho, determinadas convenções, ou seja, práticas comuns construídas com base num acordo tácito, com rotinas de intervenção e padrões de interacção.

Os mundos da arte são constituídos por todas as pessoas cujas actividades são necessárias à produção das obras que esse mundo, bem como os outros, define como arte. Os membros do mundo da arte coordenam as actividades através das quais as obras são produzidas, reportando-se a um conjunto de esquemas convencionais incorporados em práticas comuns. (Becker, 2010, p. 54).

Os mundos da arte são internamente diferenciados, por exemplo quando se ligam à cultura de massas e têm fronteiras que não são estanques. Existem organizações industriais que podem mesmo intersectar diversos mundos, como a literatura e a religião. Esta teoria é mais fluída socialmente, a cultura é um campo de cooperação social e não de lutas de classes, mas apresenta igualmente algumas assimetrias de poder entre os intervenientes do próprio produto cultural conduzindo à problemática da autoria do produto.

Na abordagem institucionalista, o enfoque vai para o modo padronizado de reprodução da acção da cultura, os intervenientes da cultura têm papéis estáveis e podem mesmo ser antecipados. Por exemplo, ninguém espera de um concerto de piano a explicação do pianista sobre a obra em jeito de conferência, mas sim que toque piano. Se optasse por explicar a obra sairia do seu padrão e o público ficaria desconcertado, pois não era o comportamento padronizado expectável. Esta reprodução cultural pode centrar-se nas indústrias culturais, nas instituições culturais de alta cultura e mesmo nas formas de classificação e diferenciação social.

As indústrias culturais representam um termo apropriado para identificar os objectos culturais que tendem para a massificação, objectos que incorporam significados para serem consumidos em massa. Estes objectos, mesmo produzidos massivamente devem ser diferenciados, de modo a que sejam cada vez mais consumidos. Geralmente estes objectos utilizam tecnologias de produção com custos mais baixos de modo a compensar objectos que se produzem sem êxito. Outro factor de sucesso das indústrias culturais é o excesso de criadores não

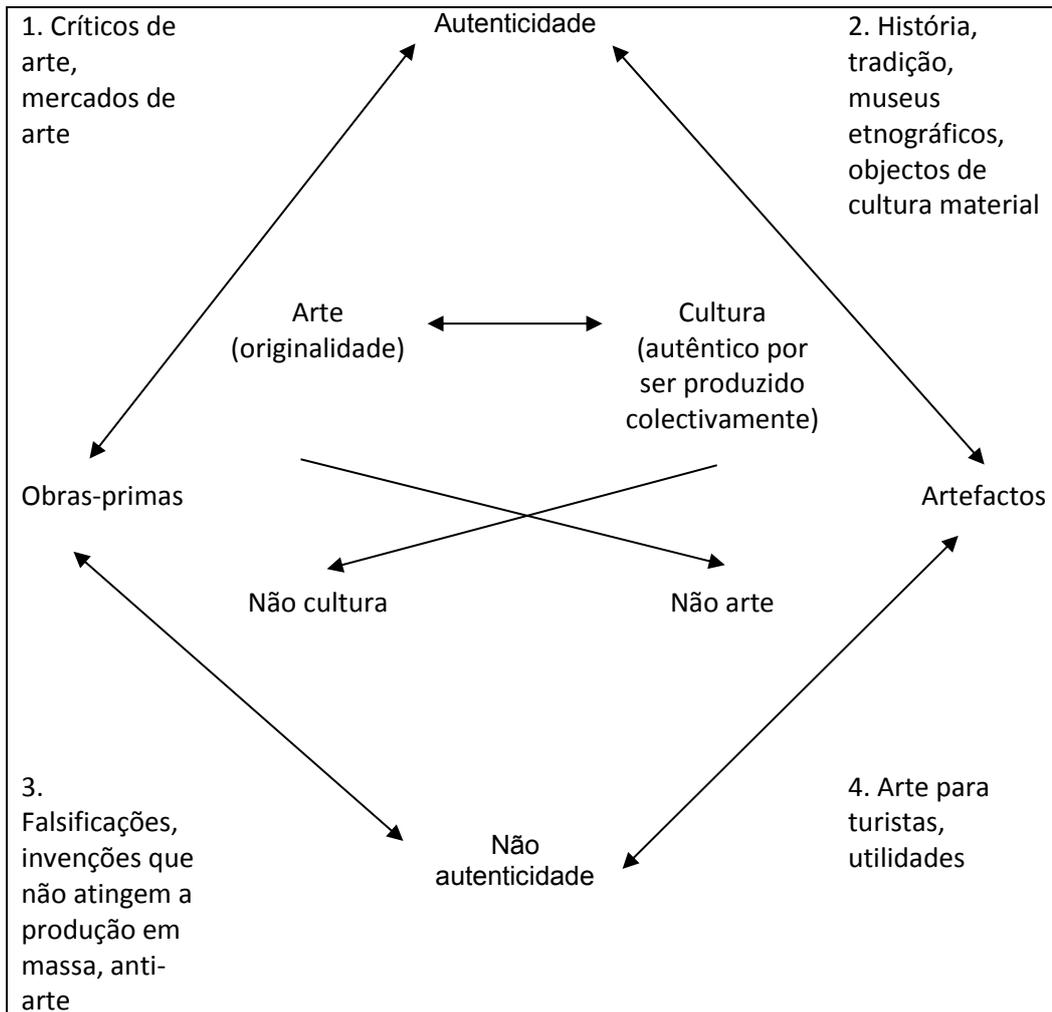
absorvido totalmente pelo público, conduzindo a um processo de selecção de criadores, onde as organizações, os críticos, os media, as empresas de distribuição surgem como filtros neste processo, findo o qual apenas alguns criadores vingam.

A produção em massa acarreta risco pela incerteza de sucesso de um objecto. Para colmatar este facto produz-se vários objectos para que o sucesso de uns compense o fracasso de outros ou se opta por estratégias de promoção diferenciada para cada produto. Outra estratégia para minimizar a incerteza é a sucessão, isto é, fazem-se produtos sucedâneos, como sequelas de filmes, que já deram provas de sucesso.

A cultura de massas surge assim como por oposição à alta cultura, incorporando uma linguagem mais ampla, atingindo mais estratos da população. Este tipo de produção associa-se ao advento do mercado, onde a arte se torna mais uma das dimensões mercadorizadas mas que também se focam nas preocupações sociais e ideologias. Para Paulo Monteiro (1996), a cultura de massas exprime esse ideal de harmonia social, reprimindo o material. Jameson (1978) defende mesmo que a força da cultura de massas está na possibilidade desta reificar a ligação entre a imaginação dos indivíduos e as suas experiências. No entanto, a cultura de massas tem produtos que não se podem juntar, ser assimilados pela cultura popular, pois esta depende de realidades sociais distintas.

A alta cultura não depende tanto dos consumidores, mas de um público mais restrito, como colecionadores, Clifford apresenta um esquema que explicita como certos objectos, pelo seu carácter singular, são elevados à categoria de alta cultura. Arte e cultura jogam com as obras-primas e artefactos nos domínios da autenticidade e não autenticidade. Para o autor o sistema integra dois eixos e entre eles subsistem quatro zonas. O ponto 1 corresponde à zona de autenticidade, estando as restantes zonas afectadas pela hierarquia cultural.

This establishes horizontal and vertical axes and between them four semantic zones: (1) the zone of authentic masterpieces, (2) the zone of authentic artifacts, (3) the zone of inauthentic masterpieces, (4) the zone of inauthentic artifacts. Most objects – old and new, rare and common, familiar and exotic – can be located in one of these zones or, ambiguously, in traffic, between two zones. The system classifies objects and assigns them relative value. It establishes the 'contexts' in which they properly belong and between which they circulate. Regular movements toward positive value proceed from bottom to top and from right to left (Clifford, 1988, p. 99).

Tabela 2: O sistema de Arte – Cultura: uma máquina para criar autenticidade

Fonte: Clifford, 1988, p. 100

Este quadro exprime a necessidade de classificar os objectos, através de critérios e reclassifica-los quando passam por diferentes zonas. A atribuição ou negação da autenticidade de objectos é feita por este sistema, onde por exemplo muitos objectos são valiosos porque expressam o que há de mais comum como o artesanato, o que implica que a autenticidade pode provir da vulgaridade ou da originalidade. Este sistema exclui a referência à natureza, compreendo a cultura como tudo o que é possível de atribuir à acção humana. Neste esquema, a arte está ligada à originalidade e a cultura ao que é mais comum, assente na tradição e na colectividade.

Os objectos são subdivididos em quatro zonas. A primeira (1), os objectos evidenciam-se pela sua genialidade e criatividade, têm expressão e congregam

formas valiosas como arte expostas em museus. A segunda (2) assegura objectos considerados culturais com modelos próprios, produzidos colectivamente e que representam objectos científicos. A terceira (3) integra objectos não culturais, não são propriamente autênticos, nem facilmente assimiláveis. Neste ponto específico a não autenticidade passa pela relação entre a obra e a sua assinatura, isto é, a não autoria dos objectos originais. O ponto 3 também inclui os *ready made*, objectos comuns que são transformados, nalguns casos passam mesmo a obras de arte¹², recuperam a transgressão, tornam-se autênticos e passam à zona 1. A quarta zona (4) implica diferentes tipos de mercadorias, como colecção de curiosidades, objectos úteis.

Esta teoria compreende uma proliferação de novas formas de arte, distancia-se de Bourdieu (1996) na medida em que para este existia uma homologia, uma coincidência entre consumos culturais e situações de classe e nos diferentes campos. Para Becker (2010), a alta cultura e a produção de obras-primas passa pelo processo de honorificação da obra, do reconhecimento do trabalho dos outros e não pela origem social dos autores e receptores.

Regressando a Jameson (1978), este defende uma interpenetração crescente entre a alta cultura e a cultura de massas, numa nova dialéctica de interdependência, assente na percepção que o público deixou de ser homogéneo e o contexto do criador é variável. Existem mesmo inovações que só são incorporadas pelas vanguardas posteriormente concluindo-se que os criadores também deixaram de ser homogéneos.

Tradicionalmente só as culturas populares tinham um carácter local, tudo o que se afastasse desta localidade caminhava na senda da homogeneização e por conseguinte na cultura de massas. A cultura popular está representada no ponto 2 do esquema de Clifford, como algo que intersecciona o domínio da autenticidade e

¹² Em Groningen, um dos objectos de arte famosos é um urinol público: Rem Koolhaas Urinal: Urinar contra uma obra de arte? Isso é possível e permitido em Groningen. Na Kleine der A, um urinol artístico foi concebido para esta finalidade. Homens são fortemente aconselhados a utilizá-lo. A obra de arte foi projectada por um dos melhores arquitetos do mundo, Rem Koolhaas, o fotógrafo Erwin Olaf executou as decorações. Este urinol, feito de garrafas de vidro de leite, foi projetado por ocasião de "A Star is Born" (manifestação cultural, 1996). (<http://toerisme.groningen.nl/en/zien-doen-beleven-2/cultuur/kunst-op-straa>).

dos artefactos, representando a arte por ser produzida colectivamente. Definida por oposição à alta cultura, representa a cultura com origem numa classe mais dominada, como diria Bourdieu, ou por grupos de indivíduos com menores repertórios culturais. O termo cultura popular advém de povo¹³ e este estrutura-se como oposição à classe alta, representando a cultura popular na sua origem como o estudo dos “rituais recreativos das classes populares tradicionais” (Estanque, 1995, p. 127). Para outros autores, não se deve confundir o termo com cultura tradicional, pois “dado que, por um lado não se trata apenas do que é tradição no sentido antropológico do termo, mas também porque a tradição não é exclusiva do povo mas sim de todas as classes e camadas sociais” (Flor, 2010, sp). Porém, num sentido mais amplo onde se percepção a separação entre alta cultura e indústrias culturais, a cultura popular representa

práticas quotidianas dos grupos subordinados, realçando o seu carácter dúctil e a capacidade de combinar os elementos adaptativos com a vertente de resistência através de formas de apropriação simbólica de artefactos e espacialidades, em particular nas esferas do lazer e dos tempos livres (Estanque, 1995, p. 130).

Mesmo nalguns objectos culturais que misturam os géneros, como é o caso do campo religioso e das festas locais, embora produzidos para um público mais geral não se trata da grande produção industrial em massa, mas sim de cultura popular. Uma cultura “generada autónomamente por la población no ilustrada y que podemos observar plasmada en la literatura anónima, en los mitos y leyendas, en la arquitectura sin arquitectos, en los refranes, en las canciones y los bailes, en los oficios tradicionales y en una larga serie de manifestaciones denominadas populares” (López, 1999, pp. 136).

Acreditamos mesmo que com o rebuscar dos particularismos, até pela reabilitação cultural dos locais, as culturas populares longe de estarem a caminhar para o desaparecimento, passaram a ser alvo de intervenções em termos políticos que reforçam este tipo de cultura.

¹³ A história social europeia é muito marcada pela estratificação social, Revolução Francesa de 1789, onde o terceiro estado ou as classes populares depuseram a monarquia.

As abordagens institucionalistas que se centram na reprodução cultural como forma de organização cultural conduzem-nos a sistemas de classificação cultural. Sistemas usados pelos actores sociais para criar vínculos, relações de interacção, respondem à procura, mais do que o conteúdo do objecto, valoriza-se a linguagem comum, por exemplo não é importante o conteúdo da música, mas o reconhecimento do estilo da música.

Diane Crane é uma das autoras de referência para explicar os sistemas culturais, as culturas urbanas podem ser compreendidas à luz do seu sistema de produção cultural: industrial; industrial-periférico e artes urbanas.

The core domain is dominated by conglomerates that disseminate culture to national and international audiences to which all members of the population are exposed to some extent (...) The peripheral domain is dominated by organizations that disseminate culture on a national basis but to distinct subgroups usually based on age and life style. The third domain is that of urban culture, which is produced and disseminated in urban settings for local audiences. Organizations that attract the smallest audiences with more esoteric and offer beat material tend to be local organizations that retain an importance in the production and dissemination of culture that tends to be forgotten by those who stress the role of popular culture produced by conglomerates (Crane, 1992, p. 6).

Nesta concepção de Diane Crane compreendemos que os géneros culturais não surgem hierarquizados por importâncias, nem segundo o modelo dicotómico de alta e baixa cultura, por exemplo a música emerge como um exemplo que se move em todos os domínios. Esta abordagem implica até uma certa dialéctica de géneros culturais, são os denominados objectos reflexivos de Lash & Urry (1994), com uma estética própria veiculada por estruturas comunicacionais.

Nesta esteira, encontramos igualmente o sistema de classificação cultural de Paul Di Maggio (1987). Este sistema é uma forma de organização socialmente construída dos fenómenos culturais, onde os objectos culturais são identificados em categorias porosas que se podem mesmo cruzar, ou agrupar em géneros. Os géneros representam princípios de organização socialmente construídos que conferem aos objectos culturais um significado para além do seu conteúdo temático e que por sua vez respondem à procura gerada estruturalmente de informação e a filiações culturais. São construídos socialmente, por identificação de semelhanças

ou distâncias, existindo uma relação entre os géneros e entre estes e os produtores e os consumidores.

O sistema de classificação cultural defendido por Di Maggio (1987) assenta em quatro princípios. A diferenciação em géneros estruturalmente definidos, mas que podem ter fronteiras híbridas. A hierarquia enquanto organização face ao seu prestígio e neste ponto aproxima-se da visão de Bourdieu de cultura dominante e da distinção entre alta cultura, consagrante e legitimadora, da baixa cultura, massificada. A universalidade pela constatação da existência de géneros mais consumidos que outros, os géneros serão menos universais quanto mais segmentados forem os seus públicos. O último princípio enuncia a ritualização de fronteiras, existem géneros que se encontram em segmentos estanques.

Este sistema de classificação também cria semelhanças e distâncias entre os grupos, mas cada pessoa terá uma configuração de capital cultural que não se confina à sua classe, daí existirem indivíduos que tanto consomem alta cultura, como cultura de massas, os denominados omnívoros culturais como indicam Richard Peterson (1996) e Warde (2007).

A diversificação de competências culturais leva à mobilização social, esta é outra conclusão importante de Di Maggio, associar as sociedades actuais, onde existe uma grande mobilidade espacial com uma visão de capital cultural enquanto acumulação de recursos culturais, de repertórios, diferenciando-se de Bourdieu, pois os grupos dominantes tanto consomem muita alta cultura, como cultura de massas.

O tema das fronteiras e hibridismo emerge muito associado aos fenómenos culturais, à implosão da diferença e a novas configurações que associam cultura, ciência e tecnologia observadas por Arriscado Nunes (1996) em que claramente desvirtuam o juízo estético kantiano de prazer do *belo*, enquanto puramente subjectivo.

Na sequência da visão destes autores, podemos concluir que existem diferentes formas da cultura, enquanto objecto de estudo, ser organizada, afectando a forma como os objectos são produzidos e por conseguinte como a realidade será compreendida e vivenciada. Outra conclusão que se evidencia em Gomes, “no lugar do fixismo estruturalista que opta pela estática das desigualdades, o que sobressai

destas abordagens é a importância dada aos processos e trajetórias de vida, pondo em destaque as diferentes componentes do capital nos processos de mobilidade social” (2007, p.12). As trajetórias e no seu pleno os estilos de vida condicionam e são condicionados pelos fenómenos culturais, voltaremos a esta visão mais adiante.

1.3. A cultura como dimensão da globalização

A maior ênfase dada aos fenómenos culturais nas sociedades actuais levou a que alguns autores abordassem esta questão como uma das dimensões da globalização (Featherstone, 1990, 1991; Friedmann, 1994). Os grandes meios de comunicação em massa, bem como as mobilidades afectam indubitavelmente a cultura, “acredita-se que a intensificação dramática de fluxos transfronteiriços de bens, capital, trabalho, pessoas, ideias e informação originou convergências, isomorfismos e hibridações entre as diferentes culturas nacionais, sejam elas estilos arquitectónicos, moda, hábitos alimentares ou consumo cultural de massas” (Santos, 2001, p. 53).

Como defende Appadurai (2004), as etnopaisagens, como pessoas em deslocamento e as tecnopaisagens, como estreita fluidez da tecnologia, são ingredientes para uma nova visão da cultura que não se identifica com a homogeneização, escapando a uma só cultura global, mas sim ao realce da diferença. A cultura ancora-se nas dissemelhanças,

Não vale a pena encarar a cultura como substância, é melhor encará-la como dimensão dos fenómenos, uma dimensão que releva da diferença situada e concretizada. Salientar este dimensionamento da cultura em vez de substancialidade permite-nos pensar a cultura não tanto como propriedade de indivíduos e grupos, mas como um instrumento heurístico para falarmos da diferença. (...) Sugiro que consideremos culturais apenas as diferenças que exprimem, ou servem de fundamento à mobilização de identidades de grupo. (Appadurai, 2004, p. 27).

Para este autor, como para Lash e Urry (1994) os fluxos são diferentes e desterritorializados, conjugando comunidades a nível transnacional e micro-identidades, num cosmopolitismo cultural, mas que não nos confina a uma

globalização hegemónica e anómica das estruturas. Eliot, citado por Sousa Ribeiro, diz que "... uma cultura mundial que não fosse mais do que uma cultura uniforme não seria cultura. Teríamos uma humanidade desumanizada" (2001, p. 463). Estas novas formas de globalização cultural associam-se ao capitalismo desorganizado (Lash & Urry, 1994) de desvinculação ao Estado-Nação. O facto de sair do foro do Estado-Nação como território, não implica igualmente a perda do localismo. A cultura pode produzir localidade, Appadurai indica, "considero a localidade mais relacional e contextual do que escalar ou espacial. Vejo-a como qualidade fenomenológica complexa constituída por uma série de vínculos entre o sentido da imediatidade social, a tecnologia da interactividade e a relatividade dos contextos." (Appadurai, 2004, p. 238). No fundo a imaginação em acção, não há expansões isomórficas, há um reencantamento da diversidade e da reflexividade estética (Lash & Urry, 1994, p. 111), enquanto fluxo de símbolos entre toda a população e não só entre elites.

Esta visão corta com a noção que uma cultura corresponde a um lugar, à espacialização e temporalidade da cultura. Não se substitui a ideia de espaço, mas emerge a necessidade de articular o dentro e o fora, conjugar o residir e o viajar, o trabalho na fronteira.

A cultura é actualmente um dos campos onde a heterogeneidade mais se manifesta, mais do que articulação entre o global e o local e as formas contra-hegemónicas (Santos, 2001), liga-se à questão de fronteira,

isto equivale a dizer que a abolição de fronteiras é concomitante com o deslocamento e a redefinição de fronteiras. Os processos de globalização só podem produzir uniformidade se produzirem, ao mesmo tempo, a diferença; assim, a superação de fronteiras faz-se inevitavelmente, através da produção de fronteiras. (Ribeiro, 2001, p. 468).

É no plano da globalização cultural que mais caminhos se têm trilhado, o combate à metáfora da fronteira pela emergência do hibridismo é uma realidade. Desta forma o reconhecer da diferença, e mesmo o enaltecer da diversidade contra o isomorfismo, conduz a um tipo de conhecimento diferente, que se afasta de uma forma colonizadora do conhecimento, na medida em que se colocava ordem no caos

e se caminha para um conhecimento emancipatório, de respeito pelas diferenças igualitárias.

Por conseguinte, as práticas sociais culturais transnacionais (Santos, 2001) ou a imaginação desterritorializada de Appadurai (1990) são caracterizadas actualmente como uma das valências do “sistema mundial em transição” (Santos, 2001). Este conjunto de práticas sociais e culturais funcionam em redes horizontais e lutam pelo reconhecimento do direito à diferença, sem discriminação.

A nosso ver, é precisamente no campo cultural que mais amplamente se reconhece e valoriza as iniciativas alternativas. A cultura é um mecanismo de reflexividade, mas tal apenas nos permite abordar o tema como “culturas globais pluralistas” (Santos, 2001, p. 55) com uma característica de parcialidade, no sentido de partilha e coexistência.

Não caminhamos, como vimos, para uma globalização cultural de localismos que se globalizaram, mas para a coexistência da diversidade e até valorização do hibridismo e da diferença. O que torna esta época diferente são as relações diferenciadas entre o que outrora foram os pilares da modernidade, Estado, mercado e sociedade civil, que produziam objectos estanques.

Vivemos uma mudança de tempo do mundo, as escalas são outras e comprimem-se. Os objectos culturais metamorfosearam-se, tal como os seus criadores e consumidores. As interacções assumem novos sentidos consoante os contextos, as posições do sistema mundo e as dinâmicas das cidades.

1.4. Centros e periferias da cultura

A introdução deste ponto de centros e periferias alicerçado no sistema mundo pode parecer contraditório vindo de uma exploração prévia sobre a globalização e a mudança. No entanto, a contradição é aparente e portanto o seu carácter é iminente paradoxal, na medida em que vivemos num sistema mundial em transição (Santos, 2001), mas que mantém as práticas inter-estatais baseadas na luta pelo centro dos países periféricos e semiperiféricos.

Rebuscando as teorias de Wallerstein (1979) tradicionalmente, nos estudos políticos, os Países Baixos representam a centralidade e Portugal pelos seus indicadores socioeconómicos encontra-se num plano de intermediação e portanto numa posição semiperiférica. Fazemos notar que Portugal, para além de estar a atravessar uma crise de posicionamento no sistema mundial, e tal como em 1978 estar a passar por uma nova intervenção do Fundo Monetário Internacional (neste caso acrescida da Comissão Europeia e do Banco Central Europeu) mantém graus de desenvolvimento intermédios. Reforçamos igualmente a ideia de intermediação, recordando que o “carácter intermédio é uma qualidade e não apenas uma quantidade, representa a dimensão territorializada das interações globais em que determinado país está envolvido” (Santos, 1993, p. 23), embora neste caso apenas nos foquemos na dimensão cultural no contexto das cidades.

Ao relacionarmos a cultura com o sistema-mundo recordamos três orientações metodológicas de Boaventura Sousa Santos,

A primeira é que não sendo nenhuma cultura autocontida, os seus limites nunca coincidem com os limites do Estado; (...). A segunda é que, não sendo autocontida, nenhuma cultura é indiscriminadamente aberta. Tem aberturas específicas, prolongamentos, interpenetrações, interviagens próprias, que afinal são o que de mais próprio há nela. Finalmente a terceira, (...) é que a cultura de um dado grupo social não é nunca uma essência. É uma autocriação, uma negociação de sentidos que ocorre no sistema mundial e que, como tal, não é compreensível sem a análise da trajectória histórica e da posição desse grupo no sistema mundial (Santos, 1994, p. 130).

A cultura ancora-se na contextualização histórica de uma nação, reconstituindo a sua identidade, como já observámos na primeira parte do trabalho, ao referirmos as identidades subjacentes a cada país. Os Países Baixos assumem um papel de país central de homogenia interna e de diferenciação internacional, enquanto Portugal com o seu carácter semiperiférico, torna-se periferia da própria Europa, mantendo défices de diferenciação externa e homogeneização interna (Santos, 1994).

Muito embora concomitante com a proliferação de manifestações culturais pluralistas, a cultura de um país central está muito ligada ao espaço sobrelegitimado, onde domina a cultura erudita e os países periféricos aos espaços público e

doméstico. A posição em torno dos centros e das periferias não passa apenas pelo número de objectos culturais produzidos, mas também pela sua classificação dentro da cultura de massas, alta cultura ou cultura popular. São estas entidades, juntamente com os produtores e consumidores que vão prefigurar o mundo da cultura, permitindo descrever culturalmente as cidades.

Paralelamente às disposições legais de âmbito político, reconhecemos que as entidades culturais, na sua generalidade, são enquadradas por três sectores económicos: o público, o privado e o denominado terceiro sector. Estes três sectores têm pesos diferentes mediante a centralidade ou a semiperifericidade dos territórios. Todos eles contribuem para a riqueza cultural de um país e desenvolvem-se muitas vezes em rede, embora as suas dinâmicas se diferenciem. De realçar o terceiro sector, como sendo uma área não coberta totalmente pelo Estado, nem pelo mercado, um campo híbrido que reforça o pilar comunidade. Sílvia Ferreira ao analisar conceptualmente este conceito conclui que o terceiro sector vai beber aos três pilares da modernidade: Estado, mercado e comunidade, pelas articulações que propõe:

Ao Estado: Partindo da ideia de bem comum e com mecanismos flexíveis de decisão, permite que indivíduos e comunidades expressem as suas necessidades, sendo capaz de justificar a responsabilidade da comunidade e dos indivíduos pela participação no bem comum. Ao mercado: Usa instrumentos do mercado e concebe os actores sociais como autónomos, ao mesmo tempo que desenvolve mecanismos de confiança entre os membros e critérios substantivos em nome do interesse comum ou das necessidades de um grupo. À Comunidade: Com base em relações expressivas e de obrigação mútua, desenvolve mecanismos de troca para permitir a possibilidade de expressão de necessidades individuais (pode incluir equivalências desiguais) ou definir a sua visão do bem comum. (Ferreira, 2009, p. 184).

O terceiro sector aplicado ao campo cultural conjuga as actividades das fundações, cooperativas e associações, com papéis diferenciados, mas tendo como denominador comum um fim não lucrativo. As maiores ou menores dinâmicas culturais de uma cidade são o resultado do processo de cooperação entre os autores, os consumidores e as instituições promotoras, como o Estado, o mercado e o terceiro sector.

Santos Silva (2002) refere a fragilidade da iniciativa privada portuguesa, enquanto nos Países Baixos, “artistic development has, therefore, been the result of the activity of private citizens and a long number of foundations many of them related to culture”. (<http://www.culturalpolicies.net/web/netherlands.php?aid=1>).

O conceito geopolítico de cultura emerge assim no Ocidente apropriado para construir a sua própria identidade, mas também para definir o outro não ocidental, pela oposição do não conhecimento. A cultura associa-se ao movimento, não fica confinada a um museu, é transportável pelo fluxo de pessoas. A cultura encara-se como um processo, não é apenas substantiva, há uma relação entre cultura e acção.

Nestes processos pluralistas, procura-se o multiculturalismo, onde as diferenças devem permanecer, mas com dinâmicas activas e regressando à polissemia do conceito, a cultura separa, articula, inclui, exclui. Aplicando à cultura um juízo formulado para os direitos do homem (Santos, 1997), defendemos a diferença quando a igualdade homogeneiza e descaracteriza e defendemos a igualdade quando a diferença inferioriza e estigmatiza.

1.5. Cidades, lazer e culturas urbanas

O trabalho foca duas cidades e portanto um contexto social urbano onde os fenómenos culturais são produzidos e na sua maioria consumidos, numa articulação entre a lógica de produção e lógica de consumo. Para Richard Florida (2005), as cidades definem-se pelos consumos, pelos estilos de vida e lazer. Diane Crane (1992) não afasta totalmente a ligação do grupo social e as práticas sociais, mas defende os estilos de vida como base da estratificação social. Contribuindo para esta aceção, Gomes indica,

A noção que o espaço diferencia os tipos psicossociológicos sempre acompanhou a sociologia urbana desde os primórdios. A diferenciação de estilos de vida passa pela própria vivência do indivíduo e o espaço físico e os contextos em que estão inseridos no seu quotidiano surgem como elementos preponderantes nessa diferenciação. (Gomes, 2007, p. 13).

O lazer deixou de lado as características fordistas, onde o consumo e a produção se mantinham paralelos, assente na alienação do trabalho e no consumo pela simples aquisição de bens e entra no domínio pós-fordista. Actualmente, perante a desaceleração da produtividade, o refrear do desenvolvimento tecnológico, a crise do Estado-Providência contemporânea, as financiopaisagens de Appadurai (2004), implicam um aumento da flexibilidade e da incerteza no mundo social. As próprias instituições perdem o seu carácter vinculativo e legitimador. “Diversidade, pluralismo, fluidez e pastiche são características que introduzem nos contextos de trabalho comportamentos próprios dos espaços de lazer e no lazer uma ética mais típica dos contextos mercadorizados.” (Gomes, 2005a, p.68). Nesta esteira, surgem novas classes intermédias de consumo de lazer, Roberts (1994) ilustra a partir de três classes de lazer assimétrico: uma nova classe média que trabalha muito para suportar os seus hábitos de consumo, uma classe de trabalhadores de lazer, integrados como actores na lógica da oferta cultural, mas com poucas oportunidades de consumo e outra classe, excluída simplesmente de qualquer consumo.

O domínio pós-fordista caracterizado pela flexibilidade, diversidade, indeterminação, individualismo e curto prazo remete-nos para o consumo do imediato, do efémero e para a esteticização do quotidiano a todos os níveis, desde o pessoal ao profissional, apropriados pela publicidade. Norberto Santos (2001a) identifica, como outros autores, os estilos de vida advindos deste consumo como forma de diferenciação e identidade social. O consumo de objectos culturais e as práticas de lazer ajudam-nos a posicionar os indivíduos na sociedade. Os estilos de vida são os novos marcadores do mundo social e, embora possam ser híbridos, a verdade é que subsiste sempre uma diferenciação nos estilos de vida que subentende uma hierarquização. Contudo, a hierarquização é feita pelo modo de vida e não pelas classes sociais assentes no capital económico e simbólico, como defendia Bourdieu.

A esteticização do espaço urbano impôs-se com o correr das escolhas de consumo e dos estilos de vida. O urbanismo, num contexto mercadorizado cresce e desenvolve-se moldado pelo consumo. Na intersecção com as culturas urbanas sabemos que existem actividades culturais que podem “colocar no mapa” (Lopes,

2000a, p. 81) certos territórios, como outrora foram os Encontros de Fotografia de Coimbra e agora se tenta pelo Festival das Artes.

Podemos identificar a dinâmica da cultura urbana através de patamares da acessibilidade dos consumidores, utilizando a tipologia de Augusto Santos Silva (2002a). O patamar de maior grau de acessibilidade local, caracterizado pelo facto de na cidade os consumidores estarem mais próximos dos lazeres elementares e serem públicos mais acessíveis às investidas da comunicação social. O segundo patamar respeita ao acesso a formas de cultura e lazer intermédias, como o cinema e a prática de fotografia. Outro nível é o menor grau de proximidade a formas culturais menos acessíveis, que implicam um certo conhecimento, como a literatura ou música erudita. A acessibilidade à cultura é um factor importante que marca a formação de hábitos e gostos que permitem a cada indivíduo ter o seu repertório cultural. Outra variável a ter em consideração nestes estudos é sempre a escolaridade “(...) a prática cultural depende do capital cultural e este encontra-se fortemente associado ao capital escolar” (Silva, 2002a, p. 113).

Paul Di Maggio (1987) indicava que quanto maior a rede de relações sociais que um indivíduo vai organizando, maior é a variedade de referências culturais que possui. Nesta senda vem também Claude Fischer (1973) que associa o desenvolvimento das subculturas ao crescimento do urbanismo e por esta via à acessibilidade e à relação entre os subgrupos já definidos por Diane Crane como “... audiences that are fairly homogeneous in terms of either age, social class, ethnic or racial background, or education” (1992, p. 109). Fischer empreende mesmo um conjunto de hipóteses que associam proporcionalmente o aumento do urbanismo com um aumento da variedade subcultural, da intensidade das subculturas, das fontes de difusão e dos índices de não convencionalidade dos fenómenos culturais.

As culturas urbanas voltadas para públicos mais específicos, podem observar-se em duas dimensões, a densidade e a estrutura, ou seja, a quantidade e a textura da oferta cultural. Tomando ainda em consideração Diane Crane, a estrutura da oferta das organizações culturais de tipo urbano identificam-se com “concerts, exhibitions, fairs, parades, performances, theaters” (Crane, 1992, p. 6).

As culturas urbanas das cidades médias serão assim analisadas como possíveis factores de atracção turística. “Middle-class urban cultures perform an

increasing important, if somewhat controversial, role in urban economies. They are believed to stimulate business by attracting tourists and corporate investment. They are also believed to stimulate the process of gentrification in the inner city” (Crane, 1992, p. 137).

Já desde os anos 30, 40 que a Escola de Frankfurt de Adorno, Benjamim, Marcuse, Bloch e Habermas (Assoun, 1989) realça a ligação entre a cultura e a economia ao determinar que a “*sozialforschung* (investigação social) podia entender-se desde logo no sentido restrito de estudo da textura económica das entidades sociais.” (Assoun, 1989, p.50). Porém, num domínio mais abrangente que a mera metodologia científica, a Escola de Frankfurt colocará em evidência a cultura como revitalizadora imagem da própria cidade e ser um marco impulsionador da oferta de emprego afectando decisivamente a economia. Nesta esteira, Pedro Costa (2002, 2007) indica a cultura como elemento de competitividade e desenvolvimento territorial e mesmo um modo privilegiado de requalificação ambiental e urbanística, ganhando esta visão cada vez mais adeptos.

Para recuperar alguns excessos do urbanismo logo após o período industrial, que criou espaços de exclusão, as necessidades de recuperação urbana urgem e vão ancorar-se em parte na cultura e nas suas práticas turísticas e na pluralidade de usos do próprio espaço, com ruas pedonais, ciclovias, frentes de água e esplanadas, “símbolos que nos dizem tanto sobre o presente e o futuro das nossas cidades, quanto as torres das Igrejas, que se elevam acima dos outros edifícios, nos dizem sobre as dinâmicas num passado mais longínquo.” (Fortuna, 2003, p. 221).

Actualmente, entrámos mesmo numa época de planeamento estratégico na área da cultura, “a fase em que ‘tudo é cultura’ e onde o estético invade o quotidiano e a cidade, de forma a impor o *image making*: a cultura como imagem e representação, na senda de um capital volátil e intangível” (Lopes, 2010, p. 53). Outros autores, como Orlando Garcia (2010), advogam o cruzamento mais intenso entre turismo e cultura, explicando que tal pressuposto vai mesmo ao encontro de um novo paradigma de turismo, “o turismo está neste momento no seu terceiro paradigma: o turismo de vivência e experiência que se segue, e em vários casos acumula, ao paradigma do turismo enquanto serviços de satisfação e requinte”

(Garcia, 2010, p. 233). O turismo, enquanto objecto de estudo, será alvo de revisão da literatura nesta parte.

As culturas urbanas enquanto partilha de objectos culturais ou conjuntos de géneros comunicacionais (Appadurai, 2004, p. 60) relacionam-se com o seu contexto, seja ele marcado por mobilidades, pelo urbanismo, por globalismos ou localismos. Actualmente, o tempo e o espaço emergem de tal modo comprimidos que o consumo vai privilegiar o efémero, numa lógica flexível pós-fordista. A esteticização do quotidiano é diversificada, plural e profundamente mercantilizada.

1.5.1. As culturas urbanas e o poder local

A oferta cultural de uma cidade está muito condicionada aos poderes públicos, concretamente às disponibilidades financeiras e às visões culturais do poder local. Em Portugal, conclui Santos Silva, “as Câmaras Municipais desempenham, por acção ou omissão, um papel crucial no complexo jogo de mediações – as mediações entre globalização e localismos, entre produção e pequena iniciativa, entre criação e consumo” (Silva, 2002, p. 103). Num outro estudo (2004), o mesmo autor defende a articulação entre o Estado, o poder local e a sociedade civil, em forma de rede, como a única medida possível para uma política cultural democrática.

O poder local representa um importante factor de estruturação da oferta cultural, pela gestão dos equipamentos, pelas facilidades atribuídas aos operadores, pela dinâmica da oferta e pelo propiciar de lógicas de iniciativas de cariz privado ou do denominado terceiro sector. As instâncias locais detêm o poder da mediação “o trabalho de «dar a ver», tornar acessível física e culturalmente acessível, a aproximação que os autores desejam, aliás recíproca entre a obra e receptores, entre o que Bourdieu diria ser o campo da produção pura e o campo dos consumidores locais.” (Silva, 2002, p. 101).

O quadro seguinte representa o investimento da Câmara Municipal de Coimbra no sector da cultura e desporto no ano de 2011.

Quadro n.º 7: Despesa de Capital da Câmara Municipal de Coimbra em Cultura e Desporto 2011- Euro – Milhares

Património Cultural	Publicações e Literatura	Música	Artes Cénicas	Actividades socioculturais	Recintos culturais	Jogos e Desportos	Total
2.446,1	829,0	469,6	249,2	381,3	248,3	3.693,2	8.840,3

Fonte: PORDATA:

INE - Inquérito ao Financiamento Público das Actividades Culturais das Câmaras Municipais

Em Groningen, também considerada uma cidade média, encontramos da mesma forma um reforçar do pilar local, lê-se mesmo no portal do governo: “municipal authorities provide the lion’s share of public funding for the arts: over 65%” (<http://www.government.nl/issues/arts-and-culture>). Os valores que se apresentam foram recolhidos do orçamento da Câmara Municipal de Groningen que subdivide em programas próprios a área da cultura e o campo do desporto.

Quadro n.º 8: Despesa de Capital da Câmara Municipal de Groningen em Cultura 2012- Euro – Milhões

Infraestruturas culturais CULTURELE INFRASTRUCTUUR	Promoção à participação cultural (consumidores e produtores) DEELNAME AAN CULTUUR	Outros (onde se incluem os custos do Conselho das Artes) OVERIG CULTUUR	Total
44.300,0	1.300,0	1.800,0	47.400,0

Fonte: BEGROTING 2012 GEMEENTE GRONINGEN

<http://gemeente.groningen.nl/bsd/financien/Gemeentebegroting-2012>

Quadro n.º 9: Despesa de Capital da Câmara Municipal de Groningen em Desporto 2012- Euro – Milhares

Infraestruturas desportivas SPORTIEVE INFRASTRUCTUUR	Promoção à participação desportiva DEELNAME AAN SPORT	Outros OVERIGE SPORT EN BEWEGEN	Total
25.800,0	2.000,0	478	27.800,478

Fonte: BEGROTING 2012 GEMEENTE GRONINGEN
<http://gemeente.groningen.nl/bsd/financien/Gemeentebegroting-2012>

Como é facilmente observável o investimento em Groningen é francamente superior, embora ressalvemos desde já que o número de equipamentos culturais e a densidade de oferta cultural seja igualmente superior, como se comprovará no levantamento dos equipamentos em ambas as cidades. Por outro lado, estes números reflectem a descentralização política dos Países Baixos, “Dutch municipalities finance their spending through specific (18% in 2010) and general grants (34%) from the central government, municipal levies (14%) and income from property and market activities (33%)” (Allers, 2011, p. 1).

As políticas culturais, um pouco como em todas as áreas, caminham para uma articulação entre diferentes entidades com escalas de poder diferenciadas, conjugando igualmente os poderes públicos, privados e terceiro sector, uma articulação intersectorial da cultura (Gomes, 2006, p. 118). Sem esta triangulação balanceada, não é possível ter uma estratégia eficaz e qualificada. O alargamento dos públicos, a flexibilidade das práticas, o hibridismo são factores de um novo paradigma cultural assente também ele na criatividade (Conde, 2010).

1.6. A tipologia das práticas culturais

Esta secção irá revelar o aprofundamento do conhecimento dos objectos culturais em si mesmo. Não sendo inovador, é menos comum nos estudos que se debruçam sobre a cultura, onde o enfoque recai nos criadores ou na acção social dos agentes sociais.

Aprofundando a lógica das culturas urbanas, reconhecendo como tantos outros que o estético invadiu o quotidiano, compreendemos que da “estratificação provocada pelo acesso aos bens culturais passamos à diferenciação do uso e da receptividade cultural” (Gomes, 2007, p. 12). Santos Silva (2002) também defende uma penetração entre as indústrias culturais e as do lazer modificando as lógicas da oferta. Assim, pretendemos encetar uma revisão da literatura que verse as diferentes abordagens às dimensões das práticas culturais.

Primeiramente, caminhamos para a identificação dos espaços sociais onde se desenrola cada actividade e para a conceptualização do que identificamos por tempo livre e lógicas de lazer associadas, reconhecendo como Gomes, “o tempo de consumo é um tempo de lazer potencial e os lugares de lazer são lugares de consumo por excelência” (2007, p. 17).

Os tempos sociais são marcados por um ritmo e uma estrutura simbólica que os separa por escalas. Appadurai (2004) indica que o tempo emerge mercantilizado, “o consumo evolui para marcador fenomenológico do tempo que o trabalho deixa de fora” (p.112). Pronovost (1996) avança com três distinções analíticas que nos parecem importante referenciar. Os tempos macrossociais, como os calendários e os ciclos de vida. O tempo das organizações estruturantes das nossas actividades, na medida em que impõe horários. Tempos microssociais de adaptação ao quotidiano do próprio indivíduo. Neste último campo, a importância da actividade em si mesma é proporcional ao grau de significado que o indivíduo lhe atribui. Para António Gama (1988), os tipos de lazer enquadram-se nos tempos sociais:

A relação tempo de trabalho/tempo livre põe em evidência três ou quatro tipos, conforme a dimensão do tempo livre se relaciona com o dia, a semana, o ano, a vida. Ao primeiro correspondem algumas horas fora do trabalho, do sono, e das obrigações; ao segundo, os fins de semana; ao terceiro, as férias; ao último, a reforma. (Gama, 1988, p. 210).

Elias e Dunning (1992) na identificação em cinco eixos das actividades abrangidas pelo tempo livre, apontam apenas um como dedicado a actividades de lazer, denominando-o de actividades miméticas ou de jogo, incluindo todas as práticas culturais.

À equação dos factores estruturação dos tempos sociais pelas actividades e espaços sociais em que têm lugar, Pais (1989) apelida de cronotopia. Vários foram os autores que tentaram explicar esta triangulação de espaço, tempo e actividades. Lalive D'Épinay (1983), aceitando que as actividades são a estrutura de sustentação dos tempos sociais explica as práticas sociais através de três critérios. O primeiro realça a divisão entre o carácter público do espaço, exterior, do próprio espaço privado ou doméstico. O segundo critério remete-nos para a posição de emissor ou receptor de cada indivíduo perante o objecto cultural. Isto significa que, em cada espaço identificado, o indivíduo pode usufruir o seu lazer de modo mais activo, revestindo-se de um carácter de emissor, ou mais passivo e neste caso receptor. O último critério é a modalidade, ou seja a distinção das práticas segundo as formas de interacção do sujeito, marcadas pela forma de informação, expressão e sociabilidade.

Madureira Pinto, em 1994, introduziu a sua tipologia com espaços doméstico e colectivo, distinguindo estes espaços dos confinados às subculturas emergentes: indústrias culturais e o espaço da cultura sobrelegitimada e erudita. Este autor avança também com o cruzamento em quatro modos de relação com os bens culturais: criação, expressão, participação e recepção. Criação entendida como produção cultural. Participação apelando a uma integração do sujeito mais ou menos directa numa iniciativa de outrem. A expressão no seguimento da interacção. Por último, a recepção no sentido de acolhimento de modo mais passivo de um produto cultural.

Teixeira Lopes (2000), na esteira de Madureira Pinto, acrescentou um espaço semipúblico e duas categorias de práticas associadas à criatividade ou interacção com origem na cultura de massas ou alta cultura. Esta lógica de associação ao espaço é explicada,

Não pretendemos atribuir às estruturas espaciais um poder causal *per se* (...). A grande virtuosidade heurística da análise dos contextos físicos em que ocorre a actividade receptiva prende-se com o argumento de Giddens que os cenários de interacção se ligam de forma intensa aos factores mais institucionalizados e sedimentados da ordem social. Esta actualiza-se nas interacções recorrentes e quotidianas que apenas podem ser reconstituídas por referência a um dado contexto. (Lopes, 2000, p. 62).

À divisão de espaços da cultura urge igualmente dispor de uma cartografia de práticas culturais que nos permitam distinguir os géneros de bens ou serviços culturais, numa lógica de produção de cariz política, como o bem ou serviço cultural será oferecido a partir dos poderes locais das duas cidades em estudo. Todavia, centrar-nos-emos na articulação da obra e na recepção do público e especialmente na forma como é veiculada institucionalmente a informação. É com este enquadramento teórico que passamos para o estudo empírico das agendas culturais nas duas cidades.

1.7. Conclusões do enquadramento cultural

Esta parte iniciou-se por uma exploração do conceito de cultura, através dos seus usos disciplinares e pela explanação da articulação entre o famoso diamante cultural de Griswold (1986) que interliga dois eixos, o autor e o receptor, o mundo social e os objectos culturais.

Encontrar critérios epistemológicos e métodos científicos únicos para um território epistemológico heterogéneo é difícil e debatemo-nos com teorias já instituídas em paradigmas da modernidade. Teoria que não incluem os fenómenos da natureza e raramente incluem os particularismos, que ora enfatizam os criadores, ora os públicos e as suas capacidades de recepção, com um modo tradicional de definição muito arreigado à homogeneização e universalização. Foi precisamente esta visão que se procurou desconstruir, caminhando no sentido da valorização da diferença e das dissemelhanças, fugindo de algum modo do etnocentrismo ocidental de que todos somos herdeiros.

A organização social da cultura foi explorada nas dimensões de campo, de mundos da cultura e de géneros. Nestas diferentes formas estruturação, o que sobressai é a emergência do hibridismo dos objectos e das ciências de fronteira. Não podemos afirmar que as teorias de Bourdieu e Becker estejam obsoletas, porquanto permanece nos estudos da cultura uma percepção hierárquica ligada à estratificação social, bem como os mundos da cultura representam uma parte das convenções dos objectos.

A necessidade de tornar o conhecimento da cultura científico conduziu à criação de vários sistemas de classificação dos objectos de arte, sendo que estudar a cultura é tentar compreender a relação entre a identidade, a autenticidade e a alteridade. Na esteira da produção cultural a discussão centrou-se na alta cultura, na cultura popular e na cultura de massas, mas também esta divisão surge agora afectada pelas mudanças na sociedade e pela porosidade de fronteiras entre objectos.

Numa visão quase arquetípica do modelo da modernidade, a ligação da cultura ao Estado, ao mercado e à comunidade faz-se de modo diferenciado consoante a posição no sistema mundo.

Ao centrarmo-nos nas cidades emergiu a necessidade de relacionar as práticas culturais e o campo do lazer, num domínio pós-fordista, marcado pela diversidade, pela esteticização do quotidiano e do consumo como compasso de tempo do urbanismo. Inclusivamente, acreditamos que o estilo de vida e, por conseguinte, os hábitos de consumo condicionam a estrutura social.

As dinâmicas culturais variam consoante as cidades. Assim, desta forma procuramos explicar a sua organização, onde ressalta o papel do poder local, também ele influenciado pela posição do sistema mundo dos países integradores das cidades em estudo.

As próprias dinâmicas culturais nos remetem para uma questão científica, geralmente afastada dos debates de foro intelectual no domínio da cultura, muito cingidos aos emissores ou públicos, a própria tipologia das práticas culturais, conceito revisitado pelos estudiosos do lazer. As práticas ligam-se ao tipo de espaço e deste modo abordámos as tipologias que articulam os grupos sociais e os espaços.

A cultura tornou-se mais abrangente, integra um património universal e paralelamente inclui as diferenças e particularismos, implica um conhecimento mais emancipatório. A arte pode representar um dos últimos lugares de reencantamento do mundo.

2. Centros e periferias em educação

Na primeira parte do trabalho apresentámos a ligação entre a criação de ambas as universidades inseridas no espaço Europeu e a religião. A laicização das universidades apresentou-se como a primeira ruptura, de parentalismo epistemológico da Igreja para o Estado. Esta fase foi descrita por Oliveira (2000) como um período onde emergiu um novo *ethos* da instituição, com a nova função de investigação a par do ensino e que se deu temporalmente no início do século XVIII. Esta revolução Humboldtiana¹⁴, como é conhecida, implica uma universidade não sujeita ao Estado em termos ideológicos e portanto com alguma independência, caracterizada pela procura do saber desinteressado, nesse objectivo da busca da verdade pela investigação.

Outros autores referem-se igualmente aos modelos napoleónico e inglês das universidades para caracterizar o período em análise:

O modelo de conhecimento, que corresponderia à ideia humboldtiana de universidade (o 'modelo de investigação'), o modelo profissional, que corresponde ao modelo das grandes *écoles* francesas - que se situam, em termos de prestígio e estatuto, acima das universidades -, o 'modelo da formação' concentrado sobretudo na formação de quadros para o aparelho de Estado, e o modelo da personalidade, na esteira da formação do Oxbridge de formação do carácter através de uma educação liberal (o modelo da personalidade) (Magalhães, 2006, p. 19).

Estes modelos de universidade ancoraram-se nos princípios da modernidade da razão e da ciência (Candeias, 2005). A instituição universitária chega até ao século XXI descrita por alguns autores como universidade de Modo 1 (Gibbons, 1994), "com estruturação do conhecimento científico em disciplinas, uma certa concepção de ciência e de cientista, um conjunto de normas sociais que regulam este sistema e a identificação de lugares / instituições que participam na construção e financiamento do edifício científico" (Oliveira, 2000, p. 100).

¹⁴ Friedrich Humboldt foi um dos primeiros pensadores do sistema de ensino alemão e é conhecido por ser o criador do sistema universitário alemão, um linguista que reflectiu o sistema de ensino num texto *Sobre a Organização Interna e Externa das Instituições Científicas*.

Contudo, as universidades são igualmente produtos de uma teia de geopolítica do conhecimento, de escala global e local (Dale, 1998; Martins, 2005). Para além das tradicionais funções de ensino e investigação, as universidades hoje sofrem pressões de resposta a problemas de foro local e transnacional, numa expectativa de reposta prospectiva para problemas ainda emergentes. As pressões cruzam-se e as lógicas nunca são adaptadas meramente numa só perspectiva. Assistimos ao crescimento das universidades de Modo 2 (Gibbons, 1994), transformadas em empresas, geridas ao sabor do mercado, com responsabilidade directa na competitividade do país, onde não basta inovar, as criações têm que ter valor de mercado, devem ser comercializáveis (Oliveira, 2000).

Para alguns autores como Perry & May, a excelência e a relevância do conhecimento podem ser enquadrados, à medida de tipos ideais weberianos, enquanto recursos analíticos, de modo contextualizado ou descontextualizado:

a excelência descontextualizada (...) onde os processos de produção de conhecimento estão separados do contexto em que são produzidos. O corolário desta perspectiva é a relevância competitiva, onde a obtenção de financiamentos provenientes da indústria ou das actividades de consultoria é vista como estando em plano de igualdade com o financiamento académico enquanto indicadores de qualidade. (...) A excelência contextualizada destaca os benefícios indirectos da ciência e da tecnologia para determinados espaços e locais. As políticas centram-se na atracção de equipamentos, de pessoal, estudantes ou equipamentos de “classe mundial” – através da criação de enquadramentos favoráveis - e baseiam-se em pressupostos sobre os benefícios indirectos que daí advêm. A relevância é contextual (Perry & May, 2008, p. 112).

A excelência descontextualizada é descrita como globalização neoliberal da educação, incorporada igualmente nos discursos políticos europeus que apelam, por exemplo, à convergência de um Espaço Europeu do Ensino Superior e de Investigação. Nesta forma de educação descrita pela Organização Mundial do Comércio integra-se o ensino à distância, possibilitado pela internet; o turismo da educação no sentido hegemónico de consumo no estrangeiro; as filiais de universidades sediadas no estrangeiro, com funções de recrutamento de estudantes ou vendedoras de serviços; e a profusão da mobilidade de professores e investigadores.

No seio da globalização do ensino superior e, por conseguinte da universidade, deparamo-nos com as crises que atravessam estas instituições e pela forma como são encaradas pelos Estados nacionais, variando consoante a sua posição no quadro do sistema-mundo. A análise das crises de hegemonia, legitimidade e institucional, bem como a transnacionalização da educação estão ancoradas na reflexão de Sousa Santos (1994, 2005), Stoer (2001), Dale (1998, 1999), Cortesão (2001) e Gomes (2002, 2005).

A crise de hegemonia representa a progressiva perda de supremacia da universidade, enquanto detentora do conhecimento, perante as novas exigências do mercado, da sociedade e mesmo do Estado, bem como pela dificuldade em lidar com as dicotomias alta cultura - cultura popular; educação - trabalho; teoria - prática. No que concerne ao dualismo alta cultura e à cultura popular, “a massificação da universidade não atenuou a dicotomia, apenas a deslocou para dentro da universidade e pelo dualismo que introduziu entre universidade de elite e universidade de massas.” (Santos, 1994, p.169). Já Bourdieu e Passeron (1981) defenderam que a massificação do ensino desmistifica a escola meritocrática, reproduzindo as desigualdades sociais. A trajectória educação-trabalho tornou-se ela própria questionada em termos de sequência, “a formação e o desempenho profissional tendem a fundir-se num só processo produtivo (...) verifica-se, assim, um certo regresso ao generalismo, ainda que agora concebido, não como saber universalista e desinteressado próprio das elites, mas antes como formação não profissional para um desempenho pluriprofissionalizado.” (Santos, 1994, p. 172). Esta sequência é actualmente revertida ou contrariada, poucos são os estudantes que têm a progressão académica clássica de outrora, deparamo-nos com uma panóplia de estudantes, trabalhadores estudantes, estudantes em situação de desemprego e com diversos escalões etários. A dicotomia teoria-prática explica-se pela primazia da primeira enquanto marco ideológico que se viu frontalmente confrontada com a reivindicação do envolvimento da universidade e do conhecimento por ela produzido na resolução de problemas económicos e sociais prementes.” (Santos, 1994, p. 173). Ao tentar solucionar problemas advindos do exterior e do mundo prático, está a teoria a iniciar a sua subjugação à prática.

A crise de legitimidade está intimamente ligada à hegemonia, ao entendimento da educação superior enquanto direito social. “A crise de legitimidade

ocorre, assim, no momento em que se torna socialmente visível que a educação *superior* e a *alta* cultura são prerrogativas das classes superiores altas” (Santos, 1994, p. 183). Novamente, corroborando com as teorias de Bourdieu e Collins (1979), constata-se que sendo a educação um direito, continua a não chegar a todos e não é interiorizada por todos do mesmo modo.

A crise institucional radica-se na perda de autonomia, “o valor que está em causa na crise institucional é a autonomia universitária e os factores que têm vindo a tornar cada vez mais problemática a sua afirmação são a crise do Estado-Providência e a desaceleração da produtividade industrial dos países centrais.” (Santos, 1994, p. 186). Esta última crise aglutinou todas as outras e tornou-se a mais debatida:

a concentração na crise institucional pudesse levar à falsa resolução das outras duas crises, uma resolução pela negativa: a crise de hegemonia, pela crescente descaracterização intelectual da universidade; a crise da legitimidade, pela crescente segmentação do sistema universitário e pela crescente desvalorização dos diplomas universitários, em geral (Santos, 2005, p. 7).

As universidades passam por um período de descapitalização do próprio Estado e este fenómeno é globalizado, embora encarado por diversas escalas, na medida em que se pode vislumbrar nas agendas das agências financeiras multilaterais a perda de centralidade das políticas sociais e por conseguinte da própria educação. Paralelamente, ao nível dos mercados caminha-se para um mercado transnacional da educação, assente numa globalização neoliberal da universidade, puramente mercantilista (Santos, 2005).

Na visão de Sousa Santos, os países centrais no sistema-mundo avançaram para um conhecimento pluriversitário, entendendo este como “um conhecimento contextual na medida em que o princípio organizador da sua produção é a aplicação que lhe pode ser dada.” (Santos, 2005, p. 29). Isto significa o caminhar para instituições de Modo 2 definidas por Gibbons, de que são exemplo as universidades americanas.

As grandes universidades europeias dos países centrais, como o Reino Unido e a Alemanha procuram seguir este modelo que, entre outras medidas,

divulga o *outreach*, universidades prestadoras de serviços, respondendo a necessidades comerciais. As universidades dos países semiperiféricos, embora tentem seguir os mesmos caminhos centrais são coartadas, exactamente pelas características dos seus países, pois a ligação entre o mercado e as universidades é frágil, o mercado não é exigente e assim se recriam e mantêm na semiperiferia, mesmo no Modo 2. Para as instituições da semiperiferia, o reposicionamento no sistema mundial é encarado como uma solução para dar autenticidade e validade ao sistema de ensino e colmatar a crise de legitimidade instalada (Gomes, 2005, 2005a).

Podemos observar melhor a comparação destes modos de produção de conhecimento definidos por Gibbons (1994), em que no tipo 1 o contexto é a própria universidade e no tipo 2 o contexto é o mercado:

Tabela n.º 3: Atributos dos Modos de tipo 1 e 2 para a produção de conhecimento

Modo 1	Modo 2
Contexto académico	Contexto de aplicação
Disciplinar	Transdisciplinar
Homogeneidade	Heterogeneidade
Autonomia	Contabilidade reflexiva
Qualidade tradicional aferida pelos pares	Novos modos de controlo da qualidade

Adaptado¹⁵ de Hessels, 2008, p. 741

É nesta transição que nos encontramos no ensino superior, na sequência do modo 1 para o modo 2, que se faz de modo mais rápido, ou com vicissitudes próprias de cada país. Na generalidade, passamos para uma produção do conhecimento que varia consoante o valor do mercado, que trabalha em rede e cruzando especialidades, dependente dos objectivos da comercialização. A avaliação da qualidade deste conhecimento faz-se por elementos externos, com critérios de gestão empresarial.

¹⁵ tradução da própria

Esta forma de incorporar a globalização da educação em cada país pode fazer-se por diversos mecanismos. Nesta esteira, socorremo-nos nas tipologias de Roger Dale (1999) no que concerne aos efeitos dos mecanismos de globalização na educação: imitação, aprendizagem, harmonização, disseminação, estandardização, implantação de interdependências e de imposição. Sabemos de antemão que estudar no domínio da educação é também

a possibilidade de encontrar uma multiplicidade de situações conjunturais (umas do tipo de localismos globalizados, outras com características de globalismos localizados, outros ainda de cosmopolitismo ou de património comum da humanidade), de actores e de agências que estão afinal, preferencialmente em relação com a ocorrência de certos tipos de acontecimentos, bem como das áreas e controvérsia geradas à volta desses acontecimentos (Cortesão & Stoer, 2001, p. 386).

Todos estes acontecimentos se revestem de uma capacidade de interligação rápida, facilitada pelo desenvolvimento tecnológico, que no seu geral criam uma comunidade denominada por Manuel Castells (2002) de sociedade em rede, característica desta forma de globalização, pela rapidez e forma de comunicação entre as pessoas. Numa época repleta de tecnologia e informação, denominada de era da informação, a educação não perde centralidade na viagem da globalização, a educação, enquanto repositório de informação serve de bússola para o indivíduo, a educação na visão deste autor assume a característica da sociedade actual e torna-se informacional, entendido como “ a geração, o processamento e a transmissão de informação tornam-se as fontes fundamentais de produtividade e poder devido às novas condições tecnológicas” (Castell, 1999, p. 46).

A educação deve mesmo ser revalorizada, embora com características diferentes, pois só ela nos poderá indicar o caminho dentro de um mundo em transição. No entanto, a globalização neoliberal da educação sustentada numa comunidade científica global, assente em grupos hegemónicos implica um afastamento do Sul, isto é das universidades situadas nas periferias do sistema mundial. Esta separação é evidenciada por Bernheim & Chauí (2003) em três pontos fundamentais:

1) Há desigualdade com respeito aos recursos financeiros, instrumentais e técnicos para a pesquisa; 2) há desigualdade de oportunidades para divulgar e aplicar os resultados da pesquisa; 3) para terem entrada na academia mundial, os membros dos países periféricos dependentes concordam em restringir a sua pesquisa a problemas, assuntos, temas, métodos e técnicas definidas nos países centrais hegemónicos. (Bernheim & Chauí, 2003, p. 14).

O novo modelo de educação do ensino superior reporta-se ao quotidiano globalizado em que vivemos, com novas formas de trabalho, novos modelos de produção e consumo, onde os estudantes são clientes e os docentes empresários, onde a gratuidade do ensino superior se perdeu e as bolsas de estudo decrescem, a par do crescimento dos empréstimos para formação, hipotecando o futuro de muitos jovens. Magalhães (2006) citando Deem, refere que sob a falácia da procura da melhoria contínua se esconde um novo “*managerialismo* (...) numa procura de eficiência, eficácia e excelência, surgindo frequentemente as assunções sobre a contínua melhoria das organizações como tema dominante” (Deem, 2001, p.10).

Esta nova visão de produção do conhecimento visa essencialmente mitigar a liberdade de pensamento académico, estando este subjugado às lógicas de mercado. Neste ponto recaímos numa renovada crise de pensamento e de reconstrução da universidade, com efeitos mais perniciosos na periferia e na semiperiferia. Se a associação de uma renovação da Universidade se ancora um projecto nacional de país (Santos, 2005), Portugal perante as intervenções externas a que foi sujeito, caminha para um reforço da crise de legitimidade da Universidade, que se encontra sem o apoio estatal, sujeita a imposições transnacionais favoráveis aos países centrais que as determinam e corroída por dentro por elementos que tentam manter um prestígio obsoleto e paralelamente “... que sob o efeito de escala, miniaturiza o pensamento crítico nacional, reduzindo-o à condição de idiosincrasia local indefesa ante a imparável torrente global” (Santos, 2005, p. 35).

Na agenda transnacional da educação encontramos diversos exemplos de implicações práticas no sistema de ensino superior (Smith, 1997; Simons, 2009). De seguida debruçar-nos-emos em dois exemplos: no Processo de Bolonha e nos rankings universitários.

A própria União Europeia perante o mercado transnacional de educação procurou precaver-se, desde os anos 80, harmonizando o sistema de ensino

superior, através de uma regra *top-down*, de globalismo localizado, que se veio a formalizar no denominado Processo de Bolonha, decorrente da Declaração de Bolonha, por exemplo, que indica entre vários objectivos:

Especificamente, temos que ter em conta o objectivo de aumentar a competitividade internacional do sistema europeu de ensino superior. A vitalidade e eficiência de qualquer civilização podem ser medidas pela atracção que a sua cultura tem para os outros países. Precisamos assegurar que o sistema de ensino superior europeu adquire mundialmente um grau de atracção igual ao das nossas extraordinárias tradições culturais e científicas. (Declaração de Bolonha, 19 de Junho de 1999).

Considerando a União Europeia uma agência de transnacionalização, enquanto entidade que pode actuar nos diferentes espaços nacionais, o Processo de Bolonha emerge como um exemplo de transnacionalização de políticas educativas (Cortesão & Stoer, 2001), onde uma agência supranacional se sobrepõe às políticas nacionais, num modelo claro de standardização, de interdependência e de imposição (Dale, 1999). No entanto, devemos perceber a desarticulação entre os valores defendidos e as práticas reais como “resultado dos processos de recepção cultural, específicos a cada país, dependentes entre outros aspectos da posição relativa de um dado Estado no espaço mundial.” (Gomes, 2005, p. 66). As imposições decorrentes do Processo de Bolonha, por exemplo, foram encaradas de modo diferenciado em cada país aderente, resultado da estruturação do ensino superior, da forma de legislar de cada Estado. No seu todo reflecte os diferentes modos de produção social de cada país e como a sociedade absorve a mudança.

This confirms a trend that can also be observed at national level: increasing internationalization means growing exposure to international comparisons and competitions and leads back to a self critical assessment of one's own strengths and weaknesses ending up with either registration and vigorous institutional reforms (Bode & Davidson, 2011, p. 72).

Nos Países Baixos, o NUFFIC¹⁶ criou um grupo de trabalho, neste momento coordenado por um docente da Universidade de Groningen, que monitoriza a aplicação das regras de Bolonha nas instituições holandesas.

A ideia original de uma rede de universidades europeias de partilha de conhecimentos não é por si desvirtuada, o que se pode criticar é a visão mercantilista dada a esse mesmo conhecimento.

Igualmente sob este prisma, de estandardização, as universidades surgem hierarquizadas em *rankings universitários*, com critérios rígidos que plasmam as próprias teorias de dependência económica dos próprios países. Tudo se classifica e enumera, o número de patentes, o número de empresas de *spin-off*, a captação de recursos, de financiamentos, de estudantes naquilo que é denominado por Slaughter e Leslie, citados por Perry & May (2008), como “capitalismo académico”.

A diversificação da missão das universidades tem sido acompanhada por uma estratificação da ordem universitária na qual as universidades se comparam através e tabelas classificativas internacionais de excelência na investigação (...) o resultado é uma economia política-científica internacional que tende para a competição e para a concentração e que deixa de lado as questões da distribuição e da equidade (Perry & May, 2008, p.106).

A orientação pelos rankings universitários sob a égide do marketing, implica a recolha de dados, a sua estandardização e posterior comparação, o que nos remete de imediato para as questões da transparência na recolha dos dados e na fiabilidade dos indicadores (Saisana, & D’Hombres, 2008). A UNESCO-CEPES¹⁷ (UNESCO European Centre for Higher Education) em 2002 juntou um grupo de peritos que se debruçaram sobre a temática da qualidade dos rankings. Os rankings variam consoante os indicadores combinados (Harvey, 2008). Podem revelar-se por uma combinação numérica simples ou por clusters científicos, a periodicidade pode variar, mas sem dúvida que se apresentam como ferramentas de marketing muito fortes.

¹⁶ NUFFIC - É uma organização sem fins lucrativos de promoção do ensino superior holandês, apoiada pelo Governo dos Países Baixos.

¹⁷ IREG Observatory on Academic Ranking and Excellence (in short: IREG Observatory) is an international institutional non-profit association of ranking organizations, universities and other bodies interested in university rankings and academic excellence. (<http://www.ireg-observatory.org/>).

Num estudo publicado em 2007, Buela-Casal *et al* apresentam um quadro comparativo de indicadores dos quatro maiores rankings geralmente utilizados, descrito de acordo com os indicadores e pesos utilizados:

Quadro n.º 10: Comparação dos indicadores de quatro rankings

Rank	Categorias académicas	Shangai ¹⁸	Times ¹⁹	CEST ²⁰	Asia Week ²¹	Pontuação total
1	Qualidade de pesquisa	80.0	20.0	100.0	16.5	100.0
2	Reputação		50.0		20.0	32.0
3	Recursos humanos		25.0		15.0	23.1
4	Características iniciais	10.0	5.0		25.0	13.9
5	Recursos materiais				20.0	9.2
6	Resultados	10.0			3.3	6.1
7	Processo de aprendizagem					0.0

Adaptado de Buela-Casal *et al*, 2007, p. 359²²

O que ressalta à primeira vista é que o processo de aprendizagem não é avaliado em termos de rankings e que praticamente em todos os modelos a investigação científica é prioritária, embora com pesos de ponderação variados. Cada dimensão é composta por diferentes indicadores. Se aprofundarmos os estudos em termos de itens da qualidade de investigação observamos que outros pesos são distribuídos de modo desigual, uns valorizam mais os artigos em bases científicas, outros em artigos *peer review* e contabilização de citações, o que nos conduz para as questões do *impact factor*. O mesmo se passa com os recursos humanos onde por vezes o indicador da internacionalização dos docentes tal como o indicador dos alunos são contabilizados, por vezes a ponderação é baixa ou sem qualquer valoração. Outros autores contribuem para esta crítica revelada pela supremacia do inglês, das ciências naturais, na desvalorização de livros científicos e pela falta de indicadores que avaliem a comunidade académica (Badat, 2010; Lucas, 2006). Podemos concluir “this suggests that there exists quite consistency on the

¹⁸ Shanghai - Shanghai Jiao Tong University Ranking

¹⁹ Times- Times Higher Education World Ranking

²⁰ CEST- QS World University Rankings

²¹ Asia Week - Asia's Best Universities

²² Tradução da própria

indicators that must receive higher weights through international university rankings; however, the concordance regarding those indicators with lower weights is smaller.” (Buela-Casal *et al*, 2007, p. 362).

O número de citações como indicador de rankings, muitas usam a SCOPUS²³, é muito criticado pela forma como é estandardizado e de certo modo manipulado pelos próprios investigadores, pois

Authors are most likely to reference other authors whom they know. Given an intrinsic tendency to reference national colleagues or English-language publications, the reputational or halo factor implies that certain authors are more likely to be quoted than others. This may occur because of their work, or because of informal networks. Self-citation, by which authors reference their own work, can also have a knock-on positive effect. (Hazelkorn, 2010, p. 256).

A grande problemática dos rankings associa-se ao facto de tornar o *status* de uma universidade visível e tal traz consequências, na visibilidade da imagem dessa universidade, contribuindo para uma boa ou má reputação (Sanz-Menéndez & Moya-Anegón, 2010). A hierarquização vertical das universidades reflecte bem a hegemonia da globalização do ensino superior, mesmo pelo afastamento das universidades do Sul. Os rankings são assim, igualmente, um exemplo da crise de legitimidade das universidades, quanto mais para baixo forem as suas posições, menor legitimidade têm.

As universidades assim colocadas no sistema global são figuras das financiopaisagens que relata Appaduarai (2004). Os rankings emergem assim como elementos do ensino superior global (Liu, 2005). Como as universidades europeias na sua generalidade surgem mal posicionadas nestes rankings, a União Europeia em 2008 “plan to challenge existing league lists by creating an alternative, multidimensional tool for evaluation of world universities, in an attempt to introduce new assessment criteria into this high-stakes global competition” (Erkkilä & Kauppi, 2010). Neste contexto, que se pretende inovador, a União Europeia pretende medir igualmente outros indicadores como os *learning outcomes*, mas não deixa se aparentar outra falácia, um novo *ranking* para combater outros.

²³ SCOPUS- Scopus, the largest abstract and citation database of peer-reviewed literature, features smart tools to track, analyze and visualize research. (<http://www.elsevier.com/online-tools/scopus>).

Considerando os rankings uma quase inevitabilidade, vários autores têm optado pela tentativa de reestruturação dos indicadores, a mensuração da aprendizagem, da comunidade acadêmica, a utilização de organizações sem fins lucrativos para a standardização dos dados, a revisão da forma de submissão e aceitação de artigos científicos²⁴, a revitalização de outras línguas menos faladas e a reapreciação das ciências sociais.

Estes indicadores são sinais de um conhecimento que se identifica com realidades emergentes, num saber pela emancipação, baseado em causas, não em interesses de mercado.

Não existe uma falência de alternativas na educação, isto é, não caminhamos ineroxavelmente para uma universidade de tipo 2 de Gibbons, este não é o único caminho. Existe sim, uma grande dificuldade em seguir trilhos não conhecidos, onde os decisores políticos receiam não terem sustentabilidade económica. Esse caminho far-se-ia na busca de conhecimentos alternativos, que incluísse, nomeadamente a crítica à metodologia científica. Mas acima de tudo um novo caminho que integrasse uma visão de universidade diferenciada, como defendem alguns autores que nos remetem para uma internacionalização compreensiva:

Comprehensive internationalization is a commitment, confirmed through action, to infuse international and comparative perspectives throughout the teaching, research, and service missions of higher education. It shapes institutional ethos and values and touches the entire higher education enterprise. It is essential that it be embraced by institutional leadership, governance, faculty, students, and all academic service and support units. It is an institutional imperative, not just a desirable possibility.

Comprehensive internationalization not only impacts all of campus life but the institution's external frames of reference, partnerships, and relations. The global reconfiguration of economies, systems of trade, research, and communication, and the impact of global forces on local life, dramatically expand the need for comprehensive internationalization and the motivations and purposes driving it. (Hudzik, 2011, p. 6).

²⁴ Cabe neste ponto a referência a um falso estudo científico aceite para publicação em mais de 150 revistas de acesso livre, resultado de um estudo de um jornalista de ciência de Harvard, John Bohannon, que comprovou a falta de controlo de qualidade científica e a importância do pagamento dos artigos. Jornal online Público <http://www.publico.pt/ciencia/noticia/falso-artigo-cientifico-aceite-para-publicacao-por-quase-200-revistas-especializadas-de-acesso-livre-1608118>, acedido a 04/10/2013.

Esta visão de Hudzik (2011) assenta na possibilidade de todos os alunos estarem expostos à internacionalização pela comparação de conteúdos como parte dos seu currículo, a própria internacionalização ser encarada como uma competência a ser adquirida e incorporada nos comportamentos, oferecer a possibilidade a todos os estudantes de experienciarem um período de mobilidade, a incorporação activa nos planos curriculares de outras perspectivas, promover a integração dos estudantes estrangeiros junto dos nacionais, tudo isto como um verdadeiro compromisso com a comunidade.

Mesmo nos países centrais observamos alguns laivos contra-hegemónicos como acabámos de descrever, nomeadamente aqueles que observam regras de uma cidadania com consciência e incorporam nos seus currículos novos temas.

Outros autores vão mais longe e explicam que a busca de um conhecimento emancipatório só é possível pela desconstrução do modo como actualmente pensamos, temos que repensar os quadros epistemológicos com os quais absorvemos as experiências. Esta mudança de paradigma, não pode ser ainda considerada um novo paradigma, pois no caminho da mudança e no mundo de bifurcação em que nos encontramos só reconhecemos que estamos numa transição. Boaventura de Sousa Santos (2002) explica que podemos reconhecer pela sociologia das ausências objectos de estudo que foram renegados pela ciência ocidental,

a pobreza da experiência não é a expressão de uma carência, mas antes a expressão de uma arrogância, a arrogância de não se querer ver e muito menos valorizar a experiência que nos cerca, apenas porque está fora da razão com a que podemos identificar e valorizar (Santos, 2002, p. 245).

Sousa Santos (2002) apresenta uma sociologia das ausências que nos revela objectos de estudos que não passaram no crivo da modernidade que poderão ser revertidos por uma nova ecologia dos saberes. Valorização de objectos que não são considerados contemporâneos (como o tradicional) a estudar numa ecologia das temporalidades. Observar o inferior no sistema de classificação moderno numa ecologia de reconhecimentos sem hierarquias. Uma ecologia das trans-escalas que

se foque nos acontecimentos locais, não apropriados pelos globalismos. Uma nova ecologia da produtividade, estudando o que ficou de parte porque era improdutivo e portanto fora da lógica de mercado. A sociologia das emergências surge, pelo mesmo autor como um modo de estudar o que está entre as experiências e as expectativas, algo que está para nascer, mas que não se sabe o caminho e é o mais revelador do mundo em transição que atravessamos. Este modelo das sociologias da ausência e da emergência culmina com uma teoria da tradução, numa hermenêutica diatópica que “parte da ideia que todas as culturas são incompletas e, portanto podem ser enriquecidas pelo diálogo e pelo confronto com outras culturas” (Santos, 2002, p. 264).

O mesmo autor apontou para um caminho as Universidades do século XXI, que no caso português embora aberto, surja agora mais condicionado à globalização transnacional da educação, uma vez que recentemente o país foi intervencionado pelo Banco Mundial, pelo Banco Central Europeu e pelo Fundo Monetário Internacional, impondo políticas que caucionam o projecto político nacional. Deste modo, as soluções preconizadas para as universidades levarão mais tempo, na busca da recuperação da massa crítica que lhe permita responder a problemas de todas as escalas, sob a égide de uma ecologia dos saberes.

Apropriando estas ideias à globalização da educação e especificamente ao turismo de educação, podemos compreender que este poderá emergir num plano hegemónico como um produto do mercado global da educação e neste prisma o consumo no estrangeiro da educação transporta consigo as mesmas bases de estratificação social, pois só uma elite o consegue fazer. Por conseguinte emerge como uma resposta alternativa à descapitalização estatal do ensino superior e esta resposta é mais evidente nos países centrais que assumem plenamente o turismo da educação como um segmento a procurar e a incrementar como países receptores. Nos países semiperiféricos, especificamente Portugal, o turismo de educação balança entre as lógicas da descapitalização do Estado, as obrigatoriedades transnacionais e os interesses privados, pelo que os avanços e recuos em termos legislativos sejam o reflexo desta mesma semiperiferia. De igual modo, o turismo da educação recentra-nos na nossa semiperiferia, exportamos estudantes para os países centrais e tentamos captar estudantes nas nossas antigas colónias, nomeadamente no Brasil e em Macau que actualmente pertence à

China. Talvez se vislumbre algum sucesso nesta lógica de captação se considerarmos o volume demográfico destes dois países em questão.

Todavia, o turismo de educação poderá ser igualmente um produto da globalização contra hegemónica se o encaramos nesta nova perspectiva de conhecimento de ecologia dos saberes em que os estudantes possam confrontar positivamente as suas culturas numa procura desinteressada, da internacionalização compreensiva de Hudzik (2011) ou numa hermenêutica diatópica com zonas de contacto epistemológico, onde se verificam identidades e disjunturas (Santos, 2005). O turismo de educação poderá, em termos científicos, seguir diferentes caminhos tanto na lógica da captação de estudantes, como na procura do intermulticulturalismo.

É com este enquadramento da educação que partimos para a análise do turismo de educação, enquanto objecto de estudo.

3. Turismo de educação

3.1. Problemática

O papel da educação no turismo é maioritariamente entendido como uma forma de legitimação científica do próprio turismo, de reconhecimento científico e académico desta área emergente que começa a criar algumas correntes entre instituições de saberes, marcadamente emancipatórias no presente panorama académico nacional e também internacional. Na esteira deste filão, mas numa outra óptica, o estudo proposto incide sobre a educação como dimensão do turismo, a sua ligação à cultura e conseqüentemente as suas repercussões económicas no crescimento do mercado de turismo internacional.

Vários são os desafios que se apresentam num quadro de globalizações. Associado ao turismo de educação cruzam-se áreas ricas em saberes, assentes nas cidades médias e nas suas dimensões culturais, bem como a expansão uniforme educacional que atravessou a Europa, baseada no modelo do processo de Bolonha. Se por um lado, pensamos encontrar a homogeneização da educação, bem patente nos ciclos de estudo, por outro esperamos encontrar cosmopolitismos de conteúdos que incluam, de forma solidária, o inter-culturalismo. As próprias culturas urbanas podem encerrar em si mesmo laivos contra-hegemónicos, diferentes das culturas hegemónicas e massificadas.

O turismo de educação, como área científica emergente que é, não está confinado a paradigmas teóricos enraizadamente estanques, mas socorre-se de um conjunto de tipologias analíticas que permitem conceptualizar os resultados. Por conseguinte, a convergência teórica é valorizada num verdadeiro esforço interdisciplinar com as matérias de história, demografia, geografia, sociologia e ciências da educação. Tal como diz Caroline Brettell,

Bridge building in our views, might best proceed through the development of interdisciplinary research projects on a series of common questions to which scholars in different disciplines and with different regional interests could bring

distinct insights draw from their particular epistemological frameworks. (Brettell, 2000, p. 18).

Este trabalho combina assim as teorias da dependência e da globalização de Wallerstein (1979, 1991), Sousa Santos (2001), Giddens (1990, 1999) e Featherstone (1991), com os estudos de práticas culturais urbanas de Bourdieu (1996), Crane (1992), Appadurai (2004), Fortuna (1999, 2003), Santos Silva (2002), Florida (2005), Friedmann (1994) e Castells (1999, 2002), a visão de educação de Gomes (2005), Stoer (2001), Cortesão (2001), Dale (1998, 1999), Gibbons (1994) Schriwer (1999) indo ainda captar alguns dos modelos conceptuais das mobilidades de fluxos transfronteiriços assentes quer nos modelos de atracção-repulsão, quer no modelo das redes em ambos os extremos da trajectória de Baganha (2001), Massey (1998) e Portes (1995). Na área do turismo abordará Urry (1997, 2007), Glover (2001), Scott (2001), Bhandari & Blumenthal (2011), entre outros.

O turismo de educação não sendo um fenómeno novo, tem sido pouco estudado no quadro do sistema mundial actual, especialmente na União Europeia, como atesta a pouca bibliografia encontrada neste domínio no plano Europeu. A pertinência do presente estudo foi sem dúvida explorar o domínio deste campo, não apenas na lógica individual do sujeito-actor, enquanto estudante e turista, mas contextualizar a acção na dinâmica das cidades e da cultura de duas cidades europeias. A actualidade e premência do estudo quase que são explicadas tão somente pelos números apresentados sobre os fluxos transfronteiriços com o propósito de aprendizagem em contexto de mobilidade ou com o objectivo de obtenção de um diploma.

O maior destaque do trabalho é mesmo a comparação das cidades, da oferta cultural, bem como da população estudantil internacional da Universidade de Coimbra e da Universidade de Groningen. As conclusões por comparação trazem sempre mais-valias à investigação, não apenas por comparação entre os dados e o modelo teórico, mas a comparação entre dados empíricos recolhidos com base num protocolo comum, que permitem advogar o bom rigor metodológico. As conclusões obtidos trazem assim novos aportes que permitiram o revisitar conceptual de modo diferente.

3.2. Velhas e novas acepções do turista de educação

Se recordarmos a Antiguidade Clássica e o sentido de turista, podemos mesmo remontar à Odisseia de Homero, como fez Pearce (1988) que comparou as desventuras de Ulisses durante dezassete anos a um turista da modernidade:

the spirit of freedom, independence and self discovery which the Odyssey has come to represent is a real part of every traveler's psychological baggage. The Ulysses factor in brief, is the multi-faceted motivational dynamic of those who leave their homes to venture into new worlds (Pearce, 1988, p. 227).

Não pretendendo recuar tão longe no tempo, basta pensar que o conceito de turismo se associa à educação, logo e intrinsecamente quando se viaja observa-se e interage-se, quando se observa aprende-se. Georg Simmel explicou a socialização do indivíduo pela sua integração progressiva em círculos sociais, a interação dentro destes círculos, começando na família e alargando a outras redes de contactos sociais, implicando o seu crescimento e individualidade, se associarmos os novos círculos sociais que as viagens possibilitam compreendemos a teoria de Simmel como um paradigma precursor dos estudos da mobilidade

os grupos a que o indivíduo pertence constituem como um sistema de coordenadas, de tal maneira que cada novo grupo determina o indivíduo de modo mais preciso e inequívoco. A pertença a cada um deles deixa ainda um campo de acção vasto à individualidade; mas, quanto mais forem, mais improvável é que as outras pessoas apresentem a mesma combinação de grupos, que estes mesmos círculos se voltem a cruzar num ponto. (Braga da Cruz, 1989, p. 575).

No entanto, estas visões de mobilidade e individualidade estão alicerçadas nas categorias primárias kantianas de espaço e tempo. A percepção destas categorias transfigurou-se sob o efeito da globalização e tal afectou o conceito de mobilidade, como explica John Urry (2007). Aliás o autor vai mais longe e indica que a mobilidade se associa à desterritorialização, fora dos pilares da modernidade e tal mudou a própria ciência social, numa configuração de um novo paradigma,

this paradigm examines how social relations necessitate the intermittent and intersecting movements of people, objects, information and images across distance. It has been shown how social science needs to reflect, capture, simulate and interrogate such movement across variable distances. This paradigm forces us to attend to this economic, social, and cultural organization of distance, and not just to the physical aspects of movement. (Urry, 2007, p. 54).

Dos sistemas de mobilidade internacional que acompanharam a evolução do mundo encontramos hoje uma pluralidade de situações. John Urry defende que existem doze tipo de mobilidades no mundo contemporâneo, uma das quais, “discovery travel of student, au pair and the other young people on their ‘overseas experience’ where this can constitute a ‘rite of passage’ and which typically involves going overseas to civilizational centres” (Urry, 2007, p. 10).

Assim, o primeiro conceito a clarificar será, sem dúvida, o turista de educação como estudante internacional. Vários são os autores que considerariam este objecto de estudo no campo das migrações. No entanto, em 1950, a União Internacional dos Organismos Oficiais de Turismo, que precedeu a Organização Mundial do Turismo, incorporou a educação nas motivações dos turistas. Já durante o século XVIII, os jovens aristocratas ingleses realizavam, aproximadamente durante três anos, a *Gran Tour* pela Europa (Towner, 1985), como complemento educacional, estando mesmo ligada a educação ao conceito de turista, descrito por Stendhal no livro “*Memoires d’un Touriste*”.

Relativamente às rotas seguidas pelos viajantes que calcorrearam a Europa, entre o século XV e o século XIX, verifica-se uma relativa estabilidade nos itinerários, embora se constatem algumas, apesar de ligeiras, alterações nos fluxos (...) De facto, as rotas dos viajantes europeus centravam-se num eixo que une a Inglaterra, a França e a Itália. Embora durante o período em apreço as relações entre Inglaterra e França tivessem momentos de grande tensão, a importância cultural, política, militar e até linguística de França colocava, inevitavelmente, Paris e Versalhes na rota dos viajantes britânicos. Na Península Itálica, brilhavam Veneza, Florença, Roma e, por vezes, Nápoles; Génova e Turim destacavam-se como pontos de passagem entre os Alpes e o Sul. (Alves, 2012, p. 7).

Actualmente, pode-se compreender o turista de educação como o visitante temporário que se desloca atravessando fronteiras, por um período superior a 24 horas, cujo motivo da viagem é uma missão de aprendizagem.

No presente estudo definiram-se duas categorias de estudante internacional universitário, aquele que pretende obter o diploma pela universidade de acolhimento, permanecendo portanto mais de um ano, definido como regular, e outro que concerne a mobilidades temporalmente inferiores e sem o propósito de obtenção do diploma, um aluno em mobilidade.

Evidentemente, a duração de estadia superior a um ano poderá resultar numa crítica à definição do estudante como turista, deslocando o conceito para o quadro das migrações. Porém, prevê-se que não está subjacente uma actividade remunerada, característica associada ao imigrante.

Assim, como refere Glover:

Independent of their consecutive length of stay, international students may be classified as temporary residents in their study destination due to their extend stay. This temporary residence may stretch over several years, for example, when students undertake a full degree or enroll in a second degree after finishing their first. (Glover, 2011, p. 181).

A definição comumente aceite identifica-se com a enunciada pela UNESCO, “students that leave their country or territory of origin and move to another country or territory with the objective of studying” (UNESCO, 2009, p. 36).

Esta definição de turista da educação associada ao estudante internacional, aparece mesmo na legislação portuguesa, mais concretamente, no regime jurídico de entrada, permanência, saída e afastamento de estrangeiros do território nacional, em que no estatuto de residente de longa duração se define o estudante do ensino superior como “nacional de um Estado terceiro que tenha sido aceite por um estabelecimento de ensino superior para frequentar, a título de actividade principal, um programa de estudos a tempo inteiro, conducente à obtenção de um grau académico ou de um diploma do ensino superior reconhecido, podendo abranger um curso de preparação para tais estudos ou a realização de investigações para a obtenção de um grau académico” (Lei n.º 23/2007 de 4 de Julho).

As mobilidades destes estudantes não são novas, como vimos vêm da Antiguidade e foram mesmo um exemplo das universidades medievais. Actualmente, as grandes diferenças residem na velocidade com que se deslocam, na forma de

ligação em rede e como são encaradas pelo tipo de globalização e pelas instituições que as acolhem.

3.3. Centros e periferias do turismo de educação

Na perspectiva de consumo de educação no estrangeiro, os estudantes internacionais, enquanto turistas de educação acompanham os fluxos migratórios dos países periféricos para os países centrais e semi-periféricos. McMahon citado por Mazzarol (2001)

found a negative correlation between economic prosperity in sending countries and the volume of international students flows, perhaps because greater educational opportunity counteracts the effect of improved GDP per capita ... a positive correlation was found between the size of host nation and the sending nation's economies (Mazzarol & Soutar, 2001, p. 4).

Entramos num domínio transnacional de serviços universitários mercantis onde o *consumo de educação no estrangeiro* entra na tipologia do GATS²⁵ (*General Agreement on Trade and Services*) e “consiste na provisão do serviço através do movimento transnacional do consumidor. É esta actualmente a grande fatia da transnacionalização mercantil da Universidade. Um estudo recente da OCDE calcula que este negócio valia, em 1999, 30 biliões de dólares” (Santos, 2005, p. 23). Daqui podemos extrapolar já uma das premissas do estudo dos estudantes internacionais e as suas lógicas de dominação.

Bhandari & Blumenthal (2011) num livro, que faz um levantamento das mobilidades dos estudantes internacionais em todos os continentes, revelam que o movimento global de estudantes ascende a 3.3 milhões de estudantes por ano, representando 65% de aumento desde 2000. Estes números vêm reforçar por um lado a tónica de globalização desta temática de estudo, por outro lado compreende-se a movimentação dos governos na procura deste mercado segmentado. Só no

²⁵Acordo Geral sobre o Comércio e Serviços da Organização Mundial do Comércio, assinado na Ronda do Uruguai, com entrada em vigor em 1995, que estende os acordos comerciais de mercadorias a serviços, nomeadamente a educação.

Reino Unido, a HESA²⁶ revela que “more recent statistics would suggest this figure has significantly increased and considers the value of educational services to currently stand at £ 10.3 billion” (Barron *et al*, 2007, p. 88).

Historicamente, o movimento faz-se de países em desenvolvimento para países desenvolvidos. Nesta lógica, revemos o movimento de globalização hegemónica, onde as relações entre nações se instituem por relações de poder diferentes e desiguais, onde geralmente a codificação dos países se faz pela sua posição no sistema-mundo com pressupostos económicos.

A procura da educação é discutida pela teoria do capital humano (Theodore Schultz²⁷, 1973) com esta vontade de adquirir conhecimentos, isto é, a crença na valorização dos recursos humanos traria em correspondência directa uma valorização e riqueza do país, implicando a ilusão de que “o aumento da necessidade de pessoas qualificadas generaliza, na experiência social, a percepção de que novas oportunidades sociais estão associadas às oportunidades educativas” (Gomes, 2002, p. 61). Esta visão optimista em termos nacionais conduziu também ela a uma procura encantada da educação num dado período da história de recuperação económica europeia, que se veio a tornar desencantada por força de reveses económicas. De igual modo, “embora se evidencie uma notória atenuação das desigualdades escolares, por força da escolarização mais alargada, não se verifica o postulado meritocrático, de que o próprio modelo é tributário, segundo o qual só o diploma escolar influencia o acesso à posição social” (Gomes, 2002, p. 61).

A procura do ensino superior mudou, transnacionalizou-se. Actualmente assistimos a uma procura de um do diploma no exterior ou de um período de mobilidade no exterior para valorização dos *curriculum vitae* (Tarrant, 2011). Procura-se transnacionalmente o que dentro das fronteiras não se encontra, uma nova visão optimista da educação, que possibilite a segurança e a mobilidade social. Barron (2007) afirma que alguns estudantes vêem o diploma obtido no estrangeiro como mais valioso, “... learning, living and working experience that is a major financial and time investment in the future of both individuals and society at large”

²⁶ HESA- Higher Education Statistics Agency

²⁷ Prémio Nobel de Economia em 1979

(Barron et al, 2007, p. 97). Resta-nos neste campo, aguardar para verificar as consequências da procura massificada de educação no exterior ao nível da relação educação – emprego e na mobilidade social. Podemos desde logo percepção que a estratificação social também se transnacionalizou, isto é, reforçamos a ideia que já debatemos segundo a qual só as elites têm possibilidade de estudar no exterior²⁸.

A teoria dos sistemas mundiais com relação ao turismo de educação centra-se mais nas forças que actuam ao nível da transnacionalização da educação, no sentido da captação dos estudantes como resultado da globalização económica e da dinâmica dos mercados internacionais de educação. No *Observatory on Borderless Higher Education*²⁹ (2007) são identificados os grandes países receptores de estudantes internacionais, Estados Unidos da América, Reino Unido e Austrália. Os países que aparecem no topo são referenciados, não só devido à língua inglesa, mas também da sua capacidade de ajustarem em termos burocráticos e de requisitos de vistos consulares, “various developments have shown that international student and graduate visa schemes are increasingly used as integral parts of recruitment strategies and are receiving more attention in accordance with their perceived importance and strategic value” (Verbik & Lasanowski, 2007, p. 24). Neste campo dos vistos consulares a Austrália é apontada como um exemplo, permitindo mesmo a estadia por mais dezoito meses após a conclusão dos estudos.

Bhandari & Bluementhal (2011) ao identificarem os países receptores de estudantes com base no projecto ATLAS³⁰ da UNESCO (2009) passam a descrever as dinâmicas desses mesmos países. Os Estados Unidos da América e o Reino Unido surgem como universidades no topo dos países receptores. A discrepância em relação à posição da Austrália, que nestes autores apenas emerge como

²⁸ Gostaríamos de fazer uma ressalva completamente contra-hegemónica do Programa das Licenciaturas Internacionais, instituído no Brasil pelo então Presidente Lula da Silva, que nos primeiros dois editais (2011 e 1012) criava um programa que possibilitava a dupla titulação apenas a estudantes do ensino superior brasileiro originários da rede escolar pública, representando uma classe média baixa ou mesmo baixa.

²⁹ O *Observatory on Borderless Higher Education* é uma iniciativa conjunta da Associação das Universidades da Commonwealth e das Universidades do Reino Unido.

³⁰ <http://atlas.iienetwork.org/> acedido a 06/06/2010. Os autores Bhandari & Blumenthal revelam que a vantagem do projecto ATLAS consiste na estandardização da recolha de dados estatísticos em diferentes países. Algumas diferenças de resultados que podemos observar noutros estudos prendem-se ao facto dos dados serem fornecidos pelos Ministérios da Educação de cada país, que podem por exemplo não incluir dados das universidades privadas ou mesmo estudantes com períodos de estadias pequenos que não são integrados nas estatísticas.

potência média, pode dever-se à forma como os elementos são recolhidos estatisticamente.

A Alemanha e a França emergem como potências médias, seguidas em menor proporção pelo Japão, Canadá e Nova Zelândia (McHale, 2011). O estudo revela igualmente que países como a China, a Malásia e Singapura procuram agora reter os seus alunos.

Malasya, Singapore and China have allocated substantial financial and human resources towards the development of 'world class' higher education, and this is one of the main reasons why they are becoming contenders in the global student market. Indeed the decision to invest in their national higher education systems is a crucial development in their competitiveness, and changing mobility patterns suggest that they might well succeed in establishing a broader portfolio of source countries and students (Verbik & Lasanowski, 2007, p. 19).

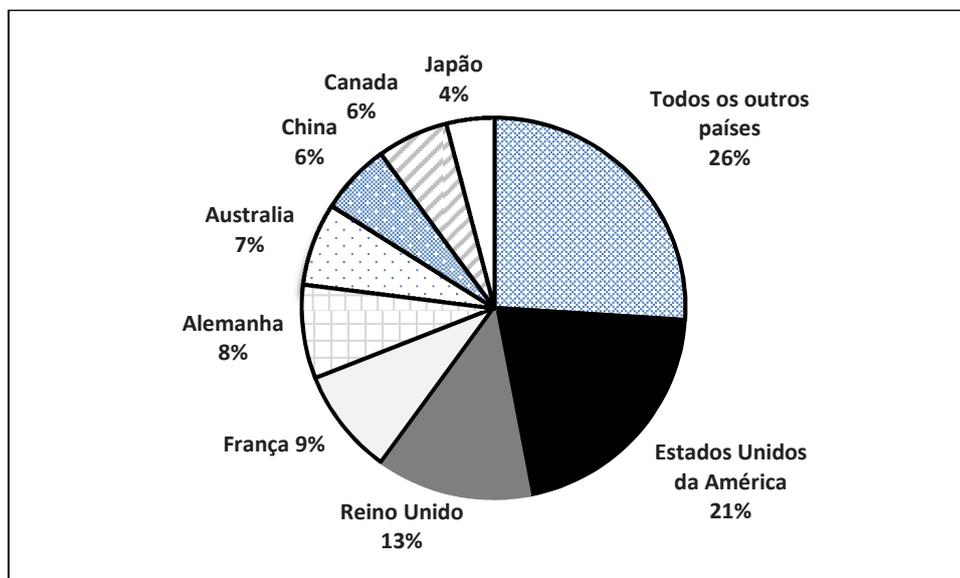
O caso da China merece ser destacado pelas suas particularidades. O Governo Chinês, numa lógica aguerrida de reposicionamento no sistema mundial, reforçou estrategicamente a atracção de nacionais que tinham obtido cursos fora do seu país, qualificando a sua mão-de-obra de elite. Paralelamente, reestruturaram os seus cursos em termos de qualidade e em língua inglesa de modo a atrair estudantes e a manter os seus estudantes nas mais de 1900 instituições de ensino superior que têm (Xinyu, 2011).

A Índia mantém-se como um país emissor, uma vez que é um país extremamente populoso, com uma classe média a crescer e que, por conseguinte, se preocupa com a educação dos filhos, com uma diáspora pelo mundo que lhe permite ter redes de apoio, tornando-se por estes factores muito requerida pelos países centrais:

According to calculations based on estimates from an Open Doors Report, overall about one half of Indian students use personal and family funds for their US study. Indian student contribute over US\$ 1.2 billion (out of US\$ 15.5 billion) to the US economy through expenditures on tuition, books, fees, and other education-related expenses (Agarwal, 2011, p. 48).

Podemos visualizar os países receptores do Projecto Atlas no próximo gráfico.

Gráfico n.º 5: Principais países receptores de estudantes de 2007-2008



Porém, nesta procura massificada de educação internacional algo está a mudar em termos globais, assistindo-se ao crescimento de novas iniciativas financeiras de alguns países, motivações geopolíticas diferentes, estudantes a optarem por destinos não tradicionais, a políticas de retenção de estudantes nos países tradicionalmente emissores, alterando assim os próprios objectos de estudo enquanto fluxos de estudantes internacionais (Bhandari & Blumenthal, 2011). A juntar a novos actores que se perfilam no palco internacional, como organizações com fins lucrativos ou sem fins lucrativos mas que podem funcionar como impulsionadoras deste segmento de mercado. Encontramos nestes indicadores alguns sentidos contra-hegemónicos, ainda que pequenos, de combate à circulação estudantil de sul para norte (Jaramillo, 2011).

Existem países que embora tenham uma matriz de receptores e assim pretendam continuar, reconhecem a mais valia da internacionalização para os nacionais dos seus países, pelas enormes vantagens do diálogo entre culturas e por este motivo promovem práticas de mobilidades, como é o caso da filosofia do

DAAD³¹ na Alemanha e nos Estados Unidos da América. O propósito do “Lincoln Commission of sending 1 million students abroad by 2017 – roughly four times the current number - many institutions are launching strategic initiatives to expand opportunities for their students (Goodman & Gutierrez, 2011, p. 92), representam o exemplo Americano.

Creemos que caminhamos também para uma globalização contra-hegemónica do próprio turismo de educação, isto é, no seguimento das mobilidades analisadas por Urry (2007), deparamo-nos com comunidades transnacionais de estudantes, não no sentido de termos um estudante internacional híbrido com dois polos, um de origem e outro de destino. O hibridismo foi mais longe e alcançou o sentido da transnacionalização. Hoje é fácil encontrar exemplos de estudantes que passam por vários países em diferentes ciclos de estudos, o que nos remete para a semelhança do *brain circulation* “more accurately describe the increasing multidirectional nature of international flow and the growing awareness that such mobility patterns or exchanges are mutually beneficial for sending and receiving countries, albeit in varying ways” (Bhandari & Blumenthal, 2011, p. 16).

3.4. Tipologias analíticas de turismo de educação

Os fluxos internacionais de estudantes podem ser compreendidos à luz de algumas tipologias analíticas que quase sempre se cruzam e se resumem em alguns tópicos mais centrais, a saber:

1. Impacto no desenvolvimento do sistema de ensino superior [Huang, 2006; Borghans & Corvers, 2009; Drèze & Estevan, 2007; Dale, 1999; Stoer, 2001; Goedegebuure & Van Vught, 1996]
2. Estudo dos processos de ajustamento psicológico dos estudantes no país de acolhimento [Coles & Swami, 2012; Nocolescu & Galalae, 2013; Kim, 2007]

³¹ DAAD – Serviço Alemão de Intercâmbio Académico.

3. Modelo de atracção repulsão dos estudantes [Lee & Tan, 1984; Mazzarol & Soutar, 2001; Glover, 2011; Llewellyn-Smith & McCabe, 2008; Kim & Beck, 2009]
4. Impacto económico local do estudante internacional [Bischoff, Koenig-Lewis, 2007; Paci, 1994; Yuan *et al*, 1995; Lee *at al*, 2005; Morrison *et al*, 2000]
5. Imagem do ensino superior [Brown & Mazzarol, 2009]

O **desenvolvimento do ensino superior** é focado por alguns autores ao nível macro no sentido de se compreender como as políticas educativas globais podem promover mudanças nos sistemas de ensino.

Alguns autores debruçam-se sobre a tónica da adopção do modelo americano de universidade pelas instituições de ensino superior europeias (Borghans & Corvers, 2009) e defendem mesmo a ideia que só esta americanização trará às universidades europeias a possibilidade de competirem em termos de internacionalização. Os países que promovem o bilinguismo, usando o inglês como língua franca, fazem-no na perspectiva de captar mais estudantes internacionais. O exemplo dos Países Baixos é particularmente relevante ao nível do segundo ciclo, “...by March 2003 in the University of Amsterdam, the percentage of the program delivered in Dutch constitutes only about 38% of the total programs: 62% of programs are all provided in English” (Huang, 2006, p. 534). Borghans & Corvers (2009), Lasanowsk (2011), recomendam a utilização da língua inglesa não só no ensino mas nas publicações científicas. Estes autores debruçaram-se igualmente sobre o exemplo dos Países Baixos que adoptaram o modelo americano e que têm um grande fluxo de intercâmbio de estudantes e que neste momento conseguem mesmo atrair estudantes dos Estados Unidos da América para realizarem cursos como alunos regulares, especialmente de segundo e terceiro ciclos, sendo as dissertações maioritariamente escritas em inglês, “joining the national debate and publishing in national journals become less importante while success in international publications gradually became the measure of sucess (Borghans & Corvers, 2009, p. 12).

No caso específico de Portugal, a língua pode ser entendida como um canal para uma educação cosmopolita, de partilha por vários milhões de habitantes de vários países. “A cultura educativa cosmopolita é, por natureza, intercultural, baseada em comunicação entre culturas de naturezas diferentes” (Cortesão & Stoer, 2001, p. 396). Um pouco à semelhança do polaco para a população judia, para estudantes que querem conhecer a língua dos antepassados (Drozdewsk, 2011). A tentativa de captar estudantes nos PLOPS³² emerge no seguimento desta forma de encarar a educação, revitalizando o português como língua de ensino.

Por vezes, a aceitação deste mesmo multiculturalismo passa para os *curricula* numa forma de verdadeiro respeito pelos conhecimentos, não por tolerância, pois esta implica uma certa forma de hierarquia, mas por um verdadeiro esforço de transculturalismo. A internacionalização do currículo do ensino superior é inclusivamente um indicador de qualidade aferido nas avaliações externas realizadas às instituições, mesmo no posicionamento dos rankings internacionais, “internationalized curriculum as a group of programs with an international name, content or perspective, it can therefore be used interchangeably with programs, subjects or courses” (Huang, 2006, p. 522).

O próprio Processo de Bolonha nas suas imposições top-down foi resultado das primeiras mobilidades bem sucedidas focadas no ensino e pela necessidade de encontrar um conjunto de regras partilhadas pelos países da União Europeia, por exemplo por créditos ECTS que tratam os processos de reconhecimento académico e acumulação de conhecimentos. Mas no caminho do intercâmbio europeu ainda existem questões por resolver. Num estudo coordenado por Justyna Pisera, promovido pelo *Erasmus Student Network*, PRIME 2010 (*Problems of Recognition in Making Erasmus*) admonistraram um questionário a 8.908 estudantes de 26 países e identificaram como maiores problemas deste sistema: a incompatibilidade dos programas de estudo, cálculo diferenciado de créditos, reconhecimento de equivalências de escalas de classificação, questões burocráticas, atitude dos professores e falta de informação prévia à mobilidade.

Ao nível micro tenta-se perceber como os estudantes internacionais podem contribuir para algumas mudanças no sistema de ensino. Kingston & Forland (2004)

³² PLOPS – Países de língua oficial portuguesa.

num trabalho empírico compararam os estudantes asiáticos e os nacionais do Reino Unido e deste estudo resultaram diversas recomendações para os docentes, tais como não considerarem os estudantes asiáticos pouco autónomos como *a priori* são conotados, perceberem que estes preferem avaliações escritas, mas também resultados de avaliações de modo qualitativo, que têm necessidade de compreender as implicações do plágio e uma má citação. O mesmo estudo revela que os estudantes asiáticos gostam do sistema inglês de confronto de ideias e de valorização de competências, vigentes na implementação do Processo de Bolonha, quando afirmam, “at home the teachers feed me with knowlwdge, but in the UK they help me to pick up the spoon and learn to feed myself.” (Kingston & Forland, 2004, s.p.).

Ankomah & Larson (2011), bem como Kisbun (2011) revelam a estratégia educacional da África Subsariana de fortalecimento da sua oferta do ensino superior, em que alguns países revitalizam temáticas científicas próprias que passam pelos estudos antropológicos, preservação do conhecimento indígena, botânica, medições de impacto de políticas de saúde, estudos de história de temáticas como a escravatura que têm como objectivo manter os seus estudantes, atrair estudantes de países vizinhos, outras ex-colónias francesas e inglesas, onde a língua não se apresenta como um problema e procuram captar estudantes com base neste facto e até mesmo estudantes afro-americanos.

O **ajustamento psicológico do estudante** é abordado na perspectiva do processo de transição cultural entre países e adaptação do próprio estudante. Coles & Swami (2012) avançam com a explicação de dois tipos de trajetória de ajustamento, uma com maior grau de integração com estudantes nacionais e na comunidade local e outro com menor integração local, onde o estudante após as primeiras semanas de novidade se refugia em grupos da sua nacionalidade. Estes autores realçam a partilha de alojamento como um dos maiores facilitadores de integração. Nicolescu & Galalae (2013) nos seus estudos deixam algumas recomendações às universidades de acolhimento para que promovam esse processo de ajustamento, nomeadamente ajudar na procura de alojamento, sensibilizar os trabalhadores que vão estar em contacto directo com o estudante

internacional, realizar semanas de orientação e de acolhimento, facilitar o contacto com alunos locais, fomentar actividades formais e não formais, formar redes de suporte às famílias e estabelecer o contacto com o estudante previamente à sua mobilidade e mantê-lo após a sua partida.

O impacto económico do estudante internacional é outro tema emergente, pois surge como um mercado segmentado a explorar por parte da instituição, mas especialmente pelas cidades de destino. Para além do estudante em si mesmo que não são apenas jovens de mochila às costas, representam consumidores com diferentes tipos de consumo, consoante as disponibilidades financeiras, tornando-os diferentes no tipo de alojamento pretendido, nas viagens que realizam e na duração da sua estadia (Gardiner et al, 2013).

Na esteira do mesmo enfoque, autores como Bischoff & Koenig-Lewis (2007), Knight (2011), Richards (2004), chamam a atenção para a importância de se explorar os segmentos dos consumidores constituídos por visitantes, amigos e familiares, que constituem um grupo que em si mesmo não é homogéneo, no tipo de consumo e nos alojamentos escolhidos. Os amigos tendem a consumir mais actividades recreativas e nocturnas, os familiares ocupam alojamentos comerciais e consomem mais produtos culturais, fazem compras e tomam refeições fora de casa. Os mesmos autores entendem que as entidades locais devam promover estas visitas, que geralmente se fazem fora do período clássico tido como alto, e mesmo ter canais de comunicação com estudantes internacionais de modo a que estes sejam um veículo de informação turística, até mesmo oferecer pacotes promocionais dirigidos aos familiares antes mesmo da mobilidade efectiva.

Lee & Tan (1984) encaram os fluxos internacionais de estudantes numa lógica de procura e oferta do ensino superior que é necessário balancear explicando o fenómeno por uma equação:

$$SD / (SL+S0)$$

SD corresponde ao número de estudantes do ensino superior de um país em vias de desenvolvimento³³ num qualquer país desenvolvido;

SL corresponde ao número de estudantes do ensino superior do país em vias de desenvolvimento em causa;

S0 corresponde ao número total de estudantes do ensino superior do país em vias de desenvolvimento a estudar no estrangeiro, incluindo os estudantes do país desenvolvido e outros estudantes estrangeiros (Lee & Tan, 1984, p. 690).

No desenvolvimento desta equação surgem vectores que reflectem, com base em índices estatísticos, as características do ensino superior, a economia do país em vias de desenvolvimento, a procura do ensino superior em países em vias de desenvolvimento, as ligações históricas e linguísticas entre um país desenvolvido e outro em vias de desenvolvimento e a distância entre ambos os países. Embora consideremos importante perceber esta abordagem mais economicista do fenómeno em boa verdade, podemos para já ressaltar que as bases de dados oficiais do número de estudantes no estrangeiro, tal como indicam Bhandari & Blumenthal (2011), são escassas, muitas das vezes não incluem dados do ensino privado e diferem de país para país.

Os estudos que versam a **imagem do ensino superior** cruzam-se sempre com outras áreas e assentam no marketing das próprias instituições. A imagem de uma universidade emerge como objecto a trabalhar no sentido de conseguir a lealdade dos estudantes e consumidores. Brown & Mazzarol (2009) defendem que o grau de satisfação com as pessoas e serviços se apresenta como preditor da lealdade para com a universidade e associada à imagem da mesma. Na opinião dos mesmos autores nas questões do marketing e imagem, “the trend in higher education policy has been toward a fee-for-service, user-pays system that has encouraged greater competition among universities” (Brown & Mazzarol, 2009, p. 91). Nesta competição as universidades mais antigas parecem à primeira vista, melhor posicionadas e os autores denominam-nas de *sandstones*, porém alertam para as estratégias de marketing de instituições mais recentes, mais agressivas e focadas.

³³ A terminologia países desenvolvidos e em vias de desenvolvimento foram neste excerto adoptados por respeito à retroversão do referido artigo.

Muitas instituições utilizam os estudantes internacionais e mesmo a diversidade racial como estratégia de marketing, manipulando até as tipologias étnicas, mudando o nome das quotas raciais, para aumentar os números como defende Franklin (2011), assentes na ideia provinda de marketing que oferecem uma força de trabalho qualificada numa base multicultural.

Geralmente é aceite a ideia que o “...‘word of mouth’ and information disseminated widely via the internet have become efficient marketing tools” (Verbik & Lasanowski, 2007, p. 28). O passa-palavra ampliado pelo uso de tecnologias é uma das ferramentas de marketing a promover.

Muitas universidades preocupam-se com as questões de imagem da sua instituição e adquirem serviços que lhes revelem o nível de satisfação dos estudantes internacionais (Clark, 1998), recorrendo frequentemente a uma organização inglesa o i-Graduate³⁴ que criou o *International Student Barometer* (Verbik & Lasanowski, 2007, p. 28), onde através dos mesmos indicadores estuda diversas universidades aplicando dois inquéritos por ano aos estudantes internacionais, fazendo sorteios vários de modo a apelar à participação no preenchimento dos inquéritos. A Universidade de Groningen é uma destas instituições. Estes resultados influenciam o indicador “Reputação” dos rankings internacionais descrito no ponto de centros e periferias em educação.

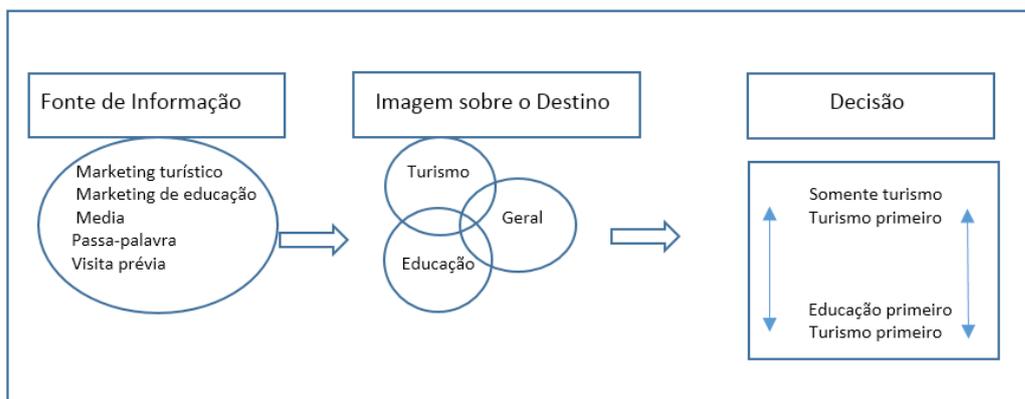
Llewellyn-Smith & McCabe (2008) após um estudo sobre as teorias que se debruçam sobre o turismo de educação, complementado por uma análise intensiva sobre os estudantes internacionais nas universidades australianas concluem que primeiramente o estudante toma a decisão de estudar no estrangeiro, após a qual decide o país e só então a universidade. Nesta terceira fase de decisão entra na equação a cidade de destino onde se localiza a universidade. Nos seus estudos concluem ainda que os factores de atracção das cidades influenciam a decisão e que dentro destes o custo de vida na cidade será o item mais importante. Resumindo, “this result also suggests that the host university and host city are not selected separately (Llewellyn-Smith & McCabe, 2008, p. 603).

A perspectiva da transnacionalização da educação pode complementar-se pelo modelo de análise dos *push-pull factors*, que ao nível micro influenciam a

³⁴ <http://www.i-graduate.org/>

decisão da mobilidade (Heung & Leong, 2006). Glover (2011) estudou as motivações para estudar no estrangeiro, relacionando-as com a imagem dos locais de destino. “The findings are interpreted in a conceptual framework which combines information sources, destination image, and decision-making regarding study and tourism activities” (Glover, 20122, p. 181). Esta ideia vem no seguimento de alguns autores que defendem que o modelo de turismo de educação se pode subdividir em alunos que dão primazia aos motivos académicos (Ritchie, 2003) ou alunos que dão prioridade a razões turísticas (Hattie, 1997), (Heung, 2006), (Michael, 2003). Por conseguinte, e para melhor exemplificação deixamos a representação de Glover:

Tabela n.º 4: Combinação de influências da Educação, Turismo e Imagem Geral do destino



Adaptado de Glover, 2011, p. 190³⁵

A imagem de destino surge intersectada pelo turismo (Gallarza, *et al*, 2002), pela área académica e por recomendações gerais, orientando os estudantes para o turismo ou para a educação, segundo Glover.

O perpetuar do fluxo transfronteiriço pode ser explicado pelas redes de suporte ao estudante internacional. As ligações a estas redes de suporte constituem uma forma de capital social do próprio estudante.

³⁵ Tradução da própria.

The process of economic globalization creates cultural links between core capitalist countries and their peripheries (...) In many cases, the cultural links are longstanding, reflecting a colonial past in which core countries established administrative and educational systems that mirrored their own in order to govern and exploit a peripheral region (...) The diffusion of core country languages and cultural patterns and the spread of modern consumption patterns interact with the emergence of transportation /communication infrastructure to channel international migration to particular core countries. (Massey, 1998, p. 40).

Também John Urry defende estas redes enquanto capital do próprio estudante, “The growth of multiple mobilities, new technologies, and extended networks is bringing into being the ‘field’ of ‘interspatial’ social life where network capital is a major resource” (Urry, 2007, p. 251). As redes de suporte do estudante, especialmente as familiares são encaradas por alguns autores como redes, mas paralelamente como pull factores, pois conduzem o estudante na sua decisão, “Parental influence is particularly strong among undergraduates students when they are choosing a destination country” (Mazzarol, 2001a, p. 12).

As tipologias conceptuais a que recorreremos não são necessariamente contraditórias, complementam-se na importância dos factores estruturais sobre as decisões individuais e vice-versa.

As universidades detêm um importante papel como decisores políticos, não singulares, pois coexistem com outros eixos reguladores oriundos no Estado e no mercado, mas sem dúvida são determinantes no incremento do turismo de educação, são mesmo catalisadores da mobilidade estudantil. Os estudantes internacionais são percebidos como uma reserva e solução para o envelhecimento da população europeia e do decréscimo acentuado da transferência de verbas estatais para as universidades. Um pouco à imagem do *replacement migration*, noção usada pelas Nações Unidas em 2000, para caracterizar as migrações de substituição de mão-de-obra, o estudante internacional é comparável a um *replacement student*, uma solução para declínio dos estudantes nacionais. Mas são também estes estudantes que trazem o multiculturalismo ao rejeitarem de algum modo as propostas implícitas de aculturação.

O turismo de educação poderá ser visto ora num contexto regulador, ora num contexto emancipatório, mais justo e democrático. Esta temática é passível de ser explicada por estas convergências de tipologias, que não são limitativas, nem

tão pouco excludentes. Entre a visão de uma expansão hegemónica e uniformizadora da educação, veiculadas para os estudantes internacionais e a tentativa destes últimos de reconfigurarem resistências contra-hegemónicas, em formas culturalmente cosmopolitas

3.5. Tipologia analítica configurada

A criação de pontes científicas foi uma constante em toda a revisão da literatura. O estudante internacional pode ser encarado como um objecto de estudo de fronteira, isto é, pode ser interpretado sob diferentes pontos de vista, de objecto com valor económico a repositório de multiculturalismo. Assim, o seu âmbito perpassa várias ciências, alargando os seus limites e recaindo num ponto de intersecção científico. Constituí-se igualmente como uma questão que cruza a ciência e a política, com impactos globais no âmbito da educação transnacional.

No plano da globalização, o estudante internacional transnacionalizou-se, isto é, o estudante pode combinar, ao longo da sua vida, planos de mobilidade de aprendizagem diversos, em diferentes momentos e em mais de uma instituição ou país. De igual modo, a forma como comunica actualmente, usufruindo da era informacional, como diria Castells (2002) contribui igualmente para a sua dimensão global.

Neste ponto procurámos a primeira resposta conceptual à questão de partida, orientadora de todo o trabalho “o que predispõe um estudante estrangeiro a ingressar numa universidade sediada numa cidade europeia de dimensão média, localizada num país diferente da sua residência permanente?”. A propensão para estudar no estrangeiro é analisada recorrendo ao conjunto de tipologias analíticas atrás descritas.

Primeiramente, esta propensão, este desejo de partir foi comparado ao factor de Ulisses (Pearce 1988), algo que implicitamente leva sempre um pouco consigo uma mistura de desejo de liberdade e aventura. Este poderá ser o primeiro ponto que o indivíduo, inserido em sociedade, vivencia, este duelo interno entre a residência e a viagem. Todavia, o estudante internacional não é um decisor

individual, irá conjugar este desejo de partir com a tentativa de minimizar os riscos da sua decisão.

Nesta fase, fazem-se igualmente sentir as suas redes, os círculos de socialização do indivíduo. Estas redes podem tomar duas formas que designámos de apoio social ou apoio financeiro. Por apoio social entendemos o grupo de pessoas e instituições que ajudam, e por conseguinte influenciam, o estudante a tomar a decisão de partir. Como apoio financeiro indicamos igualmente grupos de pessoas e instituições que economicamente permitem ao estudante viajar e manter-se fora da sua residência permanente. Estas redes articulam-se e por vezes ancoram-se no mesmo grupo, como por exemplo a família, que tanto dá suporte social, como é indicada como uma das maiores fontes de apoio financeiro. Reforça-se a ideia do início da viagem enquanto turista de educação não ser um acto que se faça isoladamente, é uma decisão partilhada, suportada e que leva o seu tempo.

Após esta decisão, emerge a necessidade da escolha do país receptor. Embora vivamos um tempo de globalização, o estudante opta por um país no sistema inter-estatal e viverá num quadro legal diferente do seu país de residência permanente. Obrigatoriamente, o estudante antes de partir tem que preencher um determinado número de pré-requisitos burocráticos de foro legal, cingidos ao seu país de origem e país receptor. A escolha do país receptor será influenciada pela imagem que tem desse país, bem como pela informação que consiga obter à distância. Não é portanto de estranhar que os países centrais no sistema mundo, com maior influência em termos de imagem e de marketing, cheguem mais rapidamente ao estudante. Por outro lado, estes países detêm maiores redes de consulados pelos países semiperiféricos e periféricos o que facilita os trâmites legais e administrativos necessários para a mobilidade. Nesta fase, a imagem de destino de um país influencia a sua escolha (Verbik & Lasanowski, 2007).

Decidido o campo geográfico, há que delimitá-lo, isto é, parte-se para a escolha da cidade e universidade. Como alguns estudos apontam, esta decisão surge matizada, isto significa que cidade e universidade embora tenham indicadores de atracção diferentes têm itens que se conjugam nesta escolha, sendo difícil de destacar *a priori* qual o factor que detêm mais influência. Acreditamos que numas vezes a lógica recairá mais numa destas dimensões ou noutra, mas ambas são

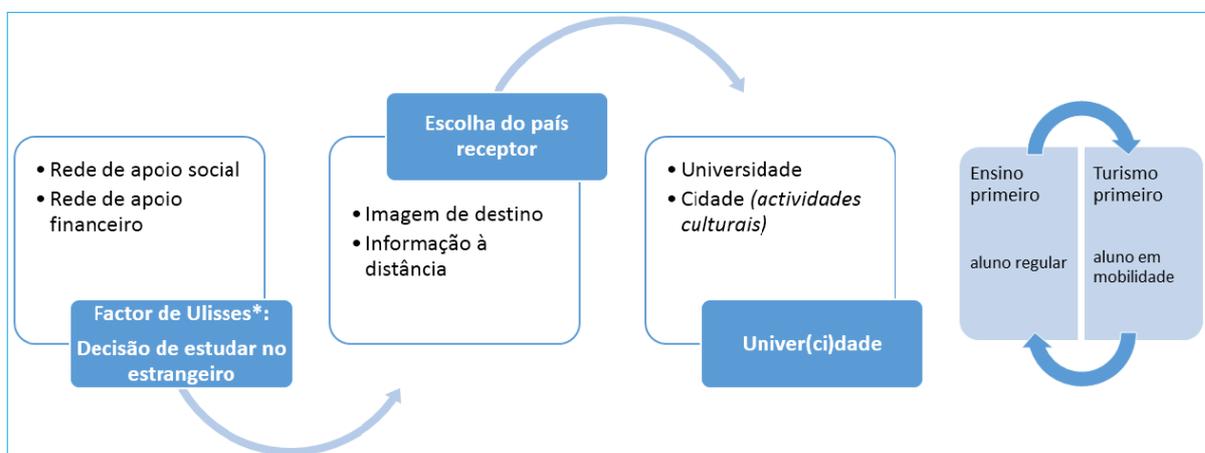
equacionadas em paralelo no que se entende por univer(ci)dade (Llewellyn-Smith & McCabe, 2008, Glover, 2011 e Adams, 2011).

Na esteira da importância do elemento cidade, considerando o estilo de vida do estudante como reflexo da sua posição social, e portanto as suas escolhas em termos de lazer, emergem as actividades culturais como uma das dimensões a aprofundar.

Numa última fase, caracterizamos a própria escolha e predisposição para estudar no estrangeiro de acordo com as teorias que se centram no ajustamento dos estudantes internacionais e os seus posicionamentos, enquanto alunos em mobilidade ou regulares. Neste campo debate-se os motivos dos estudantes que nos permitem priorizar a educação ou o turismo. Estes dois grupos surgem como diferenciadores sociológicos, os estudantes não se centram exclusivamente num dos pólos, mas apresentam-se com tendências diferentes e passíveis de serem explicadas ora em “ensino primeiro”, ora em “turismo primeiro”.

Como podemos observar na Tabela n.º 5, encontramos um esquema conceptual que reúne contributos das várias tipologias abordadas. Transpondo estas ideias para uma configuração imagética, podemos representar o nosso fio condutor analítico do seguinte modo:

Tabela n.º 5: Imagética de uma tipologia analítica do turismo de educação



*Referência ao Factor de Ulisses de Pearce 1988, adaptado ao motivo da educação

Esta tabela tem a intenção de reforçar a ideia da existência de um contexto social tipificado que predispõe o estudante internacional a efectuar um período de estudos fora do país da sua residência permanente. Tentámos desagregar os elementos de complexificação do turismo de educação, dividindo o processo em momentos temporais distintos e explicando os elementos que constituem cada parte. Este *continuum* temporal permite explorar a predisposição do estudante do início da sua decisão de partida ao momento de integração na instituição de acolhimento e forma como o faz.

De certo modo, a tabela expõe o conjunto de ideias em modo de ideal-tipo de Webber, “ enquanto modelo abstracto, é um meio para captar as relações entre fenómenos concretos, a sua casualidade e o seu significado” (Boudon, 1989, p. 239).

Por último, pretende-se alargar a rede de produção de ciência em Portugal sobre a temática do turismo da educação. Detectámos algum défice de conhecimento que é necessário colmatar, no sentido da produção científica mais sofisticada, que vá mais longe que a simples elaboração de conceitos, eventualmente consequência da falta de acessibilidade a estudos no plano internacional.

PARTE III
METODOLOGIA

1. Introdução à metodologia

Terminada a fase da revisão do quadro conceptual de todo o trabalho, que indica a perspectiva teórica que abraçámos para definir a problemática (Quivy, 1992), urge explicar qual a metodologia a seguir. Neste sentido, a metodologia ajuda-nos a conhecer os caminhos, descreve, explica e justifica os métodos escolhidos. Estes últimos indicam as técnicas a utilizar.

O presente capítulo sintetiza assim, todo o caminho realizado para alcançar os resultados que posteriormente se discutem. Rebuscando a classificação metodológica de Greenwood (1965), os métodos podem ser divididos em análise extensiva e análise intensiva e foram estas as abordagens utilizadas. A análise extensiva procurou responder ao estudo das cidades médias que se realizou de modo diacrónico, com enfoque especial nas actividades culturais em ambas as cidades. A análise intensiva permite observar casos delimitados e de modo sincrónico analisámos o estudante internacional.

A questão de partida: “o que predispõe um estudante estrangeiro a ingressar numa universidade sediada numa cidade europeia de dimensão média, localizada num país diferente da sua residência permanente?” remete-nos para a sistematização de objectivos ancorados na problemática que, conjugados, nos permitem comparar os estudantes estrangeiros na Universidade de Coimbra e na Universidade de Groningen. Os objectivos foram subdivididos em hipóteses gerais e posteriormente em hipóteses operacionais, passíveis de serem testadas por técnicas estatísticas.

Deste modo, este capítulo descreve não só o caminho percorrido mas também apresenta as justificações das opções tomadas no que respeita às técnicas e ao modo como os instrumentos de análise foram criados, bem como as bases de referência conceptual dessas mesmas escolhas. Actualmente, não basta descrever os instrumentos de análise, é necessário justificar a fiabilidade e validade dos instrumentos, como a grelha que analisou as agendas culturais *online*, ou mesmo o inquérito. Para tal, aplicaram-se os testes e os procedimentos estatísticos que julgámos necessários para legitimar estes mesmos instrumentos, cujos resultados se

apresentam pelo índice de fidelidade intra-observador e pela análise do pré-teste do questionário.

Nesta parte justifica-se claramente os objectos de estudo em concreto, nomeadamente as unidades de registo que compõem as agendas culturais, o corpus documental da análise extensiva e, por outro lado, a amostra da população a estudar, implicando a fundamentação da técnica da amostragem usada na análise intensiva. Pormenorizadamente, definem-se todas as categorias usadas nas agendas culturais e explica-se como as secções do inquérito foram criadas, especificamente o tipo de questões, escalas de resposta e operacionalização dos conceitos.

A análise extensiva utiliza a análise de conteúdo e a análise intensiva observa os resultados do inquérito por questionário. É igualmente neste capítulo que se apresentam a justificação destas técnicas.

A metodologia é, portanto, um mapa de orientação do caminho científico. Retomamos a ideia defendida aquando da definição da problemática, a metodologia não é uma prescrição estanque, pode ser usada na perspectiva de Peirce, citado por Portugal (2006), na conjugação de resultados:

Abdução é o processo que traduz a relação dialéctica entre teoria e dados. Nem a teoria é uma colecção de dados agregados, nem os dados são uma materialização dos princípios teóricos conhecidos. A teoria fornece padrões de intelegibilidade dos dados, os dados desafiam a sistematização e a construção de explicações. (Portugal, 2006, p. 135).

Este foi o processo realizado no trabalho iniciou-se com uma revisão bibliográfica extensa, a que se seguiu a recolha e tratamento de dados e posterior revisitação das teorias para comparação dos resultados obtidos.

1.1. Objectivos

A abordagem da temática do turismo da educação far-se-á através de um estudo comparativo entre os estudantes internacionais de duas universidades, sediadas em cidades de dimensão média, em dois países europeus, que se

diferenciam pela sua posição no sistema-mundo. Especificamente, comparar-se-á os estudantes internacionais da Universidade de Groningen e da Universidade de Coimbra, instituições localizadas num país central, a Holanda e num país semiperiférico, Portugal.

A escolha destas cidades e suas universidades não foi aleatória. Tratam-se de cidades médias, com um número total de habitantes aproximadamente igual, as universidades têm praticamente o mesmo número de estudantes e o mesmo número de faculdades. Cada uma das universidades tem mais de quatro séculos, sendo Coimbra a mais antiga e pertencem a redes de cooperação científica comuns, nomeadamente o *Coimbra Group*³⁶. Porém distanciam-se nos *rankings* universitários e na captação dos estudantes estrangeiros.

A captação de estudantes internacionais pelas universidades varia numa lógica associada ao sistema-mundo e procurar-se-á encontrar uma relação entre a posição hierárquica do país de origem do estudante com o país de destino. Relação essa que poderá advir do passado colonial destes países. Parafraseando Ioannis Baganha (2001), a cada Sul o seu Norte. A escolha da universidade / cidade de destino começa no país de origem.

Na fase preliminar do processo de investigação, urge “enunciar uma questão de investigação, em relação com um domínio cuja importância para o avanço dos conhecimentos e a pertinência para a disciplina foram precisados. (Fortin, 2003,

³⁶Coimbra Group - Founded in 1985 and formally constituted by Charter in 1987, the Coimbra Group is an association of long-established European multidisciplinary universities of high international standard. The Coimbra Group is committed to creating special academic and cultural ties in order to promote, for the benefit of its members, internationalization, academic collaboration, excellence in learning and research, and service to society. It is also the purpose of the Group to influence European educational policy and to develop best practice through mutual exchange of experience. Members: Aarhus Universitet; Universitat de Barcelona, Università di Bologna, University of Bristol, Eötvös Loránd University, University of Cambridge, Universidade de Coimbra, Trinity College Dublin, University of Edinburgh, National University of Ireland- Galway, Université de Genève, Georg-August-Universität Göttingen, Universidad de Granada, Karl-Franzens-Universität Graz, Rijksuniversiteit Groningen, Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg, Alexandru Ioan Cuza University of Iasi, Uniwersytet Jagiellonski w Krakowie, Universiteit Leiden, Katholieke Universiteit Leuven, Université Catholique de Louvain, PRES Université de Lyon, PRES Université de Montpellier, University of Oxford, Università degli Studi di Padova, Università degli Studi di Pavia, Université de Poitiers, Univerzita Karlova v Praze, Saint Petersburg State University, Universidad de Salamanca, Università degli Studi di Siena, Tartu Ülikool, Aristotle University of Thessaloniki, Turun Yliopisto, Uppsala Universitet, Universität Würzburg, Åbo Akademi.

p.619) A questão geral que sustenta o presente projecto: “o que predispõe um estudante estrangeiro a ingressar numa universidade sediada numa cidade europeia de dimensão média, localizada num país diferente da sua residência permanente?” pretende assim ajudar a clarificar a caracterização dos países no sistema-mundo, as cidades médias e as suas referências identitárias e interligação com as culturas urbanas e universidades. Neste contexto explora-se o turismo da educação.

Substanciando um pouco mais, encontramos dois objectivos transversais a todo o trabalho. De modo diacrónico pretende-se identificar as características das cidades médias de destino, especialmente na dinâmica cultural, na sua relação com as universidades e poderes regulatórios, sob a forma de indicadores estruturais de atracção, numa estratégia contrastante alicerçada no sistema-mundo. Por outro lado, de forma mais sincrónica, ao nível micro, pretende-se investigar a reunião dos factores influenciadores para a mobilidade do estudante internacional.

A questão de partida remete-nos para um conjunto de questões mais específicas (Carmo & Ferreira, 1998) às quais pretendemos responder no decurso da investigação, designadamente:

- Como se posicionam as cidades médias em estudo no sistema-mundo?
- Como se caracterizam as cidades médias em estudo?
- Como se relacionam as culturas urbanas com as referências identitárias das cidades?
- Como se caracterizam as universidades objecto do presente objecto de estudo?
- Como é entendido o fenómeno do turismo de educação por parte dos poderes reguladores?
- Quais os factores de atracção de uma cidade de dimensão média num país central europeu?
- Quais os factores de atracção de uma cidade de dimensão média num país semi-periférico europeu?
- Como se institui a dinâmica cultura urbana dos estudantes internacionais?

- Quais os factores de atracção de uma universidade localizada numa cidade de dimensão média num país central europeu?
- Quais os factores de atracção de uma universidade localizada numa cidade de dimensão média num país semi-periférico europeu?
- Quais os factores de repulsão (*pull factors*) dos países de origem?
- Como é entendido o fenómeno do turismo de educação por parte dos estudantes internacionais?

Recorrendo a modelos teóricos enunciados na revisão da literatura, podemos subdividir os objectivos acima descritos em objectivos mais específicos, que serão a base das hipóteses, tomando-se em consideração que: “o objectivo de um estudo é um enunciado declarativo que precisa as variáveis-chave, a população alvo e a orientação da investigação.” (Fortin, 2003, p. 100).

1. Descrever o sistema-mundo e a posição dos países estudados

Neste nível procurar-se-á descrever a lógica de divisão dos Estados-Nação entre países centrais, países periféricos e países semi-periféricos, recorrendo às teorias da dependência e da globalização.

2. Caracterizar as cidades médias em estudo

Será empreendido um esforço de caracterização por comparação das duas cidades, a localização geográfica no país, o crescimento populacional, a população activa por sector de actividade, os indicadores do turismo e fluxos transfronteiriços. Este segundo objectivo, para sua melhor compreensão, será ainda subdividido nos seguintes objectivos:

2.1. Descrever a relação entre as culturas urbanas e as referências identitárias das cidades

Explorar o conceito de culturas urbanas, com base na descrição da densidade e da estrutura da oferta cultural, bem como na identificação de

fenómenos culturais contra-hegemónicos. A oferta cultural urbana terá como referências os concertos, exposições, feiras, paradas, performances e teatros (Crane, 1992). A explanação das culturas urbanas será relacionada com as referências identitárias de cada cidade, sejam de cariz histórico ou criadas. Partilha-se a opinião de Teixeira Lopes:

As práticas culturais de uma determinada população, não podem ser estudadas isoladamente, como se constituíssem um domínio auto-suficiente em termos analíticos. De facto, impõe-se contextualizá-las num determinado momento histórico, com o seu tempo e o seu espaço, seguindo um espírito subjacente ao conceito de fenómeno social total. (Lopes, 2000, p.113).

2.2. Determinar a influência dos factores estruturais de atracção das cidades médias no turismo de educação

Tomar em consideração os factores económicos, políticos, geográficos e culturais em combinação com a imagem da cidade e o marketing urbano turístico. A imagética da cidade será igualmente analisada à luz da identidade percebida pelos próprios estudantes internacionais.

3. Examinar a influência da geopolítica nas universidades

Para a concretização deste objectivo devemos caracterizar primeiramente as universidades em estudo atendendo à sua história e estrutura, o seu papel como promotores culturais e às imposições das políticas transnacionais, nomeadamente na adaptação ao Processo de Bolonha. Percepcionar o posicionamento nos rankings universitários em articulação com as lógicas de financiamento da própria instituição. O sistema de financiamento será compreendido pelas transferências de verbas estatais, bem como pela redistribuição interna das mesmas.

4. Descrever a relação entre o turismo de educação e os poderes reguladores do ensino superior

Pretende-se reconhecer as políticas de internacionalização de cada universidade e as estratégias de captação de estudantes internacionais, bem como

percepcionar como são encarados os saberes alternativos trazidos pelos estudantes internacionais.

5. Determinar a influência dos factores estruturais de atracção da universidade no turismo de educação

Primeiramente deverão ser identificados os factores de atracção com base nas seguintes dimensões: geográfica, económica, educação, imagem, cultural, política e administrativa.

6. Determinar a influência das redes de suporte no estudante internacional

Explorar a relação entre o estudante internacional e as redes de suporte formais e informais em ambos os extremos da trajectória. As redes sociais online serão igualmente alvos de análise. As redes permitem o perpetuar dos fluxos transfronteiriços.

7. Identificar os factores de repulsão dos países de origem

Enumerar os motivos que influenciaram a opção pela não permanência no país de origem, isto é, os *pull factors*, nas dimensões económica, política e de educação. Nomeadamente, a inexistência de uma rede universitária ou a inexistência da área de especialização educativa pretendida.

Os estudantes internacionais são o nosso objecto de estudo privilegiado, em articulação com as cidades médias onde se inserem. Metodologicamente, a investigação reuniu o método extensivo para a análise documental das agendas culturais e o método extensivo através do inquérito por questionário administrado aos estudantes de ambas as instituições.

O modelo de análise que suportou a investigação não é puramente dedutivo, nem eminentemente prático, defendemos como Babbie que a “ciência é um processo que envolve uma variação / revezamento entre dedução e indução” (Babbie, 1989, p. 53). O constante revisitar entre a teoria e a prática traduz uma tentativa constante de aperfeiçoamento em jeito dialéctico.

1.2. Hipóteses

No seguimento dos objectivos do trabalho e com base na questão de partida, apresentam-se as hipóteses de trabalho, entendidas como “um enunciado geral de relações entre variáveis” (Lakatos & Marconi, 1995, p. 125). Na esteira destes autores, as hipóteses deverão ser operacionalizáveis, isto significa “apresentar-se como uma solução provisória para o problema levantado (...) Definir uma relação esperada entre duas ou mais variáveis (...) Basear-se em fundamentos teóricos ou empíricos e revelar consistência lógica.” (Sousa, 2005, p. 50). Com base nestes pressupostos identificámos as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: A oferta cultural de Coimbra e Groningen diferencia-se consoante a posição no sistema mundo dos países.

Hipótese 2: Os factores estruturais de atracção das cidades dependem da posição no sistema mundo dos países.

Hipótese 3: O turismo de educação é condicionado por factores estruturais de atracção ao nível universitário (geográfica, económica, educação, imagem, cultural, política e administrativa).

Hipótese 4: O turismo de educação é condicionado por factores estruturais de atracção ao nível da cidade (económicos, políticos, geográficos e culturais em combinação com a imagem da cidade e o marketing urbano turístico).

Hipótese 5: O turismo de educação depende do grau de envolvimento do estudante internacional em redes de suporte.

Hipótese 6: Os motivos de foro pessoal, social, económico, educacional e político influenciam a decisão de estudar no estrangeiro.

Hipótese 7: O turismo de educação é condicionado por factores conjunturais de repulsão do país de origem.

Sublinhamos que grande parte das hipóteses de trabalho acima apresentadas é transversal a diversos estudos sobre o estudante internacional e o turismo de educação. Porém, o que se destacou neste trabalho foi a análise contrastante entre os estudantes internacionais de duas universidades distintas, bem como dentro da tipologia de estudante internacional procurar distinguir o aluno regular do aluno em mobilidade. Para além dos dados serem recolhidos em dois países a procura de uma compreensão dos factores de atracção cidade e universidade densificam a análise e remetem-nos para a necessidade de apresentar hipóteses mais específicas, tais como:

- As práticas de lazer dos estudantes regulares ou em mobilidade são diferentes: *Passear; Passear em centros comerciais; Ir a feiras; Fazer desporto; Fazer jogging; Ir à praia; Ir a concertos de música popular; Assistir a touradas ou corridas de cavalos; Assistir a espetáculos desportivos; Ir ao circo; Ir a cafés, cervejarias, pastelarias; Assistir a cerimónias religiosas; Jogar em máquinas eletrónicas; Ir a discotecas; Ir a bares; Ir às compras (roupa, livros, etc.); Ir ao cinema; Dançar incluído num grupo; Tocar um instrumento musical incluído num grupo; Cantar incluído num grupo; Fazer teatro amador; Jogar cartas, damas, bilhar; Fazer campismo ou caravanismo; Participar em workshops; Participar em blogues/ chats científicos; Promover encontros científicos; Ir a concertos de música clássica; Organizar eventos culturais; Visitar museus, exposições; Ir a conferências científicas; Ir a apresentações de livros; Frequentar a casa de amigos; Jantar fora de casa; Viajar.*
- As práticas de lazer dos estudantes internacionais de Coimbra e Groningen são diferentes:
Passear; Passear em centros comerciais; Ir a feiras; Fazer desporto; Fazer jogging; Ir à praia; Ir a concertos de música popular; Assistir a touradas ou corridas de cavalos; Assistir a espetáculos desportivos; Ir ao circo; Ir a cafés, cervejarias, pastelarias; Assistir a cerimónias religiosas; Jogar em máquinas eletrónicas; Ir a discotecas; Ir a bares; Ir às compras (roupa, livros, etc.); Ir ao cinema; Dançar incluído num grupo; Tocar um instrumento musical incluído num grupo; Cantar incluído num grupo; Fazer teatro amador; Jogar cartas,

damas, bilhar; Fazer campismo ou caravanismo; Participar em workshops; Participar em blogues/ chats científicos; Promover encontros científicos; Ir a concertos de música clássica; Organizar eventos culturais; Visitar museus, exposições; Ir a conferências científicas; Ir a apresentações de livros; Frequentar a casa de amigos; Jantar fora de casa; Viajar.

- A satisfação com os equipamentos culturais está associada com o tipo de práticas de lazer.
- Os alunos internacionais em Coimbra e em Groningen tiveram motivos semelhantes para estudar no estrangeiro.
- Os alunos regulares e de mobilidade tiveram motivos diferentes para ingressar numa universidade estrangeira.
- A decisão de estudar no estrangeiro está associada às redes de suporte financeiro do estudante.
- A decisão de estudar no estrangeiro está associada às redes de suporte afectivo do estudante.
- As características sociodemográficas dos estudantes internacionais têm impacto nas suas percepções sobre a universidade.
- As características sociodemográficas dos estudantes internacionais têm impacto nas suas percepções sobre a cidade.
- As características sociodemográficas dos estudantes internacionais influenciam a hierarquização da importância dos factores estruturais de atracção das cidades.
- As características sociodemográficas dos estudantes internacionais influenciam a hierarquização da importância dos factores estruturais de atracção das universidades.
- Os factores estruturais de atracção das universidades são mais significativos que os factores estruturais de atracção das cidades na decisão de estudar no estrangeiro.

2. Análise extensiva

2.1. Enquadramento metodológico

No que respeita às dinâmicas culturais, a opção metodológica vai no sentido de conhecer a estrutura e a densidade da oferta cultural, numa abordagem predominantemente qualitativa, adequada ao objectivo do estudo de *descrição da relação entre as culturas urbanas e as referências identitárias das cidades*, no âmbito mais geral de caracterização das cidades médias.

A estratégia metodológica utilizada para o reconhecimento da estrutura da oferta cultural teve por base um inventário dos equipamentos culturais em ambas as cidades. A densidade da oferta cultural, entendida como levantamento das iniciativas culturais, conduziu à necessidade de encontrar um objecto que se prestasse ao mesmo tratamento metodológico. Para este efeito procedeu-se a uma técnica de pesquisa documental intensiva de recolha de dados. Esta sistematização da informação implicou a procura de uma fonte documental idêntica em Coimbra e em Groningen. Tendo em atenção a distância geográfica das duas cidades, e da necessidade de encontrar um método rigoroso de recolha de informação, a fonte documental privilegiada incidiu nas agendas culturais editadas de modo *online*, igualmente acessíveis, afastando a dificuldade geográfica.

As agendas culturais *online* foram assim identificadas como objecto de estudo principal, permitindo responder a diversos requisitos metodológicos de transparência e igualdade. A eleição deste objecto de pesquisa fundamentou-se em dois critérios: características editoriais idênticas e edição na internet. O primeiro critério baseou-se no entendimento da existência de algumas particularidades editoriais, como as secções da própria agenda, concluindo por uma certa partilha de um formato geral, passível de ser analisado e comparado. O segundo critério remete-nos mesmo para a própria facilidade da operacionalização da recolha. A edição pela internet permite o mesmo tipo de acesso aberto da informação para o público em geral. Em Coimbra é o Turismo de Coimbra que edita as agendas em Groningen é o *Groninger Uitburo*.

Esta técnica de recolha intensiva de informação tem as suas vantagens e limitações. Por um lado, advogamos a fiabilidade da recolha sistematizada dos dados e adequação aos condicionalismos de distância geográfica das cidades objecto de estudo e principalmente à escassez de recursos. A compilação local seria porventura menos fiável e demasiado onerosa para se levar a cabo. No entanto, compreendemos que a informação divulgada está sujeita a critérios de selectividade editorial de carácter político-ideológico e muitos eventos ficaram por revelar.

O corpus documental assim constituído permitiu sistematizar a quantidade de eventos e a sua categorização, classificar a dispersão programática, a heterogeneidade dos atores e promotores, bem como a profusão dos espaços utilizados.

2.2. Instrumentos metodológicos: o corpus documental das agendas culturais

Com o estudo das Agendas Culturais pretende-se recensear a densidade da oferta cultural de cada cidade, remetendo-nos de imediato para a frequência de actividades exodomiciliares, isto é, fora do espaço doméstico, da habitação. Empreendeu-se a recolha de dados semi-estruturados, através de uma análise das agendas culturais em ambas as cidades, disponibilizadas em sítios electrónicos das empresas municipais de turismo. Os dados foram recolhidos entre Janeiro e Dezembro de 2012, abarcando um ano civil, implicando dois semestres académicos bem como as férias dos estudantes. Para mapear a diversidade cultural destes documentos recorrer-se-á à técnica da análise de conteúdo:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção / recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (Bardin, 1977, p. 42).

Após a decisão por este objecto de estudo, concebeu-se um protocolo comum de recolha e tratamento de informação contida nas fontes documentais. Novamente se procurou o mesmo rigor na sistematização do levantamento dos

dados. A informação foi reunida no primeiro dia de cada mês, durante doze meses, nas duas agendas culturais. Cada evento foi analisado e transposto para uma grelha de categorias, em formato excel, constituindo no seu total o corpus documental passível de tratamento metodológico. Deste modo, o conjunto de dados obtidos em Coimbra e Groningen, de Janeiro a Dezembro de 2012, tiveram o mesmo protocolo de procedimentos e sistematização. “Os dados qualitativos obtidos a partir da análise de conteúdo permitem inferências, explicações e interpretações solidamente baseadas em procedimentos que respeitem a singularidade de cada situação específica e o contexto em que se desenrola”. (Sousa, 2005, p. 265).

Com este fim, estabeleceu-se uma grelha de análise (ver Tabela 6), uma organização matricial, onde estes objectivos se espelharam e através da qual todos os eventos foram filtrados. A grelha de análise compôs-se por categorias, enquadrada em grandes campos de classificação dos universos empíricos. A unidade de registo utilizada foi a actividade cultural.

Esta grelha observa a tradição etnometodológica na medida em que “dá relevo à prática discursiva na esfera do social, isto é, às formas de utilização da linguagem. Através da análise de conteúdos, pretende-se compreender a racionalização das práticas (...)”. (Guerra, 2006, p. 27).

Podemos referenciar que a grelha é constituída numa lógica deduzida de modelos teóricos gerais Sousa (2005) partindo dos estudos de Moscovici, denomina estes procedimentos como fechados, pela determinação prévia das categorias onde se encaixam posteriormente as unidades. Neste caso, os objectos de estudo foram alvo de um registo de modo objectivo e sistemático, recorrendo à sua quantificação, através da contagem das frequências de cada categoria. As agendas culturais pelo modo como surgem enunciadas adequam-se ao tipo de análise categorial de temas.

Funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias, segundo reagrupamentos analógicos. Entre as diferentes possibilidades de categorização, a investigação dos temas, ou análise temática, é rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos directos (significações manifestas e simples) (Bardin, 1977, p. 153).

A grelha apresenta quatro temas transversais, passíveis de comparação: a contextualização, as práticas do lazer, a semiótica e os operadores culturais. Como tal, a grelha permitirá, a “análise categorial, que consiste em calcular e comparar as frequências de certas características previamente agrupadas em categorias significativas” (Quivy, 1992, p. 28).

Tabela n.º 6: Grelha de classificação em quatro categorias das Agendas Culturais

Contextualização		Mês	
		Repetição mensal	
		Nº de registo	
		Título	
		Nome do promotor	
Práticas de Lazer	Espaço público	Expressivas públicas	
		Participativas públicas	
	Espaço semipúblico	Expressivas semipúblicas	
		Receptivas semipúblicas	
	Espaço associativo	Associativas criativas	
		Associativas expressivas	
Espaço erudito	Eruditas criativas		
	Receptivas e informativas de públicos cultivados		
Semiótica		Arquitectura - design	
		Artes performativas: teatro	
		Artes performativas: ópera	
		Artes performativas: dança	
		Artes performativas: circo	
		Artes plásticas: pintura	
		Artes plásticas: escultura	
		Artes plásticas: fotografia	
		Edição literária	
		Edição videográfica	
		Música	
		Produção audiovisual	
		Produção multimédia	
		Produtos cinematográficos	
		Gastronomia	
		Artesanato	
		Património	
		Desporto	
		Oficinas de Ciência	
		Conferências científicas	
Operadores culturais		Públicos	
		Privados	
		Organizações sem fins lucrativos – associativas cooperativas	
		Organizações sem fins lucrativos – de outro tipo	

No primeiro campo procurou-se identificar as categorias analíticas de contextualização através dos indicadores do mês em causa, a atribuição de um número de registo, o título da actividade, o nome do local onde é promovido e do mesmo modo a possibilidade de repetição, isto é, registou-se sempre se o evento já havia sido referido no mês anterior, procurando com este cuidado comprovar, pelo número de frequências, a duração temporal de cada evento num período de um ano. Para a adequação do campo das contextualizações apoiámo-nos num estudo de Fortuna (2003), inserido no Observatório das Actividades Culturais.

O segundo campo incide na classificação do espaço de difusão do evento e remete-nos para as categorias das práticas do lazer subdivididas em termos de dimensões espaciais, revestindo-se de um carácter público, semipúblico, associativo e de cultura cultivada. Com este propósito socorremo-nos da grelha utilizada por Teixeira Lopes (2000), já discutida na Parte II. O espaço é igualmente compreendido nos indicadores que nos reportam ao posicionamento do sujeito enquanto emissor ou receptor da actividade. Cada dimensão do espaço subdivide-se em indicadores (Lopes, 2000, p. 197) como:

- expressivas públicas: “frequentar festas de carácter popular; passear; fazer desporto; fazer jogging; fazer pequenas viagens; ir à pesca; ir à caça; ir à praia; passear em centros comerciais; ir a feiras”.
- participativas públicas: “assistir a jogos de futebol (ou outros espectáculos desportivos); assistir a touradas; ir ao circo; ir a concertos de música popular e moderna”.
- expressivas semipúblicas: “ir a cafés, cervejarias, pastelarias, ir à missa ou a cerimónias religiosas; ir a discotecas; ir a bares; almoçar ou jantar fora sem ser por necessidade; jogar em máquinas electrónicas (casas de jogos); ir às compras (roupas, discos, livros)”.
- receptivas semipúblicas: “Ir ao cinema”.
- associativas criativas: “fazer teatro amador, dançar (dança contemporânea, ballet, jazz e folclore); tocar num grupo musical, coro, rancho, etc.”.

- associativas expressivas: “ir a associações recreativas ou colectividades locais; jogar xadrez; jogar às cartas, damas, bilhar, etc.; fazer campismo e caravanismo”.
- eruditas criativas: “escrever (poemas, contos, etc); artes plásticas (pintar, desenhar, etc), fazer fotografia (sem ser em festas ou em férias)”.
- receptivas e informativas de públicos cultivados: “ir ao teatro; ir a concertos de música”.

Estes registos são mutuamente exclusivos, isto é, cada evento pertence apenas a um tipo de indicador. As unidades de registo, as iniciativas culturais, são alvo de codificação. “Sendo a codificação uma actividade subjectiva, em que o codificador interpreta o significado de cada unidade em conformidade com o seu referencial pessoal, cognitivo e afectivo, sendo portanto mutável, mesmo durante o processo de análise, a validade desta pode ser questionável” (Sousa, 2005, p. 266). A codificação remete-nos assim para as questões da fidelidade e da validade. A fidelidade, entendida por Black (1999) como a possibilidade de obter os mesmos resultados quando se mede com o mesmo instrumento em diferentes tempos. Para minimizar o enviesamento de resultados podemos recorrer aos índices de fidelidade inter-observadores, com dois avaliadores e um mesmo instrumento ou intra-observador, onde como indica Black o mesmo instrumento é administrado pelo mesmo avaliador em tempos diferentes, a fonte de variabilidade é o tempo e o tipo de fidelidade relaciona-se com a sua consistência.

O índice de fidelidade testado foi o intra-observador, numa amostra de 65 unidades de registo, distando as observações num mês. Como as categorias descritas na grelha implicam variáveis nominais recorreremos ao índice de Bellack (Bellack, 1984) com base no cálculo dos acordos e desacordos da categorização. De modo a excluir a possibilidade de existirem acordos por acaso calculou-se o coeficiente Kappa de Cohen (Fonseca, 2007), onde o limite máximo é 1, representando o acordo perfeito.

Quadro n.º 11: Resultados percentuais da fiabilidade intra-observador

	Acordos	Desacordos	%	K de Cohen
Expressivas públicas	12	0	100%	1
Participativas públicas	11	1	92%	0,89
Expressivas semipúblicas	3	0	100%	1
Receptivas semipúblicas	3	0	100%	1
Associativas criativas	3	1	75%	0,73
Associativas expressivas	1	0	100%	1
Eruditas criativas	4	2	67%	0,64
Receptivas e informativas de públicos cultivados	26	2	93%	0,88
TOTAL	63	6		

Como podemos observar a fiabilidade intra-observador varia entre os 67% e os 100% sendo o valor mais baixo apenas para as iniciativas eruditas criativas, mas podendo considerar-se uma boa concordância, estando os restantes valores dentro do que é considerado uma excelente concordância intra-juízes. No que respeita à análise do Kappa de Cohen (Cohen, 1960), os valores mais baixos foram 0.64 nas eruditas criativas e associativas criativas com 0.73 revelando uma boa concordância, sendo que a literatura consultada como Fleiss (1981) e Fonseca (2007) indicam 0.75 como o valor de concordância mais aceitável, em que quatro das oito categorias analisadas se registam com o valor máximo de 1 de excelência.

A validade indica se um teste mede todos os aspectos do conceito abstracto que se pretende analisar (Black, 1999). O tipo de validade que nos parece ser apropriada ao instrumento utilizado é a validade de conteúdo ou validade lógica (Almeida & Freire, 1997), “o que se costuma fazer é submeter o teste à opinião de peritos e especialistas” (Coutinho, 2000, p.163), o que na realidade aconteceu uma vez que a grelha é adaptada de autores de referência (Madureira Pinto, 1994; Teixeira Lopes, 2000; Costa, 2007) e por estes já testada.

Contudo, reconhecendo a hibridização dos géneros culturais, a grelha serve de contraponto filtrando as actividades culturais, permitindo o aprofundamento da oferta cultural através do registo da própria categorização semiótica usada na divulgação de cada actividade, entrando assim no terceiro campo de análise. Para o

efeito, estabeleceu-se um conjunto de indicadores que se cruzam com os diferentes espaços de difusão do evento, ajudando-nos a compreender o seu significado, a saber: arquitectura / design; artes performativas subdivididas em teatro, ópera, dança e circo; artes plásticas subdivididas em pintura, escultura e fotografia; edição literária; edição videográfica; música; produção audiovisual; produção multimédia; produtos cinematográficos; gastronomia; artesanato; património; desporto; oficinas de ciência; conferências científicas. Este filtro ajuda-nos a categorizar o que na vulgar e ampla acepção de cultura, como diz Scott citado por Costa, “vai da ópera ao artesanato, do cinema à literatura” (Costa, 2007, p. 42).

Cruzando estas dimensões com as práticas de lazer subdivididas em termos de espaço, permite-nos um maior alcance sobre o tipo de evento divulgado. Para melhor explanação sobre a necessidade sentida na aplicação de um filtro mais fino em cada iniciativa cultural, pelo cruzamento dos segundo e terceiro campos, damos o exemplo de um evento musical. Utilizando esta grelha conseguimos distinguir se se trata de um tipo de espectáculo musical que se encontre associado à dimensão de participação pública ou à dimensão de recepção informativa de públicos cultivados.

No último e quarto campo, de forma a categorizar os operadores culturais, identificamos o tipo de entidades promotoras dos eventos, no que respeita ao campo económico, com base na sua definição em termos de regime jurídico. Deste modo, identificámos quatro indicadores: públicos; privados; organizações sem fins lucrativos – associativas cooperativas; organizações sem fins lucrativos – de outro tipo.

3. Análise intensiva

3.1. Amostragem

Um dos dois objectivos transversais ao trabalho relaciona-se de modo sincrónico com a análise dos factores que influenciam a mobilidade do estudante internacional, sendo este o objecto de estudo por excelência da investigação. “Uma população é uma colecção de elementos ou sujeitos que partilham características comuns, definidas por um conjunto de critérios (...) Uma população particular que é submetida a um estudo é chamada população alvo” (Fortin, 2003 p. 202). Nesta esteira, podemos considerar que a População alvo engloba todos os cidadãos internacionais que obtiveram um visto de estudante e se encontram matriculados numa universidade de um país diferente da sua residência de origem, neste caso na Universidade de Coimbra e na Universidade de Groningen e portanto considerados uma população finita³⁷.

Por conseguinte, o estudo comparativo implicou a criação de duas amostras independentes englobando todos os cidadãos internacionais que obtiveram um visto de estudante para se matricularem na Universidade de Coimbra, correspondendo a uma amostra e na Universidade de Groningen, correspondendo à segunda.

O método de amostragem escolhido é probabilístico, assente em teorias de amostragem, permitindo a melhor representatividade da população e a extrapolação dos resultados. A técnica aleatória estratificada proporcional foi eleita na medida em que se pretendeu “...dividir a população alvo em subgrupos homogéneos chamados estratos e a seguir tirar de uma forma aleatória uma amostra de cada estrato.” (Fortin, 2003, p. 206). Os estratos asseguraram assim maior representatividade da população e a possibilidade de análise comparativa entre estes grupos.

Os estudantes internacionais dividiram-se em dois grandes estratos: regular (obtem o certificado pela universidade de acolhimento) e mobilidade (obtem o certificado pela universidade de origem). Esta divisão é pertinente pois existe a possibilidade da decisão de estudar no estrangeiro variar consoante o grupo em

³⁷ População finita de acordo com a literatura se estabelece com um número inferior a 10.000 casos (Sousa, 2005).

causa, embora em termos de autorização de residência os processos burocráticos sejam em tudo idênticos para estes dois estratos da amostra.

Cada estrato foi subdividido em substratos correspondendo ao ciclo de estudos da matrícula, primeiro, segundo e terceiro ciclo de estudos. Ambas as universidades integram o Processo de Bolonha, pelo que se utilizou sempre esta nomenclatura.

Como o acesso aos dados da população de Coimbra foi maior, entendemos, para maior representatividade, incluir nesta amostra sub-estratos que integrassem as nacionalidades mais representadas na população bem como a divisão pelo género.

A dimensão das amostras foi calculada com base num nível de confiança de 95% e com um erro amostral tolerável³⁸ de 0,05 para Coimbra e 0,08 para Groningen. Conhecendo os valores da população alvo e o erro amostral como “a diferença que existe entre os resultados obtidos numa amostra e os que teriam sido obtidos na população alvo” (Fortin, 1999, p. 204), estabeleceram-se os planos de amostragem que se encontram em anexo, correspondendo a N=3688 com n= 355 para Coimbra e N=4303 com n= 152 para Groningen (Anexo II, quadros 1 e 2).

A proporcionalidade de cada fracção de estrato foi determinada³⁹ e consideraram-se os casos que primeiro completaram os números exigidos. Aumentar a margem de erro para a amostra de Groningen, dentro dos limites aceites pela literatura científica, permitiu estabelecer uma amostra igualmente representativa da população, embora mais reduzida,

temos de tomar em linha de conta que os investigadores que trabalham no terreno, com questionários, têm muito menos controle sobre as condições das suas investigações do que os psicólogos num laboratório... dependendo da natureza do trabalho, é por vezes razoável neste caso, utilizar um valor $\alpha=0,10$ (Hill & Hill, 2000, p. 65).

³⁸ Com base no algoritmo $n=N \cdot n_0/N + n_0$ com $n_0=1/E0^2$.

³⁹ Com base no algoritmo $f=n/N$ (D'Hainaut, 1990, p.30).

Como o número de casos recolhidos não permitiam um erro amostral igual à amostra de Coimbra, eliminámos na amostra de Groningen alguns casos de estratos já completos, de modo a assegurar a proporcionalidade em todos.

A técnica de recolha de dados privilegiada foi o inquérito por questionário, apropriada à investigação empírica com dados quantitativos, ministrado aos estudantes internacionais em ambas as universidades, em língua portuguesa e inglesa na Universidade de Coimbra, e apenas em língua inglesa na Universidade de Groningen. O inquérito foi elaborado de modo *online* servindo-nos de ferramentas electrónicas gratuitas, disponibilizadas pelo *Google*, completando no final três questionários. Em Coimbra, os inquéritos foram administrados por correio electrónico. Em Groningen foram usadas maioritariamente as redes sociais. O inquérito foi administrado no ano lectivo 2012-2013.

As questões foram iguais com excepção das referências às instituições de ensino. O questionário integrou os objectivos do trabalho, tomando em atenção os conceitos de atracção por via da universidade, atracção por via da cidade, culturas urbanas, pull-factors e redes.

De modo a melhorar o questionário, verificar a adequação da amostra e das escalas de resposta, procedeu-se a um estudo preliminar com a aplicação de um pré-teste a uma amostra pequena mas representativa do universo.

3.2. Versão final do inquérito por questionário

O inquérito por questionário foi a técnica eleita compreendendo-se que a “arte de bem perguntar reside na capacidade de conhecer as implicações dos enunciados das perguntas e das condições por estas criadas, donde resultam os enunciados classificados de respostas” (Ferreira, 1986). A elaboração do inquérito encerra em si mesmo um conjunto de procedimentos, uma certa vigilância na redacção para que o rigor científico vigore (Moreira, 2004).

Nesta técnica – “o inquérito por questionário – verifica-se que o instrumento de colheita e registo de dados utilizado é estruturado em termos de uniformizar (ou normalizar) a informação apurada, de modo a que realidades idênticas

correspondam resultados idênticos e a realidades diferentes resultados distintos (Soares, 1976, p. 563).

O inquérito foi escrito em português e traduzido para inglês. Foi revisto por um por um tradutor bilingue e posteriormente lido por um inglês nativo, que discutiu alguns pormenores de conteúdo com o tradutor de modo a que existisse a mesma compreensão dos elementos a questionar, uma vez que o inquérito foi aplicado na Universidade de Coimbra na versão portuguesa e inglesa e na Universidade de Groningen somente em inglês, havendo o cuidado de adaptar o nome de cada instituição.

A primeira secção do questionário implicou questões abertas que se identificam com a parte clássica dos questionários, composta pelas características pessoais, de fácil leitura, com categorias de resposta qualitativamente diferentes e que se excluem entre si. O questionário respeitou a regra do aumento gradual de dificuldade e pessoalidade de resposta, sugerido por Goode e Hatt citados por Sousa 2000. Este instrumento tem a grande vantagem de se poder aplicar simultaneamente às duas populações em estudo, uma vez que se fez uma versão em português e outra em inglês, garantindo o anonimato dos inquiridos. As restantes secções integram questões fechadas, o que por um lado pode implicar uma certa desmotivação do inquirido, pois a estruturação do problema é do investigador, mas que, por outro lado, tendo em atenção a comparabilidade de dados em dois países facilitou a categorização e posterior análise dos dados.

As escalas de resposta das questões fechadas são nominais e predominantemente ordinais, nestas últimas o inquirido ordena os itens, isto é, as alternativas de resposta, “em que se faz a ordenação das unidades tendo em conta a sua individualidade em relação às propriedades das que as antecedem e das que as precedem, numa relação de ordem e equivalência “ (Sousa, 2005, p. 184).

Foram observados alguns requisitos na elaboração do questionário, os objectivos foram expressos logo no início, as instruções para as perguntas foram claras e precisas e no final, após a submissão electrónica de resposta surgia automaticamente uma nota de agradecimento.

Para além da primeira parte de dados pessoais, o questionário divide-se em mais cinco secções articuladas com os objectivos do trabalho. Na primeira secção

de dados pessoais analisam-se as características sociodemográficas de ambas as amostras e através da Análise das Correspondências Múltiplas traçamos os perfis de estudantes tanto da UC como da RUG. De seguida analisa-se a questão 20 (*Como se desloca na cidade?*) para tratar da forma de deslocação diária dos estudantes e dos seus hábitos.

A segunda secção que compreende as questões 11, 11.1 (*Indique a primeira forma de suporte financeiro que lhe permite custear a sua estadia no estrangeiro*) e 12, 12.1. (*Indique o primeiro grupo social que influenciou a sua deslocação para o estrangeiro*) respeita ao objectivo seis do trabalho: determinar as redes de suporte ao estudante internacional em termos financeiros e afectivos respectivamente. A categoria analítica redes de suporte foi analisada pelas dimensões financeira na questão 11 e afectiva na questão 12. A escala de resposta é nominal. Pelo teste do qui-quadrado e análise de resíduos ajustados observamos a associação entre a deslocação com o objectivo de estudar no estrangeiro e as redes de suporte.

A terceira parte do questionário integra a questão 13 (*Indique o grau de importância dada aos seguintes motivos para estudar no estrangeiro*) e relaciona-se com o objectivo sete de identificação dos factores de repulsão do país de origem, mas também com os factores pessoais de cada indivíduo. Esta questão mede o grau de importância dada aos motivos para estudar no estrangeiro. A escala de resposta é ordinal de avaliação pelo grau de importância, ou seja “esta escala admite uma ordenação numérica das suas categorias (...) contudo, não é possível medir a magnitude das diferenças entre as categorias” (Sousa, 2005, p. 108). Os itens do questionário foram alvo de uma Análise das Componentes Principais (Kline, 2002), a que se juntou uma Análise de Clusters que criou grupos com base em diferentes categorias de motivos para estudar noutro país. As comparações entre instituições e por situação de matrícula foram alvo de uma análise pelo t-teste de comparação de médias.

A quarta secção do questionário divide-se nas questões da imagem da cidade e da instituição universitária reunidas nas questões 15 (*Indique a sua opinião sobre as seguintes afirmações relativas à cidade de acolhimento*) e 17 (*Indique a sua opinião sobre as seguintes afirmações relativas à universidade de acolhimento*). A escala de resposta é ordinal de avaliação pelo grau de concordância com frases.

Estas questões englobam a percepção e imagem tanto da cidade, como da universidade e são alvo de uma análise de regressão logística binária entre percepção positiva ou negativa. Entendemos utilizar a técnica estatística da regressão logística binária, uma vez que se tratam de variáveis categóricas, através de um conjunto de variáveis independentes, sintetizadas em características sociodemográficas e que possam ser predictoras ou explicar a imagem positiva ou negativa da cidade e universidade. Nas características sociodemográficas incluíram-se as variáveis: ciclo de estudos, condição de matrícula, escalão etário (variável criada para o efeito) e país de origem. O método padrão utilizado foi o *enter*, de forma a analisar no mesmo bloco o mesmo conjunto de variáveis independentes. O objectivo específico é aferir a imagem positiva tanto da cidade como da universidade.

As variáveis dependentes que no seu conjunto formam a percepção da cidade e a percepção da universidade foram recodificadas de modo binário em 1 em imagem da cidade positiva, agregando os valores 4 e 5, concordo e concordo plenamente da escala das questões, e 2 de imagem da cidade neutra e negativa agregando os valores de 1 a 3, de discordo plenamente a neutro, resumidas nas questões 15 e 17 do inquérito. Entendemos que os valores 1, 2 ou 3 nada acrescentam de positivo ou de relevante, pelo que puderam ser considerados como detractores ou "opinião negativa". Deste modo, garantimos a qualidade e significância do modelo de regressão logística binária. Uma vez que se tratam de variáveis dependentes dicotómicas, os coeficientes de regressão são estimados através do teste de Hosmer-Lemeshow, isto é, avalia-se o valor preditivo do modelo pela análise das variáveis dependentes.

A quinta parte engloba as questões 14 (*Indique o grau de importância dada aos seguintes fatores na decisão da escolha da cidade de destino*) e 16 (*Indique o grau de importância dada aos seguintes fatores na decisão da escolha da universidade de acolhimento*), as escalas de resposta são ordinais de avaliação pelo grau de importância atribuído a cada item. Pretende-se medir o grau de importância dos factores estruturais de atracção das cidades médias e universidades no turismo de educação. Encetou-se uma análise das médias de resposta, tanto para as cidades como para as universidades, e aplicou-se o teste de Kruskal-Wallis pelos perfis pré-determinados dos estudantes por instituição.

Os itens que compõem a atractividade da cidade foram objecto de uma Análise das Componentes Principais, tais como os itens que compõem a atractividade da universidade. No final, com as componentes estipuladas por cada análise e, após a verificação da fiabilidade interna através do teste de *Alpha de Cronbach* de todas elas, criaram-se índices globais de atractividade tanto da cidade como da universidade. Estes índices globais foram originados numa nova Análise das Componentes Principais às componentes criadas por cada factor de atracção. Deste modo, permitiu-nos comparar para cada amostra de Coimbra e Groningen o cruzamento dos índices globais de atractividade.

A sexta e última secção abrange as questões 18 (*Indique qual a frequência com que pratica cada uma das seguintes actividades*) e 19 (*Indique qual o grau de satisfação com a oferta de equipamentos da cidade e universidade destinados às seguintes actividades*) e resulta do objectivo dois, mais especificamente das práticas das actividades de lazer como factor estrutural de atracção. A forma de mobilidade na cidade não é uma actividade de lazer, mas considera-se um indicador de estilo de vida. Nestas questões utilizaram-se as categorias já descritas para as grelhas das agendas culturais com base em Teixeira Lopes (2000) sobre o espaço público com as dimensões expressivas e participativas públicas; o espaço semipúblico com as dimensões expressivas e receptivas; o espaço associativo semipúblico com as dimensões criativas e expressivas e o espaço de cultura cultivada nas dimensões criativas e receptivas. No questionário acrescentou-se algumas questões que respeitam ao espaço doméstico igualmente nas vertentes expressivas e receptivas, bem como itens alusivos especificamente a práticas de índole científica. As respostas à questão 18 e 19 medem-se numa escala ordinal de avaliação, pois medem a variável frequência e variável satisfação respectivamente.

As práticas de lazer foram alvo de uma Análise das Componentes Principais e subsequentemente procedeu-se à criação de índices sintéticos para cada uma das componentes encontradas, onde a variância de cada índice possibilita aferir a qualidade do próprio índice, como nos explica Correia da Silva (2011), permitindo investigar com segurança, comparando as componentes de práticas de lazer por instituições e situação de matrícula.

Neste sentido, como salienta Saris, nas ciências sociais muitos conceitos são medidos através de indicadores múltiplos, devendo, na sua construção terem-se em conta os seguintes critérios:

- (1) Os itens devem ser avaliados sobre a qualidade e, nas comparações entre países, deve ser assegurada a sua equivalência (...);
- (2), os pesos devem ser escolhidos para o cálculo dos *scores* compostos e
- (3) a qualidade dos escores compostos tem de ser determinada.

Nesta perspectiva, a construção dos índices sintéticos deverá ser feita, não através da simples média aritmética dos indicadores, mas recorrendo a uma Análise Componentes Principais com uma só componente. Os *scores* factoriais constituem, neste caso, as pontuações individuais no índice. Desta forma:

1. A qualidade dos itens deve ser previamente avaliada através do *Alpha de Cronbach*;
2. O processo assegura a ponderação dos indicadores;
3. A variância explicada quantifica a qualidade do índice. (Correia da Silva, 2011, p. 241).

Procedeu-se igualmente a uma Análise de Clusters que permitiu identificar qual a tipologia dos praticantes de actividades de lazer. Os grupos criados pelos clusters foram igualmente cruzados com os perfis de estudantes de ambas as instituições, sempre numa tentativa de aprofundar a análise dos dados, sem perder a estratégia comparativa.

A frequência das práticas de lazer e a satisfação com os equipamentos culturais foram analisados através do teste do qui-quadrado para aferir a sua dependência e pelos dados extraídos da correlação bivariada de Spearman.

Em todas as Análises das Componentes Principais aplicadas e de modo a relacionar os itens com os factores extraídos procedeu-se sempre à matriz de componentes rodada, método *varimax* com normalização Kaiser, com eigenvalues superiores a 1. “Aplica-se a rotação para maximizar as saturações de alguns itens.” (Bryman, 1992, p. 330). A vantagem desta rotação é a apresentação do número mínimo de factores com o propósito de explicar a relação entre variáveis. Utilizámos como critérios: um item só pode corresponder a um factor e não reportar correlações inferiores a .40, de acordo com Tabachnick e Fidell (1996).

Cada dimensão apresentada integrou um conjunto de itens que traduziram as hipóteses do trabalho e os objectivos da investigação, num método dedutivo.

As hipóteses estatísticas, alvo da análise de dados, provieram das hipóteses de associação de variáveis não direcionais e portanto foram objecto de “análises de correlação e regressão para determinar a existência, o tipo, e o grau de relação entre variáveis estudadas” (Fortin, 2003, p. 108). Podemos assim identificar a investigação realizada como do tipo descritivo-correlacional, na medida em que descreve, explica e prediz relações entre variáveis. “Estas variáveis não são ao acaso (...) são escolhidas em função de um quadro teórico e da variação ou da mudança que podem exercer umas sobre as outras” (Fortin, 2003, p.179).

3.3. Análise lógica da validade: a reformulação de questões

As primeiras questões respeitantes à secção do questionário que integra as características pessoais do indivíduo não foram alteradas em termos semânticos. Apenas a questão sobre o nome dos cursos, formulada no pré-teste como questão aberta sofreu alterações na sua redação, foi modificada para uma questão fechada a que se associou uma lista de respostas alternativas composta pelo nome dos cursos, o que facilitou a codificação, pois muitas vezes no pré-teste surgiram respostas por siglas, o que dificultou a sua análise.

As questões que incidiam sobre as redes dos estudantes internacionais implicavam uma escala de Thurstone para assinalar o grau de importância numa lista alternativa respeitante ao suporte financeiro e grupos sociais de apoio. As questões foram interpretadas como permitindo respostas múltiplas induzindo em erros. A informação obtida não foi muito detalhada até porque o tipo de escala utilizada não permite determinar as diferenças de importância, pelo que cada questão foi reformulada em duas e noutra escala.

As restantes questões mantiveram-se e inseriram-se três itens respeitantes a actividades de lazer endodomiciliares na última questão do pré-teste, especificamente frequentar a casa de amigos, jantar fora de casa e viajar. A lista de respostas alternativas baseia-se na divisão das actividades de lazer já utilizada para a grelha das actividades culturais. O item jogar em máquinas electrónicas foi acrescido da inclusão de jogar com telemóvel, bem como itens específicos sobre actividades científicas.

Como na questão aberta colocada no final do pré-teste alguns inquiridos manifestaram dificuldade na prática de actividades de lazer por falta de equipamentos na cidade e universidade entendemos acrescentar uma questão relacionada com o grau de satisfação com os equipamentos vocacionados para as práticas de lazer.

Reconhecendo que as deslocações em Groningen se fazem maioritariamente de bicicleta, inserimos uma última questão respeitante à deslocação na cidade.

3.4. Pré-teste

Após a elaboração do questionário piloto tornou-se necessário verificar a fiabilidade e a validade do instrumento. Recorreu-se a uma amostra (n=65) de estudantes internacionais para a realização do pré-teste.

O estudo piloto permite averiguar a consistência interna do instrumento pela estimação da fiabilidade interna, compreendida como a “capacidade do instrumento de medida de produzir resultados similares quando medições repetidas são efectuadas em idênticas condições de teste” (Spata, 2005, p. 48). Neste caso estima-se a fiabilidade através da aplicação do teste *Alpha de Cronbach*, o indicador de homogeneidade por excelência em testes aplicados uma vez (Black, 1999; Punch 1998).

Aferimos os valores de *Alpha de Cronbach* para o conjunto de itens de cada questão.

- Motivos para estudar no estrangeiro: α ,831
- Factores de atracção da cidade: α ,911
- Imagem da cidade e universidade: α ,628
- Factores de atracção da universidade: α ,931
- Práticas de Lazer: α ,801

Os valores observados indicam-nos que existem bons níveis de consistência interna, pelos valores de medida de fiabilidade de acordo com Hill & Hill (2000).

A validade de um questionário pode observar-se quando possibilita “medir o que pretende medir” (Tuckman, 2000 p. 259), (Punch, 1998). A validade de conteúdo foi observada com base na leitura da extensa bibliografia existente que permitiu identificar as componentes da variável latente em análise, o que tornou o trabalho mais rico, mas simultaneamente aumentou o número de itens por questão.

A validade de constructo implica “o grau de consonância entre os resultados obtidos no teste, a teoria e a prática a propósito das dimensões em avaliação e daí a pertinência da expressão também usada de validade hipotético-dedutiva (Almeida & Freire, 1997, p. 159). Na visão de Black (1999) este tipo de validade deve combinar uma análise lógica, estatística e empírica. A primeira implica a correcção da redacção dos itens. A abordagem estatística assegurou-se pela observação dos níveis de fiabilidade dos itens.

3.5. Glossário conceptual da análise intensiva

A emergência de um glossário conceptual deve-se à necessidade de operacionalizar alguns conceitos chave em turismo de educação, transformando conceitos abstractos em concepções aplicáveis à realidade empírica.

Este campo semântico trata da extensão de cada conceito, isto é, indica qual o significado de cada termo e qual a interpretação assumida no trabalho. Passamos assim, à identificação dos termos conceptuais:

Turista de educação – estudante que se desloca para outro país, que não o da sua residência permanente, com o objectivo de realizar uma missão de aprendizagem.

Turista de educação: aluno regular – estudante internacional cuja missão de aprendizagem tem por fim obter um diploma académico no país de acolhimento.

Turista de educação: aluno em mobilidade – estudante internacional, inscrito numa instituição de ensino superior no seu país de origem, que se desloca para um país de acolhimento com o objectivo de estudar uma parte do seu plano curricular de origem.

Reconhecimento académico – situação administrativa de creditação de equivalências das classificações obtidas no estrangeiro. Esta situação associa-se aos alunos em mobilidade.

País de acolhimento – país receptor do turista de educação.

País emissor – país de origem do turista de educação.

Rede de apoio social – conjunto de pessoas que se agregam em instituições formais (embaixadas, serviços de apoio, rede de antigos estudantes, associação de estudantes da universidade de acolhimento) ou informais (família, amigos, antigos professores, redes sociais online) que servem de suporte ao estudante internacional e reflectem o seu capital social.

Rede de apoio financeiro – bens económicos que suportam a estadia do turista de educação que provêm de diversas fontes, a saber: família, emprego no país de origem, bens próprios, financiamento público, financiamento privado, trabalho remunerado no país de acolhimento.

Créditos académicos – sistema de classificação de conteúdos académicos, segundo os quais se organizam os ciclos de estudos e conteúdos programáticos.

E.C.T.S.- European Credit Transfer System. Sistema de créditos europeus de transferência e acumulação de aprendizagem, que contempla, não só o tempo de leccionação, como de avaliação e o estudo do aluno.

E.S.N. – Erasmus Student Network. Rede de Associações de Estudantes Erasmus, constituída como organização não governamental, sem fins lucrativos, com uma agência em cada país e sediada em diversas instituições de ensino superior. O objectivo principal da ESN é ajudar a integrar o estudante internacional.

Ranking académico – Processo de seriação de instituições de ensino superiores à escala mundial, com base em diversos indicadores estatísticos do foro académico.

PARTE IV
APRESENTAÇÃO DOS DADOS E
DISCUSSÃO

1. Resultados do estudo extensivo

1.1 A densidade da oferta cultural

1.1.1. O campo das contextualizações

Neste primeiro campo reúne-se a primeira informação de cada iniciativa cultural por mês, em ambas as cidades, em bases de dados separadas, permitindo uma reconstituição cronológica da programação cultural. É nesta fase que se transcreve o título dado ao evento. Esta preocupação prendeu-se com a necessidade de voltar recorrentemente à base de dados e pesquisar na internet a área programática para melhor classificar o evento. Igualmente se identifica o mês do registo, permitindo a comparação mensal ao longo de um ano civil, dando lugar a uma distribuição temporal dos registos. Nesta categoria, toma-se nota do lugar físico onde é promovido cada evento. A cada iniciativa foi dado um número de registo sequencial, correspondendo o último número registado à frequência total de eventos desse mesmo mês. A base de dados completa perfaz 2.445 registos, indicando-nos a programação cultural em ambas as cidades. Para facilitar a comparação, que se quer sistemática, os dados serão apresentados comparativamente. Ao longo do ano 2012, nas duas cidades podemos observar algumas diferenças que desde logo se prendem com o número total de iniciativas culturais.

Quadro n.º 12: Distribuição e repetição de iniciativas culturais em Coimbra e Groningen:

Janeiro – Dezembro 2012

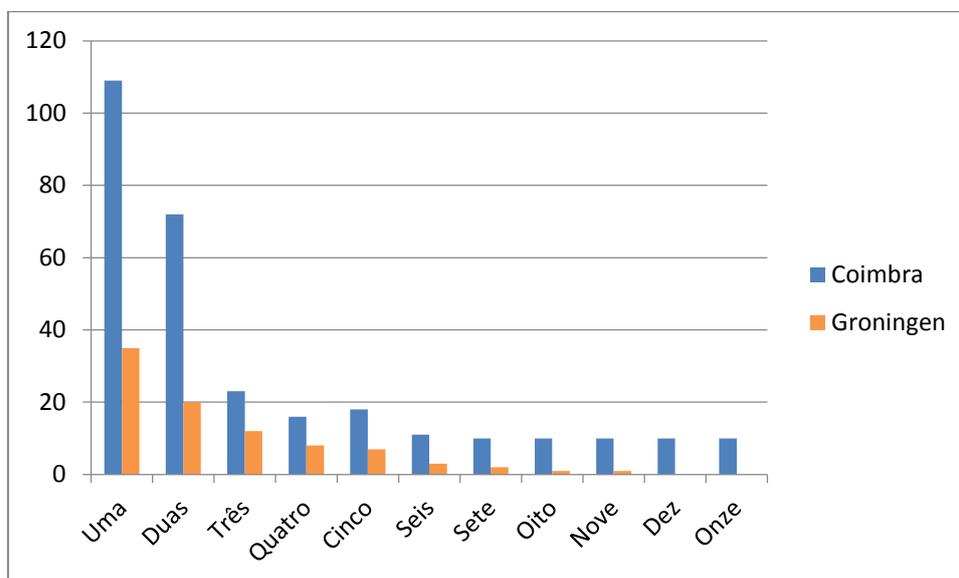
Meses	Total Eventos	Total eventos repetidos	Total Eventos	Total eventos repetidos
	Coimbra	Coimbra	Groningen	Groningen
Janeiro	74		116	
Fevereiro	72	29	106	8
Março	66	26	161	10
Abril	134	13	109	7
Maiο	92	42	126	8
Junho	85	37	102	10
Julho	162	18	58	9
Agosto	41	27	66	10
Setembro	65	27	67	14
Outubro	130	17	145	6
Novembro	84	33	189	4
Dezembro	64	30	131	3
TOTAL	1069	299	1376	89

O número total de iniciativas culturais em Coimbra é de 1069 e em Groningen 1376. Deparamo-nos de imediato com a maior expressão quantitativa de eventos na cidade holandesa, mais concretamente 307 novas acções ao longo do ano. Excepcionalmente, nos meses de Abril e Julho, a cidade de Coimbra consegue ter um número superior de eventos ao de Groningen. A maior incidência no mês de Julho explica-se pelo Festival das Artes, condensando um conjunto de actividades por toda a cidade, bem como as festas da padroeira da cidade, que se comemoram nos anos pares, neste mesmo mês, contribuindo no ano de 2012 para uma congregação de iniciativas, cujo total de 162 novos eventos contrasta claramente com o registo de 58 iniciativas em Groningen. Julho corresponde ao mês em que tradicionalmente os holandeses usufruem férias, podendo apresentar-se como uma explicação para o menor número de iniciativas culturais.

No campo dos elementos contextuais, assinalámos igualmente o número de vezes em que um evento aparece como repetido nas agendas culturais, isto é, contabilizámos noutra linha da grelha quantas vezes a mesma iniciativa, com igual nome e local, surgia nos meses posteriores. Esta lógica permite perceber a heterogeneidade da oferta cultural e a persistência de algumas dinâmicas. Os valores mensais poderão ser consultados na Quadro 1, perfazendo um total de 299 eventos que são assinalados como repetidos em Coimbra, contra apenas 89 em Groningen no ano de 2012. Em Coimbra 27,9% dos eventos são repetidos contra apenas 6,4% em Groningen, valores que são indicativos da diversidade da oferta cultural em Groningen, mas também reveladores da necessidade de continuação de algumas ofertas culturais em Coimbra, de um *continuum* temporal.

É na frequência das repetições, melhor exemplificada no gráfico 6, que podemos constatar uma das grandes diferenças entre as agendas culturais de Coimbra e de Groningen.

Gráfico n.º 6: Frequência de repetição de eventos em Coimbra e Groningen: Janeiro – Dezembro 2012



Podemos concluir que o número de eventos que se repetem ao longo de um ano em Coimbra, pelo menos uma vez, é muito superior a Groningen. No total de 1069 novos eventos em Coimbra, 299 são repetidos. Neste subconjunto de elementos repetidos, 109 registos reproduzem-se uma vez noutra mês⁴⁰, 72 registos são indicados em mais dois meses e contabilizámos mesmo dez iniciativas que se repetem onze vezes, isto é em todos os meses do ano. Onze vezes porque o mês de Janeiro de 2012 não tem termo de comparação com o mês precedente, pois a recolha começou no primeiro mês do ano. Tudo aparenta uma persistência na divulgação da oferta.

Pelo contrário, em Groningen, num total de 1376 eventos registados, 89 são repetidos. Destes apenas 35 são recorrentes uma vez e somente 20 eventos são assinalados duas vezes. Groningen para além de ter um número efectivo de novos registos superior tem um conteúdo mais renovado, apresentando uma programação cultural em termos de distribuição e frequência mais rica.

⁴⁰ Damos como exemplo de iniciativas culturais recorrentes em Coimbra: Feira dos 7 e dos 23, Feira de Santa Luzia, Feira do Sotão, Feira das Velharias, Feira Sem Regras, Feira Dominical de S. João do Campo, Feira do Loureiro, Mercadinho do Botânico, Conversas ao Fim de Tarde, Colecção Telo de Moraes, Oficinas do Núcleo da Cidade Muralhada.

1.1.2. Os campos das práticas do lazer em termos espaciais e da semiótica

Esta secção congrega as classificações dos segundo e terceiro campos, ou os sistemas de sinais que permitem identificar os espaços de difusão enquanto dimensões espaciais (público, semipúblico, associativo e de cultura sobrelegitimada), com os indicadores da dimensão semiótica a que estão associados. O total de eventos registados apenas em termos de dimensões espaciais pode ser observado no quadro seguinte:

Quadro n.º 13: Frequências relativas e absolutas de registos nas dimensões espaciais em Coimbra e Groningen

	Coimbra		Groningen	
	Absolutos	%	Absolutos	%
Espaço público	336	31,5	420	30,5
Espaço semipúblico	98	9,2	121	8,8
Espaço associativo	3	0,2	11	0,8
Espaço erudito	632	59,1	824	59,9

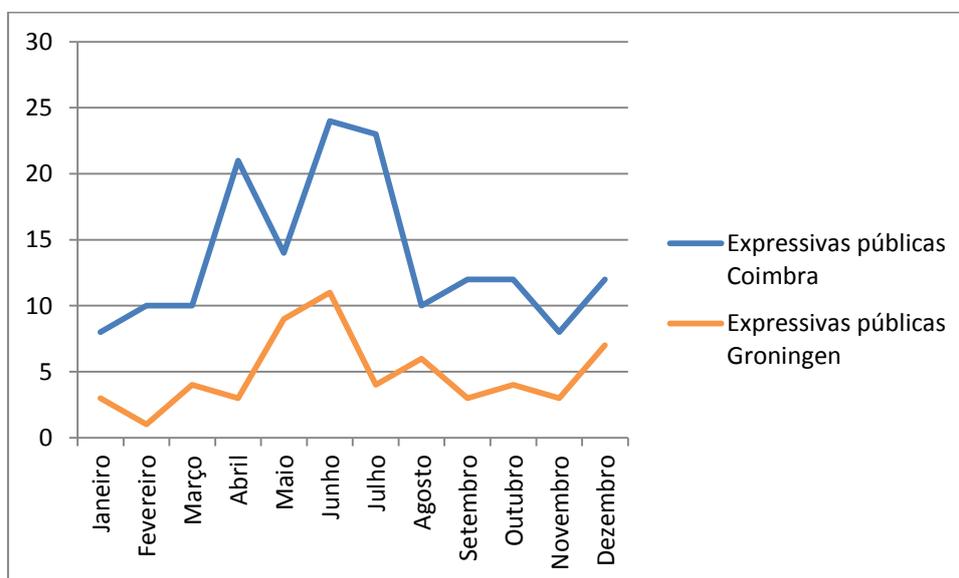
Nesta frequência de registos é curioso notar a proporcionalidade de dados em termos de tipologia dos espaços enunciados. A oferta em termos de espaços é equilibrada, revelando uma similitude nas iniciativas culturais veiculadas pelas agendas culturais que obedecem a um perfil ideológico semelhante e homogéneo.

A grande diferença encontrada na oferta cultural está na desagregação das dimensões espaciais e no seu cruzamento com a terceira categoria. O terceiro campo da grelha indica de modo mais pormenorizado o género cultural, como uma espécie de critério complementar, um descritor da actividade cultural. A iniciativa cultural será sempre a unidade de registo, indicada obrigatoriamente nos dois campos. Os resultados seguintes são fruto da análise de conteúdo aos 2485 registos e indicam a expressão quantitativa destes subtemas cruzados.

a) Espaço público

Este espaço aparece subdividido em actividades expressivas, no sentido de interacção ou participativo de acompanhamento ou integração numa iniciativa. As iniciativas culturais expressivas públicas apresentam um total de valores superior em Coimbra: 164 registos (Anexo I Quadro1) contra 58 registos em Groningen (Anexo I Quadro 2), melhor exemplificado no gráfico 2 que permite inclusive uma perspectiva temporal das frequências.

Gráfico n.º 7: Frequência das iniciativas culturais expressivas públicas em Coimbra e Groningen: Janeiro – Dezembro 2012



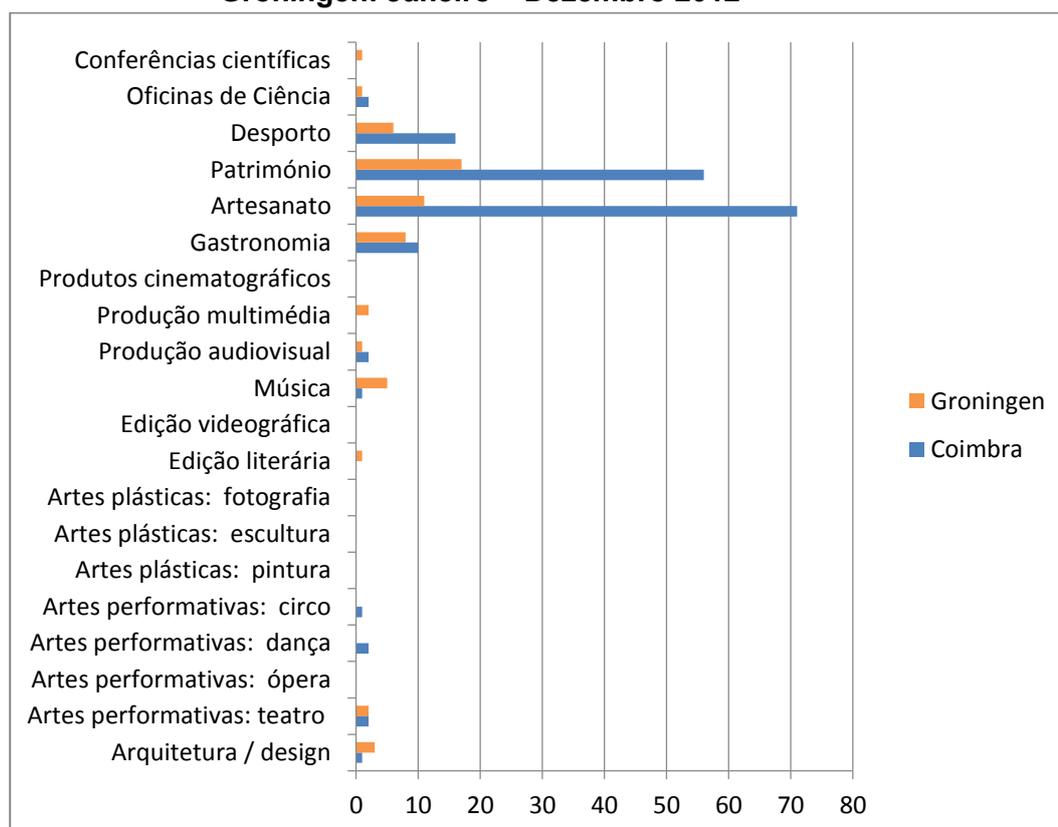
Num total de 164 iniciativas expressivas públicas em Coimbra, podemos constatar que as acções com maior predominância nos indicadores “artesanato” e “património”, com 71 e 56 iniciativas respectivamente. Concentrando-se a maior frequência de eventos nos meses de Junho e Julho, com 24 e 23 ocorrências. O resultado final de actividades culturais expressivas públicas em Groningen é francamente inferior, com apenas 58 eventos, incidindo igualmente nos mesmos indicadores de “artesanato” e “património” com 11 e 27 actividades contabilizadas, como atesta o gráfico 8.

Estes indicadores permitem-nos perceber que 15% do total de eventos em Coimbra (1.069) incidem no campo expressivo público, promovendo a interacção do

indivíduo especialmente nos géneros artesanato e património. A valorização destes géneros, divulgados pelas instâncias políticas das empresas municipais, relacionam-se com a necessidade de reforçar as identidades conectadas à memória da cidade, característica da semi-periferia. O rebuscar do passado está mesmo patente no número de eventos ligados ao património, o dobro que em Groningen. As opções político-programáticas são reféns do contexto local e reforçam a ideia já apresentada de uma identidade colectiva coimbrã votada à saudade, à mística e ao passado (Anexo I, Quadros 3 e 4).

Os meses de maior incidência em Groningen situam-se igualmente nas estações da Primavera e Verão, neste caso em Maio e Junho, o facto destas actividades se desenrolarem num espaço público, muitas vezes ao ar livre explica possivelmente a sua incidência estival.

Gráfico n.º 8: Frequência das iniciativas expressivas públicas em Coimbra e Groningen: Janeiro – Dezembro 2012

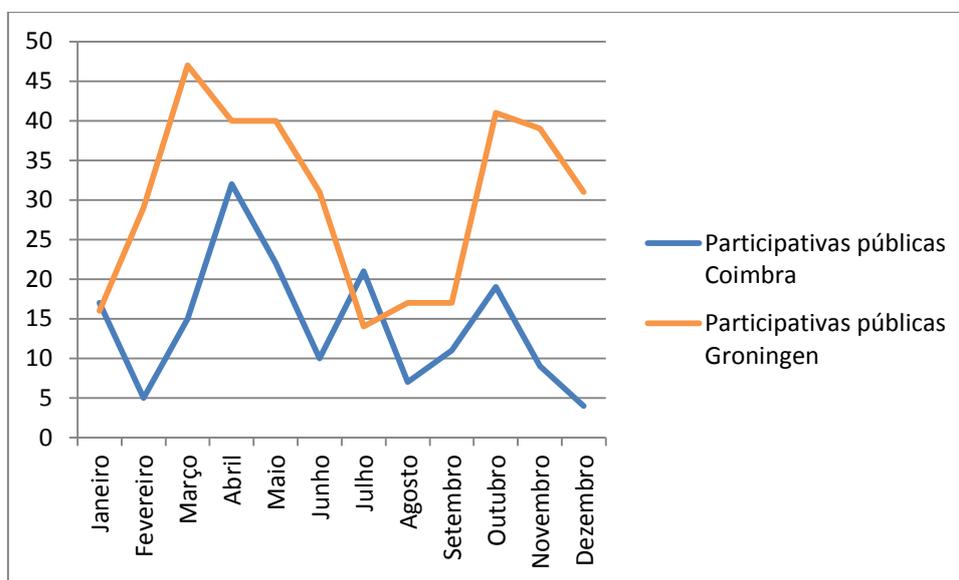


Estes dados reforçam a ideia já defendida por Teixeira Lopes (2000a) que em Portugal as práticas expressivas não fogem muito da “constelação folclórico-gastronómico” (p. 84). Aliás, em Portugal, o conjunto de confrarias votadas à

gastronomia e suas respectivas festas têm tido um incremento notável, como se o arreigar à gastronomia representasse o reduto cultural de uma região, numa vivificação da identidade ancorada na tradição comensal. Foi mesmo criada em 2011 uma Federação Portuguesa de Confrarias Gastronómicas. Por contraposição, em Groningen estas actividades não são veiculadas pelas agendas culturais, revelando mesmo uma baixa densidade de oferta cultural. Embora o facto de constarem em menor número nas agendas culturais pode não significar a sua ausência, mas sim a menor importância dada a este tipo de actividades pelas instâncias políticas legitimadoras.

No que respeita às práticas culturais participativas públicas, o gráfico 9 apresenta outra perspectiva. A maior incidência passa para Groningen, com um total de ocorrências, de 362 eventos no ano de 2012, mais do dobro dos 172 divulgados em Coimbra (Anexo I Quadros 5 e 6). Neste tipo de práticas fomenta-se o lazer passivo, na medida em que o enfoque recai no receptor da actividade.

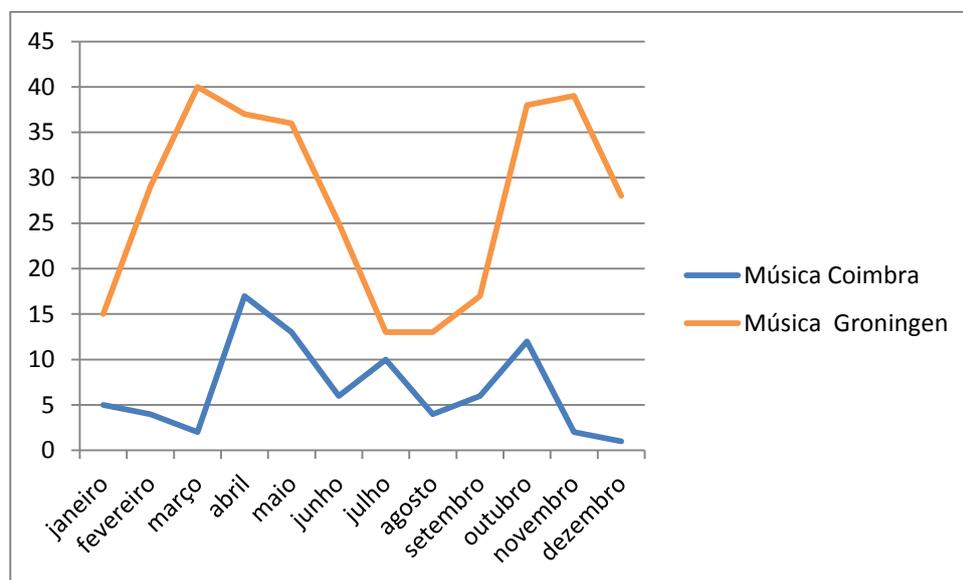
Gráfico 9: Frequência das iniciativas culturais participativas públicas em Coimbra e Groningen: Janeiro – Dezembro 2012



A “música” é o género que sobressai nas duas cidades, destacando-se claramente a oferta de concertos de música popular e moderna, valores que se evidenciam no gráfico 5. Todavia, a oferta de Groningen quadruplica o número de Coimbra, num total de 330 eventos de música em Groningen, contra apenas 82 neste indicador em Coimbra no total do ano (Anexo I, Quadros 5 e 6). Estes números indiciam a efectiva procura deste bem cultural em Groningen, pois acreditamos não ser possível manter este nível de oferta, até mensalmente, se na realidade não houvesse consumo. A polarização neste género musical compõe o eixo do entretenimento que dentro desta categoria mais se evidencia, como tournées de cantores, bandas de música mais ou menos formais, festas da cidade e compõem igualmente, no caso de Coimbra, a maioria da programação das festas académicas. De resto, este facto foi já evidenciado num estudo elaborado, em 2002, por Augusto Santos Silva.

Gráfico n.º 10 : Frequência das iniciativas culturais participativas públicas-música:

Janeiro – Dezembro 2012



Embora o espaço doméstico não seja alvo da nossa análise, não podemos deixar de referenciar que Silva (2002) considera este género (musical) como o único capaz de rivalizar em termos de frequência com o televisonamento. Em Groningen,

a valorização deste tipo de espectáculo musical associa-se à juvenildade da população, mas também à profusão de espaços dedicados a este tipo de iniciativa. Os meses de menor frequência dos espectáculos musicais coincidem com o período estival e, por conseguinte, com as férias dos estudantes.

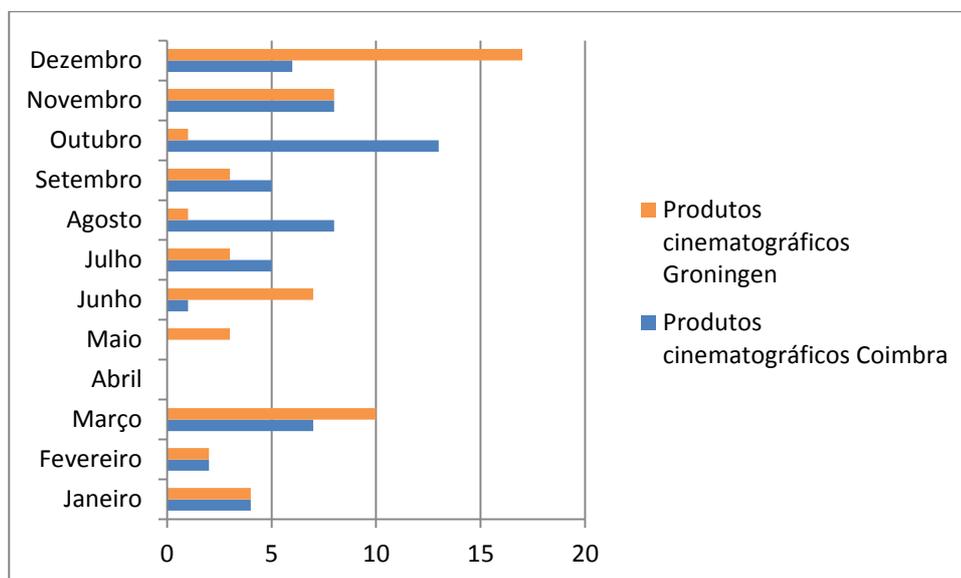
b) Espaço semi-público

Considerado um espaço exodomiliar encontra-se num domínio intermédio entre duas categorias de práticas com origem na cultura de massas ou na alta cultura. Também aqui se subdivide a dimensão para melhor facilidade de estudo em práticas expressivas ou receptivas, numa óptica de lazer mais activo ou passivo.

As práticas expressivas semipúblicas não são, pela sua natureza, um alvo de divulgação nas agendas culturais. Assim sendo, este campo foi mantido mais pelo respeito intelectual de foro metodológico do que pelas incidências de acontecimentos registadas, como idas a cafés, pastelarias, jantar fora, ir às compras de roupa ou livros. A fraca oferta desta dimensão é reveladora deste entendimento (Anexo I, Quadros 7 e 8), com 32 registos em Coimbra e 26 em Groningen. Estas práticas remetem-nos para vivências do quotidiano, passíveis de ser realizadas em diferentes horários, não encontrando assento na oferta mediatizada politicamente das agendas culturais. Não querendo, no entanto, dizer que não sejam possivelmente até das práticas culturais de lazer mais realizadas por todos os habitantes nas duas cidades, uma vez que aqui se encaixam hábitos bastante banais, como ir a um café.

Já as práticas receptivas semipúblicas (Anexo I Quadros 9 e 10), com base em objectos como idas ao cinema, “enquanto saída cultural relativamente generalizada e abrangendo uma pluralidade de géneros (filmes de «autor» - a chamada «indústria de conteúdos» - megaproduções «comerciais», filmes pornográficos, etc.), foi separada das práticas receptivas e informativas de públicos cultivados” (Lopes, 2000, p. 198). Neste caso concreto, melhor ilustrado no gráfico 11, sabemos que em ambas as cidades até há mais oferta do que a anunciada nas agendas culturais. Num total de 66 eventos em Coimbra e 95 em Groningen.

Gráfico n.º 11: Frequência de eventos receptivos semipúblicos- produtos cinematográficos: Janeiro – Dezembro 2012



Encontramos também neste género uma diferença favorável a Groningen. É curioso notar que a oferta, embora sistematizada ao longo de um ano, apresenta uma ausência de expressão quantitativa no mês de Abril, coincidentemente em ambas as agendas. Acreditamos que tal se deve mais a sistematização da divulgação informação, do que à carência total de oferta.

c) Espaço associativo

As práticas associativas remetem-nos para actividades realizadas num espaço associativo, isto é, “não têm necessariamente que ocorrer em associações formalmente constituídas, mas sim em espaços colectivamente organizados com fins também, embora não exclusivamente, formativos (é o caso de praticar canto ou dança em escolas especializadas)” (Lopes, 2000, p. 199). Estas práticas implicam continuidade, isto é, quem as pratica fá-lo com regularidade, quase sempre pagando até mensalidades. Neste sentido, não são objecto de grande interesse para as agendas culturais e tal é visível no número baixo de ocorrências (Anexo I, Quadros 11 e 12). As práticas associativas criativas obtiveram apenas um registo em Coimbra

e onze em Groningen. As práticas associativas expressivas obtiveram dois registos em Coimbra e nenhum na cidade holandesa. Todavia, o respeito pelo domínio metodológico obriga-nos a referenciar também a sua quase total ausência.

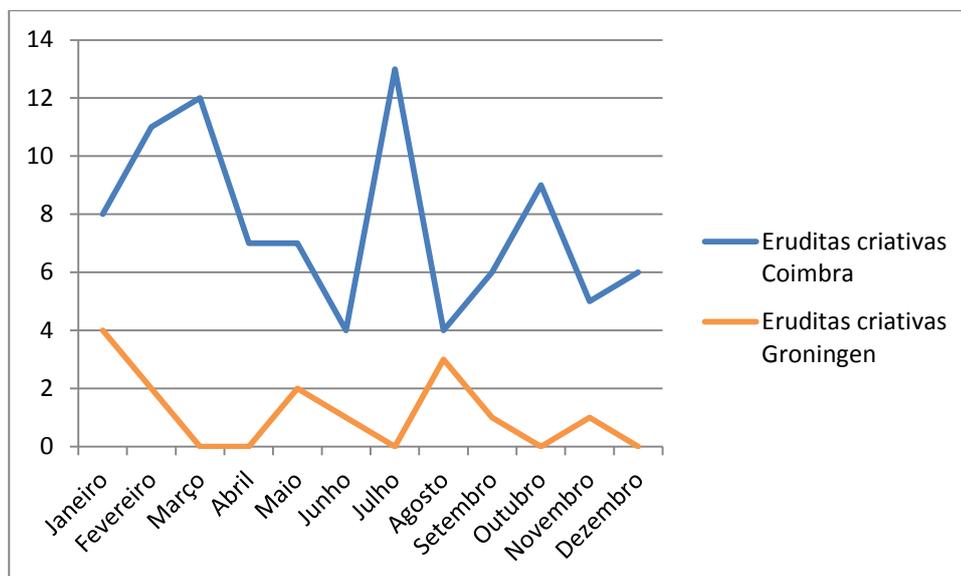
d) Espaço de cultura erudita

O espaço de cultura erudita ou sobrelegitimada orienta-se para públicos cultivados como indica Telmo Gomes (2004) ou habituais como referencia Teixeira Lopes (2004), constituindo-se por cidadãos que cruzam o poder económico com recursos escolares, conduzindo a práticas mais singulares e a um ecletismo de gosto, indiciadoras de que as teorias defendidas por Bourdieu não estão totalmente excluídas.

Este espaço, tal como os outros até então, apresenta-se subdividido em duas lógicas: criação e recepção, de produção ou simples incorporação da obra de arte.

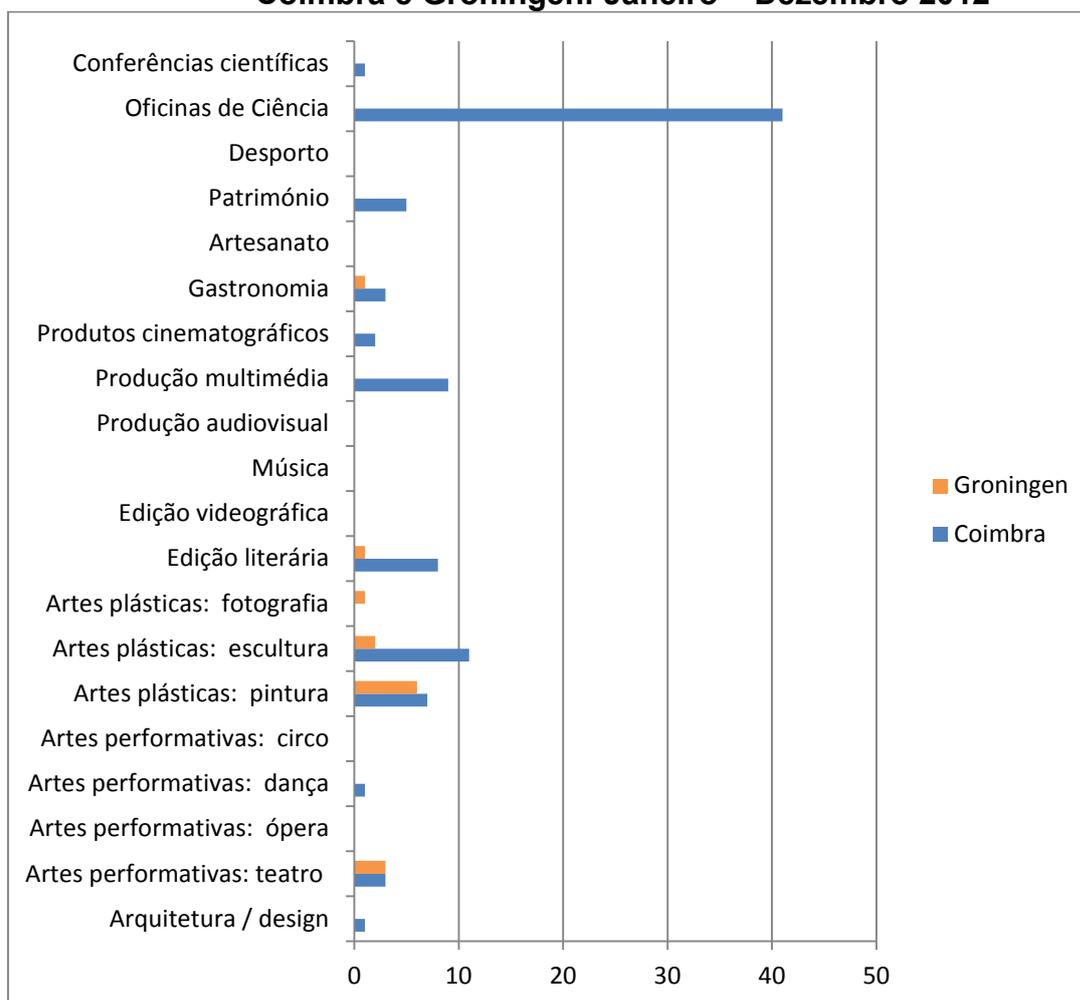
As práticas eruditas criativas são mais frequentes em Coimbra (Anexo I, Quadro 15), com 92 registos como se observa no gráfico 12, em contraposição a Groningen (Anexo I, Quadro 16) com 14 registos. O fomento na cultura em Coimbra está na aposta nas práticas que enfatizam o autor, como sendo, o escrever, o pintar, o fotografar, o desenhar. Deste modo, fomenta-se a atracção de potenciais públicos na óptica da diversificação de autores.

Gráfico n.º 12: Frequência das iniciativas culturais eruditas criativas em Coimbra e Groningen: Janeiro – Dezembro 2012



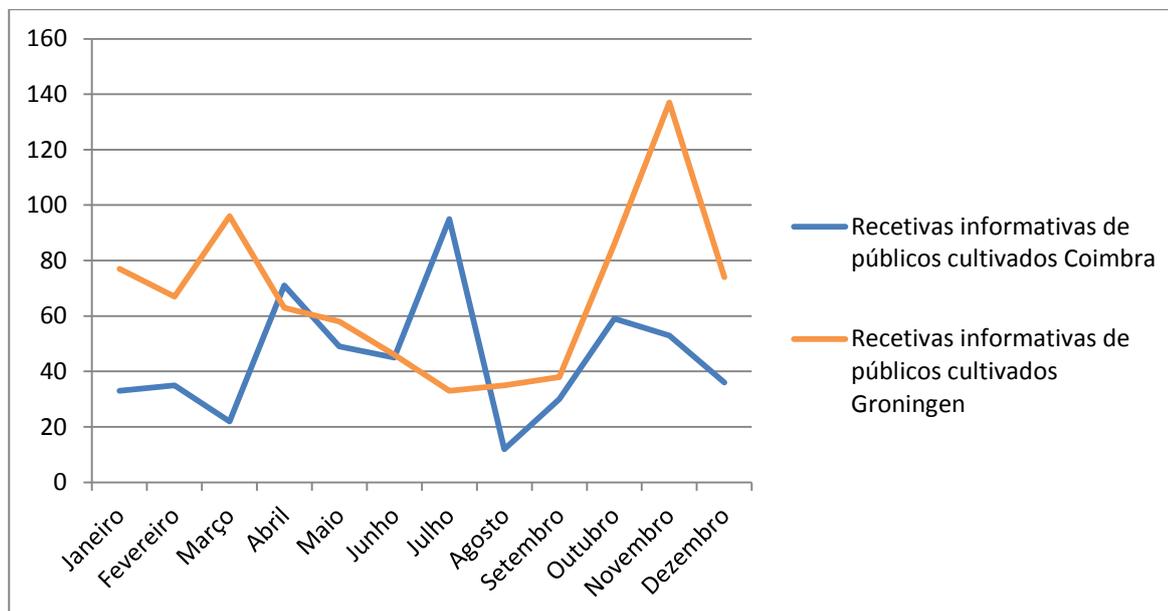
O gráfico 13 que se apresenta de seguida oferece uma perspectiva sobre os géneros culturais que mais se evidenciam, no espaço de cultura sobrelegitimada, tais como, as artes plásticas, a produção multimédia, a edição literária e especialmente as oficinas de ciências, estas últimas em Coimbra. As oficinas de ciência, amplamente divulgadas nas agendas culturais de Coimbra, perpassam a ligação da instituição universitária secular à cidade e representam quase sempre iniciativas para um público em idade escolar pré-universitário. Estas iniciativas caracterizam uma das valências apontadas por M. Lourdes Lima dos Santos (2010) de aproximação da esfera cultural e artística da esfera científica e tecnológica. Realçamos igualmente, a semana cultural da Universidade de Coimbra que não tem paralelo a nenhum acontecimento existente na Universidade de Groningen.

Gráfico n.º 13: Frequência das iniciativas eruditas criativas (semiótica) em Coimbra e Groningen: Janeiro – Dezembro 2012



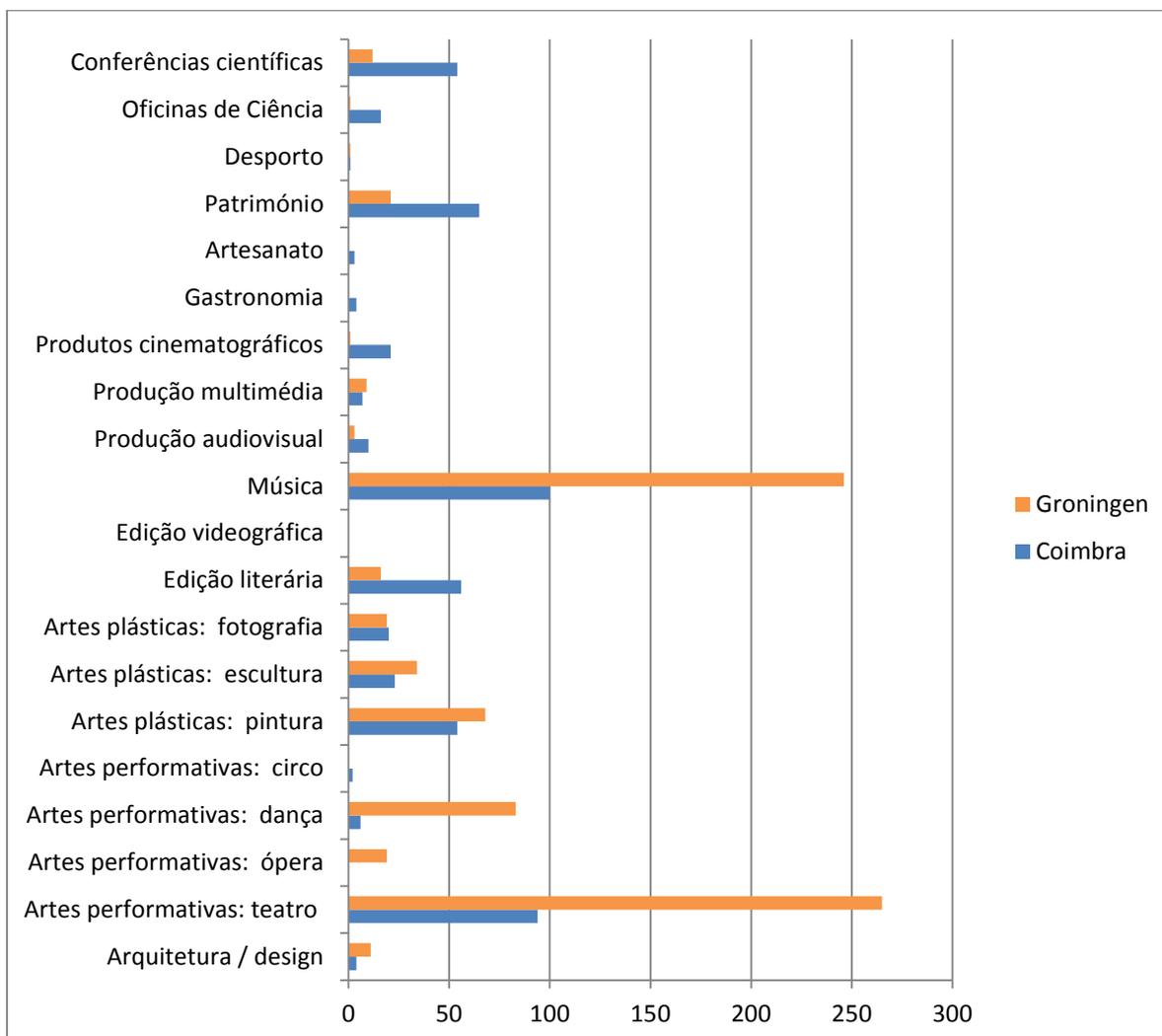
O campo das iniciativas receptivas informativas de públicos cultivados parece-nos a categoria de eleição das agendas culturais. A este respeito, basta observar que representam 50,5% do total de eventos de Coimbra e 58,8% da totalidade de iniciativas privadas em Groningen (ver Anexo I, Quadros 17 e 18). A base de dados evidencia uma clara heterogeneidade de eventos que pretendem em Coimbra, tal como em Groningen, mobilizar públicos para um tipo de entretenimento mais erudito. A distribuição deste género ao longo do ano emerge assim da tentativa de consolidar dinâmicas culturais, tendo presente o objectivo latente de todos os operadores culturais de fidelização e alargamento dos públicos.

Gráfico n.º 14: Frequência das iniciativas culturais receptivas informativas de públicos cultivados em Coimbra e Groningen: Janeiro – Dezembro 2012



Registaram-se neste campo um total de 540 eventos em Coimbra e 810 registos em Groningen, destacando-se neste género as artes performativas do teatro e a música, sendo que em Groningen as peças de teatro num ano chegam aos 265 registos, correspondendo a 32,7% da oferta cultural sobrelegitimada e os eventos musicais com 246 registos, o que equivale a 30,3% deste tipo de oferta. A cidade de Coimbra apresenta uma densidade de oferta local baixa e mesmo no género teatro apenas representa 17,4% deste tipo de iniciativas e música, correspondendo a 18,5%, com um menor peso no conjunto total da oferta erudita.

Gráfico 15: Frequência das iniciativas receptivas informativas de públicos cultivados (semiótica) em Coimbra e Groningen em 2012



A diferença entre estes valores de oferta de iniciativa erudita remete-nos para públicos diferenciados. Em Groningen encontramos uma oferta mais vocacionada para um público mais erudito, mas também os estudiosos do público holandês reflectem:

Trends in cultural participation, at least insofar as we can identify them from research in the Netherlands, indicate that this solemn attitude is changing. Visits to the arts and other forms of traditional culture are increasingly losing their exceptional, festive nature and are more often taking place in combination or alternation with other leisure pursuits and out-of-house entertainment. Even frequent visitors who confined themselves mainly to traditional culture in the sixties and

seventies started playing more sport, watching television more often or visiting amusement parks at the end of the 20th century. Conversely, people who spend most of their leisure time on non-cultural pursuits are occasionally going to a performance venue or museum (Van den Broek, Knulst and Breedveld 1999, pp. 34-35). The visiting conventions are beginning to wear off: by no means everyone, at least in Holland, goes to a performance or concert in his or her Sunday best: Dutch theatres and concert halls are populated mainly by people in jeans and other leisure wear. (Bína, 2002, p. 16).

1.1.3. Tipo de entidades promotoras de iniciativas culturais

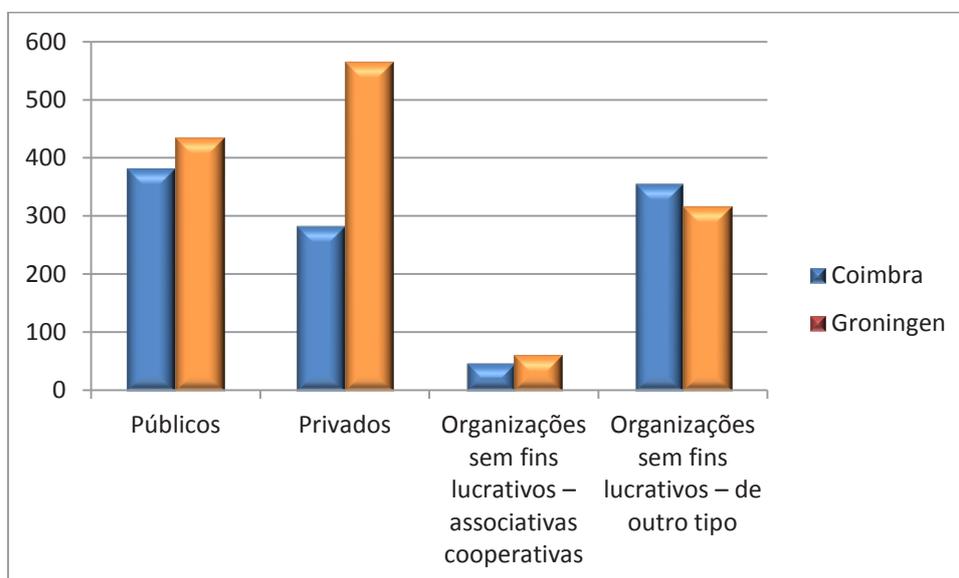
Este último campo tem por objectivo reconhecer o tipo de operadores culturais identificados pelas entidades veiculadoras das agendas culturais. Encontrámos quatro indicadores que definem o tipo de operadores. Primeiro, os de tipo público, geridos por instâncias estatais, a nível central ou local. Segundo, de tipo privado e por conseguinte promovido pelo mercado. O terceiro indicador representa as organizações sem fins lucrativos associativas e o quarto as organizações sem fins lucrativos de outro tipo. Os terceiro e quarto indicadores que subdividimos por conveniência metodológica são designados no regime jurídico português como terceiro sector:

São pessoas coletivas de mera utilidade pública as associações, fundações ou cooperativas que prossigam fins de interesse geral, ou da comunidade nacional ou de qualquer região ou circunscrição, cooperando com a Administração Central ou a Administração Local, em termos de merecerem da parte desta Administração a declaração de utilidade pública. (<http://www.sg.pcm.gov.pt/i>).

Se em Portugal foi fácil identificar o tipo de operador cultural, pois a divulgação pela internet no que a tal diz respeito está generalizada, o mesmo já não sucedeu em Groningen. Na cidade holandesa foi a Kamer van Koophandel Noord Nederland (Câmara do Comércio) que nos facilitou o registo de inscrição dos equipamentos na sua base de dados, de modo presencial, uma vez que os registos não estão disponibilizados publicamente e parte dos sítios electrónicos dos equipamentos culturais, para além da simples promoção dos eventos, estar redigida em língua holandesa, tais como a legislação de criação e os regulamentos internos.

Deste modo, pelo Gráfico 16, podemos observar as diferenças entre operadores culturais.

Gráfico n.º 16: Frequência dos operadores culturais em Coimbra e Groningen em 2012



Em Coimbra são os operadores públicos que têm um papel preponderante na oferta de bens culturais, correspondendo a 35,6% da oferta de iniciativas culturais. Esta lógica vem confirmar a constatação efectuada por Augusto Santos Silva (2002), que debruçando-se sobre a dinâmica cultural das cidades médias em Portugal e a fragilidade da iniciativa privada, conclui mesmo que “...em nenhuma das cidades se encontra um equipamento cultural de dimensão razoável que seja de iniciativa privada”. (Santos Silva, 2002, p. 77). Em Groningen são os operadores privados que cativam 41,1% da oferta das iniciativas culturais. Aliás, é bem evidente no gráfico 16 que há um relativo equilíbrio entre os operadores culturais nas duas cidades, com excepção do domínio privado, sendo curioso que os registos promovidos por operadores culturais privados em Groningen são exactamente o dobro de Coimbra. A promoção de eventos do terceiro sector cultural está equilibrada entre as duas cidades (Anexo I, Quadros 19 e 20).

1.2. A estrutura da oferta cultural

A análise da estrutura da oferta cultural tem por base o levantamento dos equipamentos culturais em ambas as cidades. A constatação das diferenças do número, e especialmente o tipo de eventos oferecidos em Groningen, permite-nos adivinhar que, no seu conjunto, a cidade dos Países Baixos detém um maior número de equipamentos culturais permitindo-lhe oferecer um conjunto de iniciativas empreendidas pelos vários promotores analisados.

Os dados de Groningen foram recolhidos na *Statline – Centraal Bureau voor de Statistiek*, o correspondente em termos institucionais ao Instituto Nacional de Estatística de onde foram recolhidos os dados sobre Coimbra, utilizando as sùmulas do PORDATA. Neste levantamento foi efectuado um esforço de sistematização de informação, seguindo igualmente o mesmo protocolo de recolha. A sistematização da recolha é facilitada pela uniformização dos indicadores culturais apresentados regularmente pelas instâncias nacionais e em conjunto pela EUROSTAT⁴¹. Facilmente encontramos categorias como museus, cinemas, teatros, galerias de arte ou outros espaços de exposição temporária, sem termos necessidade de afinar a categorização sobre o que se entende ser um destes equipamentos.

No entanto, os dados fornecidos em língua inglesa no Centraal Bureau voor de Statistiek apresentam informação da província de Groningen e não apenas da cidade, pelo que sentimos necessidade de apresentar os elementos recolhidos directamente no Kamer van Koophandel Noord Nederland (Câmara do Comércio), onde nos foi fornecida a listagem desses mesmos equipamentos.

No quadro seguinte apresentamos o número de equipamentos culturais de ambas as cidades.

⁴¹ EUROSTAT - Eurostat is the statistical office of the European Union situated in Luxembourg. Its task is to provide the European Union with statistics at European level that enable comparisons between countries and regions. (http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page/portal/about_eurostat/introduction).

Quadro n.º 14: Equipamentos culturais em Coimbra e em Groningen

Cidades	Museus, Jardins Zoológico e Botânico	Recintos culturais para espectáculos ao vivo (incluindo teatros)	Cinemas	Galerias de Arte e outros espaços de exposição temporária
Coimbra	4	6	18	21
Groningen	10	21	8	110

Fonte: PORDATA – INE e Kamer van Koophandel Noord Neederland

1.3. Conclusões sobre as dinâmicas culturais

O estudo da oferta cultural de Coimbra e Groningen veiculada pela agendas culturais permite-nos caracterizar as opções programáticas divulgadas pelas instâncias político-legitimadoras em ambas as cidades médias. Este tipo de cidade, diferente das cidades metropolitanas, apresenta características próprias que se relacionam com a sua dimensão. Num estudo da autoria de Helena Santos e Paula Abreu sobre a cultura em Portugal, conclui-se que as cidades médias são identificadas como integrando,

escala das cidades que acolhem circuitos alternativos, assentes em redes de comunicação e interconhecimento menos institucionalizadas e mais abertas à incorporação, revelação e divulgação de produções dificilmente susceptíveis de entrar pelo seu pé na rotas das grandes galerias, dos grandes espaços de exposição e dos museus (Santos & Abreu, 2002, p.232).

A distribuição temporal dos registos no ano de 2012 é equilibrada ao longo do ano civil e destaca desde logo a maior frequência de eventos em Groningen, com um diferencial positivo de 307 iniciativas em relação a Coimbra. Para além do número efectivo, 1069 em Coimbra e 1376 na cidade holandesa, é no valor dos registos repetidos que sobressai uma das diferenças entre os dados recolhidos. Em Coimbra o número de eventos repetidos (299) ao longo do ano é muito superior a Groningen (89), revelando características menos inovadoras na oferta portuguesa e maior diversidade na programação holandesa em estudo. Encontramos mesmo em

Coimbra uma persistência de determinado tipo de eventos, como as feiras locais que são assinaladas todos os meses.

A oferta compreende, na sua maioria, as iniciativas de pendor receptivo informativo de públicos cultivados e tal era expectável uma vez que as agendas são elementos produzidos politicamente, numa tentativa mais homogeneizante, representando 50% das iniciativas coimbrãs e 58% das iniciativas de Groningen. Esta expressão quantitativa dentro da cultura sobrelegitimada conduz-nos à conclusão que as agendas se focam muito em públicos cultivados. Aliás, tal vem corroborar a ideia transmitida pelas políticas holandesas de promoção da cultura em atenção à sua população:

Another relevant aspect of demographic developments is the growing number of older people. In 2025 more than 21% of the population will be above the age of sixty-five. This ageing population has a number of consequences for local governments. Well educated older people tend to be active in voluntary and social activities. On the other hand, older people usually require more care and support services, which can in part be provided by other older people, in part by family members and in part by the municipality. In addition the municipalities have to ensure that their provision of sporting, recreational and cultural activities also meets the needs of this growing group in the local population. (Figuee, 2008, 12).

Os géneros musical e teatro destacam-se pelo número de registos representando a opção programática de eleição dentro do espaço de cultura sobrelegitimada.

O espaço público identifica-se com a segunda grande opção programática das agendas onde incide a oferta cultural, com particular incidência nas iniciativas inseridas na lógica participativa pública. Novamente, a música emerge como o género cultural mais dinamizado.

No caso particular das iniciativas expressivas públicas destacamos a profusão de feiras, mensais, aparecendo como elementos repetidos ao longo do ano, contribuindo para a expressão quantitativa deste tipo de manifestação em Coimbra, mas também reveladora dos hábitos de consumo persistentes de uma cultura assente numa matriz popular e de uma identidade local.

Numa outra perspectiva, realçada pelo quadro seguinte, é curioso notar que Coimbra apresenta mais eventos que Groningen se nos focarmos apenas em tipos de actividades que fomentam o lazer mais activo, como as expressivas e criativas que promovem a interacção e a produção. Groningen centra-se numa lógica de lazer mais passivo de participação e recepção.

Quadro n.º 15: Frequências e percentagens dos indicadores das dimensões espaciais Coimbra e Groningen - 2012

	Coimbra		Groningen	
	%	N	%	N
expressivas públicas	15,3%	164	4,2%	58
participativas públicas	16,1%	172	26,3%	362
expressivas semipúblicas	3,0%	32	1,9%	26
receptivas semipúblicas	6,2%	66	6,9%	95
associativas criativas	0,1%	1	0,8%	11
associativas expressivas	0,2%	2	0%	0
eruditas criativas	8,6%	92	1,0%	14
receptivas e informativas de públicos cultivados	50,5%	540	58,9%	810
TOTAL	100%	1.069	100%	1.376

Ao analisarmos as agendas culturais, segundo o sistema de classificação cultural de Di Maggio (1987), encontramos as quatro valências identificadas pelo autor. Os objectos culturais referenciados estão estruturalmente definidos e diferenciados, embora possamos vislumbrar algum hibridismo, até em termos espaciais. Destacamos claramente a hierarquia dos géneros no espaço sobrelegitimado e no espaço público. O género musical evidencia a universalidade de certos objectos culturais, uma vez que a oferta deste bem sobressai por comparação a todos os outros. Do mesmo modo subsistem algumas ritualizações de fronteiras que procurámos descrever ao utilizar o campo da semiótica, como critério de classificação complementar.

O conjunto de dados recolhidos adequa-se ao número de equipamentos culturais das duas cidades com maior registo na cidade de Groningen, bem como ao financiamento diferenciado entre os dois municípios. O financiamento no campo da cultura articula-se em torno dos poderes governativos, estando no caso de Groningen mais descentralizado e efectivamente envolvendo um valor substancialmente superior.

A oferta de Groningen poder-se-á afirmar mais erudita, mais homogénea neste aspecto de espaço erudito, dinâmica e constante temporalmente, revelando que a um maior grau de urbanismo se associa uma maior variedade de oferta cultural⁴², conduzindo-nos a um público que se perfila como mais escolarizado, ou com níveis de exigência que se identificam com um espaço sobrelegitimado. Todas estas características se configuram nalguma centralidade, neste domínio, do sistema mundo.

A oferta cultural de Coimbra é mais heterogénea, e embora se centre igualmente no espaço cultivado, o número de iniciativas é bastante inferior ao de Groningen. A oferta é igualmente heterogénea porque combina eventos dedicados ao espaço público e ao erudito, numa conjugação semiperiférica cultural portuguesa.

⁴² Não podemos deixar de referenciar o vídeo passado no programa televisivo, *As Escolhas de Marcelo*, de 7 de Abril de 2013, que passa o acontecido num centro comercial de Breda, uma cidade a cem quilómetros de Amesterdão, onde um grupo de teatro reconstitui as cenas prévias que possivelmente dariam origem à imagem de um quadro, que no final se configurou como cena final. O quadro vivificado era *A Ronda da Noite* de Rembrandt. Esta performance serviu para promover a reabertura do Rijksmuseum em Amesterdão. Este episódio, num vídeo de apenas alguns segundos reflecte a porosidade de fronteiras do género cultural entre o teatro e a pintura, mas também está vocacionado para uma cultura erudita de promoção de um museu e de uma pintura mesmo num centro comercial. Referimos igualmente que, no mesmo programa televisivo, logo após a passagem do vídeo holandês, foram apresentadas imagens do Pavilhão Rosa Mota, onde decorria o Festival da Rádio da Junta, a rádio líder de audiências na grande área do Porto, onde se viam pessoas a dançar música popular portuguesa. Este evento remete-nos de imediato para as práticas públicas de participação cultural.

2. Resultados do estudo intensivo

2.1. Caracterização sociodemográfica e perfis de estudantes

A caracterização da amostra da população estudantil internacional nas duas universidades em estudo fez-se através de uma estratégia contrastante. Partindo da população que esteve na base da amostra o número de estudantes internacionais na RUG é superior. No quadro seguinte observamos a caracterização da população estudantil por escalão etário, sexo, ciclo de estudos e pagamento de propinas. Em termos etários a composição das amostras é semelhante, a UC apresenta uma média de idade dos estudantes de 26,1 e a RUG de 25,0. Observamos uma maior percentagem de estudantes do sexo feminino em ambas as instituições, contribuindo para a taxa de feminização do ensino superior. Quanto ao ciclo de estudos, os dados do primeiro ciclo são proporcionais nas duas universidades, registando-se na UC um maior número de estudantes inscritos no segundo ciclo e no terceiro ciclo, no que respeita à RUG. A instituição holandesa regista o maior número de estudantes que pagam propina.

Quadro n.º 16: Caracterização da amostra da população estudantil

		Universidade			
		UC		RUG	
		N	%	N	%
Escalão Etário	até 17	0	0,0%	2	1,3%
	18-24	193	54,4%	83	54,6%
	25-30	94	26,5%	41	27,0%
	31-35	36	10,1%	21	13,8%
	36-45	18	5,1%	4	2,6%
	46 e + anos	14	3,9%	1	0,7%
Sexo	Feminino	193	54,4%	77	50,7%
	Masculino	162	45,6%	75	49,3%
Ciclo de estudos	1º ciclo [licenciatura]	182	51,3%	83	54,6%
	2º ciclo [mestrado]	128	36,1%	39	25,7%
	3º ciclo [doutoramento]	45	12,7%	30	19,7%
Pagamento propina	Sim	189	53,2%	85	55,9%
	Não	166	46,8%	67	44,1%

Os estratos das amostras foram divididos em alunos regulares, definidos como os estudantes que irão obter um diploma pela instituição de acolhimento, e alunos em mobilidade cujo diploma será obtido na universidade de origem. Observamos no quadro seguinte que os estudantes em regime regular são em maior número na instituição holandesa e, pelo contrário, os de regime em mobilidade são maioritários na UC. Ressalvamos que a RUG não aceita estudantes de terceiro ciclo em regime de mobilidade, como o programa Erasmus.

Quadro n.º 17: Situação de matrícula por ciclo de estudos

		1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Total
Regular	UC	26,7%	24,7%	12,3%	63,9%
	RUG	42,1%	21,7%	19,7%	83,6%
Mobilidade	UC	31,8%	13,52%	1,41%	36,1%
	RUG	12,5%	3,95%	0%	16,4%

Cruzando o pagamento de propinas com o ciclo de estudos verificamos que os estudantes pagantes do primeiro ciclo na RUG representam uma percentagem superior aos estudantes da UC, 36,18% para 19,44%. Pelo contrário, no terceiro ciclo de estudos na RUG apenas 3,95% dos estudantes pagam propina contra 11,27% na UC. No caso dos estudantes de doutoramento na RUG salientamos que a grande maioria é contratada pela própria instituição no que se designa *Ph.D positions*⁴³, isto é, investigadores que trabalham em centros de investigação em projectos que carecem de trabalhadores e nesta situação não pagam propinas. A investigação articula-se com as escolas de graduação, existindo uma em cada uma das nove faculdades.

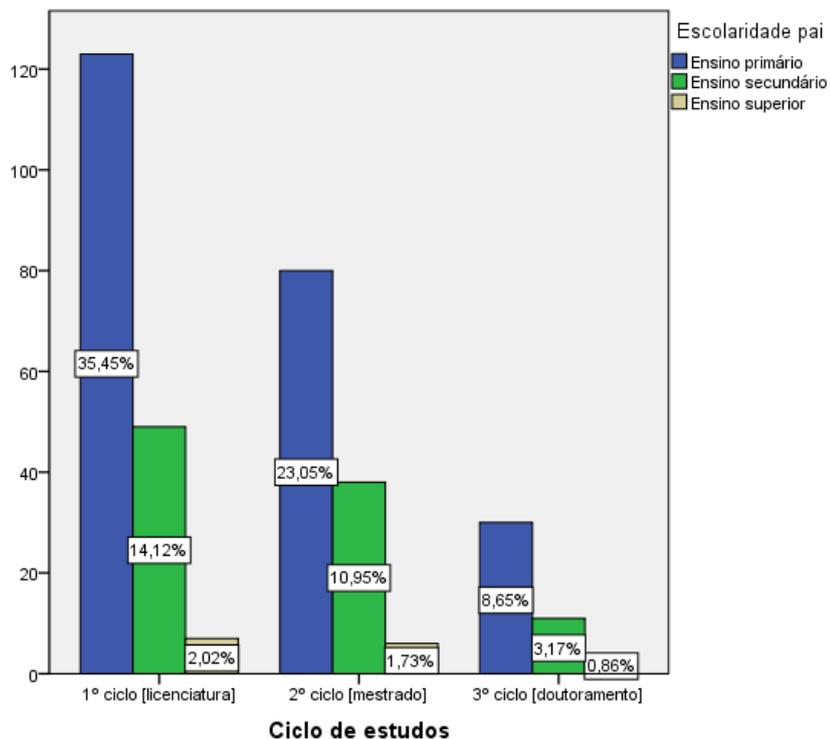
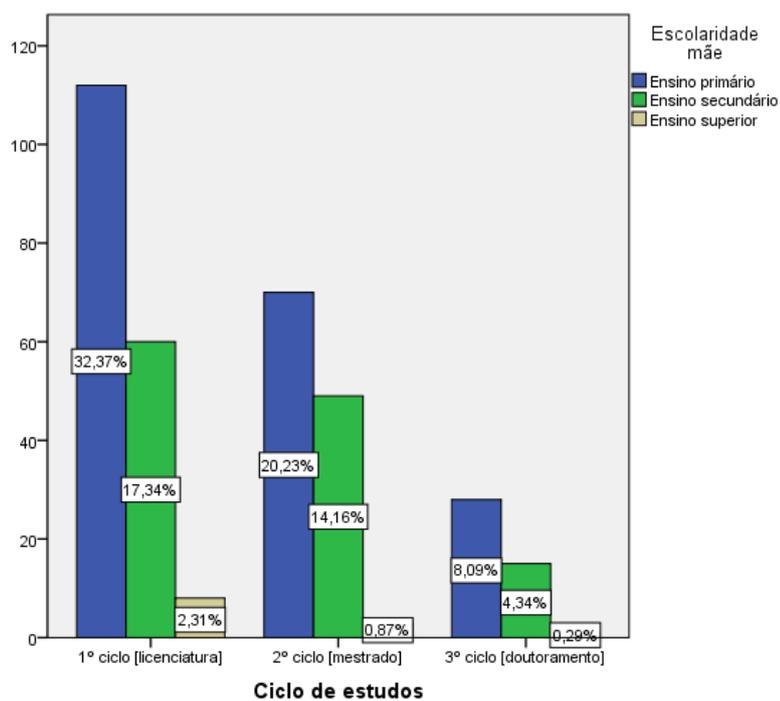
O valor da propina de um curso de licenciatura e mestrado em RUG para estudantes da UE e holandeses é 1.832€ ano. Para estudantes de cidadania externa à União Europeia o custo ano da licenciatura ronda os 7.500€ para todos os cursos; com excepção de medicina cujo preço é de 32.000€. O valor da propina dos cursos

⁴³ PhD students can have different types of affiliation with the University. 58% have employee status and 24% have scholarship status, 8% are MD/PhD students and 10% have another appointment. The type of appointment mentioned in this latter category was, for example, an external PhD student. PhD students with part-time employee status had an average appointment of 26 hours per week. Slightly less than 6% had an additional contract or agreement with the University of Groningen for an average of seven hours per week of teaching or additional research activities. (RUG, 2011, p.8).

de mestrados para esta categoria de estudantes alterna entre os 10.500€ e os 13.000€.

Na UC os valores da propina foram iguais para os estudantes nacionais e internacionais até ao ano académico 2013-2014. A partir do ano académico 2014-2015, com base no Decreto-Lei n.º 36/2014, de 10 de Março, que permite aos estudantes estrangeiros candidatarem-se ao ensino superior português, as instituições de ensino superior portuguesas alteraram as suas regras, estabelecendo a UC um regulamento para o efeito de candidaturas a licenciaturas e mestrados integrados, Regulamento n.º 135/2014 publicado em Diário da República, 2ª série, n.º 67 de 4 de Abril. Este regulamento ainda não indica o valor da propina que será substancialmente superior, uma vez que estes estudantes entrarão através de um concurso especial de acesso, onde o valor da propina será fixado anualmente pelo Conselho Geral, sob proposta do Reitor e poderá ser paga em 10 mensalidades, como indica o artigo 12.º do referido regulamento.

No que respeita ao grau de escolaridade dos pais, encontramos diferenças marcantes, representando um capital escolar familiar superior nos estudantes inscritos na instituição holandesa. Estas diferenças são indiciadoras do maior capital escolar familiar dos estudantes em Groningen. Estas diferenças podem ser observadas nos gráficos subsequentes:

Gráfico n.º 17 : Escolaridade do Pai dos estudantes internacionais da UC**Gráfico n.º 18 : Escolaridade da Mãe dos estudantes internacionais da UC**

Os pais dos estudantes estrangeiros na instituição portuguesa revelam um baixo capital escolar onde a maior incidência está mesmo no ensino primário, tanto na escolaridade do pai, como na da mãe e em todos os ciclos de estudo. Se considerarmos que a média de idades destes estudantes é 26 anos eventualmente os seus progenitores encontram-se, muito provavelmente, no escalão etário entre os 50 e 60 anos, em idade activa, mas com um nível de escolaridade elementar.

No que respeita a Groningen, podemos observar os valores nos seguintes gráficos:

Gráfico n.º 19: Escolaridade do Pai dos estudantes internacionais da RUG

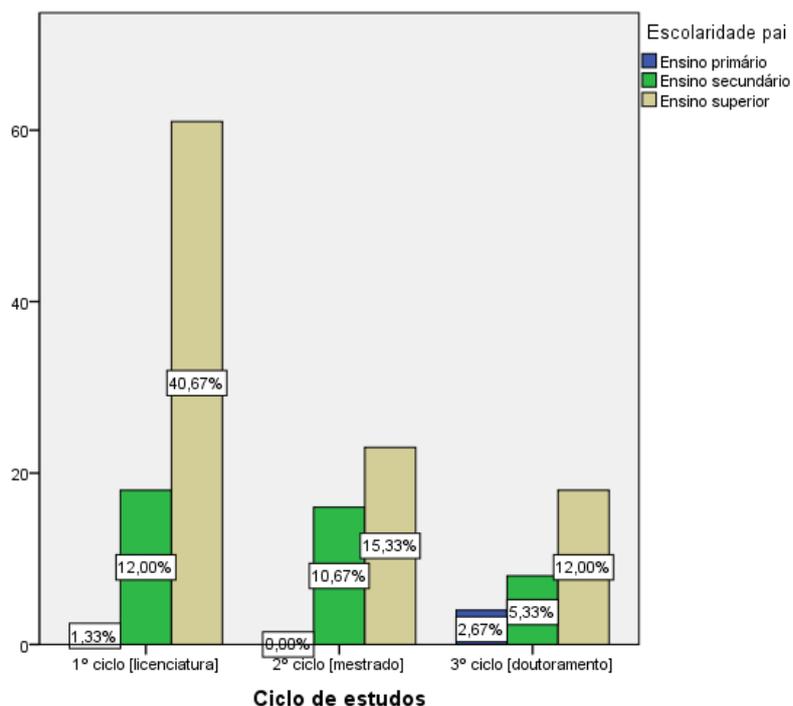
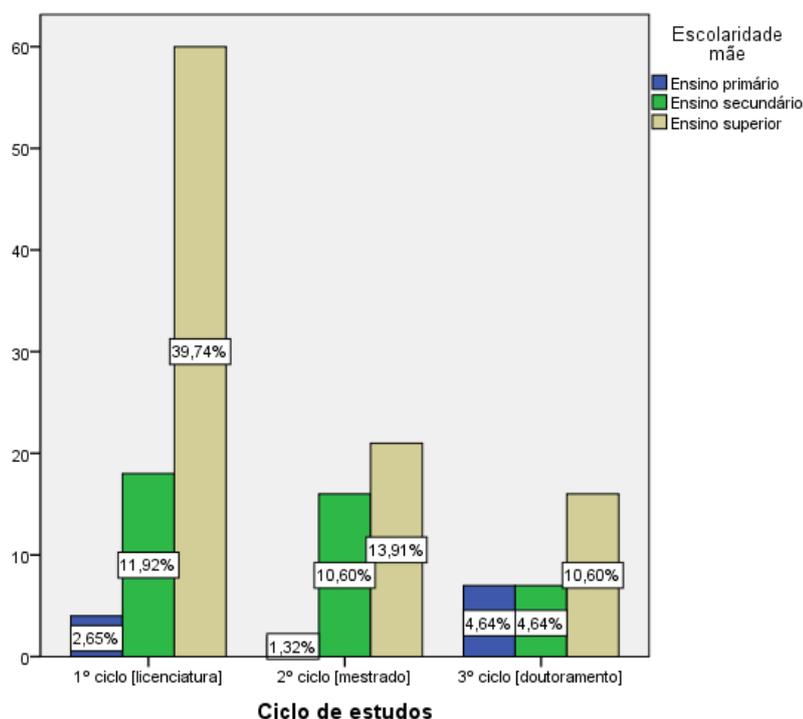


Gráfico n.º 20: Escolaridade do Mãe dos estudantes internacionais da RUG

Inversamente, os estudantes da RUG, de todos os ciclos de estudo, revelam maior percentagem de progenitores com grau de escolaridade ao nível do ensino superior, tanto ao nível do pai como da mãe. O capital escolar familiar destes estudantes é superior.

Estes dados sobre a escolaridade dos pais vem ao encontro dos indicadores dos países centrais, com maior escolarização e semiperiféricos com menor grau de escolaridade.

A proveniência geográfica dos estudantes internacionais que compõem a amostra divide-se em quarenta países na UC e em quarenta e sete países na RUG. Podemos notar os valores nos quadros do Anexo III. Constatamos o efeito vizinhança, uma vez que os Espanhóis representam 6,8% da amostra de Coimbra e os Alemães constituem 11,2% da amostra de Groningen. Mais curioso é assinalar que grande parte dos estudantes é oriunda de países com um passado colonial relacionado tanto com Portugal, como com os Países Baixos. Se atentarmos a

alguns valores da UC, 47,6% são oriundos do Brasil⁴⁴, 5,4% de Angola e 4,5% de Cabo Verde. No caso da RUG, 6,6% dos estudantes são provenientes da Indonésia e 5,9% dos Estados Unidos da América.

Os laços coloniais encontrados vão ao encontro da leitura que refere os laços culturais trazidos pela história e a sua influência na captação de estudantes (Massey, 1998).

Os países de origem dos estudantes estrangeiros na UC poderão igualmente ser uma explicação para o nível de escolaridade dos pais, pois sabemos que são países periféricos, com baixos valores de escolaridade, segundo os dados da UNESCO (2013). Esta associação de passado colonial também é referenciada na literatura (Lee & Tan, 1984; e Bhandari & Blumenthal, 2011).

Entendemos, uma vez que trabalhámos com um grande número de países, dividi-los por continentes para facilidade do estudo. Pela análise dos resíduos ajustados, na UC, no caso dos alunos regulares encontramos uma associação positiva⁴⁵ com os seguintes continentes: África, América do Sul e Ásia. Essa associação positiva, só se encontra presente nos alunos de mobilidade provenientes da Europa.

Quadro n.º 18: UC - Situação de matrícula por Continente

			Continente						Total
			Europa	África	América do Norte	América do Sul	Asia	Austrália	
Situação de matrícula	Regular	n	29	46	2	127	22	1	227
		Resíduo ajustado	-8,8	5,5	-,6	2,9	2,9	,8	
	Mobilidade	n	73	0	2	51	2	0	128
		Resíduo ajustado	8,8	-5,5	,6	-2,9	-2,9	-,8	
Total		n	102	46	4	178	24	1	355

⁴⁴ No ano académico da recolha dos dados dos estudantes da UC, esta universidade acolheu um número extraordinário de estudantes de licenciatura num programa de dupla titulação financiado pelo Governo Brasileiro, denominado Programa das Licenciaturas Internacionais (PLI), onde a UC se comprometeu a receber por cada edição de dois anos, duzentos estudantes. Estes estudantes no final da estadia e completando o seu curso no Brasil teriam direito a dois diplomas. As áreas abrangidas pelo programa foram a Matemática, a Biologia, a Física, a Química, as Artes, a Língua Portuguesa e a Educação Física.

⁴⁵ $p > 1,96$

Pela análise dos resíduos ajustados, na RUG observamos uma associação positiva⁴⁶ entre os estudantes regulares e a Ásia, onde mais uma vez, emerge a ligação colonial e os fluxos dos estudantes. Nos alunos em mobilidade, a associação significativa dá-se assim com a América do Norte, novamente com ligações históricas.

A mesma conclusão sobre o nível de escolaridade elevado dos pais dos estudantes da RUG pode ser dada pelo país de origem, como sucede no caso dos países da América do Norte, no sistema mundo designado como país central.

Quadro n.º 19: RUG: Situação de matrícula por Continente

			Continente					Total
			Europa	África	América do Norte	América do Sul	Asia	
Situação de matrícula	Regular	n	72	11	5	12	27	127
		Resíduo ajustado	-1,8	1,5	-3,5	1,6	2,5	
	Mobilidade	n	19	0	6	0	0	25
		Resíduo ajustado	1,8	-1,5	3,5	-1,6	-2,5	
Total		n	91	11	11	12	27	152

Com base nestes dados sociodemográficos pudemos traçar perfis dos estudantes internacionais e recorremos à técnica estatística da Análise das Correspondências Múltiplas para o efeito (Anexo IV para a UC e Anexo V para a RUG). Esta técnica insere-se num método multidimensional que permite a representação gráfica dos dados⁴⁷.

Reunimos as variáveis capital escolar familiar (reunindo o grau de escolaridade dos pais), país de origem (recodificando os diferentes países em continentes), ciclo de estudos, bem como a situação de matrícula, isto é, regular e

⁴⁶ $p > 1,96$

⁴⁷ A descrição desses grupos pode contemplar dois vectores analíticos: 1. Identificação da especificidade das associações entre as categorias das múltiplas variáveis em análise, aferindo-se assim sobre o perfil de cada grupo. 2. Observação do posicionamento relativo dos vários grupos. A análise das distâncias entre os grupos permite detectar a existência de relações de associação ou de oposição. (Carvalho, 2004, p.18).

mobilidade. Por considerarmos que existia a possibilidade de se encontrarem perfis diferentes entre as duas universidades, destacámos os valores separadamente e para ambas identificámos duas dimensões: escolaridade e origem geográfica. Estas dimensões foram gravadas como novas variáveis, permitindo novas possibilidades de testes.

Como podemos observar identificaram-se duas dimensões no caso da UC, com excelentes indicadores de fiabilidade interna $\rho > ,90$ seguindo o modelo *Alpha Cronbach*, explicando a escolaridade 47,2% da variância e a origem geográfica retratando 41,9% da variância.

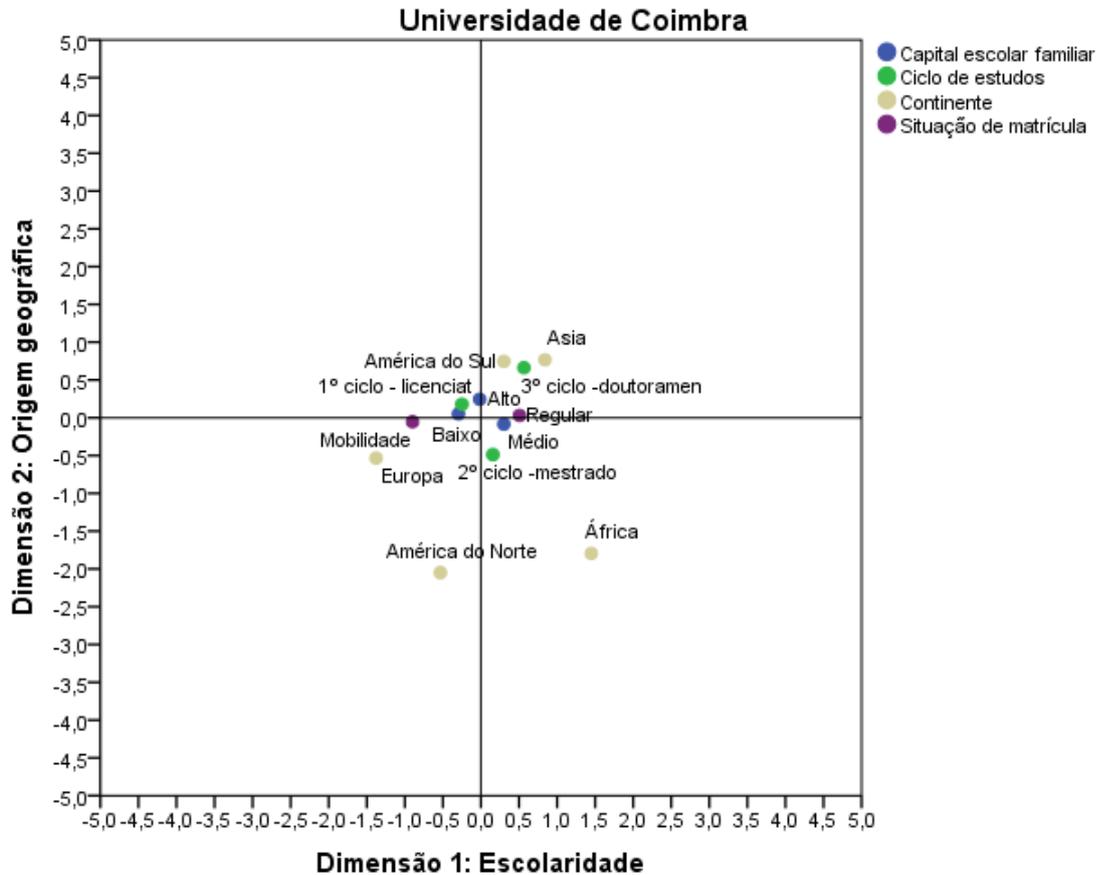
Através da análise da contribuição de cada variável para cada dimensão foi possível chegar à identificação de perfis dos estudantes da UC:

Perfil 1: estudantes em mobilidade, vindos da Europa, inscritos no primeiro ciclo, com um capital escolar familiar baixo.

Perfil 2: estudantes regulares, vindos da América do Sul ou Ásia, inscritos no terceiro ciclo, com um capital escolar familiar alto.

Perfil 3: estudantes regulares, vindos da América do Sul, inscritos no primeiro ciclo, com um capital escolar familiar baixo.

Estes perfis encontram-se projectados no gráfico imediato para melhor visualização:

Gráfico n.º 21: Representação dos perfis dos estudantes da UC

No caso da RUG (Anexo V), as duas dimensões determinadas, escolaridade e origem geográfica apresentam muito bons indicadores de consistência interna $\rho > ,90$ verificados pelo valor de *Alpha de Cronbach*, a primeira dimensão explica 51,5% da variância e a segunda 43,9%.

De seguida identificamos a composição dos perfis dos estudantes internacionais de Groningen tendo sido identificados igualmente três.

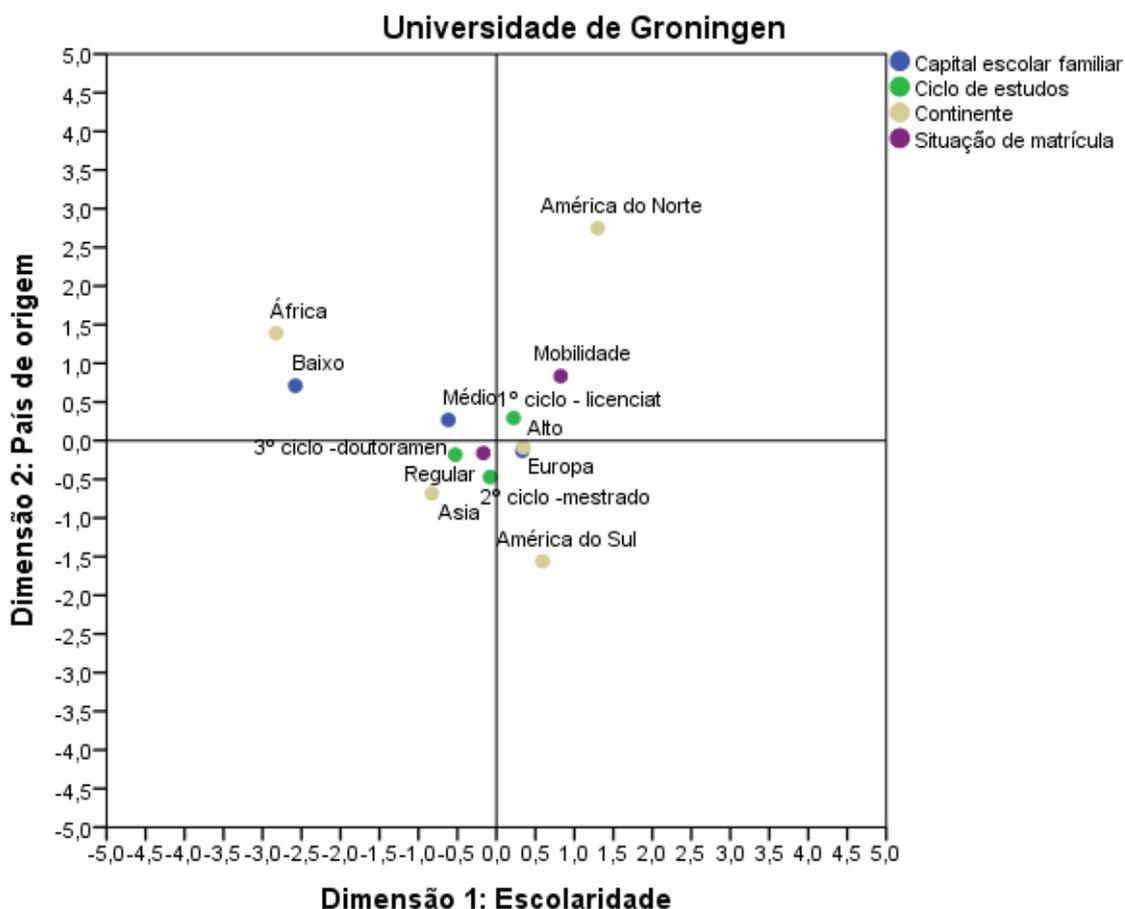
Perfil 1: estudantes em mobilidade, vindos da Europa ou América do Norte, inscritos no primeiro ciclo, com um capital escolar familiar alto.

Perfil 2: estudantes regulares, vindos da Europa, Ásia ou América do Sul, inscritos nos segundo ou terceiro ciclos, com um capital escolar familiar alto.

Perfil 3: estudantes regulares, vindos de África ou Ásia, inscritos no terceiro ciclo, com um capital escolar familiar médio.

Os perfis encontram-se no gráfico subsequente para melhor visualização:

Gráfico n.º 22: Representação dos perfis dos estudantes da RUG



As dimensões e as suas composições por perfis permitem-nos trabalhar com novas variáveis e deste modo aprofundar o estudo e testar parte das hipóteses. Os perfis possibilitam explicar melhor as características diferenciadoras das populações estudantis.

2.1.1. Deslocação na cidade

No seguimento desta fase inicial de caracterização da população, enquadra-se a questão relativa à deslocação dos cidadãos dentro das próprias cidades. Devido ao planeamento urbanístico da cidade de Groningen, descrito na contextualização da cidade, e aos hábitos culturais do país, sabemos que o meio de transporte mais promovido é a bicicleta. Ressalvamos que Groningen é um exemplo de sucesso de planeamento e revitalização do centro urbano, o uso da bicicleta não é promovido apenas por hábitos de saúde, é mais económico planear para bicicletas que para automóveis. Tal conduziu à revitalização do centro urbano e a maioria dos estudantes encontra residência nesse mesmo centro. Podemos observar na foto seguinte um exemplo deste uso:



Fotografia n.º 3: Parque de estacionamento para bicicletas em Groningen

A cidade de Coimbra tem uma rede de transportes urbanos composta por autocarros, cujos horários são planeados de acordo com o calendário escolar, contribuindo para a imagem de cidades de estudantes. O alojamento de estudantes estrangeiros é disperso por toda a cidade, até mesmo algumas das residências

universitárias estão longe do centro, mais perto dos polos da própria instituição, o que implica maiores distâncias para a mobilidade na cidade, que por sua vez não é plana, o que acresce a dificuldade.

Dos elementos apresentados para a selecção da forma principal de deslocação na cidade, a pé, de bicicleta de transporte público ou em automóvel, comprovamos que efectivamente 88,8% dos estudantes da RUG usam a bicicleta contra 2,5% dos estudantes da UC que escolhem andar a pé correspondendo esta forma a 66,8% nas suas deslocações diárias. Ressalvamos que em Groningen, para além da componente cultural de deslocação em bicicleta, o terreno em si é plano, o que facilita este transporte, mesmo com um clima mais adverso, facto exactamente contrário em Coimbra. Os transportes públicos são a alternativa a andar a pé para 26,2% dos estudantes da UC, sendo que os alunos da RUG como alternativa à bicicleta andam a pé.

Quadro n.º 20: Forma de deslocação nas cidades

	Coimbra	Groningen
A pé	66,8%	9,2%
De bicicleta	2,5%	88,8%
Em transporte público	26,2%	0,7%
Em automóvel	4,5%	0,7%
Outra	0,0%	0,7%

Os alunos estrangeiros em Groningen têm a oportunidade de receber formação de como andar de bicicleta na cidade, curso oferecido pelas várias associações de estudantes, nomeadamente a ESN de Groningen. O negócio da venda de bicicletas usadas é frequente e representa uma parte da informação dada ao estudante aquando da sua chegada. Deslocar-se de bicicleta em Groningen é uma das primeiras formas de aculturação.

Na generalidade, estes indicadores das duas universidades são reveladores dos hábitos de actividade física dos estudantes estrangeiros.

2.2. Práticas de lazer dos estudantes internacionais

Para a análise das práticas de lazer dos estudantes nas duas cidades adoptou-se a tipologia já referida de Teixeira Lopes (2000), utilizada igualmente para o estudo intensivo realizado com as agendas culturais, a que se juntaram alguns indicadores de natureza mais científica, uma vez que se tratava de uma população universitária.

Seleccionaram-se 33 itens para uma análise exploratória segundo o método da Análise das Componentes Principais (Anexo VI). Através desta técnica extraíram-se nove componentes que explicam 60% da variância total. Verificou-se a adequabilidade dos dados através do teste Keiser-Meyer-Olkin⁴⁸ e o teste de esfericidade de Bartlett, reconhecendo que este nos apresenta como hipótese nula a não existência de correlações entre as variáveis iniciais, revelador de uma matriz de correlações de identidade e portanto adequado. Pelo valor das comunalidades, entendidas como “a proporção da variância total de uma variável explicada pelos factores” (Hill & Hill, 2000, p. 279), verificamos quais os itens que contribuem para a formação dos nove factores,⁴⁹ extraídos com *eigenvalues* superior a 1.

A tabela da matriz de componentes rodada (*varimax*) deve ser interpretada à luz das sugestões de Comrey e Lee (1992), excelentes se superiores a .71, muito boas acima de .63, boas acima de .55 e razoáveis quando superiores a .45.

As nove componentes extraídas identificam-se com os indicadores com maior peso correspondendo às práticas de lazer e foram alvo de uma análise de fiabilidade interna pelo cálculo de *Alfa de Cronbach*, indicando uma boa consistência interna, como podemos observar:

- 1) **Práticas científicas eruditas:** $\alpha,815$ composto por: Promover encontros científicos; Ir a conferências científicas; Participar em blogues/ chats científicos; Participar em workshops; Ir a apresentações de livros; Organizar eventos culturais.

⁴⁸ KMO=0,842; teste de esfericidade de Bartlett: $p<0,001$.

⁴⁹ “Características que aparecem juntas constituem em factor” (Bryman, 1992, 319).

- 2) **Práticas de sociabilidade e participação expressiva:** $\alpha,656$ integrando; Frequentar a casa de amigos; Jantar fora de casa; Ir ao cinema; Viajar.
- 3) **Entretenimento em espaço semipúblico:** $\alpha,762$ composto por: Ir a bares; Ir a discotecas; Ir a cafés, cervejarias, pastelarias; Dançar incluído num grupo.
- 4) **Recreativas** $\alpha,721$ integrando: Cantar incluído num grupo; Tocar um instrumento musical incluído num grupo; Fazer teatro amador.
- 5) **Entretenimento em espaço público** $\alpha,624$ compondo-se por: Assistir a touradas ou corridas de cavalos; Ir ao circo.
- 6) **Expressão e participação desportiva** $\alpha,684$ compondo-se Fazer desporto; Fazer jogging; Assistir a espectáculos desportivos.
- 7) **Auto-recreação** $\alpha,612$ incluindo Passear, Passear em centros comerciais; Ir às compras (roupas, livros, etc.); Ir a feiras.
- 8) **Expressão turística** $\alpha,545$ incluindo Fazer campismo; Ir à praia.
- 9) **Actividades eruditas** $\alpha,626$ composta por Ir a concertos de música clássica; Ir a concertos de música popular; Visitar museus.

Os nove factores extraídos explicam 60,6% da variância das variáveis analisadas, assim discriminados: Práticas científicas eruditas 19,6%; Práticas de sociabilidade e participação expressiva 10,3%, Entretenimento em espaço semipúblico 6,4%; Recreativas 5,4%; Entretenimento em espaço público 4,7%; Expressão e participação desportiva 4,1%; Auto-recreação 3,5%; Expressão turística 3,2%, Actividades eruditas 3,0%.

A primeira componente, práticas científicas eruditas, com o maior valor de *Alpha de Cronbach*, apresenta o primeiro distanciamento ao modelo de base de práticas de lazer que se reporta de modo mais generalizado a actividades culturais exodomiciliares, pois implica, como já afirmámos, itens não referenciados no modelo de origem de Teixeira Lopes (2000).

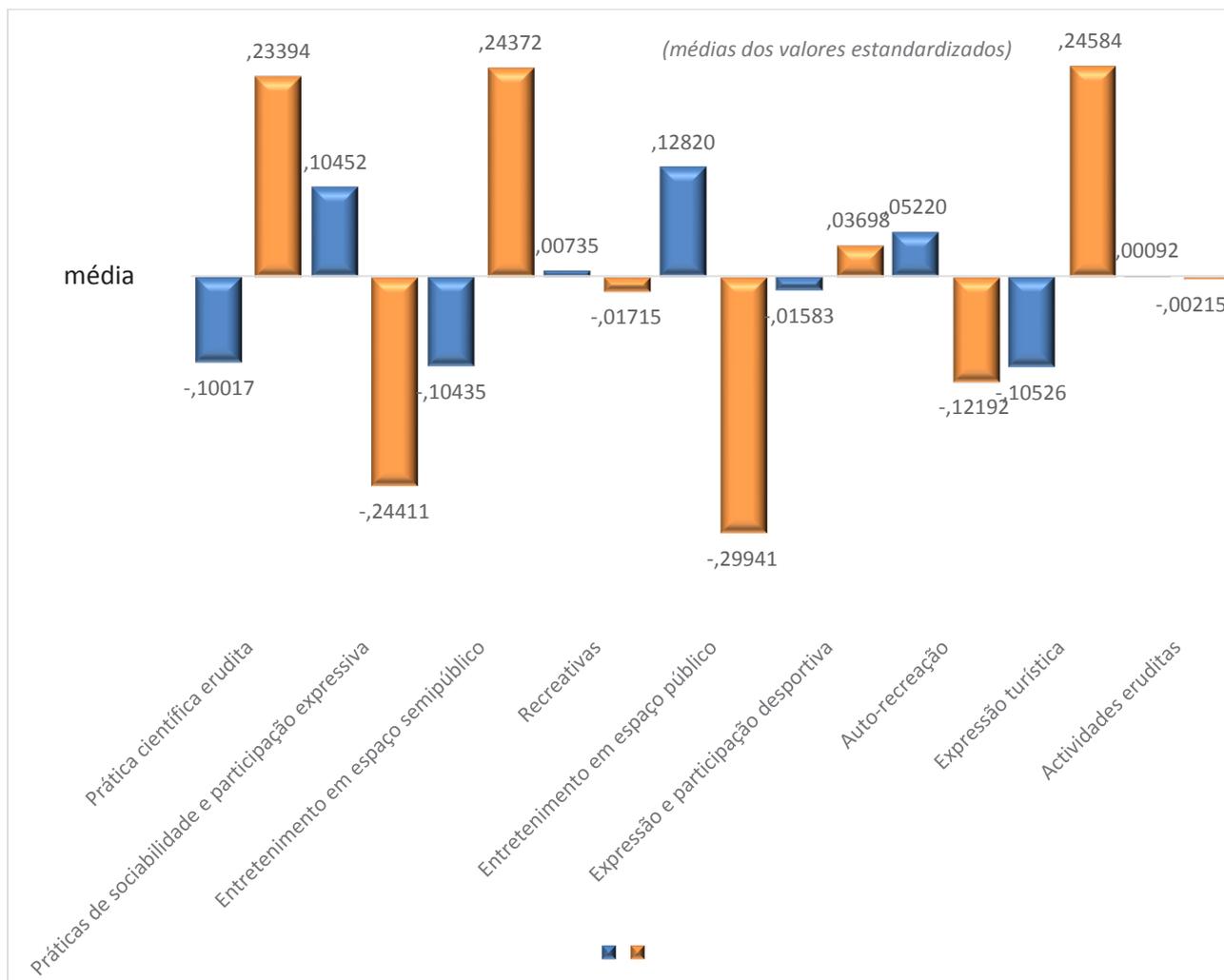
Com base nos factores, construímos nove índices sintéticos através da média aritmética dos indicadores com maior peso em cada componente ($>.40$), tendo sido previamente testada a fiabilidade do *Alpha de Cronbach*. Estes índices sintéticos (Anexo VII) são resultado de uma nova Análise das Componentes Principais realizada a cada grupo de itens seleccionados. Assim, a variância explicada em cada índice sintético quantifica a qualidade do próprio índice (Anexo VII). Os resultados dos índices sintéticos permitiram-nos afinar a adequabilidade dos componentes encontrados para melhor estudar as práticas de lazer dos estudantes.

Assim conseguimos chegar a valores da variância explicada pela ponderação dos indicadores: índice de práticas científicas eruditas 52,3%; o índice de práticas de sociabilidade e participação expressiva 49,7%; índice de entretenimento em espaço semipúblico 59,9%; índice actividades recreativas 64,3%; índice Entretenimento em espaço público 72,6%; índice Expressão e participação desportiva 61,4%; índice Auto-recreação 46,2%; índice Expressão turística 68,7%; índice actividades eruditas 57,3%.

Para testar se as componentes das práticas de lazer se diferenciavam pelas duas populações universitárias, aplicámos o teste-t de comparação de médias (Anexo VIII) e aferimos que existem diferenças muito significativas⁵⁰ em Práticas científicas eruditas, Práticas de sociabilidade e participação expressiva, Entretenimento em espaço semipúblico, Entretenimento em espaço público e na Expressão turística. Assim, conseguimos constatar que as práticas de lazer, pelos valores das médias standardizadas das nove componentes, nas suas formas são distintas nos estudantes de Coimbra e de Groningen, observamos estas diferenças no gráfico seguinte:

⁵⁰ $p < ,001$

Gráfico n.º 23: Componentes de lazer por universidade



Podemos, portanto reforçar a ideia que os estudantes da RUG têm hábitos de práticas científicas eruditas superiores à média, inversamente aos estudantes da UC. Estes resultados podem traduzir o capital escolar familiar, mas eventualmente contribuem para estes resultados o facto de muitas conferências serem realizadas em língua inglesa, captando a atenção dos estudantes estrangeiros. No quadro da nossa tipologia são os estudantes regulares que se orientam pelo “estudar primeiro”, tendência que assim se confirma em Groningen.

No que respeita às práticas de sociabilidade e participação expressiva, os estudantes da RUG apresentam valores muito inferiores à média. A frequência da casa de amigos, por exemplo, não é facilitada em Groningen, onde os estudantes alugam quartos em residências geridas por privados, o que implica terem menos

espaços comuns para o convívio facilitado pelo aluguer de um apartamento, como em Coimbra.

As condições dos alojamentos podem igualmente servir para perceber as diferenças nas práticas de entretenimento em espaço semipúblico, que nos remetem para actividades exodomiciliares (ir a bares, discotecas, cafés, cervejarias, pastelarias, dançar incluído num grupo), onde os estudantes internacionais da RUG apresentam valores muito acima da média, reveladores dos seus hábitos de lazer, mas também do seu poder económico, pois estas práticas implicam o consumo de bens. Neste último campo os estudantes da UC apresentam valores um pouco abaixo da média, eventualmente reveladores de actividades endodomiciliares ou que requeiram dispêndio financeiro.

No que respeita ao entretenimento em espaço público (assistir a touradas ou corridas de cavalos), ambas as médias das práticas são negativas, mas em RUG os valores são bastante inferiores à média, igualmente reveladores do pouco consumo de actividades de pendor popular. A componente expressão turística apresenta igualmente diferenças, com os estudantes da RUG revelarem práticas superiores à média e os estudantes da UC com valores abaixo da média.

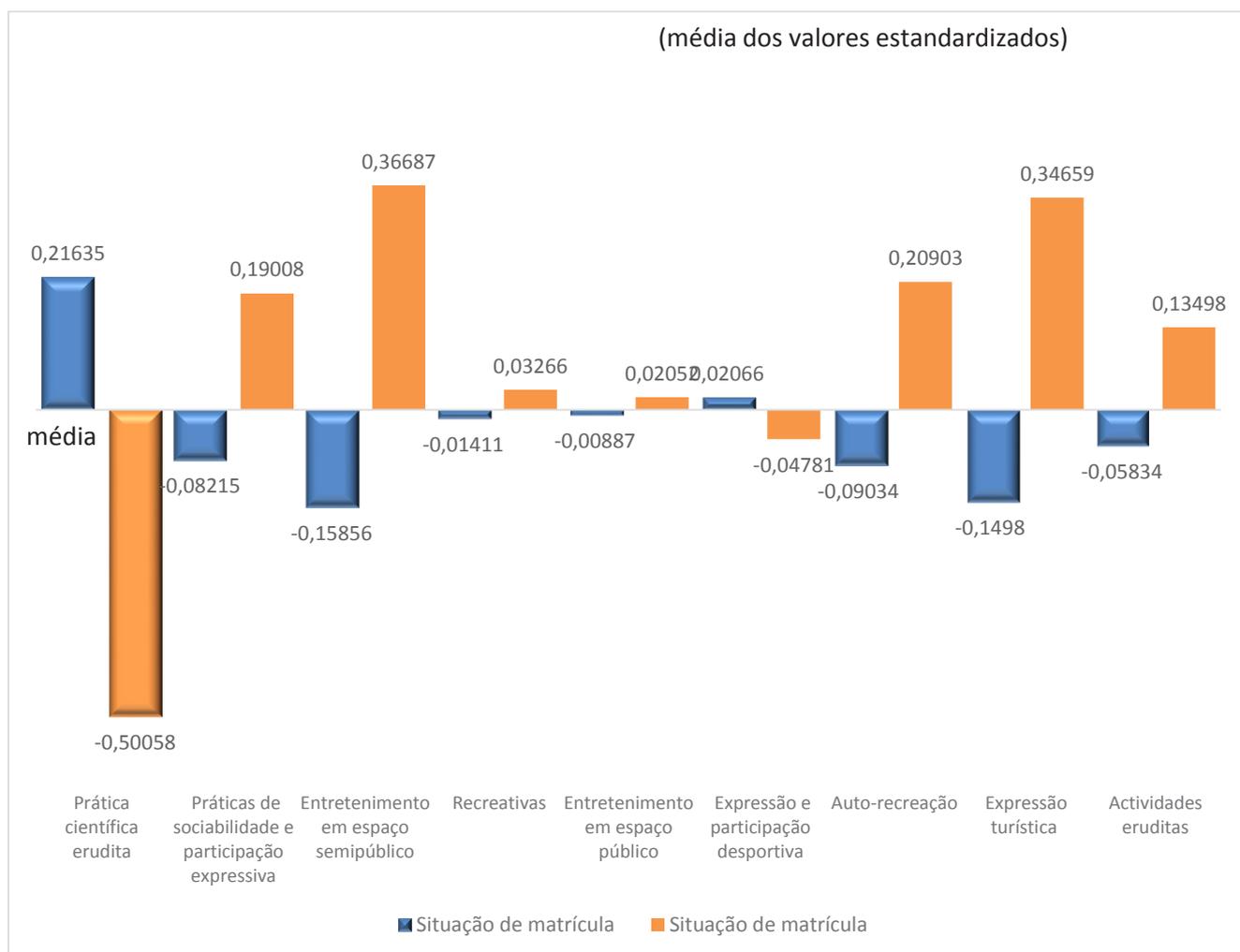
De registar os valores residuais das práticas de actividades eruditas compostos por concertos de música clássica, concertos de música popular e visitas a museus, não se observando a influência do maior número de eventos desta natureza em Groningen, como observado na análise das agenda culturais.

Na generalidade, os estudantes de Groningen praticam mais actividades científicas eruditas, bem como práticas de entretenimento em espaço semipúblico, reveladores um pouco da aculturação dos hábitos culturais holandeses, de consumo diferenciado associado à juventude (Massey, 1996).

Como a outra hipótese a testar se prendia com as diferenças entre a população de alunos regulares e de mobilidade, aplicámos o mesmo teste-t de comparação das médias às componentes de lazer definidas (Anexo VIII). Na generalidade, as práticas de lazer dos estudantes regulares e de mobilidade são diferentes no que respeita às Práticas científicas e eruditas, às Práticas de sociabilidade e participação expressiva, ao Entretenimento em espaço semipúblico,

Auto-recreação e Expressão turística. Podemos visualizar melhor estas diferenças no gráfico seguinte:

Gráfico n.º 24: Componentes de lazer por situação de matrícula



No total das práticas de lazer por situação de matrícula podemos observar que existem grupos que efectivamente contribuem para a distinção apresentada por Glover (2011) de “educação primeiro” ou “turismo primeiro”. Os estudantes regulares apresentam valores acima da média nas práticas científicas eruditas e pelo contrário os alunos em mobilidade registam valores muito abaixo da média. Em todas as outras práticas que se registam nas componentes já indicadas Práticas de sociabilidade e participação expressiva, ao Entretenimento em espaço semipúblico,

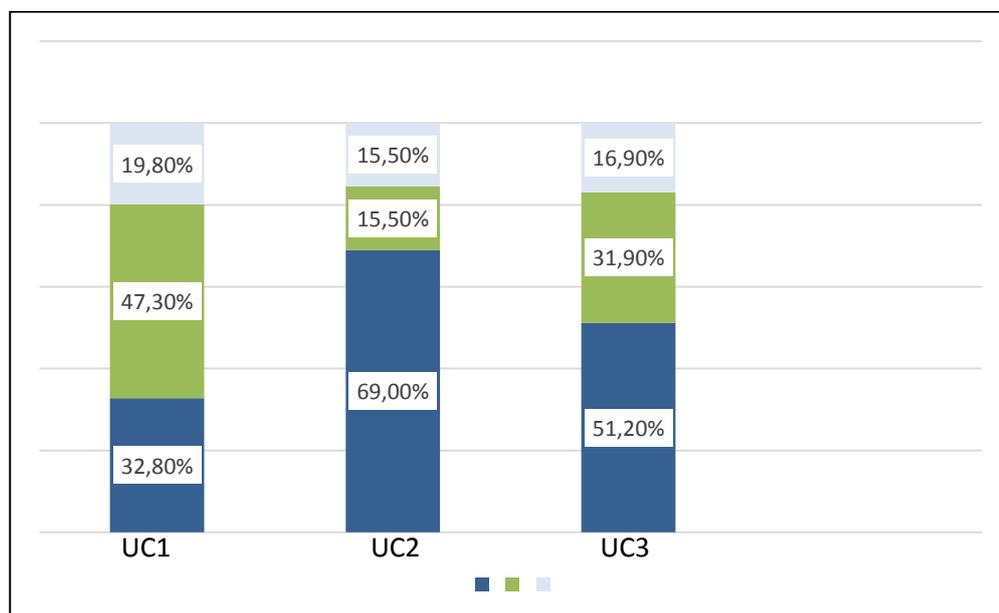
Auto-recreação e Expressão turística os estudantes em mobilidade apresentam valores acima da média e os alunos regulares abaixo desta.

Uma vez encontrado o modelo de factores para agregar as práticas de lazer dos estudantes estrangeiros, entendemos especificar a tipologia dos praticantes de lazer através de uma análise de clusters (Anexo IX). Definimos assim os estudantes por grupos com hábitos de lazer pouco frequentes, ocasionais e frequentes.

Pareceu-nos igualmente pertinente, uma vez que determinámos os perfis dos estudantes, cruzar os perfis com os grupos de praticantes de actividades de lazer identificados pela análise de clusters.

Na Universidade de Coimbra podemos observar no gráfico imediato estes valores:

Gráfico n.º 25: Clusters de lazer por perfis de estudantes da UC



O cluster frequente aparece com maior percentagem nos perfis dos estudantes da UC2 e UC3. No perfil 1 a maior incidência é mesmo pelo cluster 2 de prática ocasional. No perfil UC1 as práticas de lazer frequentes discriminadas pela

análise de resíduos ajustados⁵¹, associam-se a actividades tais como: Passear, Ir à praia, Ir a concertos de música popular, Ir a cafés, cervejarias e pastelarias, Assistir a espectáculos desportivos, Ir a discotecas, Ir a bares, Tocar um instrumento musical, Jogar cartas, damas e bilhar, Frequentar a casa de amigos, Jantar fora de casa, Viajar, Visitar museus e Cantar incluído num grupo.

Pela análise dos dados obtidos, constatámos que alguns itens das práticas de lazer se encontram associados aos três perfis como passear, ir a bares e viajar. Estas dimensões representam bem os hábitos de lazer dos estudantes internacionais em Coimbra. Chamamos a atenção para o facto de apenas no perfil UC2 encontrarmos itens associados a actividades científicas, isto é, associadas a alunos de pós-graduação, mestrado e doutoramento e inscritos de modo regular, representando as suas preocupações com a obtenção de conhecimentos científicos, associado ao modelo de primazia aos motivos académicos (Ritchie, 2003).

No quadro seguinte podemos observar, ainda dentro da amostra da UC, quais as características sociodemográficas dos estudantes por cada cluster de praticantes de lazer.

⁵¹ Resíduos ajustados $p > 1,96$.

Quadro n.º 21: Grupos de praticantes da UC pelas características sociodemográficas

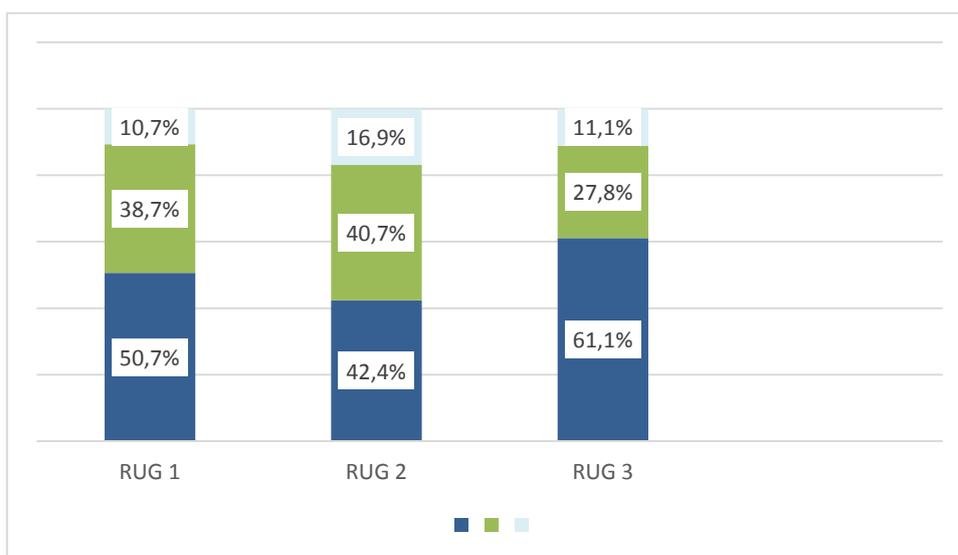
UNIVERSIDADE DE COIMBRA			Grupos		
			Frequente	Ocasional	Pouco Frequente
Sexo	Feminino	N	82	82	29
		N %	42,5%	42,5%	15,0%
	Masculino	N	86	42	34
		N %	53,1%	25,9%	21,0%
Ciclo de estudos	1º ciclo - licenciatura	N	77	70	35
		N %	42,3%	38,5%	19,2%
	2º ciclo - mestrado	N	65	43	20
		N %	50,8%	33,6%	15,6%
	3º ciclo - doutoramento	N	26	11	8
		N %	57,8%	24,4%	17,8%
Situação de matrícula	Regular	N	124	63	40
		N %	54,6%	27,8%	17,6%
	Mobilidade	N	44	61	23
		N %	34,4%	47,7%	18,0%
Continente	Europa	N	32	49	21
		N %	31,4%	48,0%	20,6%
	África	N	32	5	9
		N %	69,6%	10,9%	19,6%
	América do Norte	N	0	3	1
		N %	0,0%	75,0%	25,0%
	América do Sul	N	93	56	29
		N %	52,2%	31,5%	16,3%
	Asia	N	11	10	3
		N %	45,8%	41,7%	12,5%
	Austrália	N	0	1	0
		N %	0,0%	100,0%	0,0%
Capital escolar familiar	Baixo	N	70	62	33
		N %	42,4%	37,6%	20,0%
	Médio	N	86	53	27
		N %	51,8%	31,9%	16,3%
	Alto	N	11	8	3
		N %	50,0%	36,4%	13,6%
Escala Etário	até 17	N	0	0	0
		N %	0,0%	0,0%	0,0%
	18-24	N	81	80	32
		N %	42,0%	41,5%	16,6%
	25-30	N	48	27	19
		N %	51,1%	28,7%	20,2%
	31-35	N	24	9	3
		N %	66,7%	25,0%	8,3%
	36-45	N	10	3	5
		N %	55,6%	16,7%	27,8%
	46 e + anos	N	5	5	4
		N %	35,7%	35,7%	28,6%

Destacamos que dentro do cluster frequente sobressaem os alunos regulares, os alunos provenientes de África, os alunos do terceiro ciclo, não havendo nas restantes variáveis uma grande diferenciação. No cluster ocasional destaca-se o sexo feminino, bem como os estudantes provenientes da América do Norte.

Independentemente do seu capital escolar familiar, as práticas de actividades culturais dos estudantes da UC na generalidade são frequentes.

O cruzamento da tipologia das práticas de lazer pelos perfis dos estudantes da RUG pode igualmente ser visualizado no seguinte gráfico:

Gráfico n.º 26: Clusters de lazer por perfis de estudantes da RUG



Todos os perfis de Groningen apresentam uma percentagem superior no cluster frequente, mais uma vez indiciadora dos seus hábitos de lazer e estilos de vida.

Apenas no perfil RUG3 conseguimos observar quais os tipos de actividades que se encontram associados a uma prática frequente, pela análise de resíduos ajustados⁵², a saber: Passear em centros comerciais, Ir a feiras, Fazer desporto, Ir às compras roupas, livros, etc, Participar em workshops, Ir a conferências científicas. Os alunos em mobilidade na RUG (perfil 1) têm uma frequência relativa superior nas práticas de lazer que os alunos na mesma situação de matrícula na UC.

O quadro seguinte resume a informação dos tipos de praticantes de lazer pelas características sociodemográficas dos estudantes da RUG.

⁵² $\rho > 1,96$

Quadro n.º 22: Grupos de praticantes da RUG pelas características sociodemográficas

UNIVERSIDADE DE GRONINGEN			Grupos		
			Frequente	Ocasional	Pouco Frequente
Género	Feminino	N	35	29	13
		%	45,5%	37,7%	16,9%
	Masculino	N	39	29	7
		%	52,0%	38,7%	9,3%
Ciclo de estudos	1º ciclo - licenciatura	N	42	30	11
		%	50,6%	36,1%	13,3%
	2º ciclo - mestrado	N	13	21	5
		%	33,3%	53,8%	12,8%
	3º ciclo - doutoramento	N	19	7	4
		%	63,3%	23,3%	13,3%
Situação de matrícula	Regular	N	64	45	18
		%	50,4%	35,4%	14,2%
	Mobilidade	N	10	13	2
		%	40,0%	52,0%	8,0%
Continente	Europa	N	45	35	11
		%	49,5%	38,5%	12,1%
	África	N	6	4	1
		%	54,5%	36,4%	9,1%
	América do Norte	N	2	8	1
		%	18,2%	72,7%	9,1%
	América do Sul	N	6	4	2
		%	50,0%	33,3%	16,7%
	Asia	N	15	7	5
		%	55,6%	25,9%	18,5%
	Austrália	N	0	0	0
		%	0,0%	0,0%	0,0%
Capital escolar familiar	Baixo	N	2	2	0
		%	50,0%	50,0%	0,0%
	Médio	N	17	17	4
		%	44,7%	44,7%	10,5%
	Alto	N	54	39	16
		%	49,5%	35,8%	14,7%
Escala Etário	até 17	N	1	0	1
		%	50,0%	0,0%	50,0%
	18-24	N	40	32	11
		%	48,2%	38,6%	13,3%
	25-30	N	20	17	4
		%	48,8%	41,5%	9,8%
	31-35	N	9	8	4
		%	42,9%	38,1%	19,0%
	36-45	N	3	1	0
		%	75,0%	25,0%	0,0%
	46 e + anos	N	1	0	0
		%	100,0%	0,0%	0,0%

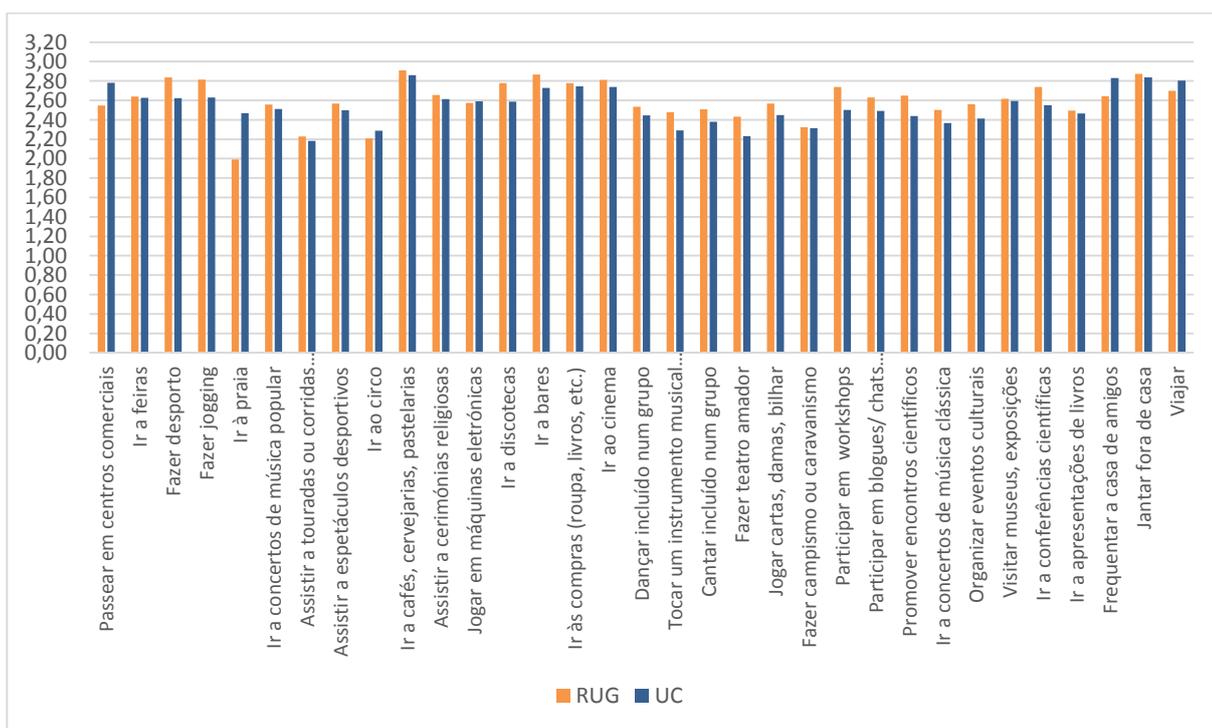
Destacam-se no cluster frequente os alunos do terceiro ciclo, os alunos regulares, os alunos provenientes de África, América do Sul e Ásia e do escalão etário dos 36-45 anos.

Na sequência do estudo das práticas de lazer iremos testar outra hipótese, que se resume às práticas de lazer se encontrarem associadas ao grau de

satisfação com os equipamentos culturais. As médias de satisfação com os equipamentos culturais são idênticas nas duas instituições centrando-se acima de 1,5, numa escala de um a três, em que um representa “insatisfeito”, dois “nem insatisfeito, nem satisfeito”, três representa “satisfeito”.

No gráfico 27, obtido pela média da satisfação com os equipamentos culturais em ambas as cidades, observamos que o nível de satisfação é elevado em praticamente todos os itens e na sua maioria superior nos estudantes de Groningen.

Gráfico n.º 27: Média de satisfação com os equipamentos culturais



No nosso estudo, testámos a hipótese de associação entre as práticas de lazer e a satisfação com os equipamentos culturais. Tanto em Coimbra, como em

Groningen, os 33 itens analisados através do teste do qui-quadrado⁵³ indicam-nos que a frequência de práticas de lazer e a satisfação são variáveis dependentes (Anexo X).

Considerando que as questões do inquérito versam exactamente os mesmos itens, tal facto permitiu-nos realizar a correlação bivariada através de testes não paramétricos, pelo coeficiente de correlação de Spearman, uma vez que as escalas são ordinais. No caso da cidade de Coimbra, obtivemos correlações muito significativas⁵⁴ entre as práticas de lazer e a satisfação nos itens: passear, ir a feiras, fazer desporto, fazer jogging, ir à praia, ir a concertos de música popular, assistir a espectáculos desportivos, ir à praia, ir a cafés, pastelarias e cervejarias, assistir a cerimónias religiosas, jogar em máquinas electrónicas, ir a discotecas, ir a bares, ir ao cinema, tocar incluído num grupo, dançar incluído num grupo, jogar cartas, damas e bilhar, fazer campismo, participar em workshops, participar em blogues científicos, promover encontros científicos, ir a concertos de música clássica, visitar museus, ir a conferências científicas, ir a apresentação de livros, frequentar a casa de amigos, jantar fora de casa e viajar. Registámos igualmente correlações significativas⁵⁵ em: Passear em centros comerciais, assistir a touradas, ir às compras (roupas, livros).

Na cidade de Groningen, também observámos a correlação entre as práticas de lazer e a satisfação com os equipamentos culturais. Correlação muito significativas⁵⁴ em passear em centros comerciais, fazer desporto, ir à praia, ir a concertos de música popular, assistir a cerimónias religiosas, jogar em máquinas electrónicas, tocar um instrumento musical incluído num grupo, cantar incluído num grupo, jogar cartas, damas e bilhar, participar em workshops, promover em eventos científicos, visitar museus, ir a conferências científicas, ir a encontros científicos, jantar fora de casa, viajar. Correlações significativas⁵⁵ nos itens: passear, ir a feiras, fazer jogging, ir a concertos de música clássica, ir a apresentação de livros, frequentar a casa de amigos.

⁵³ Sig. <0,05 com respeito aos pressupostos: não há mais de 20% das células com frequência esperada inferior a 5 e não há qualquer célula com valor esperado inferior a 1

⁵⁴ Ao nível de 0,01

⁵⁵ Ao nível de 0,05

Face ao exposto, podemos concluir com segurança que em ambas as cidades – Coimbra e Groningen - as práticas de lazer se associam à satisfação com os equipamentos destinados.

2.3. Predisposição de estudar no estrangeiro

No estudo realizado, tínhamos como propósito aprofundar a questão da predisposição por estudar no estrangeiro. Esta foi uma questão de partida da linha de investigação, mas pretendeu-se ir mais longe e conhecer os factores que motivam cidadãos a deslocar-se para o estrangeiro com o objectivo de estudar. Mais concretamente, para se conhecer a motivação para estudar no estrangeiro elaborou-se a questão (*Indique o grau de importância dada aos seguintes motivos para estudar no estrangeiro*), utilizando uma escala de classificação de resposta 1 “Nada importante” para 5” Muito importante”, aplicada a 18 itens. Numa escala de classificação de resposta em 5 pontos, a importância dada aos motivos aparece em 15 itens com uma média acima de 3 em Coimbra e 17 itens acima de 3 em Groningen.

Os motivos para estudar no estrangeiro foram alvo de uma análise exploratória pelo método da Análise das Componentes Principais (Anexo XI), legitimando-se a adequabilidade da amostra⁵⁶. A análise, através do critério de Kaiser de eigenvalues superiores a 1, encontrou cinco factores que explicam as correlações entre as variáveis, explicando 62% da variância total.

Assim, apresentam-se os itens que compõem os factores e a sua consistência interna:

Motivos económicos $\alpha,821$ Elevar o seu rendimento económico no futuro; Valorização no país de origem de um diploma estrangeiro; Novas perspetivas de empregabilidade; Garantir um estatuto social elevado; Contribuir para o desenvolvimento económico do seu país.

⁵⁶ Pelo teste de Kaiser-Meyer-Olkin $KMO=,819$, comprovando-se pelo valor significativo do qui-quadrado apresentado no teste da esfericidade de Bartlett com um $p<.05$

Motivos sociais: $\alpha,764$ Experimentar viver num país diferente; Vontade de viajar; Estabelecer novas amizades; Espírito de aventura.

Motivos pessoais: $\alpha,772$ Ser autónomo; Aprender a resolver problemas; Experimentar viver sem os pais.

Motivos académicos: $\alpha,419$ Interesse no plano de estudo; Desenvolver competências linguísticas; Não existência da área de estudo no país de origem.

Motivos migratórios: $\alpha,484$ Conhecer o país dos seus antepassados, Desejar obter um visto de residência permanente.⁵⁷

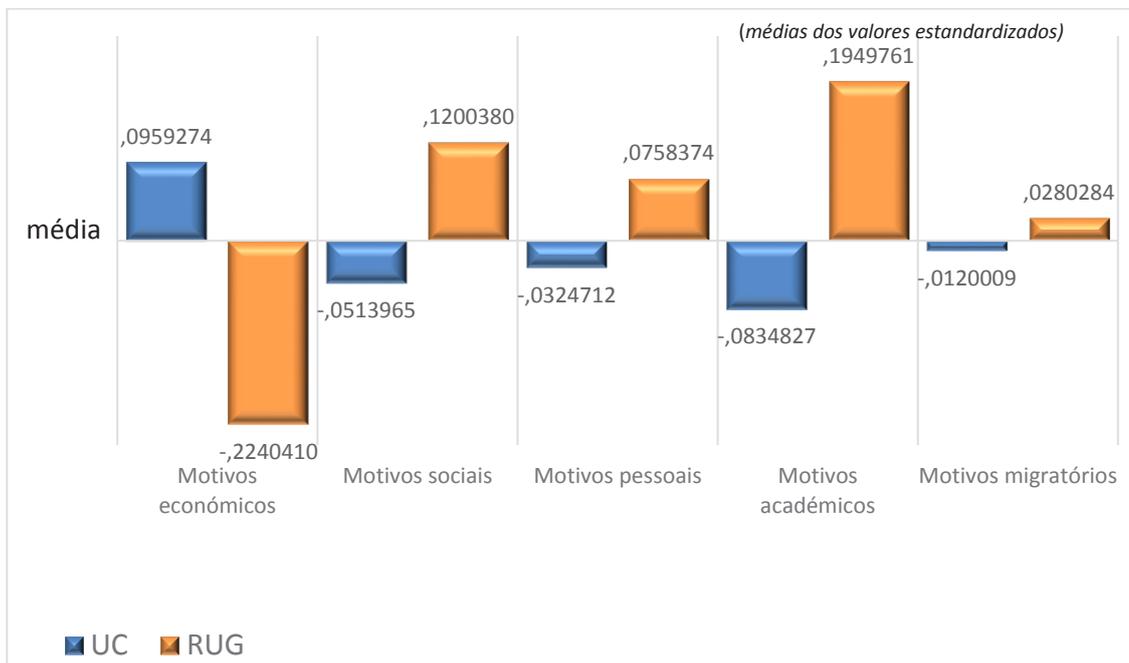
O primeiro factor por si só explica 24% da variância e o segundo 17%, o terceiro 12,6%, o quarto 8,6% e o quinto 8,1%. Os três primeiros factores apresentam muito bons indicadores de fiabilidade interna. Os dois últimos não representam uma fiabilidade interna tão consistente, no entanto, uma vez que têm um eigenvalue superior a um e são compostos por poucos itens, não permitindo por exemplo excluir alguns itens que pudesse alterar este facto, entendeu-se, na medida em que representam igualmente motivos académicos e migratórios, considerá-los na análise.

No que respeita à hipótese de existirem diferenças nos motivos para estudar no estrangeiro dos estudantes da UC e de RUG, através do teste de comparação das médias teste-t, podemos concluir que as médias dos motivos são diferente⁵⁸ porquanto as duas instituições divergem no que respeita às razões económicas e académicas mas são semelhante nos motivos sociais (neste caso não muito acentuada), pessoais e migratórias. Podemos observar os resultados no Anexo XII e constatar as diferenças no gráfico seguinte.

⁵⁷ “Caso dois itens estejam correlacionados com um factor, apenas se procede à sua aceitação e consequentemente à interpretação desse factor, se a correlação entre as duas variáveis for elevada entre si ($>.70$) e se a correlação com os restantes factores for fraca” (Carvalho, 2004, p. 149).

⁵⁸ sig<0,05

Gráfico n.º 28: Médias dos motivos para estudar no estrangeiro por universidade



Pela observação das médias estandardizadas, os motivos económicos não são uma das principais razões para os estudantes da RUG, mas são para os alunos da UC, uma vez que apresentam um resultado acima da média, tais dados são reveladores do capital económico dos estudantes que compõem as amostras. O custo de vida dos Países Baixos é superior a Portugal, assim entendemos que os estudantes que podem suportar os custos de vida num país central possam ter menos preocupações neste campo.

A situação inversa passa-se com os motivos académicos, os estudantes da RUG registam valores acima da média situação contrastante dos estudantes da UC com um registo de valores abaixo da média. Sabendo que é na RUG que se concentram os alunos com matrícula regular podemos enquadrá-los ao modo de Glover (2011) como aqueles que dão prioridade ao “study first”. Os estudantes da RUG revela-se mais influenciados por motivos sociais, embora neste campo ambas as populações se registem ao nível da média. Concluimos que para a tomada de decisão sobre estudar fora do seu país de origem estes estudantes apresentam motivos diferenciados, no que a razões económicas e académicas dizem respeito.

Nos factores que apresentam diferenças significativas entre os alunos de Coimbra e de Groningen (económicos, sociais e académicos), averiguou-se pela comparação dos itens das variáveis, com a aplicação do teste de Mann-Whitney, quais os itens do questionário associados aos factores em questão em que se centravam as discrepâncias⁵⁹. No caso dos motivos económicos: garantir um estatuto social elevado, contribuir para o desenvolvimento económico do seu país; valorização no país de origem de um diploma no estrangeiro, estas razões são próprias de estudantes provenientes de países semiperiféricos e periféricos e reflectem a procura encantada da educação (Gomes, 2005a), indo ao encontro de outros autores que chamam igualmente à atenção pela obtenção do diploma no estrangeiro como um investimento (Barron et al, 2007).

Nos motivos sociais encontramos os itens: o espírito de aventura e a vontade de viajar, um pouco mais presente nos estudantes internacionais de Groningen e que revela um pouco o factor de Ulisses, como o denominámos por referência a Pearce (1988).

Nos motivos académicos destaca-se o item que comporta uma diferença entre os estudantes das duas instituições é a não existência da área de estudo no país de origem. Este dado é indicador que os países de proveniência dos estudantes da RUG, países emissores de estudantes que não têm uma rede de ensino superior montada (Bhandari & Bluementhal, 2011).

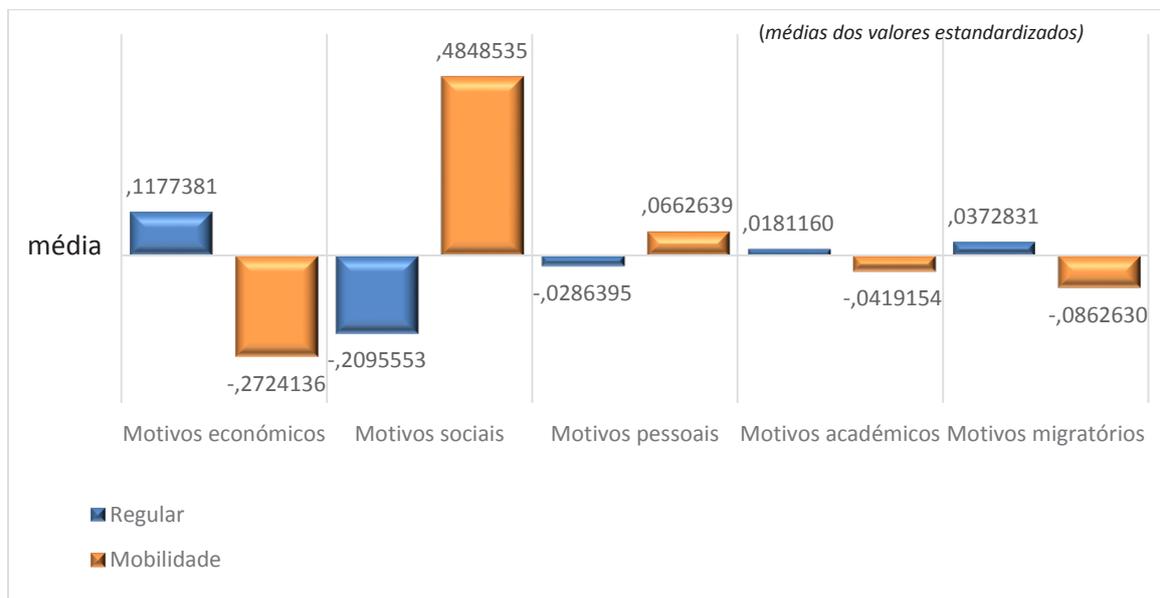
Se considerarmos a situação de matrícula como regular e mobilidade para aferir a hipótese de existirem diferentes razões para estudar no estrangeiro, através do teste-t de comparação de médias, podemos concluir que sim, existem diferenças⁶⁰ nos motivos económicos e sociais. Os motivos pessoais, académicos e migratórias são semelhantes.

No gráfico imediato podemos visualizar melhor estas mesmas diferenças:

⁵⁹ $p < 0,05$

⁶⁰ sig < 0,05.

Gráfico n.º 29: Médias dos motivos para estudar no estrangeiro por situação de matrícula



Claramente a situação modifica-se quando tratamos de estudantes em regime regular e em mobilidade. As razões económicas estão registadas abaixo da média para os estudantes em mobilidade e acima da média para os alunos regulares. Se atentarmos aos itens que compõem os motivos económicos (Elevar o seu rendimento económico no futuro; Valorização no país de origem de um diploma estrangeiro; Novas perspetivas de empregabilidade; Garantir um estatuto social elevado; Contribuir para o desenvolvimento económico do seu país) percebemos que estes indicam vontades que para se concretizarem necessitam de algum tempo, factor só alcançável se o estudante se encontrar num plano regular.

Os motivos sociais (Experimentar viver num país diferente; Vontade de viajar; Estabelecer novas amizades; Espírito de aventura) são mais rapidamente alcançáveis, pelo que se ajustam melhor a estudantes que passam um período de um semestre ou dois no estrangeiro, em mobilidade, apresentando valores muito acima da média.

Especificamente nos itens que compõem os factores que se diferenciam entre alunos regulares e em mobilidade, destacam-se os itens analisados pelo teste de Mann-Whitney que se evidenciam, nos motivos económicos: elevar o seu rendimento económico no futuro, contribuir para o desenvolvimento económico do seu país, garantir um estatuto social elevado, valorização no país de origem de um

diploma estrangeiro. Nos motivos sociais encontramos diferenças significativas em todos os itens: vontade de viajar, experimentar viver num país diferente, espírito de aventura e estabelecer novas amizades.

Para melhor aprofundarmos o estudo das razões dos estudantes internacionais realizámos uma análise de clusters, pela técnica de agrupamento não hierárquico, para identificar os grupos pela tipologia dos motivos para estudar no estrangeiro. Identificámos cinco clusters (Anexo XIII) que denominámos pela terminologia dos cinco componentes observados pela análise das componentes principais. Assim, podemos relacionar características sociodemográficas pelos clusters dos motivos para estudar no estrangeiro.

Quadro n.º 23: Clusters de motivos para estudar no estrangeiro por características sociodemográficas - Coimbra

UNIVERSIDADE DE COIMBRA		Clusters: Grupos de motivos				
		Económicos	Sociais	Pessoais	Académicos	Migratórios
		%	%	%	%	%
Género	Feminino	28,0	26,4	7,8	17,6	20,2
	Masculino	27,2	30,2	8,6	18,5	15,4
Ciclo de estudos	1º ciclo - licenciatura	29,7	30,8	6,6	13,7	19,2
	2º ciclo - mestrado	25,0	25,0	7,8	21,9	20,3
	3º ciclo - doutoram.	26,7	26,7	15,6	24,4	6,7
Situação de matrícula	Regular	26,9	26,9	11,0	24,2	11,0
	Mobilidade	28,9	30,5	3,1	7,0	30,5
Continente	Europa	19,6	27,5	2,0	7,8	43,1
	África	10,9	15,2	13,0	52,2	8,7
	América do Norte	0,0	25,0	25,0	0,0	50,0
	América do Sul	38,2	31,5	10,1	15,2	5,1
	Asia	20,8	33,3	8,3	20,8	16,7
	Austrália	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0
Capital escolar familiar	Baixo	30,3	26,7	9,1	13,3	20,6
	Médio	24,1	30,7	7,2	22,3	15,7
	Alto	36,4	22,7	9,1	18,2	13,6
Escala Etário	até 17	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	18-24	25,4	29,5	6,2	14,0	24,9
	25-30	37,2	23,4	6,4	22,3	10,6
	31-35	22,2	36,1	16,7	19,4	5,6
	36-45	11,1	27,8	22,2	22,2	16,7
	46 e + anos	28,6	21,4	7,1	35,7	7,1

Como podemos observar através da análise do quadro anterior, o maior enfoque centra-se nas motivos económicos e sociais, com excepção dos estudantes

oriundos da América do Norte, composto predominantemente por alunos provenientes dos Estados Unidos da América, que se focam nos grupos que mais valorizam os motivos sociais e pessoais. Acrescenta-se ainda a este propósito uma chamada de atenção para a percentagem de estudantes provenientes da Europa e da América do Norte que valorizam as razões de índole migratórias. Eventualmente, uma vez que os motivos migratórios são compostos pelos itens conhecer o país dos seus antepassados e desejar obter um visto de residência permanente estes estudantes sejam luso-descendentes, no caso de estudantes provenientes da América do Norte ou alunos oriundos do Leste Europeu que procuram novas perspectivas de empregabilidade. Cruzámos os clusters dos motivos com as características dos estudantes de Groningen.

Quadro n.º 24: Clusters de motivos para estudar no estrangeiro por características sociodemográficas - Groningen

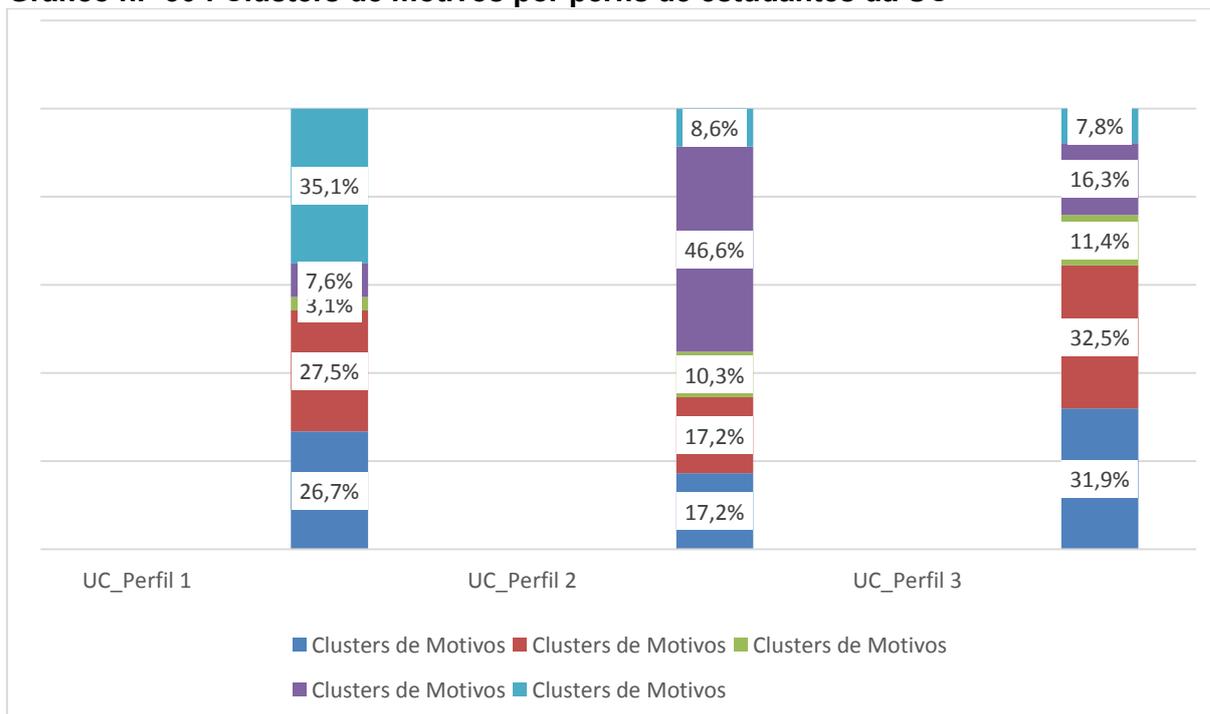
UNIVERSIDADE DE GRONINGEN		Clusters: Grupos de motivos				
		Económicos	Sociais	Pessoais	Académicos	Migratórios
		%	%	%	%	%
Género	Feminino	14,3	28,6	1,3	20,8	35,1
	Masculino	22,7	33,3	5,3	14,7	24,0
Ciclo de estudos	1º ciclo - licenciatura	15,7	25,3	4,8	14,5	39,8
	2º ciclo - mestrado	28,2	43,6	2,6	10,3	15,4
	3º ciclo-doutoram	13,3	30,0	0,0	36,7	20,0
Situação de matrícula	Regular	17,3	30,7	3,9	21,3	26,8
	Mobilidade	24,0	32,0	0,0	0,0	44,0
Continente	Europa	19,8	26,4	1,1	16,5	36,3
	África	9,1	45,5	9,1	27,3	9,1
	América do Norte	9,1	45,5	0,0	0,0	45,5
	América do Sul	25,0	16,7	0,0	25,0	33,3
	Ásia	18,5	40,7	11,1	22,2	7,4
	Austrália	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Capital escolar familiar	Baixo	0,0	25,0	0,0	25,0	50,0
	Médio	15,8	39,5	2,6	21,1	21,1
	Alto	20,2	28,4	3,7	15,6	32,1
Escala Etário	até 17	50,0	50,0	0,0	0,0	0,0
	18-24	14,5	27,7	3,6	13,3	41,0
	25-30	29,3	34,1	2,4	14,6	19,5
	31-35	14,3	23,8	4,8	42,9	14,3
	36-45	0,0	75,0	0,0	25,0	0,0
	46 e + anos	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0

Na RUG os clusters dos motivos sociais destacam-se dos motivos académicos e migratórios em alguns elementos. O cluster dos motivos sociais espelha as vontades dos estudantes provenientes de África, América do Norte e Ásia, O cluster académico representa o ensejo dos alunos do terceiro ciclo, com um objectivo bem definido e numa faixa etária dos 31 aos 35 anos. Mais curioso é notar o cluster dos motivos migratórios mais representado nos alunos do primeiro ciclo, na faixa etária dos 18 aos 24 anos, em regime de mobilidade, e que se pode justificar pelo desejo de continuar a prosseguir estudos no estrangeiro, uma vez iniciada esta etapa.

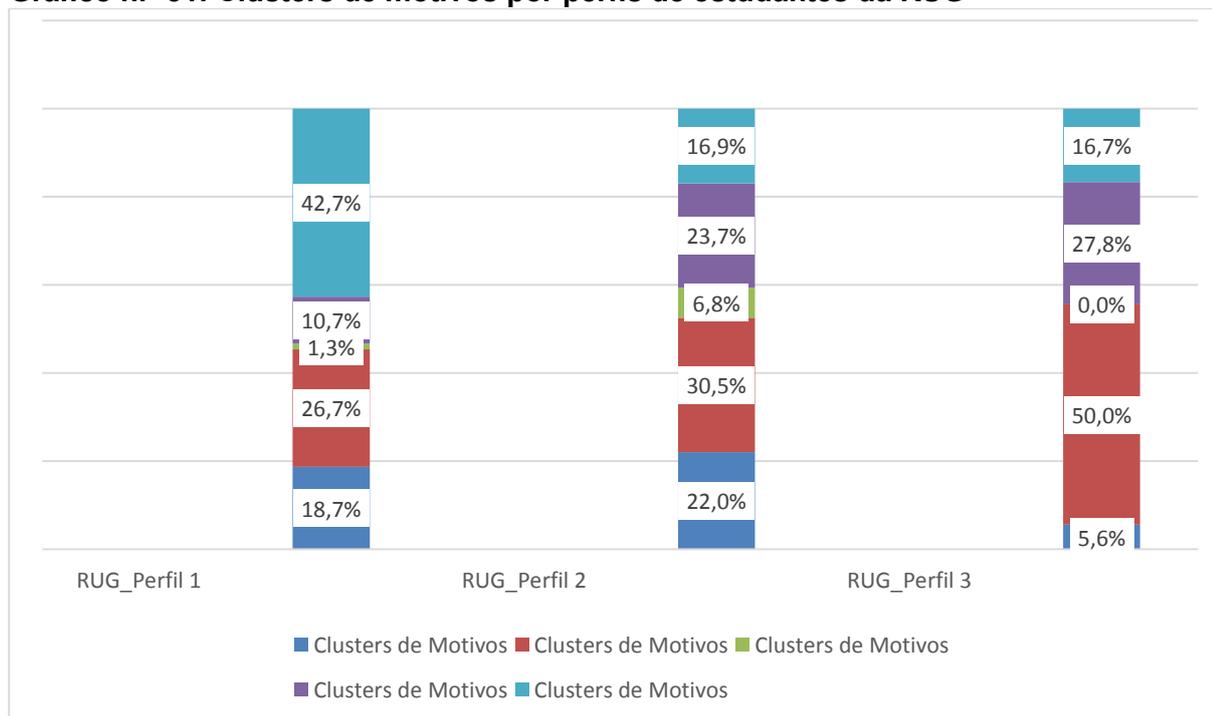
Quanto à percentagem de estudantes provenientes da América do Norte e da América do Sul talvez se possa equacionar os laços históricos dos Países Baixos, país de emigrantes, nomeadamente para os Estados Unidos da América e Brasil. Na esteira das teorias migratórias, um fluxo cria sempre um contra fluxo (Baganha, 2001) e talvez se possa percepcionar neste caso um pequeno contra fluxo de estudantes que pretendem conhecer o país dos seus antepassados, à semelhança com o que se passa com o estudo do polaco, como língua dos antepassados e que justifica o número de estudantes incoming na Polónia (Drozdowski, 2011).

Uma vez criados os clusters dos motivos, cruzámos a informação com os perfis dos estudantes de ambas as universidades, patentes no gráfico seguinte:

Gráfico n.º 30 : Clusters de motivos por perfis de estudantes da UC



O perfil UC1 tem predominância nos motivos migratórios, facto curioso, pois tratam-se de estudantes em mobilidade dentro do espaço Europeu e que, portanto, já vêm a Europa com uma hipótese de vida profissional. O perfil UC2 de estudantes regulares é movido maioritariamente por questões académicas, o que se adequa à composição do perfil de alunos dos segundo e terceiro ciclos. O perfil UC3 divide-se essencialmente entre os motivos económicos e as sociais. É no terceiro ciclo que eventualmente os estudantes se preocupem mais com a sua estabilidade profissional e neste caso emergem os problemas de índole económica.

Gráfico n.º 31: Clusters de motivos por perfis de estudantes da RUG

Nos perfis detectados nos estudantes da Universidade de Groningen, encontramos uma aproximação com os alunos de mobilidade da UC e que constituem o perfil RUG1, onde 42,7% se identifica com motivos migratórios. O perfil RUG2 divide-se na sua maioria pela determinação de motivos sociais e académicos. No perfil RUG3 os motivos sociais apresentam-se mesmo com 50% da predominância. Não podemos deixar de recordar que a maioria dos estudantes de doutoramento da RUG tem um ordenado associado à sua posição de estudante-investigador, pelo que as preocupações de carácter económico sejam inferiores aos estudantes da UC.

2.4. As redes de suporte dos estudantes internacionais

Um dos aportes teóricos deste trabalho é analisar a predisposição de estudar no estrangeiro para além dos factores de atracção–repulsão dos próprios locais e instituições. As redes formais e informais do estudante emergem como factores que igualmente enquadram o fenómeno do turismo de educação. Assim, de

seguida passaremos a analisar as redes de suporte familiar e as redes de suporte financeiro dos estudantes.

Como hipótese de partida testámos se a decisão de estudar no estrangeiro emerge associada às redes de suporte sociais do estudante, de cariz pessoal e afectivo, constituídas pela família, amigos, antigos professores, embaixadas, serviços de apoio na universidade de acolhimento, redes de antigos estudantes, associação de estudantes da universidade de acolhimento e redes sociais *online*, tanto nos estudantes da UC como da RUG. As variáveis são dependentes, pelo valor do qui-quadrado⁶¹, comprovando a associação (Anexo XIV).

Seguindo sempre a tentativa de aprofundar o conhecimento dos dados, utilizámos a análise dos resíduos ajustados e concluímos pela existência de uma forte associação⁶² entre as variáveis: estudantes de Coimbra e família; estudantes de Groningen com amigos, redes de antigos estudantes, serviços de apoio na universidade de acolhimento.

⁶¹ <0,001

⁶² $\rho > 1.96$

Quadro n.º 25: Influência da rede social do estudante na decisão de estudar no estrangeiro por universidade

		Universidade		Total	
		UC	RUG		
Primeira opção grupo social que influenciou deslocação	Família	n	151	39	190
		Valor esperado	133,0	57,0	190,0
		Resíduo ajustado	3,6	-3,6	
	Amigos	n	101	59	160
		Valor esperado	112,0	48,0	160,0
		Resíduo ajustado	-2,3	2,3	
	Antigos professores	n	60	16	76
		Valor esperado	53,2	22,8	76,0
		Resíduo ajustado	1,8	-1,8	
	Embaixadas	n	6	2	8
		Valor esperado	5,6	2,4	8,0
		Resíduo ajustado	,3	-,3	
	Serviços de apoio na universidade de acolhimento	n	13	12	25
		Valor esperado	17,5	7,5	25,0
		Resíduo ajustado	-2,0	2,0	
	Redes de antigos estudantes	n	10	15	25
		Valor esperado	17,5	7,5	25,0
		Resíduo ajustado	-3,4	3,4	
	Associação de estudantes da universidade de acolhimento	n	5	1	6
		Valor esperado	4,2	1,8	6,0
		Resíduo ajustado	,7	-,7	
Redes sociais online	n	9	8	17	
	Valor esperado	11,9	5,1	17,0	
	Resíduo ajustado	-1,6	1,6		
Total	n	355	152	507	
	Valor esperado	355,0	152,0	507,0	

Paralelamente, a decisão de estudar no estrangeiro associa-se às redes de suporte financeiro dos estudantes que integram os seguintes grupos: família, emprego no país de origem, bens próprios, financiamento público do país de origem, financiamento privado do país de origem, financiamento através de protocolos de cooperação internacionais, financiamento através de programas europeus, trabalho remunerado no país de acolhimento. Estas redes permitem custear a estadia dos estudantes durante o período de estudo fora do seu país de origem. Pelo valor do

qui-quadrado⁶³ as variáveis são dependentes e existe uma associação muito significativa entre a predisposição de estudar no estrangeiro e as redes de apoio financeiro.

Mais uma vez, decidimos analisar todas as dimensões que compõem a variável, pela análise dos resíduos ajustados confirmando a existência de uma forte associação⁶⁴ entre as variáveis: estudantes da UC com emprego no país de origem; estudantes da RUG com o trabalho remunerado no país de acolhimento.

Quadro n.º 26: Influência da rede financeira do estudante na decisão de estudar no estrangeiro por universidade

			Universidade		Total
			UC	RUG	
Primeira opção suporte financeiro para custear estadia	Família	n	139	54	193
		Valor esperado	135,1	57,9	193,0
		Resíduo ajustado	,8	-,8	
	Emprego no país de origem	n	41	6	47
		Valor esperado	32,9	14,1	47,0
		Resíduo ajustado	2,7	-2,7	
	Bens próprios	n	18	9	27
		Valor esperado	18,9	8,1	27,0
		Resíduo ajustado	-,4	,4	
	Financiamento público no país de origem	n	78	27	105
		Valor esperado	73,5	31,5	105,0
		Resíduo ajustado	1,1	-1,1	
	Financiamento privado no país de origem	n	12	4	16
		Valor esperado	11,2	4,8	16,0
		Resíduo ajustado	,4	-,4	
	Financiamento através de protocolos de cooperação internacionais	n	12	9	21
		Valor esperado	14,7	6,3	21,0
		Resíduo ajustado	-1,3	1,3	
	Financiamento através de programas europeus	n	45	25	70
		Valor esperado	49,0	21,0	70,0
		Resíduo ajustado	-1,1	1,1	
Trabalho remunerado no país de acolhimento	n	10	18	28	
	Valor esperado	19,6	8,4	28,0	
	Resíduo ajustado	-4,1	4,1		
Total		n	355	152	507
		Valor esperado	355,0	152,0	507,0

⁶³ <0,001.

⁶⁴ $\rho > 1.96$.

Na análise da segunda opção de grupo de financiamento que mais influencia a deslocação para o estrangeiro já encontramos, igualmente pela análise dos resíduos ajustados, uma forte associação entre a família e os estudantes na UC e entre bens próprios, financiamento privado do país de origem, e financiamento através de programas europeus nos alunos da RUG. Estas associações representam o capital económico dos estudantes em ambas as instituições.

As redes de suporte social e financeiro constituem importantes factores impulsionadores da deslocação de um cidadão com o intuito de estudar no estrangeiro. Tal realidade vai ao encontro das tipologias analíticas já observadas na literatura, nomeadamente Massey (1998) e Urry (2007).

2.5. Imagem das cidades e das universidades

No seguimento do estudo da percepção da predisposição de estudar no estrangeiro, a literatura indica-nos que após a decisão de estudar fora do país de origem entram na equação de decisão a cidade e a universidade (Llewellyn-Smith, 2008). Deste modo, prosseguiu-se o estudo analisando a imagem, tanto das cidades, como das universidades (Kim, 2007). Imagem como percepção da própria região, bem como da instituição, de modo binário, isto é, positivo ou negativo.

Como as variáveis independentes se constituem como características sociodemográficas, é natural que apresentem correlações entre si e possam não respeitar o princípio de ausência de multicolinearidade. No entanto, existem autores que defendem que tal não altera o valor preditivo do modelo (Freund & Wilson, 1998). Todavia, podemos concluir com segurança que o problema da colinearidade não se coloca nas variáveis predictoras, uma vez efectuada a regressão linear o valor de tolerância para todas as variáveis foram $>0,1$ e o Factor de Inflação da Variância (VIF) foi em todos os casos <10 .

Através da análise do modelo podemos indicar quais as variáveis mais influenciadoras da imagem positiva das cidades e assim ajudar a explicar quais as

variáveis independentes a focar num futuro plano de imagem e de captação de turistas da educação. Nem todas as variáveis dependentes que se constituíram como itens do inquérito tiveram valores preditores. O quadro que se segue revela quais são os factores determinantes entre as características sociodemográficas que ajudam a explicar as variáveis dependentes⁶⁵. A imagem da oferta de bens culturais é explicada pelo país de origem. O custo de vida é predito por diversas variáveis independentes, tais como: situação de matrícula, país de origem e capital escolar familiar. Quanto à oferta de alojamento, a imagem positiva é explicada pelas variáveis situação de matrícula e país de origem. Quanto aos espaços verdes observa-se que é o escalão etário que mais explica esta variável.

Quadro n.º 27: Regressão logística binária - modelo preditor da imagem positiva da cidade (N=507)

<i>v. dependentes</i>	Características sociodemográficas – <i>v. independentes</i>			
	Situação de matrícula	País de origem	Capital escolar familiar	Escalão etário
Acolhimento positivo dos estudantes estrangeiros	$\rho=,007$			
Pouca poluição	$\rho=,007$			
Oferta de bens cultural		$\rho=,040$		
Custo de vida	$\rho=,001$	$\rho=,001$	$\rho=,000$	
Oferta de alojamento	$\rho=,001$	$\rho=,003$		
Espaços verdes				$\rho=,029$

Quanto aos restantes itens que faziam parte do inquérito que foi realizado, tais como o trânsito e as acessibilidades não revelaram valores que os pudéssemos considerar como preditivos para uma imagem positiva, uma vez que os valores não são significativos ao nível do qui-quadrado dos resíduos. A um nível de significância de 5%, aceitamos que em todas as dimensões o modelo tem impacto na imagem das cidades.

A análise da imagem das universidades fez-se do mesmo modo que a observação das percepções das cidades, utilizando igualmente a técnica estatística da regressão logística binária aplicada aos itens da questão 17 do questionário.

⁶⁵ $\rho < 0,05$

Deste modo, procedeu-se à recodificação das variáveis de um a cinco, “positiva” correspondendo a 1, pela agregação dos valores 4 e 5 “concordo” e “concordo plenamente” e “negativa ou neutra” com valor 2 agregando os valores de 1 a 3, de “discordo plenamente” a “neutro”. Face aos resultados obtidos, podemos afirmar que as variáveis independentes (características sociodemográficas) têm influência nas variáveis dependentes de acordo com os testes de Hosmer-Lemeshow, a um nível de significância de 5%.

É de notar que mantivemos as mesmas variáveis preditoras, as características sociodemográficas. O problema da colinearidade também não se coloca pois as variáveis preditoras pela regressão linear apresentam o valor de tolerância para todas as variáveis de $>0,1$ e o Factor de Inflação da Variância (VIF) verificou-se em todos os casos <10 ,.

Podemos igualmente observar o resumo do modelo preditor da imagem positiva⁶⁶ das universidades em:

Quadro n.º 28: Regressão logística binária - modelo preditor da imagem positiva da universidade

	Características sociodemográficas – <i>v. independentes</i>		
<i>v. dependentes</i>	Situação de matrícula	País de origem	Capital escolar familiar
Prestígio		$\rho=,004$	
Inserção do estudante estrangeiro		$\rho=,037$	
Relação amigável entre estudante e docentes		$\rho=,000$	$\rho=,013$
Produção de livros	$\rho=,007$		
Empregabilidade	$\rho=,004$		
Participar na investigação	$\rho=,002$	$\rho=,000$	$\rho=,011$

O país de origem é a variável de eleição explicativa do prestígio, inserção do estudante estrangeiro e relação amigável entre estudantes e docentes. Esta última variável dependente é igualmente influenciada pelo capital escolar familiar. A imagem associada à produção de livros é exposta pela situação de matrícula. A percepção sobre a empregabilidade é explicada pela situação de matrícula, mas

⁶⁶ $\rho < 0,05$

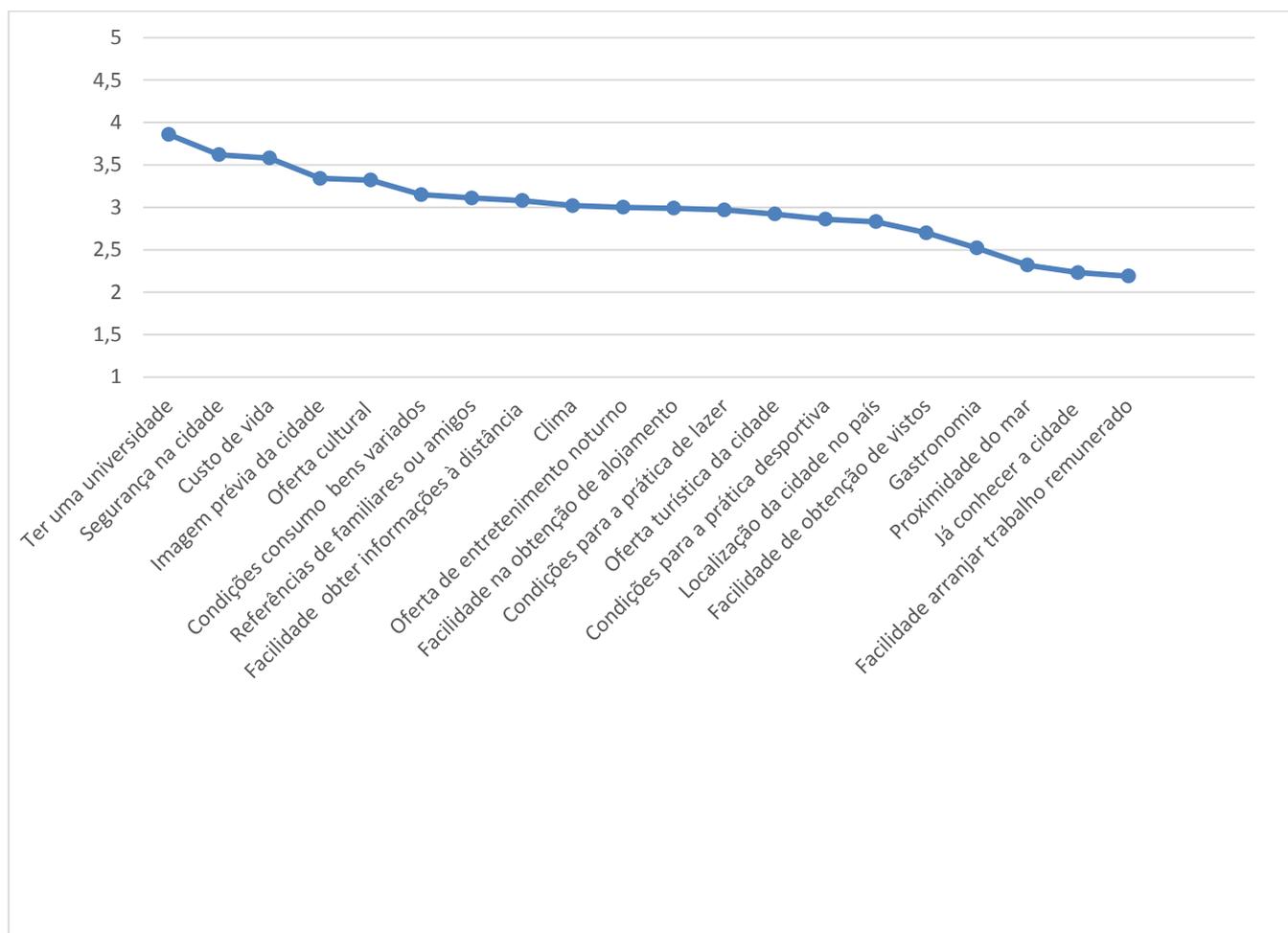
neste caso de modo negativo. A situação de matrícula, o país de origem e pelo capital escolar familiar contribuem para a apreciação positiva da dimensão que respeita aos estudantes serem convidados para participar na investigação.

Através da análise dos resultados obtidos da regressão logística constatámos quais as variáveis que influenciam tanto a imagem das cidades, como das universidades. Estes modelos tornam-se bastante úteis em todas as perspectivas cujo objectivo seja a captação de estudantes e quais as componentes a destacar numa campanha de marketing futuro. Fundamentalmente qualquer acção de captação de estudantes deve ter em consideração se o aluno é regular ou de mobilidade e qual o país de origem do estudante.

2.6. Factores de atracção da cidade

Após a análise da imagem das cidades e universidade e dos modelos a aplicar, prosseguimos para a observação dos factores de atracção das cidades. Para tal, a análise foi efectuada tendo em conta alguns testes estatísticos diferenciados. Primeiramente analisamos os dados de Coimbra e depois os de Groningen. Para melhor leitura, deu-se ênfase à ordenação das médias do grau de importância atribuído aos itens da questão 14 do questionário (*Indique o grau de importância dada aos seguintes factores na decisão da escolha da cidade de destino*). Considerando a escala de 1 a 5, podemos verificar no gráfico subsequente que dezasseis dos vinte itens apresentam uma média igual ou superior a 2,5.

Gráfico n.º 32: Coimbra: Média do grau de importância dada aos seguintes factores na decisão da escolha da cidade de destino



Para analisarmos a hipótese das características sociodemográficas influenciarem a hierarquização da importância dos factores estruturais de atracção das cidades, correspondendo aos itens da questão, realizámos uma análise estatística recorrendo ao teste de Kruskal Wallis, combinado com os três perfis encontrados para cada instituição. “Este teste pressupõe apenas que as distribuições dos grupos são contínuas e apenas diferem na localização” (Hall, 2011, p. 255). Isto é, vamos testar se os níveis de importância dos factores de atracção cidade são idênticos para os três perfis de estudante de cada instituição.

No caso da UC existem evidências estatísticas, através do teste de Kruskal-Wallis⁶⁷, que nos permitem afirmar que há diferenças no grau de importância

⁶⁷ $p < ,005$

atribuída a determinadas dimensões nos perfis dos estudantes, como se pode observar no quadro seguinte.

Quadro n.º 29: Perfis dos estudantes e atracção da cidade de Coimbra

Testes estatísticos ^{a,b}			
Factores na decisão da escolha da cidade de destino	Qui-quadrado	graus de liberdade	Índice de significância
Custo de vida	2,222	2	,329
Condições para o consumo de bens variados	12,413	2	,002
Facilidade em arranjar um trabalho remunerado	8,285	2	,016
Facilidade na obtenção de alojamento	5,859	2	,053
Segurança na cidade	20,410	2	,000
Facilidade de obtenção de vistos	14,622	2	,001
Ter uma universidade	6,122	2	,047
Clima	35,203	2	,000
Localização da cidade no país	17,901	2	,000
Proximidade do mar	17,219	2	,000
Gastronomia	7,190	2	,027
Oferta cultural	28,149	2	,000
Oferta de entretenimento noturno	20,329	2	,000
Oferta turística da cidade	9,700	2	,008
Condições para a prática desportiva	1,545	2	,462
Condições para a prática de lazer	1,787	2	,409
Imagem prévia da cidade	7,067	2	,029
Facilidade em obter informações à distância sobre a cidade	2,340	2	,310
Já conhecer a cidade	3,948	2	,139
Referências de familiares ou amigos	1,298	2	,523

a. Teste Kruskal Wallis

b. Variável agrupada: UC Escolaridade

Como o teste de Kruskal-Wallis não permite perceber entre os perfis estudados quais os que mais diferem, apenas referencia diferenças, tendo em conta as dimensões que se mostraram significativas, procedeu-se a uma análise dos resíduos ajustados⁶⁸ entre as dimensões que indiciam diferenças e os perfis. Pela sua análise podemos concluir que existem perfis que valorizam mais certas dimensões.

UC1 - estudantes em mobilidade, vindos da Europa, inscritos no primeiro ciclo, com um capital escolar familiar baixo - consideram muito importante o clima, a localização da cidade no país, a proximidade do mar, a

⁶⁸ $\rho > 1,96$

gastronomia, a oferta cultural, a oferta de entretenimento nocturno e a oferta turística da cidade.

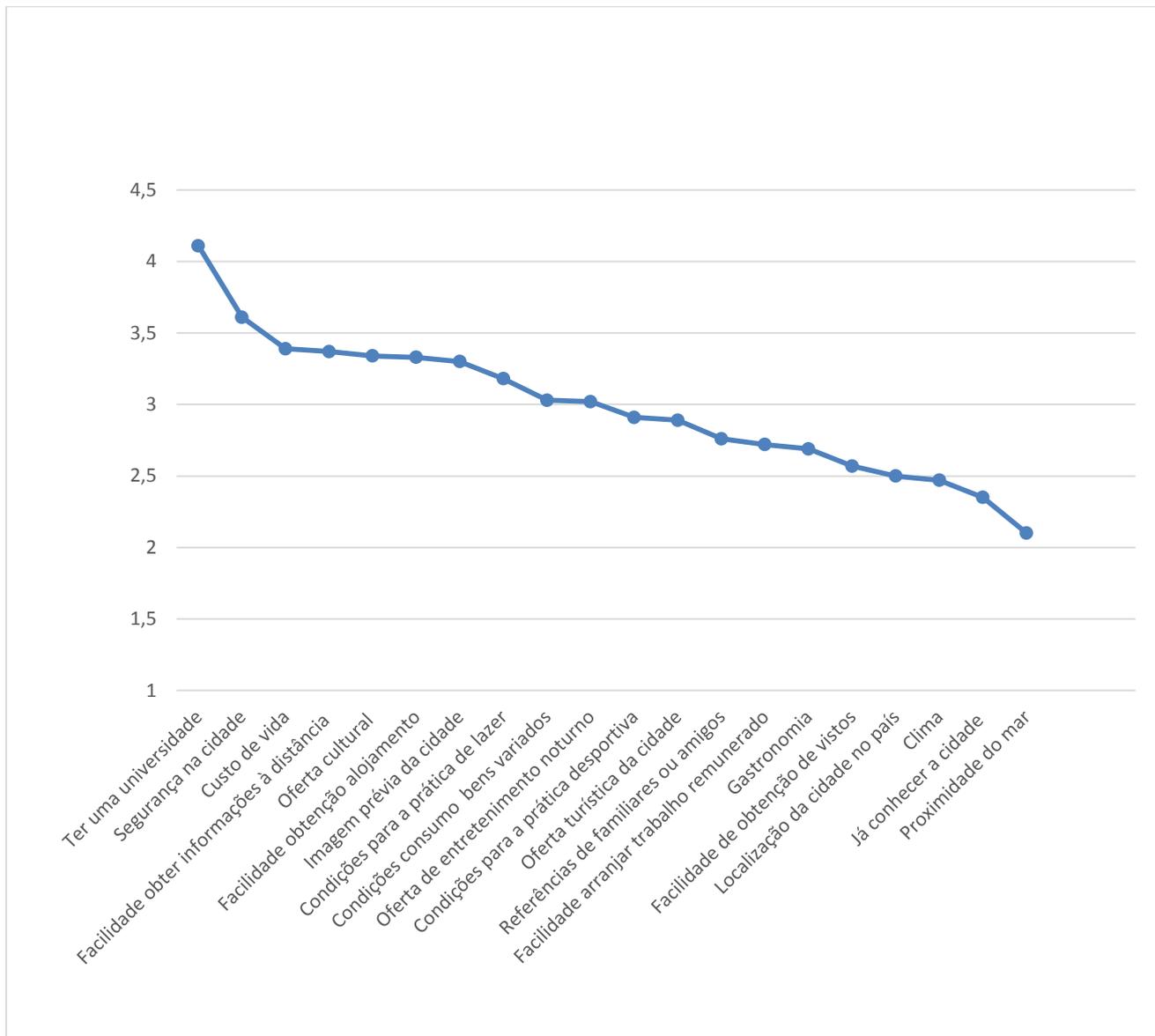
UC2 - estudantes regulares, vindos da América do Sul ou Ásia, inscritos no segundo-terceiro ciclos, com um capital escolar familiar alto - julgam importante os seguintes factores de atracção da cidade: condições para o consumo de bens variados, facilidade em arranjar trabalho remunerado, ter uma universidade.

UC3 - estudantes regulares, vindos da América do Sul, inscritos no primeiro ciclo com um capital escolar familiar baixo - consideram muito importante os seguintes factores de atracção da cidade: segurança, facilidade em obter informações à distância da universidade.

A importância atribuída aos factores de atracção da cidade variam consoante o perfil do estudante, para os alunos em mobilidade são claramente os elementos de âmbito turístico os mais evidentes, para os estudantes de perfil 2 de pós-graduação e regulares, as condições de consumo e emprego são mais referenciadas. Os alunos do perfil 3, vindos da América do Sul, especialmente do Brasil, valorizam o que têm a menos no seu país de origem, nomeadamente a segurança.

Na Universidade de Groningen analisámos as médias do grau de importância atribuído aos factores de atracção da cidade holandesa. Em vinte itens, dezassete apresentam uma média igual ou superior a 2,5.

Gráfico n.º 33: Groningen: Média do grau de importância dada aos seguintes factores na decisão da escolha da cidade de destino



Mais uma vez fica demonstrada que também em Groningen a importância da segurança, o custo de vida e a oferta cultural, dado que nas duas cidades analisadas aparecem entre os cinco primeiros itens, com média elevada no grau de importância atribuído pelos estudantes.

Aos elementos de Groningen procedeu-se igualmente ao teste Kruskal Wallis para aferir se os níveis de importância dos factores de atracção cidade são idênticos para os três perfis de estudante. Pela análise estatística encontramos

resultados significativos⁶⁹ e concluímos igualmente que existem perfis que valorizam mais certas dimensões que outras.

Quadro n.º30: Perfis dos estudantes e atracção da cidade de Groningen

Testes estatísticos^{a,b}

Factores na decisão da escolha da cidade de destino:	Qui-quadrado	graus de liberdade	Índice de significância
Custo de vida	13,589	2	,001
Condições para o consumo de bens variados	8,381	2	,015
Facilidade em arranjar um trabalho remunerado	8,109	2	,017
Facilidade na obtenção de alojamento	,810	2	,667
Segurança na cidade	8,234	2	,016
Facilidade de obtenção de vistos	6,429	2	,040
Ter uma universidade	3,591	2	,166
Clima	6,576	2	,037
Localização da cidade no país	3,318	2	,190
Proximidade do mar	5,356	2	,069
Gastronomia	9,137	2	,010
Oferta cultural	1,701	2	,427
Oferta de entretenimento noturno	1,280	2	,527
Oferta turística da cidade	1,917	2	,383
Condições para a prática desportiva	4,912	2	,086
Condições para a prática de lazer	1,582	2	,453
Imagem prévia da cidade	1,861	2	,394
Facilidade em obter informações à distância sobre a cidade	3,266	2	,195
Já conhecer a cidade	7,290	2	,026
Referências de familiares ou amigos	4,262	2	,119

a. Teste Kruskal Wallis

b. Variável agrupada: RUG Escolaridade

Para melhor compreender quais os perfis que se diferenciavam na valorização dos factores de atracção das cidades procedemos à análise dos resíduos ajustados⁷⁰ (Anexo XV). Na amostra utilizada dos estudantes a viverem em Groningen optámos, para esta análise específica, por recodificar a escala de concordância de 1 a 5 para três parâmetros, observando os resultados por grupos de itens, isto é recodificámos a escala em: discordância, pela agregação dos valores 1 e 2 (discordo totalmente e discordo), neutros que mantivemos como 3 e concordância, este último agregando os valores dos itens 4 e 5 (concordo e concordo totalmente). Esta recodificação permitiu manter as diferenciações da escala, mas, paralelamente, obter valores com frequência esperada superior a 5, respeitando os pressupostos de alguns testes estatísticos. Assim, concluímos:

⁶⁹ $p < 0,05$

⁷⁰ $p > 1,96$

RUG1 - estudantes em mobilidade, vindos da Europa ou América do Norte, inscritos no primeiro ciclo, com um capital escolar familiar alto, que não consideram especialmente importantes os seguintes factores de atracção da cidade: segurança, obtenção de vistos, clima, gastronomia e conhecer a cidade previamente

RUG2 - estudantes regulares, vindos da Europa, Ásia ou América do Sul, inscritos nos segundo ou terceiro ciclos, com um capital escolar familiar alto que percebem como importantes os seguintes factores de atracção da cidade: Custo de vida, Condições para o consumo de bens variados, Segurança e Gastronomia.

RUG3 - estudantes regulares, vindos de África ou Ásia, inscritos no terceiro ciclo, com um capital escolar familiar médio, consideram importante o seguintes factor de atracção da cidade: obtenção de vistos.

Os alunos de Groningen integrados no perfil 1, mobilidade, não dão importância a factores como a segurança, dado que sendo provenientes da América do Norte ou Europa esta é uma condição transformada em direito adquirido. O mesmo sucede com o clima que sendo semelhante ao dos seus países de origem, também pouco os afecta. A não preocupação com a obtenção de vistos é facilmente explicada, pois tratando-se de cidadãos europeus os vistos não são necessários, sendo apenas necessária a autorização de residência. Os cidadãos oriundos da América do Norte também não encontram problemas, pois os serviços consulares são bem organizados. Estes mesmos indicadores aparecem sobrevalorizados para os alunos regulares provenientes da Ásia ou América do Sul no caso da segurança. No perfil 3 destaca-se mesmo a apreensão com a obtenção de vistos para alunos oriundos de África ou Ásia, países com maiores dificuldades nesta área (Song, 2011). Neste partilhar de preocupações, conseguimos perceber as lógicas internacionais de países centrais e periféricos.

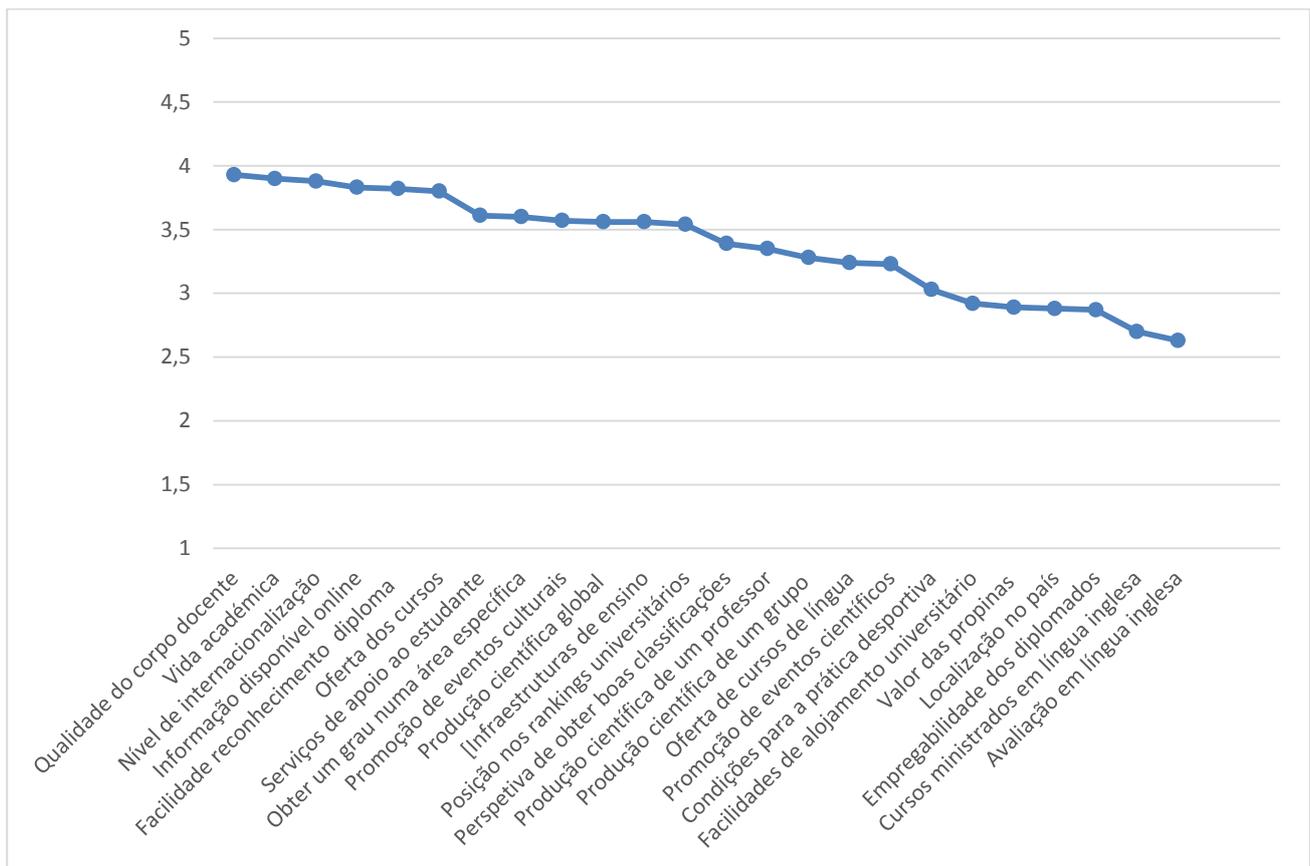
2.7. Factores de atracção da universidade

No que concerne aos factores de atracção das próprias universidades procedemos de igual modo ao estudo dos factores das cidades, primeiramente uma

análise às médias de resposta, igualmente medidas numa escala de classificação de resposta de 1 a 5, de nada importante a muito importante, seguindo-se um teste de Kruskal Wallis, e por fim, observação específica pela análise dos resíduos apenas aos itens que se mostraram significativos.

Nos estudantes de Coimbra a média da importância do factor atracção da universidade resulta igual ou superior a 3 em dezoito dos vinte e quatro itens considerados.

Gráfico n.º 34: Média de grau de importância dada aos seguintes factores na decisão da escolha da universidade de acolhimento UC



Procedeu-se à aplicação do teste não paramétrico de Kruskal Wallis que nos permitiu aferir que existem perfis que atribuem um grau de importância diferenciado aos seguintes itens que se destacaram⁷¹.

Quadro n.º 31 : Perfis dos estudantes de Coimbra e a atracção da Universidade

Testes estatísticos^{a,b}

Indique o grau de importância dada aos seguintes fatores na decisão da escolha da universidade de acolhimento:	Qui-quadrado	graus de liberdade	Índice de significância
Localização no país	7,342	2	,025
Valor das propinas	24,850	2	,000
Facilidades de alojamento universitário	11,833	2	,003
Empregabilidade dos diplomados	15,124	2	,001
Oferta dos cursos	3,433	2	,180
Promoção de eventos científicos	21,372	2	,000
Qualidade do corpo docente	7,768	2	,021
Produção científica global	13,113	2	,001
Produção científica de um grupo	10,962	2	,004
Produção científica de um professor	12,153	2	,002
Cursos ministrados em língua inglesa	6,050	2	,049
Avaliação em língua inglesa	4,066	2	,131
Infraestruturas de ensino	4,553	2	,103
Perspetiva de obter boas classificações	12,206	2	,002
Obter um grau numa área específica	44,794	2	,000
Oferta de cursos de língua	9,830	2	,007
Posição nos rankings universitários	8,565	2	,014
Vida académica	9,178	2	,010
Promoção de eventos culturais	11,179	2	,004
Condições para a prática desportiva	4,712	2	,095
Nível de internacionalização	4,568	2	,102
Facilidade do reconhecimento do diploma no país de origem	32,508	2	,000
Serviços de apoio ao estudante	2,885	2	,236
Informação disponível online	1,927	2	,382

a. Teste Kruskal Wallis

b. Variável agrupada: UC Escolaridade

Como não sabemos quais os perfis dos estudantes que mais se associam aos itens identificados como significativos, observámos os resíduos ajustados nesses casos, pelos perfis.

⁷¹ $p < ,05$

UC1 - estudantes em mobilidade, vindos da Europa, inscritos no primeiro ciclo, com um capital escolar familiar baixo que consideram importantes os seguintes factores de atracção da universidade: cursos ministrados em língua inglesa, oferta de cursos de língua e promoção de eventos culturais.

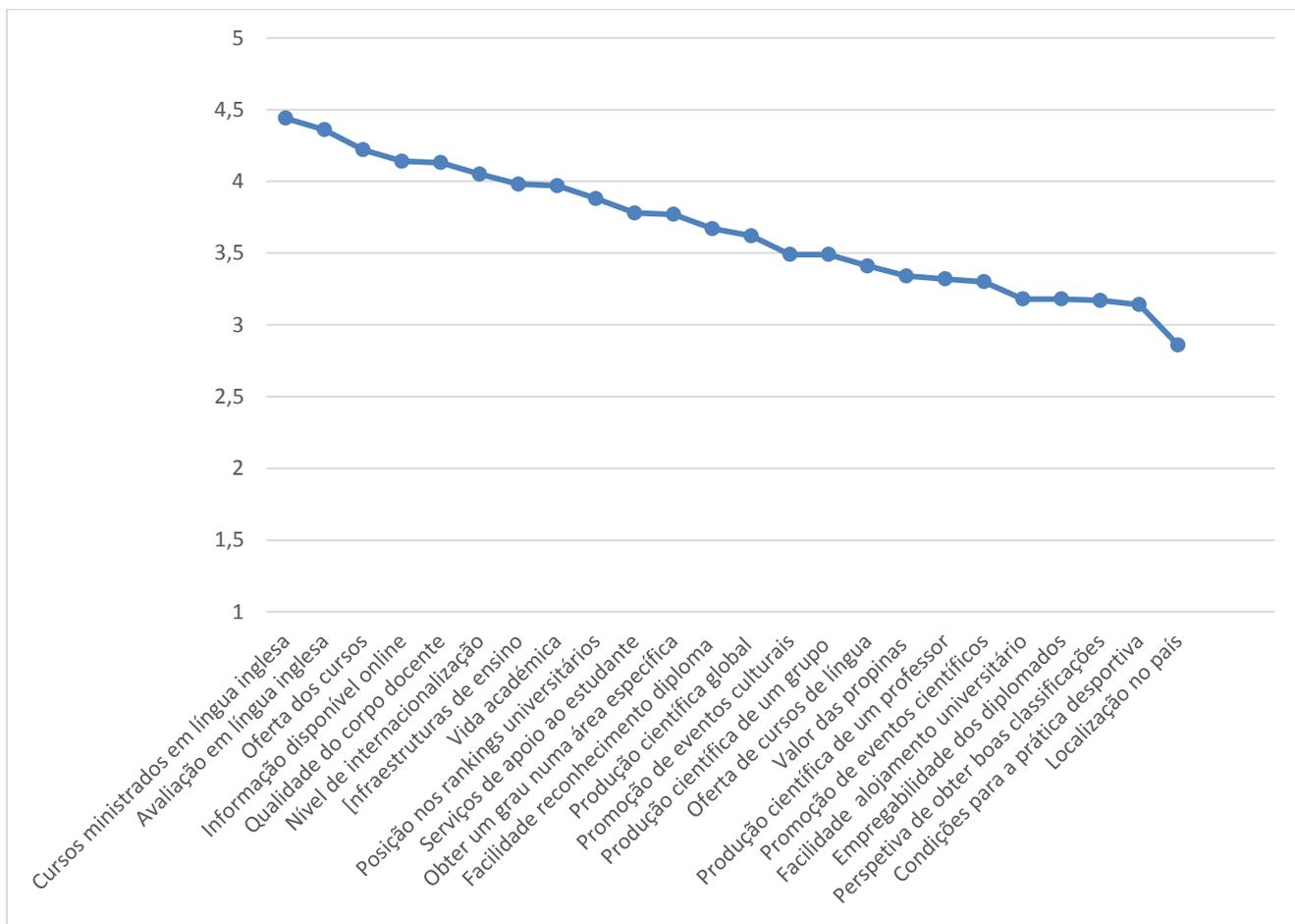
UC2 - estudantes regulares, vindos da América do Sul ou Ásia, inscritos no segundo-terceiro ciclos, com um capital escolar familiar alto que avaliam como importante os seguintes factores de atracção da universidade: valor das propinas, facilidade em arranjar alojamento universitário, empregabilidade dos diplomados, promoção de eventos científicos, produção científica de um grupo, produção científica de um professor (muito importante), obter um grau numa área específica e facilidade do reconhecimento do diploma no país de origem.

UC3 - estudantes regulares, vindos da América do Sul, inscritos no primeiro ciclo com um capital escolar familiar baixo que consideram muito importantes os seguintes factores de atracção da universidade: obter um grau numa área específica, posição nos rankings universitários.

Podemos concluir que os factores de atracção da instituição variam consoante os perfis dos estudantes, no caso do perfil 1 de mobilidade são todos os itens que facilitam a sua integração como estudantes que não dominam a língua portuguesa e dificilmente o farão em seis ou nove meses em mobilidade. No perfil 2, destaca-se mesmo o valor das propinas como item que mais atrai estes estudantes, bem como a empregabilidade e o alojamento, problemas de carácter mais estrutural para quem é estudante regular. No perfil 3 o objectivo de obtenção de um grau é mesmo o mais referenciado.

Os dados da amostra de Groningen foram alvo da mesma análise estatística, primeiro pela observação das médias de resposta do factor de escolha da universidade, na escala de classificação de respostas de 1 a 5, onde em vinte e quatro itens apenas um está abaixo de 3, como se constata no gráfico seguinte.

Gráfico n.º 35: Média de grau de importância dada aos seguintes factores na decisão da escolha da universidade de acolhimento RUG



Os factores de atração da universidade para os estudantes internacionais foram alvo de uma análise através do teste de Kruskal Wallis, pelos três perfis dos estudantes de Groningen, onde encontrámos valores significativos⁷².

⁷² $p < 0,05$

Quadro n.º 32: Perfis dos estudantes de Groningen pela atracção da Universidade**Testes estatísticos^{a,b}**

Grau de importância dada aos seguintes fatores na decisão da escolha da universidade de acolhimento:	Qui- quadrado	graus de liberdade	Índice de significância
Localização no país	,564	2	,754
Valor das propinas	1,655	2	,437
Facilidades de alojamento universitário	,296	2	,862
Empregabilidade dos diplomados	,997	2	,608
Oferta dos cursos	1,716	2	,424
Promoção de eventos científicos	13,998	2	,001
Qualidade do corpo docente	5,605	2	,061
Produção científica global	12,810	2	,002
Produção científica de um grupo	15,514	2	,000
Produção científica de um professor	16,016	2	,000
Cursos ministrados em língua inglesa	3,800	2	,150
Avaliação em língua inglesa	,907	2	,635
Infraestruturas de ensino	3,000	2	,223
Perspetiva de obter boas classificações	6,795	2	,033
Obter um grau numa área específica	25,705	2	,000
Oferta de cursos de língua	4,664	2	,097
Posição nos rankings universitários	1,972	2	,373
Vida académica	1,164	2	,559
Promoção de eventos culturais	,503	2	,777
Condições para a prática desportiva	1,546	2	,462
Nível de internacionalização	,413	2	,813
Facilidade do reconhecimento do diploma no país de origem	3,754	2	,153
Serviços de apoio ao estudante	5,960	2	,051
Informação disponível online	,764	2	,682

a. Teste Kruskal Wallis

b. Variável agrupada: RUG Escolaridade

Prosseguindo a mesma linha de raciocínio procedemos ao cruzamento dos perfis com os itens que se revelaram significativos pelo teste de Kruskal-Wallis, através da análise dos resíduos ajustados (Anexo XV), observando a mesma regra para os valores da amostra de Groningen, a recodificação da escala de concordância de 1 a 5 para três parâmetros. De igual modo, recodificámos a escala em: discordância, pela agregação dos valores 1 e 2, neutros que mantivemos como 3 e concordância, agregando os valores de 4 e 5. Esta recodificação permitiu manter

as diferenciações da escala e trabalhar com grupos de itens, obtendo valores com frequência esperada superior a 5.

Assim, podemos observar:

RUG1- estudantes em mobilidade, vindos da Europa ou América do Norte, inscritos no primeiro ciclo, com um capital escolar familiar alto que não considera especialmente importantes seguintes factores de atracção da universidade: produção científica de um grupo, produção científica de um professor, perspectiva de obter boas classificações e obter um grau especializado.

RUG2 - estudantes regulares, vindos da Europa, Ásia ou América do Sul, inscritos nos segundo ou terceiro ciclos, com um capital escolar familiar alto que julgam importantes os seguintes factores de atracção da cidade: produção científica global e obter um grau especializado.

RUG3 - estudantes regulares, vindos de África ou Ásia, inscritos no terceiro ciclo, com um capital escolar familiar médio considera importante os seguintes factores de atracção da cidade: promoção de eventos científicos, produção científica global, produção científica de um grupo, produção científica de um professor, obter um grau de especialização.

Nesta análise de perfis podemos observar a diferenciação na atribuição da importância aos itens relacionados com as actividades científicas. Desde logo, estes não são relevantes para os alunos em mobilidade, perfil 1, mas pelo contrário são as consideradas mais importantes para os alunos regulares ao nível da pós-graduação, nos perfis 2 e 3. Por esta análise, as preocupações de índole científica são mais relevantes para os alunos da RUG. Como os cursos são ministrados em língua inglesa, o que se revestia de grande preocupação para os alunos da UC, não o é para os alunos da RUG.

2.8. Atracção pela cidade ou universidade

Após percebermos como se compunha cada variável de atracção da cidade e da universidade, restava-nos testar a última hipótese do trabalho, ou seja, saber qual a vertente que mais atraía os estudantes internacionais, a instituição ou a cidade. Na sequência do estudo dos factores de atracção da cidade e da universidade realizámos uma análise exploratória segundo a técnica estatística do método da Análise das Componentes Principais, aplicada separadamente aos factores de atracção da cidade e aos factores de atracção da universidade. Neste caso, verificou-se a adequabilidade dos dados através do teste Keiser-Meyer-Olkin e o teste de esfericidade de Bartlett, onde se verificou quais os itens que contribuem para a formação factores, extraídos com *eigenvalues* superior a 1.

No caso dos **factores de atracção da cidade** registámos quatro componentes⁷³ (Anexo XVI) e verificámos a fiabilidade interna das mesmas que designámos por:

Entretenimento: $\alpha,892$ Oferta cultural, Oferta de entretenimento noturno, Oferta turística da cidade, Condições para a prática desportiva, Condições para a prática de lazer, Imagem prévia da cidade, Facilidade em obter informações à distância sobre a cidade.

Facilidade de Integração: $\alpha,816$ Custo de vida, Condições para o consumo de bens variados, Facilidade na obtenção de alojamento, Segurança na cidade, Facilidade de obtenção de vistos, Ter uma universidade.

Turismo: $\alpha,874$ Clima, Localização da cidade no país, Proximidade do mar, Gastronomia.

Trabalho e Informação da cidade: $\alpha,602$ Facilidade em arranjar um trabalho remunerado, Facilidade em obter informações à distância sobre a cidade, Já conhecer a cidade.

⁷³ KMO=0,918; teste de esfericidade de Bartlett: $p<0,000$

Com base nestas componentes gravadas como novas variáveis, criámos o índice global de atractividade da cidade, através de uma nova Análise das Componentes Principais. Este índice explica 25% da variância. O factor mais importante, pelo valor das comunalidades, é *Trabalho e informação da cidade*.

No caso de os **factores de atracção da universidade** definimos cinco componentes⁷⁴, (Anexo XVII) verificando igualmente a fiabilidade interna pelo *Alpha de Cronbach*.

Produção e Infraestruturas científicas: $\alpha,903$ Produção científica de um grupo, Produção científica global, Produção científica de um professor, Promoção de eventos científicos, Qualidade do corpo docente, Posição nos rankings universitários, Infraestruturas de ensino.

Acesso a recursos: $\alpha,863$ Promoção de eventos culturais, Vida académica, Nível de internacionalização, Serviços de apoio ao estudante, Condições para a prática desportiva, Informação disponível online, Oferta de cursos de língua.

Custo e empregabilidade: $\alpha,772$ Facilidades de alojamento universitário, Valor das propinas, Localização no país, Empregabilidade dos diplomados.

Acreditação: $\alpha,709$ Facilidade do reconhecimento do diploma no país de origem, Obter um grau numa área específica, Oferta dos cursos, Perspetiva de obter boas classificações.

Língua: $\alpha,709$ Avaliação em língua inglesa, Cursos ministrados em língua inglesa.

De igual modo criámos o índice global de atractividade da universidade, que explica 20% da variância e pelo valor das comunalidades o factor mais importante é a *Produção e Infraestruturas científicas*.

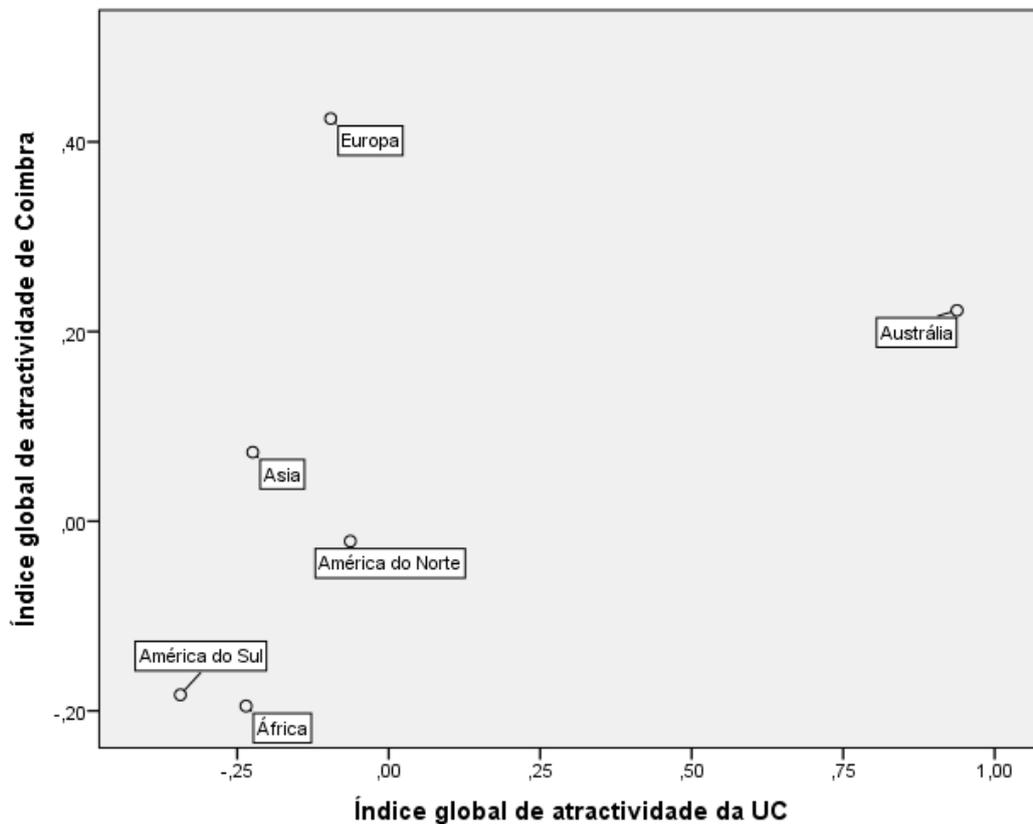
Com os dois índices gravados, pudemos aferir, pelo teste-t de comparação de médias, que em termos de atractividade da cidade não há diferenças significativas

⁷⁴ KMO=0,908; teste de esfericidade de Bartlett: $p < 0,000$.

entre Coimbra e Groningen⁷⁵. Este facto torna-se curioso, pois observámos que existem diferenças em termos de oferta cultural nas duas cidades, no entanto tal não é transposto para a atracção de estudantes. Todavia há diferenças⁷⁶ entre os níveis de atracção entre a Universidade de Coimbra e a Universidade de Groningen.

Claramente a RUG detém um maior poder de atractividade dos estudantes estrangeiros. Os gráficos seguintes cruzam estes índices por amostra com base nos continentes de origem dos estudantes.

Gráfico n.º 36 Coimbra: índice global de atractividade da cidade e universidade

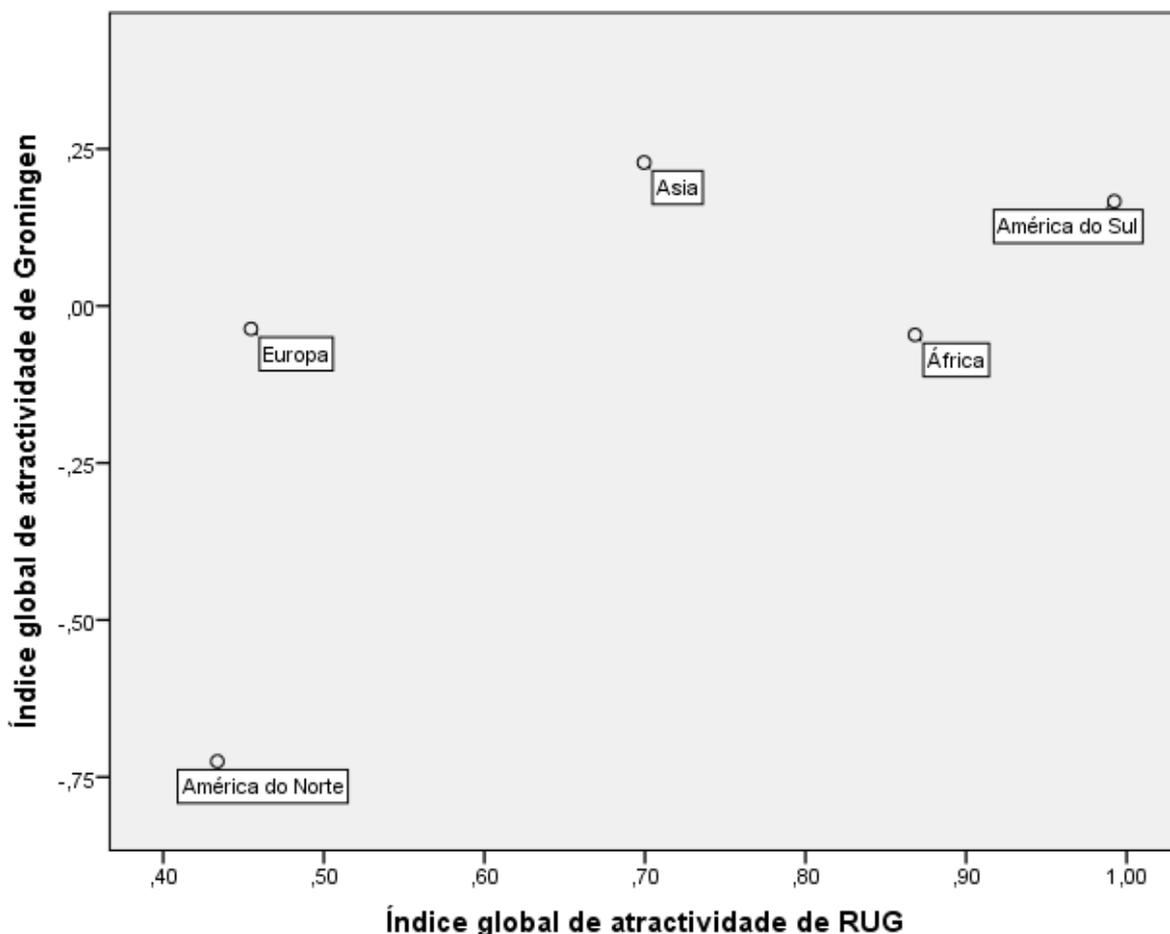


⁷⁵ $p > 0,05$.

⁷⁶ $p < 0,05$.

No caso de Coimbra, a cidade tem um maior poder de atractividade que a instituição mas apresenta mesmo indicadores negativos em alunos provenientes da América do Sul e de África. No caso da UC há que reflectir melhor nos resultados obtidos.

Gráfico n.º 37: Groningen: índice global de atractividade da cidade e universidade



Pelo gráfico exposto, observamos que a RUG detém um valor de atractividade superior a ,40 em todos os continentes, especialmente da América do Sul e de África, compensando a menor atractividade por parte da cidade de estudantes oriundos na Europa ou América do Norte.

2.9. Conclusões das dinâmicas dos estudantes internacionais

Em traços gerais podemos concluir que os estudantes regulares são em maior número na RUG e é nesta instituição que se cobram mais propinas, com valores diferenciados e sem um número de quotas específico para esta tipologia de alunos. A UC apresenta um maior número de estudantes em mobilidade e, no ano lectivo em análise, recebeu um contingente especial de estudantes para os primeiros ciclos provenientes do Brasil, (no seu todo mais de duzentos), o que correspondeu ao maior programa internacional financiado de estudantes para a graduação.

O capital escolar familiar dos estudantes é superior nos estudantes de Groningen, tanto ao nível da escolaridade do pai, como da mãe. É de constatar que os estudantes que escolhem a universidade holandesa são maioritariamente estudantes de países centrais ou semiperiféricos. No caso da Universidade de Coimbra, mesmo os alunos em mobilidade, são provenientes na sua maioria de países mais periféricos dentro da Europa. Salientamos a proveniências dos estudantes igualmente de acordo com os laços coloniais, tal como as referências da literatura nos indicavam.

Para cada universidade definiram-se três tipos de perfis de estudantes que nos permitiram caracterizar melhor cada elemento em estudo.

Relativamente às práticas de lazer dos estudantes, constatámos que a tipologia utilizada na análise das agendas culturais (Teixeira Lopes, 2000) revelou-se apenas parcialmente adequada, primeiramente porque foi usada já de modo diferenciado, pois o inquérito pouco incluía das actividades endodomiciliares, para além do frequentar a casa de amigos e, posteriormente, também sofreu de uma adaptação ao público universitário, incluindo diversos itens de actividades científico-pedagógicas.

Assim, através da Análise das Componentes Principais, as práticas de lazer foram divididas num novo conjunto, composto por nove componentes a saber: práticas científicas eruditas; práticas de sociabilidade e participação expressiva; entretenimento em espaço semipúblico; actividades recreativas; entretenimento em espaço público; expressão e participação desportiva; auto-recreação; expressão

turística e actividades eruditas. Muito embora as divisões espaciais se tenham mantido, estas novas componentes referem-se muito ao estudante enquanto actor das práticas sociais, mais do que simples receptor.

No nosso estudo constatámos que existem diferenças significativas ao nível das práticas de lazer entre os estudantes da RUG e da UC, bem como entre estudantes em regime regular e de mobilidade. Especialmente nas práticas científico eruditas, exactamente nos itens que introduzimos como elementos inovadores. Os estudantes da RUG praticam mais este tipo de actividades e no geral os alunos regulares também. O grau de satisfação com os equipamentos culturais associa-se às práticas de lazer em ambas as amostras de estudantes.

A predisposição de estudar no estrangeiro foi aferida por cinco componentes de motivos: económicos, sociais, pessoais, académicos e migratórios. Registámos igualmente diferenças entre os estudantes de ambas as instituições, especialmente ao nível económico e académico. No que respeita à matrícula académica, isto é regular ou mobilidade, observámos diferenças igualmente nos motivos económicos e especialmente nos motivos sociais.

As redes de suporte social e financeiro do estudante são consideradas importantes na influência para estudar no estrangeiro, o que confirma a literatura científica sobre esta questão, com enfoque nas teorias das redes. Nos estudantes da UC, destaca-se a família enquanto base a nível afectivo e o emprego no país de origem nas questões financeiras. Na RUG, a rede social está associada a amigos, serviços de apoio na universidade de acolhimento e redes de antigos estudantes. A rede de suporte financeiro na RUG associa-se ao trabalho remunerado no país de acolhimento, isto é nos Países Baixos. Este tipo de redes e os seus papéis permitem-nos compreender melhor o tipo de estudantes e as suas vivências.

A imagem dos locais de acolhimento emerge na literatura como influenciadora da decisão da escolha da instituição e cidade (Llewellyn-Smith, 2008). Deste modo, identificámos as características sociodemográficas a ter em atenção sempre que se traçar um plano de imagem. Por conseguinte, da análise realizada podemos concluir que o tipo de matrícula e o país de origem do estudante são fulcrais para o tipo de estratégia de marketing a usar na captação de estudantes internacionais.

Os factores de atracção da cidade variam consoante o tipo de matrícula do estudante e a sua origem geográfica. Neste aspecto também aqui detectámos as lógicas do sistema mundo, a preocupações de segurança e os problemas com os vistos são cruciais para os alunos provenientes dos países periféricos. Os factores de atracção da cidade foram divididos em quatro componentes: entretenimento, facilidade de integração, turismo e trabalho e informação da cidade.

Os factores de atracção da universidade foram determinados em cinco componentes: ciência, acesso a recursos, custo, acreditação e língua. Estes factores também variam por instituição, sobressaindo a preocupação com a língua inglesa nos alunos em mobilidade da UC. As preocupações de índole científica são uma constante nos três perfis determinados para a RUG, confirmando o que já se previra quando apresentaram uma média de motivos académicos e científicos superiores aos alunos da UC.

Entre as cidades não há uma diferença significativa que nos permita aferir qual a que detém maior poder de atracção de estudantes. Porém, em termos de instituição, o índice global de atractividade de Groningen é superior (Anexo XVIII).

De modo sincrónico, como nos havíamos proposto compreender a atracção da cidade e universidade, podemos concluir que o índice global de atractividade da cidade de Coimbra é superior ao índice global da atractividade da UC. Pelo contrário, nos Países Baixos os índices globais de atractividade são positivos, com a RUG a superar o índice da própria cidade. A mística da cidade de Coimbra tem com certeza na sua universidade uma das suas componentes, porém a instituição, de *per si*, perde no poder de captação dos estudantes. A RUG, com a sua lógica mercantilizada de captação de estudantes, atingiu um grau de sucesso que ultrapassa a cidade.

PARTE V
CONCLUSÕES FINAIS

Finda a análise realizada neste trabalho, impõem-se um balanço, uma reflexão sobre as conclusões e impactos futuros noutros estudos. Durante todas as metas decorrentes do trabalho houve um esforço quase penoso de distanciamento crítico do objecto central, o estudante internacional. Ao trabalharmos numa universidade, este objecto de estudo confronta-nos, dialoga e é constante. Porém, o revisitar empírico foi uma riqueza que transparece no estudo.

As conclusões retiradas dos capítulos anteriores procuraram responder à questão de partida: “o que predispõe um estudante estrangeiro a ingressar numa universidade sediada numa cidade europeia de dimensão média, localizada num país diferente da sua residência permanente?”. Esta discussão foi abordada de dois modos: de forma diacrónica, ao orientar o estudo para a oferta cultural de duas cidades médias e, paralelamente, caracterizar as cidades de Coimbra e Groningen; e de modo sincrónico, focando especificamente os estudantes internacionais, em mobilidade, mas também os estudantes de outras nacionalidades, inscritos de modo regular, com o objectivo de obterem um diploma.

Com um objecto de análise tão vasto foi necessário recorrermos a uma metodologia que nos permitisse ir mais além, mas que nos balizasse de igual modo em objectivos concretos. Trabalhar num terreno de fronteiras epistemológicas, entre a educação, a cultura e o turismo, fundamentalmente, torna os objectos de estudo híbridos, e se por um lado a vantagem das ideias concorrentes pode constituir uma luz, por outro, implica uma maior acuidade científica. A maior dificuldade residiu mesmo em sintetizar resultados extensos, em não cair nas inferências excessivas das extrapolações, confrontar as hipóteses e apresentar reflexões racionais.

No que respeita às cidades médias, pelos indicadores sociais e económicos apontados, a cidade de Groningen representa os parâmetros de um país central do sistema mundial, assim como Coimbra revela um país semiperiférico, valores bem ilustrados *no Smart Cities, Ranking of European médium-sized cities (2007)*. A cidade de Groningen tem paralelo com uma identidade projectiva, voltada para o futuro e Coimbra, embora com algumas tentativas ténues de mudança, mantém a sua identidade colectiva muito presa ao passado, quase que melancólico.

Ao afunilarmos o estudo das duas cidades, centrámo-nos na oferta cultural, através do estudo das agendas culturais *online*, entendidas como organizações das industriais culturais, onde os poderes locais dão a conhecer a ligação entre autores e receptores. Reconhecemos que esta divulgação implica filtros políticos, em que se seleccionam as obras e eventos a divulgar em massa. Esta difusão foca determinados públicos e daí a maior representatividade da cultura sobrelegitimada.

Comprovou-se o maior número de novos eventos culturais divulgados em Groningen, com uma oferta mais dinâmica, homogénea e erudita. E, se a semiperiferia é uma característica qualitativa e não quantitativa, em boa verdade, o número de registos de eventos culturais em Coimbra é inferior, o que nos leva a concluir que também quantitativamente a semiperiferia se revela. Destacamos o número de eventos que em Coimbra anunciam actividades de tipo expressivo público, na linha do folclore e da gastronomia.

Pese embora a cidade de Groningen representar uma oferta cultural erudita extensa, esta não implica uma diferença na sua média de frequência de actividades eruditas, tais como ir a concertos de música clássica e visitar museus, entre os seus estudantes internacionais.

Os turistas de educação, tal como todos os outros estudantes, também têm o seu repertório de recursos culturais, numa visão que se ancora em Bourdieu, em que constatámos que os estudantes de Groningen têm um capital escolar familiar muito superior aos estudantes de Coimbra, o que poderá explicar, em conjunto com outros factores, nomeadamente o nível económico, algumas diferenças nos consumos de lazer, com uma média de prática superior no que respeita a práticas científicas eruditas, entretenimento em espaço semipúblico (ir a bares, ir a discotecas, ir a cafés, cervejarias e pastelarias, dançar incluído num grupo) e mesmo práticas de expressão turística. Em Coimbra, numa atmosfera que se reveste de um carácter mais intimista, encontramos valores acima da média em práticas de sociabilidade compostas por frequentar a casa de amigos, jantar fora de casa, ir ao cinema e viajar.

Mais curioso é notar as diferenças entre as práticas de lazer dos estudantes de mobilidade e regulares em ambas as universidades. Realçamos as práticas científicas eruditas acima da média para os alunos regulares e a frequência acima

da média nos alunos em mobilidade em actividades enquadradas em práticas de sociabilidade e participação expressiva, entretenimento em espaço semipúblico, auto-recreação e expressão turística. Estas conclusões vão ao encontro da ideia das práticas de lazer dos jovens diferirem (Gomes, 2007). Indicar estas práticas como homogéneas seria esquecer a reprodução social que traduz o *habitus* e que varia com a estrutura social dos estudantes.

Tais dados das práticas de lazer conduziram-nos igualmente à conclusão que a valência “estudar primeiro” para os alunos regulares terá um grande enfoque, como o “turismo primeiro” está para os alunos em mobilidade. Mesmo nos motivos para estudar no estrangeiro, os de foro social estão claramente acima da média para os alunos de mobilidade e os motivos económicos e académicos para os alunos regulares.

No seu conjunto, as práticas de lazer dos estudante vêm corroborar a ideia que estas emergem como marcadores dos seus estilos de vida (Santos, 2001a), mas também que os estudantes universitários são um público irregular no consumo (Teixeira Lopes, 2004), ou não fossem eles sempre marcados pelo indicador temporal dos exames. Porém, quando analisamos os clusters das práticas de lazer subdivididos em frequentes, ocasionais e pouco frequentes percebemos que os estudantes internacionais de Groningen são mais activos no que respeita ao consumo.

No que concerne às universidades, e ao modo como o conhecimento é produzido e apropriado, identificamos claramente a Universidade de Groningen, através do seu posicionamento nos rankings universitários, como uma instituição regida por um conhecimento pluriversitário (Santos, 2005) ou de modelo 2 de Gibbons (1994). Toda a estrutura organizacional dos doutoramentos, em torno das *Ph.D positions*, onde a investigação tem um propósito, redigido em termos de artigos, é bastante reveladora desta especificidade de universidade. Quanto à captação de estudantes, a RUG detém agências de recrutamento de estudantes internacionais nas suas antigas colónias que facilitam a transição e inscrição dos estudantes internacionais, estando neste segmento de mercado a um nível bastante avançado, como são reveladores os indicadores do *i-barometer*, não havendo

quotas estabelecidas a nível governativo para a matrícula de estudantes internacionais.

A Universidade de Coimbra pertence a um país semiperiférico e cada vez mais acentua estas suas características intermédias, que se agravam, como de resto em todas as instituições universitárias do país, a crise de legitimidade da própria instituição, reforçadas pelas dificuldades no contexto de aplicação da ciência, pela baixa densidade empresarial da região. Ao nível do recrutamento dos estudantes internacionais é igualmente confrontada com os avanços e recuos legislativos, que ora abrem as portas a estes turistas, ora colocam *numerus clausus* às suas candidaturas. Se no contexto da globalização, como referiu Castells (1999), a educação é a bússola, as sucessivas crises na universidade de foro institucional, de hegemonia e legitimidade funcionam como forças contrárias ao normal funcionamento de uma bússola e impedem as instituições de seguirem um caminho.

A reflexão sobre a temática da centralidade da educação conduziu-nos à valorização da possibilidade de uma reinvenção de ecologia de saberes que proporcionasse uma alternativa credível ao isomorfismo do modo de produção científica, onde o estudante internacional pudesse representar um papel activo nesta lógica, numa internacionalização compreensiva (Hudzik, 2011) onde o estudante internacional não fosse simplesmente aculturado. Porém, num modo meramente mercantilizado o turismo de educação emerge como uma solução para a descapitalização do Estado e envelhecimento da população.

Nesta esteira, foi realizada uma abordagem às tipologias analíticas do turismo de educação. As perspectivas não têm necessariamente que ser contraditórias, pelo contrário, complementam-se, contribuíram para uma conjugação final, onde se entende que o estudante, primeiramente, toma a decisão de estudar fora do seu país de residência permanente, que comparámos ao factor de Ulisses de Pearce (1988). Nesta fase entram na equação a influência das redes de apoio social e económico do estudante (Pimpa, 2003). No que respeita à rede de apoio social é a família que mais se associa aos estudantes de Coimbra. Por outro lado, em Groningen são os amigos, as redes de antigos estudantes e serviços de apoio aos estudantes que mais se destacam. Os resultados permitiram-nos validar a hipótese da associação das redes de apoio à predisposição de estudar no estrangeiro.

Após esta primeira decisão será a escolha do país receptor a marcar o passo seguinte, onde se percebe a influência da imagem do destino e a possibilidade de obter informações à distância sobre este. Apresentámos um modelo preditor que esperamos que sirva aos poderes regulamentadores das universidades e cidades que tratam da captação de estudantes. As políticas de captação de estudantes devem focar mais certas variáveis preditoras como o país de origem, a situação de matrícula, o escalão etário e o capital escolar familiar, tanto no sector da instituição, como na própria cidade.

Tudo conjugado remete para o passo seguinte de escolha da Universidade e Cidade, que surgem bastante matizadas. No caso da cidade, a segurança, o custo de vida e a oferta cultural emergem nas cinco primeiras preocupações, tanto dos estudantes de Coimbra, como de Groningen. Em atenção à universidade, as referências variam entre as instituições, os estudantes da UC, que numa escala de importâncias atribuem maior peso à qualidade do corpo docente e à vida académica, enquanto os estudantes da RUG valorizam mais os cursos ministrados em língua inglesa e avaliação nesta língua. O valor da propina associa-se ao interesse dos alunos regulares na UC e as preocupações de índole científica para os alunos da RUG.

Numa análise mais pormenorizada dos estudantes internacionais, identificamos que os principais problemas são idênticos aos oriundos na Idade Média, ressaltando as diferenças de escala: a viagem e o alojamento. Fundamentalmente são estas duas vertentes que se associam a custos que determinam as escolhas dos estudantes e os ensejos académicos são e serão sempre importantes, mas emergem, muitas das vezes condicionados a estes factores. Os motivos dos estudantes para estudar no estrangeiro foram assim agrupados em cinco grandes clusters: económicos, pessoais, migratórios, sociais e académicos.

Ao analisarmos os estudantes internacionais identificámos três tipos de perfis para cada instituição e constatámos igualmente que os estudantes em mobilidade e regulares se diferenciam em termos de origem do país, capital escolar familiar e por clusters de práticas de lazer, bem como clusters motivacionais como aferimos.

Na Universidade de Coimbra determinámos os seguintes perfis: UC1 - estudantes em mobilidade, vindos da Europa, inscritos no primeiro ciclo, com um capital escolar familiar baixo, com uma prática de lazer integrada no cluster ocasional e associados ao cluster de motivos migratórios; UC2 - estudantes regulares, vindos da América do Sul ou Ásia, inscritos no segundo-terceiro ciclos, com um capital escolar familiar alto com uma prática de lazer frequente e com maior predominância nos motivos académicos; UC3 - estudantes regulares, vindos da América do Sul, inscritos no primeiro ciclo com um capital escolar familiar baixo, com uma prática de lazer frequente e movidos, primeiramente, por motivos sociais.

Na Universidade de Groningen identificámos igualmente três perfis: RUG1 - estudantes em mobilidade, vindos da Europa ou América do Norte, inscritos no primeiro ciclo, com um capital escolar familiar alto, com práticas de lazer frequentes e são igualmente regidos por motivos migratórios; RUG2 - estudantes regulares, vindos da Europa, Ásia ou América do Sul, inscritos nos segundo ou terceiro ciclos, com um capital escolar familiar alto, com práticas de lazer frequentes e divide-se na sua maioria pela determinação de motivos sociais e académicos; RUG 3 - estudantes regulares, vindos de África ou Ásia, inscritos no terceiro ciclo, com um capital escolar familiar médio, com práticas de lazer frequentes com predominância nos motivos sociais.

Dentro dos esquemas de mobilidade sofre-se o efeito de vizinhança, Coimbra recebe um grande número de Espanhóis e Groningen de Alemães, o que reflecte a mesma balança do sistema mundo. Observamos uma prevalência das ex-colónias, de Angola, Cabo-Verde e Brasil para Coimbra e da Indonésia para Groningen, contribuindo para as tipologias analíticas que já traduziam estas ideias.

A procura da educação no exterior, de alguma forma encantada de busca no exterior da legitimidade dos graus, acarreta consigo parte da estratificação social. Só consegue estudar no estrangeiro quem tem alguma rede de apoio económico e social. Neste ponto, revisitamos algumas das teorias de Bourdieu aplicadas ao Ensino Superior, de reprodução social. Outra característica, que comprovámos pelas diversas teorias abordadas, é que o próprio estudante internacional também se transnacionalizou, isto é, pode consumir diplomas no estrangeiro em mais de que uma instituição e este prisma marca uma nova etapa para o turista da educação.

Esta movimentação mundial de estudantes implica valores económicos muito interessantes para vários países, o que torna o turismo de educação como um segmento de mercado, explorado e a explorar pelos países centrais receptores deste produto e emergente nos países semiperiféricos.

Para além de todo o extenso trabalho de caracterização da cidade e dos estudantes uma preocupação permanecia, conhecer a atractividade da cidade e da universidade. Como observámos, estas valências emergem interligadas. Ao estudarmos as componentes entretenimento, facilidade de integração, turismo e trabalho e informação da cidade como factores de atracção da universidade e a ciência, os acesso a recursos, os custos, a acreditação e a língua como factores de atracção da cidade criámos índices globais de atractividade tanto da cidade, como da universidade. Os dados empíricos dos índices evidenciam que a cidade de Coimbra detém um maior poder de atractividade que a UC, ao contrário de Groningen, onde a RUG tem um maior poder de atracção dos estudantes internacionais.

Os dados empíricos confirmam a hipótese que os factores de atracção da universidade e da cidade variam consoante a sua posição no sistema mundo, sendo diferentes condicionam as políticas de captação de estudantes e por conseguinte moldam o turismo de educação.

A problemática abordada carece de mais estudos, nomeadamente de comparação entre outros países europeus e fora do espaço europeu de ensino e de investigação. Estudos que indiquem caminhos alternativos à aculturação destes estudantes. Reconhece-se a importância de maior reflexão entre a educação globalizada e os fluxos de estudantes internacionais.

Finalmente, a resposta à questão: o que predispõe um estudante estrangeiro a estudar num país que não é o seu? É o caminho, o trilho que ele próprio fará, acreditando que o faz seguindo um conjunto de pequenos passos, atrás descritos, mas em diferentes escalas, numa confluência de *habitus*, de redes de apoio e factores estruturais.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

Abbagnano, N. (1984). *História da filosofia*. vol. VIII. Lisboa: Editorial Presença.

Adams, T.; Banks, M. & Olsen, A. (2011). International Education in Australia: From Aid to Trade to Internationalization. Bhandari & Blumenthal, *International Students and Global Mobility in Higher Education*. New York: Palgrave Macmillan, 107-128.

Agarwal, P. (2011). India's Growing Influence in International Student Mobility. Bhandari & Blumenthal, *International Students and Global Mobility in Higher Education*. New York: Palgrave Macmillan, 43-68.

Almeida, L. & Freire, T. (1997). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Coimbra: APPORT.

Alves, F. & Ramalho, A. (2011). Principles for the implementation of a pedestrian plan in medium size cities. *Review of Urban & Regional Development Studies* vol.23, n.º1, 21-47.

Alves, V. (2012). *O Olhar das Palavras do Turista Britânico: Representações de Portugal nos Livros de Viagens, 1950-2000*. (Dissertação de Doutoramento). Universidade de Coimbra: FLUC.

American Psychological Association. (2006). *Manual de estilo da APA: regras básicas*. Porto Alegre: Artmed editora.

Anderson, B. (2008). *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Ankomah, P. & Larson, R. (2011). *Education tourism: a strategy to strategy to sustainable tourism development in Sub-Saharan Africa*. Acedido a 29/08/2011 de [http:// Upan1.un.org/intradoc/groups/public/documents/idep/upan002585.pdf](http://Upan1.un.org/intradoc/groups/public/documents/idep/upan002585.pdf)

Appadurai, A. (1990). Disjuncture and difference in the global and cultural economy. *Public Culture*, 2, 1-24.

Appadurai, A. (2004). *Dimensões culturais da globalização*. Lisboa: Teorema.

Arnegger, J., Woltering, M. & Job, H. (2010). Toward a product-based typology for nature-based tourism: a conceptual framework. *Journal of Sustainable Tourism*, 7, vol.18, 915-928.

Aron, R. (1991). *As etapas do pensamento sociológico*. Lisboa: Publicações D. Quixote.

Ashworth, G. & Larkham P. (1994). A heritage for Europe. Ashworth, G. & Larkham P. *Building a new heritage*. New York: Routledge, 1-12.

Ashworth, G. (1994). From history to heritage – from heritage to identity. Ashworth, G. & Larkham, P. *Building a new heritage*. New York: Routledge, 13-30.

Assoun, P. (1989). *A escola de Frankfurt*. Lisboa: Publicações D. Quixote.

Babbie, E. (1989). *The Practice of Social Research*. Belmont, California: Wadsworth.

Badie, B. (1996). *O fim do território: ensaio sobre a desordem intencional e sobre a utilidade social do respeito*. Lisboa: Instituto Piaget.

Baganha, M. I. (2001). A cada Sul o seu Norte: dinâmicas migratórias em Portugal. In Santos, B.S.(ed.). *Globalização: fatalidade ou utopia?*. Porto: Edições Afrontamento, 135-159.

Bank, J. & Van Buren, M. (2004). *Dutch culture in an European perspective: 1900 the Age of bourgeois perspective*. New York: Palgrave Macmillan.

Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: edições 70.

Barreira, I. A. (2007). Usos da cidade: conflitos simbólicos em torno da memória e imagem de um bairro. *Análise Social*, 182, vol. XLII, 163-180.

Barron, P.; Baum, T. & Conway, F. (2007). Learning, living and working: experiences of international postgraduate students at a Scottish university. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 2, vol. 14, 85-101.

Bauman, Z. (1998). *Globalization: the human consequences*. Grã-Bretanha: Polity Press.

Becker, H. (1986). *Doing things together*. Evanston: Northwestern University Press.

Becker, H. (2010). *Mundos da Arte*. Lisboa: Livros Horizonte.

Bellack, A. (1984). *Research Methods in clinical Psychology*. Oxford: Pergamon Press.

Bernheim, C. & Chauí, M. (2008). *Desafios da universidade na sociedade do conhecimento*. Brasília: UNESCO.

Bhandari, R. & Blumenthal, P. (2011). Global Student Mobility and the Twenty-First Century Silk Road: National Trends and New Directions. Bhandari & Blumenthal, *International Students and Global Mobility in Higher Education*. New York: Palgrave Macmillan, 1-24.

Bína, V. (2002). *Cultural participation in the Netherlands*. In *International Symposium on Cultural Statistics*. Montreal: UNESCO.

Bischoff, E. & Koenig-Lewis, N. (2007). VFR Tourism: the importance of University students as Hosts International. *Journal of Tourism Research*, 9, 465-484.

Black, T. R. (1999) *Doing quantitative research in the social sciences: in an integrated approach to research design, measurement and statistics*. London: Sage Publications.

Bode, C. & Davidson, M. (2011). International Student Mobility: A European Perspective from Germany and the United Kingdom. Bhandari & Blumenthal, *International Students and Global Mobility in Higher Education*. New York: Palgrave Macmillan, 69-82.

Borges, N.C. (1987). *Coimbra e região*. Lisboa: Editorial Presença.

Borghans, L., & Corvers, F. (2010). *The americanization of european higher education and research*. Maastricht: Research Center for Education and the Labour Market.

Boudon, R. (1989). *Dicionário de Sociologia*. s.l.: Círculo de Leitores.

Bourdieu, P. (1989). *Poder simbólico*. Lisboa: Difel.

Bourdieu, P. (1996). *As regras da arte: génese e estrutura do campo literário*. Lisboa: Editorial Presença.

Bourdieu, P. & Passeron, J. (1981). Os herdeiros, o ensino superior e as desigualdades sociais. Filomena Mónica. *Escola e classes sociais*. Lisboa: Editorial Presença, 85-95.

Braga da Cruz, M. (1989). *Teorias sociológicas*, vol. I. Lisboa: Editorial Presença.

Brettell, C., & Hollifield, J. (2000). *Migration theory*. Nova Iorque e Londres: Routledge.

Broek, A.; Luysmans, F. & Haan, J. (2005). *Culture lovers & leavears: trends and interest in arts and cultural heritage in Netherlands*. Social and Cultural Planning Office: The Hague.

Brown, R., & Mazzarol, T. (2009). The importance of institucional image to student satisfaction and loyalty within higher education. *Higher Education*, 58, 81-95.

Bryman, A. & Cramer, D. (1992). *Análise de dados em ciências sociais: introdução às técnicas utilizando o SPSS*. Oeiras: Celta editora.

Buela-Casal, G.; Guttierrez-Martinez, O.; Bermudez-Sanchez, M.P. & Vadillo-Munoz. (2007). Comparative study of international academic rankings of universities. *Scientometrics*, 71, nº 3, 349-365.

Byrd, M. (2001). Back to the future for higher education medieval universities. *Internet and Higher Education*, 4, 1-7.

Candeias, A. (2005). Modernidade, educação, criação de riqueza e legitimação política nos séculos XIX e XX em Portugal. *Análise Social*, 176, vol. XL, 477-498.

Carmo, H., & Ferreira, M.M. (1998). *Metodologia da Investigação: guia para a auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Carr, E. (1994). Tourism and heritage: the pressures and challenges of 1990's. Ashworth, G. & Larkham, P. *Building a new heritage*. New York: Routledge, 50-68.

Carvalho, H. (2004). *Análise Multivariada de Dados Qualitativos- Utilização da HOMALS com SPSS*. Lisboa: Edições Silabo.

Castells, M. (1999). *A sociedade em rede - a era da informação: economia, sociedade e cultura*, vol. 1. São Paulo: Paz e Terra.

Castells, M. (2002). *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Clark, B. (1998). *Creating entrepreneurial universities: organizational pathways of transformation*. Nova Iorque: Pergamon.

Clifford, J. (1988). *The predicament of culture: twentieth-century ethnography, literature, and art*. Cambridge: Harvard University Press.

Cofré, R. (2007). Segregación socio-espacial en ciudades turísticas: el caso de Canela (RS), Brasil. *Estudios y Perspectivas en Turismo*, 16, 195-215.

Cohen, J. (1960). A coefficient of agreement for nominal scales. *Educational and Psychological Measurement*, 20 (1), 37–46.

Coles, R. & Swami, V. (2012). The sociocultural adjustment trajectory of international university students and the role of university structures: a qualitative investigation. *Journal of Research in International Education*. 11 (1), 87-100.

Collins, R. (1979). *The credential society: an historical sociology of education and stratification*. New York: Academic Press.

Conceição, C.; Gomes, M.; Pereira, I.; Abrantes, P. & Costa, A. (2008). Promoção de cultura científica: experiências da sociologia. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 57, 51-81.

Conde, I. (2010). Arte, cultura, criatividade, diferentes narrativas. Lima dos Santos, M.L. & Pais, J.M. *Novos trilhos culturais*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 121-134.

Conselho Europeu (2000) - *European Treaty Series – European Landscape Convention, 20.X.2000, acedido a 3 de Outubro de 2011 de <http://conventions.coe.int/Treaty/en/Treaties/Html/176.htm>*.

Correia da Silva, R.B. (2011). *Valores e felicidade no século XXI: um retrato sociológico dos portugueses em comparação europeia*. (Dissertação de doutoramento) ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa.

Cortesão, L., & Stoer, S.R. (2001). Cartografando a transnacionalização do campo educativo: o caso português. Santos, B.S. (ed.) *Globalização: fatalidade ou utopia?* Porto: Edições Afrontamento, 369-406.

Costa, P. (2002). The cultural activities cluster in Portugal: trends and perspectives. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 38, 99-114.

Costa, P. (2007). *A Cultura em Lisboa. Competitividade e Desenvolvimento Territorial*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

Coutinho, C. (2000). Instrumentos na investigação em tecnologia educativa: escolha e avaliação. Barca, A. & Perralho, M. *Revista Galego Portuguesa de Psicologia e Educación*, vol. 6 (4), *Actas do V Congreso Galego-Portugués de Psicopedagogía*, 154-166.

Crane, D. (1992). *The production of culture: media and the urban arts*. Newbury Park/ London/ New Deli: Sage.

Daggers, T. (s.d.) *Groningen. The World's Cycling City*. Acedido a 4 de Dezembro 2012 em <http://carbusters.org/2009/11/03/groningen-the-worlds-cycling-city>.

D' Hainaut, L. (1990). *Conceitos e métodos da estatística*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

D'Épinay, L; *et al.* (1983). *Temps libre: culture de masses et cultures de classes aujourd'hui*. Lausanne: Pierre-Marcel Fabre.

Daily, S. J. (1961). *The medieval university*. New York: Sheed and Ward.

Dale, R. (1998). Globalization: a new world for comparative education. Schriewer, J. (ed.) *Discourse and comparative education*. Berlim: Peter Lang, 87-109.

Dale, R. (1999). Specifying globalization effects on national policy: a focus on the mechanisms. *Journal of Education Policy*, 14 (1), 1-17.

Di Maggio, P. (1987). Classification in Arts. *American Sociological Review*, 52 (4), 440-455.

Dias, P. (1983). *Coimbra arte e história*. Porto: Paisagem Editora.

Dietvorst, A. (1994). Cultural tourism and time-space behavior. Ashworth, G. & Larkham, P. *Building a new heritage*. New York: Routledge, 69-89.

Drèze, J. & Estevan, F. (2007). Roundtable on Research and Higher Education in Economics Research and Higher Education in Economics: Can We Deliver the Lisbon Objectives? *Journal of the European Economic Association*, MIT Press, vol. 5(2-3), 271-304.

Drozdowski, D. (2011). Language tourism in Poland. *Tourism Geographies*, 2, vol. 13, 165-186.

Dykstra, R. (2002). The liberation of Groningen – an urban battlefield. *The army doctrine and training bulletin*, vol 5, nº 3, 47-48.

Elias, N. & Dunning, E. (1992). *A busca da excitação*. Lisboa: Difel.

Erkkila, T.& Kauppi, N. (2010). Alternatives to existing international rankings. *World Social Science Report*. UNESCO International Social Science Council.

Essed P. & Trienekens S. (2008). 'Who wants to feel white?' Race, Dutch culture and contested identities. *Ethical and Racial Studies*, 31, 52-72.

Estanque, E. (1995). Cultura popular e ideologia estatal na produção do consentimento. *Oficina do CES*, 47. Coimbra: CES-FEUC, 1-24.

Featherstone, M. (1990). *Global culture: nationalism, globalization and modernity*. Londres: Sage.

Featherstone, M. (1991). *Consumer culture and postmodernism*. Londres: Sage.

Feio, Rui. (2008). *Gestão de projectos com o Microsoft project 2007*. Lisboa: FCA – Editora de Informática.

Ferrão, J.; Henriques, E. B. & Neves, A. O. (1994). Repensar as cidades de média dimensão. *Análise Social*, 129, vol. XXIX, 1123-1147.

Ferreira, S. (2009). A invenção estratégica do terceiro sector como estrutura de observação mútua: Uma abordagem histórico-conceptual. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 84, 169-192.

Ferreira, V. (1986), O Inquérito por Questionário na Construção de Dados Sociológicos, in Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (org.), *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento, 165 - 195.

Figee E. et al. (2008.) *Local Government in The Netherlands*. Association of Netherlands Municipalities.

Fischer, C. S. (1973). On urban alienations and anomie: Powerlessness and social isolation. *American Sociological Review*. 38, (3), 311-326.

Fish, S. (1980). *Is there a text in this class?* Cambridge: Harvard University Press.

Fleiss, J. (1981). *Statistical methods for rates and population*. New York: Wiley.

Flor, A. (2010). Cultura Popular - Da construção intelectual à realidade social. *Seara Nova* n.º 1712. Acedido a 21/08/2012 de <http://www.searanova.publ.pt/pt/1712/cultura/167/Cultura-Popular---Da-constru%C3%A7%C3%A3o-intelectual-%C3%A0-realidade-social.htm>.

Florida, R. (2005). *Cities and the creative class*. Nova Iorque: Routledge.

Fonseca, R.; Silva, P. & Silva, R. (2007). O acordo inter-juízes: o caso do coeficiente Kappa. *Laboratório de Psicologia*, 5, 81-90.

Fortin, M. (2003). *O processo de investigação: da concepção à realização*. Loures: Lusociência.

Fortuna, C. & Peixoto, P. (2002). A recriação e reprodução de representações no processo de transformação das paisagens urbanas de algumas cidades portuguesas. Fortuna, C., & Santos Silva, A. (eds.). *Projecto e Circunstância: culturas urbanas em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento, 17-63.

Fortuna, C.; (1999). *Identidades, percursos e paisagens culturais*. Oeiras: Celta Editora.

Fortuna, C.; Ferreira, C.; Santos, H.; Abreu, P.; Peixoto, P. (2003). A reinvenção da cidade. *Relatório do projecto de investigação: Intermediários culturais, espaço público e cultura urbana: um estudo sobre a influência dos circuitos culturais globais em algumas cidades portuguesas*. Coimbra: Centro de Estudos Sociais- Núcleo de Estudos sobre Cidades e Culturas Urbanas, 185-277.

Fortuna, C., & Santos Silva, A. (2001). A cidade do lado da cultura: espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural. Santos, B.S. (ed.). *Globalização: fatalidade ou utopia?*. Porto: Edições Afrontamento, 409-461.

Franklin, R. (2011). Benchmarking student diversity at public universities in the United States: accounting for state population composition. *The Annals of Regional Science*, vol.49, 2, 355-372.

Friedmann, J. (1994). *Cultural identity and global process*. Londres: Sage.

Gallarza, M.G.; Gil Saura, I. & Calderón García, H. (2002). Destination image: towards a conceptual framework. *Annals of Tourism Research*, 29 (1), 56-78.

Gama, A. (1988). Notas para uma geografia do tempo livre. *Cadernos de Geografia*, 7, 203-217.

Garcia, O. (2010). Contradança. Lima dos Santos, M.L. & Pais, J.M. *Novos trilhos culturais*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 219-235.

Gardiner, S.; King, B. & Wilkins, H. (2013). The travel behaviors of international students: nationality-based constraints and opportunities. *Journal of Vacation Marketing*, 19 (4), 287-299.

Gibbons, M.; Limoges, C., Nowotny, H.; Schwartzman S.; Scott, P. & Trow, M. (1994). *The new production of knowledge: the dynamics of science and research in contemporary societies*. London: Sage.

Giddens, A. (1990). *Capitalismo e moderna teoria social*. Lisboa: Editorial Presença.

Giddens, A. (1999). *Runaway world. How globalization is reshaping our lives*. Londres: Profile Books.

Giffinger, R.; Fertner, C.; Kramar, H.; Kalasek, R. & Pichler-Milanović, N. (2007) . *Smart cities – Ranking of European medium-sized cities*. Vienna University of Technology: Centre of Regional Science.

Glover, P. (2011). International students: linking education and travel. *Journal of Travel & Tourism Marketing*, 28, 180-195.

Goedegebuure, L. & Van Vught F. (1996). Comparative higher education studies: the perspective from the policy sciences. *Higher Education*, 32, 371-394.

Gomes, R.M. (2002). *Relatório da disciplina Educação, Escola e Sociedade*. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

Gomes, R.M. (2005). *O governo da educação em Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Gomes, R.M. (2005a). *Relatório da disciplina Sociologia do Lazer*. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

Gomes, R.M. (2007). Os lazeres e as práticas culturais: da ética do trabalho à estética do consumo. Gomes, R.M. (coord.) *Olhares sobre o lazer*. Coimbra: Centro de Estudos Biocinéticos, 11-23.

Gomes, R.T. (2004). *Os públicos da cultura*. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais.

Gomes, R.T.; Lourenço, V. & Martinho, T. (2006). *Entidades culturais e artísticas em Portugal*. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais.

Goodman A. E. & Gutierrez, R. (2011). The International Dimension of U.S. Higher Education: Trends and New Perspectives. Bhandari & Blumenthal, *International Students and Global Mobility in Higher Education*. New York: Palgrave Macmillan, 83-106.

Greenwood, E. (1965). Métodos de investigação empírica em Sociologia. *Análise Social* (11), 313-345

Griswold, W. (1986). *Renaissance Revivals: City Comedy and Revenge Tragedy in the London Theatre, 1576-1980*. Chicago: University of Chicago Press.

Guerra, I.C. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso*. S. João do Estoril: Principia Editora.

Hall, A.; Neves, C. & Pereira, A. (2011) *Grande maratona de estatística com o SPSS*. Lisboa: Escolar Editora.

Harvey, L. (2008). Rankings of higher education institutions: a critical review. *Quality in Higher Education*, vol. 14, nº 3, 187-215.

Hattie, J.; Marsh, H.; Neill, J. & Richards, G. (1997). Adventure Education and Outward Bound: Out-of-class Experiences that Make a Lasting Difference. *Review of Educational Research*, 67, 43-87.

Hazelkorn, E. (2010). Pros and cons of research assessment. *World Social Science Report*. UNESCO International Social Science Council.

Henderson, V. (1997). Medium size cities. *Regional Science and Urban Economies*. N.º 27: 583-612.

Hessels, L.K. & Van Lente, H. (2008). Re-thinking new knowledge production: A literature review and a research agenda. *Research Policy* 37, 740-7.

Heung, V. & Leong, J. (2006). Travel demand and behavior of university students in Hong Kong. *Asia Pacific Journal of Tourism Research*, vol. 11, nº 1, 81-94.

Hill, M. & Hill, A. (2000). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.

Huang, F. (2006). Internationalization of curricula in higher education institutions in comparative perspectives: case studies of China, Japan and The Netherlands. *Higher Education*, 51, 521-539.

Hudzik, J. (2011). *Comprehensive Internationalization From Concept to Action*. Washington: NAFSA: Association of International Educators.

Jameson, F. (1978). *Reification and utopia in mass culture*. Duke University Press.

Jaramillo I. C. & Wit, H. (2011). Student Mobility Trends in Latin America. Bhandari & Blumenthal, *International Students and Global Mobility in Higher Education*. New York: Palgrave Macmillan, 129-142.

Jauss, H.R. (1978). *Petit apologie de l'expérience esthétique: pour une esthétique de la réception*. Paris: Gallimard.

Kim, K. (2007). Understanding differences in tourism motivation between domestic and international travel: the university student market. *Tourism Analysis*. 12 (1-2), 65-75.

Kim, K. & Beck, J. (2009). Exploring leisure: trip behaviors of university women students: an investigation of push and pull motivational models. *Journal of Hospitality Marketing & Management*, 18, 386-405.

Kingston, E. & Forland, H. (2004). Bridging the gap in expectations between international students and academic staff – “At home the teacher feed me with knowledge, but in the UK they help me pick up the spoon and learn to feed myself!”
Acedido a 20/07/2011 de
<http://www.leeds.ac.uk/educal/documents/000003751.htm>.

Kishun, R. (2011). Student Mobility Trends in Africa: A Baseline Analysis of Selected African Countries. Bhandari & Blumenthal, *International Students and Global Mobility in Higher Education*. New York: Palgrave Macmillan, 143-166.

Klimstra, T. Crocetti, E. & et al. (2011). Big five personality dimensions in italian and dutch adolescents: a cross-cultural comparison of mean-level, sex differences, and associations with internalizing symptoms. *Journal of Research in Personality*, 45, 285-296.

Kline, P. (2002). *An easy guide to factor analysis*. London: Routledge.

Knight, J. (2011). Regional Education Hubs: Mobility for the Knowledge Economy. Bhandari & Blumenthal, *International Students and Global Mobility in Higher Education*. New York: Palgrave Macmillan, 211-230.

Lakatos, E. & Marconi, M. (1995). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas.

Larkham, P. (1994). A new heritage for a new Europe. Ashworth, G. & Larkham, P. *Building a new heritage*. New York: Routledge, 260-273.

Lasanowski, V. (2011). Can Speak, Will travel: The Influence of Language on Global Student Mobility. Bhandari & Blumenthal, *International Students and Global Mobility in Higher Education*. New York: Palgrave Macmillan, 193-210.

Lash, S. & Urry, J. (1994). Accumulating Signs: The Culture Industries. Scott Lash & John Urry, *Economies of Signs & Space*. London, Thousand Oaks and Nova Delhi: Sage Publications, 111-144.

Lee, G.; Morrison, A.; Lheto, X.; Webb J. & Reid, J. (2005). VFR: is it really marginal? A financial consideration of French overseas travelers. *Journal of Vacation marketing* 11 (4), 340-356.

Lee, K.H., & Tan, J.P. (1984). The international flow of third level lesser developed countries: determinants and implications. *Higher education*, 13 (6), 687-707.

Leite, M. (2009). Tese de mestrado *Reterritorialização Home e Fronteiras – recursos em prol de uma estratégia de inserção no país de acolhimento*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas Universidade Nova de Lisboa.

Lima dos Santos, M.L. & Pais, J.M. (2010). *Novos trilhos culturais*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Lima dos Santos, M.L. (2010a). *Uma panorâmica com três vertentes a duas dimensões*. Lima dos Santos, M.L. & Pais, J.M. *Novos trilhos culturais*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 29-36.

Liu, N.C. & Cheng, Y. (2005). The academic ranking of world universities – methodologies and problems. *Higher education in Europe*, vol. 30, 2, 127-136.

Llewellyn-Smith, C. & McCabe, V. (2008). What is the attraction for exchange students: the host destination or host university? Empirical evidence from a study of an Australian University. *International Journal of Tourism Research*, 10, 593-607.

Lopes, J. T. (2000). *A cidade e a cultura: um estudo sobre as práticas culturais urbanas*. Porto: Edições Afrontamento.

Lopes, J. T. (2000a). Em busca de um lugar no mapa – reflexões sobre as políticas culturais em cidades de pequena dimensão. *Sociologia, problemas e práticas*, nº 34, 81-116.

Lopes, J. T. (2004). *Experiência estética e formação de públicos*. Gomes, R.T. *Os públicos da cultura*. Lisboa: Observatório da Actividades Culturais, 43-54.

Lopes, J.T. (2010). Da cultura como locomotiva de cidade-empresa a um conceito alternativo de democracia cultural. Lima dos Santos, M.L. & Pais, J.M. *Novos trilhos culturais*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 51-61.

López, J. (1999). De la Cultura Tradicional al Multiculturalismo. Un paradigma social. *Actas do Congresso Cultura Popular*. Santa Maria da Feira: Publigrifo, 135-146.

Lucas, L. (2006). *The research game in academic life*. Maidenhead: Open University Press.

Magalhães, A. (2006). A identidade do ensino superior: educação superior e a universidade. *Revista Lusófona de Educação*, 7, 13-40.

Marques da Costa, E. (2002). Cidades médias: contributos para a sua definição. *Finisterra*, XXXVII, 74, 101-128.

Martins, S. (2005). Portugal, um lugar de fronteira na Europa: uma leitura de indicadores socioeducacionais. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 49, 141-161.

Masser, I.; Svidén, O. & Wegener, M. (1994). What new heritage for which new Europe? Ashworth, G. & Larkham, P. *Building a new heritage*. New York: Routledge, 31-46.

Massey, D.; Arango J.; *et al* (1998). *Worlds in motion understanding international migration at the end of the millenium*. Oxford: Claredon Press.

Mattoso, J. (1991). Portugal: racionalidade e afecto. *Via Latina*. Coimbra: D.G.A.A.C, 7-9.

May, T. & Perry, B. (2006). Cities, knowledge, and universities: transformations in the image of the intangible. *Social Epistemology*, 20, 259-282.

Mazzarol, T. & Soutar, G. (2001). "Push-pull" factors influencing international student detination choice. *The International journal of Educational Management*, 16 (2), 82-90.

Mazzarol, T.; Choo, S.; & Nair, V.S. (2001a). *Australia and Indian postgraduate science and technology market: examining why Indian students choose of study in*

countries other than Australian. Canberra: Australian Education International, Department of Education, Training and Youth Affairs.

McGrew, A. (1997). *The transformation of democracy?* Cambridge: Polity Press.

McHale, J. (2011). Structural Incentives to Attract Foreign Students to Canada's Postsecondary Educational System: A Comparative Analysis. Bhandari & Blumenthal, *International Students and Global Mobility in Higher Education*. New York: Palgrave Macmillan, 167-192.

Mendes, J. (2001). O desafio das identidades. Santos, B.S. *Globalização fatalidade ou utopia?* Porto: Edições Afrontamento, 489-523.

Michael, I.; Armstrong, A. & King, B. (2003). The travel behavior of international students: the relationship between studying abroad and their choice of tourism destinations. *Journal of vacation marketing*, 10(1), 57-66.

Monteiro, P. (1996). *Os outros da arte*. Oeiras: Celta editora.

Moreira, J.M. (2004). *Questionários: teoria e prática*. Coimbra: Almedina.

Morris, E. (1994). Heritage and culture. A capital for the new Europe. Ashworth, G. & Larkham P. *Building a new heritage*. New York: Routledge, 229-259.

Morrison, A.; Woods, B.; Pearce, P.; Moscardo G. & Sung, H. (2000); Marketing to the visiting friends and relatives segment: an international analysis. *Journal of Vacation Marketing*, 6 (2), 102-118.

Nazareth, J.M. (1988). *Princípios e métodos de análise da demografia portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença.

Nicolescu, L. & Galalae, C. (2013). A systematic literature review onn students' international and culture adjustment. *Management & Marketing Challenges for the knowledge Society*, vol. 8, nº 2, 261-282.

NSCGP Netherlands Scientific Council for Government Policy (1995). *Report to the Government.N.º44: Sustained risks: lasting phenomenon*. The Hague: Netherlands.

Nuffic (2008). *Internationalization in education in the Netherlands 2007*. The Hague.

Nunes, J.A. (1996). Fronteiras, hibridismos e mediatização: os novos territórios da cultura. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 45, 35-71.

Oliveira, A. (1996) As cidades e o poder no período filipino. *Revista Portuguesa de História*, XXXI, vol. 2, 305-340.

Oliveira, L. (2000). Desafios à universidade, comercialização da ciência e recomposição dos saberes académicos. *Sociologia, problemas e práticas*, 34, 93-116.

Paci, E. (1994). Market segments: the major international VFR markets. *EIU Travel & Tourism Analyst*, 6, 36-50.

Pais, J.M. (1989). *Juventude Portuguesa. Situações, Problemas, Aspirações - A Convivialidade e a Relação com os Outros*. Lisboa: Instituto da Juventude e Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Pais, J.M. (1999). *Consciência histórica e identidade*. Oeiras: Celta editora.

Pearce, P. (1988). *The Ulysses factor: evaluating visitors in tourism settings*. New York: Springer-Verlag.

Peixoto, P. (2000). Gestão estratégica das imagens das cidades: análise de mensagens promocionais e de estratégias de marketing urbano. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 56, 99 - 122.

Perry, B. & May, T. (2008). Excelência, relevância e a universidade. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 56, 105-128.

Peterson, R. & Roger K. (1996). Changing Highbrow Taste: From Snob to Omnivore. *American Sociological Review* 61, 900-907.

Pimentel, A. (2005). *A Morada da Sabedoria. I. O Paço Real de Coimbra: das origens ao estabelecimento da Universidade*. Coimbra: Almedina.

Pimentel, A. (2010). A Torre da Universidade de Coimbra. *Revista Rua Larga*, 28.

Pimpa, N. (2003). The influence of peers and student recruitment agencies on Thai students' choices of international education. *Journal of Studies in international Education*, 7 (2), 178-192.

Pinto, J.M. (1994). Uma reflexão sobre políticas culturais. Pinto, J.M. *Dinâmicas culturais, cidadania e desenvolvimento*. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia, 767-792.

Pinto, J.M. (2004). Para uma análise sócio-etnográfica de relação com as obras públicas. Gomes, R.T. *Os públicos da cultura*. Lisboa: Observatório da Actividades Culturais, 19-29.

Pisera, J.; Dicle, E.; Fellingner, J.; Huang, L.; Kalinic, I. Trawinska, J. & Vinca, E. (2010). *PRIME 2010: Problems of recognition in making Erasmus*. Belgium: Erasmus Student Network.

PNUD (2011). *Relatório do desenvolvimento humano: sustentabilidade e equidade, um futuro melhor para todos*. ONU. Acedido a 25/09/2012 de http://www.pnud.org.br/HDR/Relatorios-Desenvolvimento-Humano-Globais.aspx?indiceAccordion=2&li=li_RDHGlobais.

Portes, A. (1995). Economic sociology and the sociology of immigration: a conceptual overview. Portes, A. (ed.). *The economic sociology of immigration*. Nova Iorque: Russel Sage Foundation, 1-41.

Prada, V. (1966). *História económica mundial I*. Porto: Civilização editora.

Pronovost, G. (1996). *Sociologie du temps*. Bruxelles: De Boeck.

Punch, K. (1998). *Introduction to social research: quantitative and qualitative approaches*. London: Sage.

Pureza, J. (1998). Eternalizing Westphalia? International law in a period of turbulence. *Nação e Defesa*, nº 87. Lisboa: Instituto da Defesa Nacional, 31-49.

QS World University Rankings 2011. Acedido 7/10/2011 de <http://www.topuniversities.com/>.

Quivy, R.; Campenhoudt, L. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Reis, J. (1993). Portugal: a heterogeneidade de uma economia semiperiférica. Santos, B.S. *Portugal: um retrato singular*. Porto: Edições Afrontamento, 135-160.

Richard, A. & Kern R. (1996). Changing Highbrow Taste: From Snob to Omnivore *American Sociological Review*, vol. 61, n.º. 5, 900-907.

Richards, G., & Wilson, J. (2004). The international student travel market: travel style, motivations, and activities. *Tourism Review International*, 8(2), 57-67.

Ritchie, B. W. (2003). *Managing educational tourism*. Clevedon, UK: Channel View Publications.

Roberts, K. (1994). The three societies of leisure. In Vários, *new Routes for Leisure – Actas do Congresso Mundial do Lazer 1992*. Lisboa: ICS-UL, 429-442.

Rodrigues, M. (1990). *A Universidade de Coimbra e os seus reitores: para uma história da instituição*. Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra.

Saisana, M. & D'Hombres, B. (2008). *Higher education rankings: robustness issues and critical assessment. How much confidence we can have in higher education rankings?* Luxembourg: Office for Official Publications of the European Communities.

Salas-Olmedo, M. & Nogués, S. (2012). Analysis of commuting needs using graph theory and census data: a comparasion between two medium-sized cities in the UK. *Applied Geography*, 35, 132-141.

Santos Silva, A. (2002). A dinâmica cultural das cidades médias: uma sondagem do lado da oferta. Fortuna, C., & Santos Silva, A. (eds.). *Projecto e Circunstância: culturas urbanas em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento, 65-107.

Santos Silva, A., Brito, P., Santos, H., & Abreu, P. (2002a). As práticas e os gostos: uma sondagem do lado das procuras da cultura e lazer. Fortuna, C., & Santos Silva, A. (eds.). *Projecto e Circunstância: culturas urbanas em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento, 109-161.

Santos, B.S. (1991). Onze teses por ocasião de mais uma descoberta de Portugal. *Via Latina*. Coimbra: D.G.A.A.C, 58-64.

Santos, B.S. (1993). O Estado, as relações salariais e o bem-estar social na semiperiferia: o caso português. Santos, B.S (org.), *Portugal: um retrato singular*. Porto: Edições Afrontamento, 17-56.

Santos, B.S. (1994). *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. Porto: Edições Afrontamento.

Santos, B.S. (1997). Por uma concepção multicultural dos direitos humanos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 48, 11-32.

Santos, B.S. (2000). *A crítica da razão indolente contra o desperdício da experiência*. Porto: Edições Afrontamento.

Santos, B.S. (2001). Os processos da globalização. Santos, B.S.(ed.). *Globalização: fatalidade ou utopia?*. Porto: Edições Afrontamento, 31-106.

Santos, B.S. (2005) *A universidade do século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade*. 2.ed. São Paulo: Cortez Editora.

Santos, H. & Abreu, P. (2002). Hierarquias, fronteiras e espaços: o(s) lugar(es) das produções intermédias. Fortuna, C., & Santos Silva, A. (eds.). *Projecto e Circunstância: culturas urbanas em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento, 211-253.

Santos, N. (2001a). *A sociedade de consumo e os espaços vividos pelas famílias: a dualidade dos espaços, a "turbulência" dos percursos e a identidade social*. Lisboa: Edições Colibri.

Sanz-Menéndez, L & Moya-Anégon, E. (2010). A new industry: university rankings in the social science. *World Social Science Report*. UNESCO International Social Science Council, 242-245.

Sassatelli, M. (2010). European Identity between flows and places: insights from emerging European landscapes policies. *Sociology*, 44, 67-83.

Schriwer, J. (1999). *World-System and interrelationships networks: the internationalization of education and the role of comparative inquiry*. Berlin: Universidad Humboldt de Berlin

Schudson, M. & Mukerji, C. (1991). *Rethinking Popular Culture: Contemporary Perspectives in Cultural Studies*. Berkeley: University California Press.

Schultz, W. (1973). *O valor económico da educação*. Rio de Janeiro: Zahar.

Scott, A. (2001). Globalization and the rise of city-regions. *European Planning Studies*, 7, vol. 9, 813-826.

Simons, M.; Olsen, M & Peters M. (2009). *Re-reading education policies: a handbook studying the policy agenda of the 21st century*. Rotterdam: Sense.

Smith, A. & Webster, F. (1997). *The postmodern university? Contested visions of higher education in society*. Buckingham: Open University Press.

Soares, M. P. L. (1972). O inquérito sociológico: problemas de metodologia. *Revista Análise Social*, ano 9, 35-36, 558 – 628.

Song, H.; Gartner, W. & Tasci, A. (2011). Visa restrictions and their adverse economic and marketing implications: evidence from China. *Tourism Management*, 30, 1-16.

Sousa Ribeiro, A. (2001). A retórica dos limites. Notas sobre o conceito de fronteira. In Santos, B.S.(ed.). *Globalização: fatalidade ou utopia?*. Porto: Edições Afrontamento.

Sousa, A. B. (2005). *Investigação em educação*. Lisboa: Livros Horizonte.

Spata, A.V. (2005). *Métodos de pesquisa: ciências do comportamento e diversidade humana*. Rio de Janeiro: LTC editora.

Statistics Netherlands, (2012). *Statistical Yearbook 2012*. Rotterdam Sdu publishers.

Stoer, S.R.; Cortesão, L. & Correia, J. (2001). *Transnacionalização da educação: da crise da educação à “educação” da crise*. Porto: Edições Afrontamento.

Suaréz-Orozco, M.; Darbes, T.; Dias, S. & Sutin, M. (2011). Migration and schooling. *Annual Review Anthropology*, 40, 9-30.

Swanson, G. (1971). Frameworks for comparative research: structural anthropology and the theory of action. Vallier, I. *Comparative methods in sociology: essays on trends and applications*. Berkeley: University of California Press.

- Swidler, A. (1986). Culture in Action American. *American Sociological Review*, vol. 51, n.º 2., 273-286.
- Tabachnick, B. & Fidell, L. (1996). *Using multivariate statistics*. New York: Harper Collins.
- Tarrant, M. & et al (2011). Educational travel and global citizenship. *Journal of Leisure Research*, vol 43, nº 3, 403-426.
- Torres, J. (1989). *Introdução à história económica e social da Europa*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Towner, J. (1985) The Grand Tour: a key phase in the history of tourism. *Annals of Tourism Research*, 12 (3), 297-333.
- Trindade, A. (2012, Maio 24). Não há outra universidade com o potencial de Coimbra. *Diário de Coimbra: Separata Candidatura a património mundial da UNESCO*.
- True, K. (1994). Groningen gears up. *Context Institute*, 39, 7.
- Tuckman, B. (2000). *Manual de investigação em educação: como conceber e realizar o processo em educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Urry, J. & Rojek, C. (1997). *Touring Cultures*. London: Routledge.
- Urry, J. (2007). *Mobilities*. New York: Polity Press.
- Verbik, L. & Lasanowski, V. (2007). *International student mobility: patterns and trends*. United Kingdom: The Observatory on borderless higher education.
- Verkuyten, M. & Thijs, J. (2002) Multiculturalism among minority and majority adolescents in Netherlands. *International Journal of Intercultural Relations*, 26, 91-108.
- Wallerstein, I. (1979). *The capitalist world-economy*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Wallerstein, I. (1991). *Geopolitics and Geoculture*. Cambridge: Cambridge University Press.

Warde, A.; Wright D. & Gayo-Cal, M. (2007). Understanding Cultural Omnivorousness: Or, the Myth of the Cultural Omnivore. *Cultural Sociology* 1(2), 143-164.

Weber, M. (1990). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Lisboa: Editorial Presença.

Wolthuis, J. (1999). Lower technical education in Neetherlands: 1798-1993 the rise and fall of a subsystem. Leuven: Garant.

Xinyu, Y. (2011). Mobility Strategies and Trends: The case of China. Bhandari & Blumenthal, *International Students and Global Mobility in Higher Education*. New York: Palgrave Macmillan, 25-42.

Yuan, T.; Fridgen, J.; Hsieh, S. & O'Leary, J. (1995). Disaggregating friends and relatives in VFR tourism research: the Northern Ireland evidence 1991-1993. *Journal of Tourism Studies*, 6 (1), 19-26.

Outras Fontes

Declaração de Bolonha: Declaração conjunta dos ministros europeus da educação acordada em Bolonha a 19 de Junho de 1999.

Legislação consultada

Aviso n.º 15486-C/2012 Apoio direto — Quadrienal, bienal e anual. Diário da República, 2.ª série — N.º 223 — 19 de novembro de 2012

Decreto-lei nº36/2014 de 10 de março, Diário da República, 1.ª série — N.º 48 — 10 de Março de 2014.

Lei nº 23/2007, Diário da República, 1ª série, nº 127: regime jurídico de entrada, permanência, saída e afastamento de estrangeiros no território nacional, de 4 de Julho de 2007.

Regulamento n.135/2014, Diário da República, 2ª série, n.º 67, 4 de Abril de 2014.

Resolução do Conselho de Ministros n.º 79-A/2012 Diário da República, 1.ª série — N.º 186 — 25 de setembro de 2012

Webografia:

Agendas Culturais de Coimbra (2012). Acedidas no dia 1 de todos os meses de 2012 de http://www.cm-coimbra.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=1475&Itemid=208
Coimbra Group (2011). Acedido a 8 de Outubro 2011 em <http://www.coimbra-group.eu/> - Coimbra Group

Coimbra Viva (2012). Acedido a 4 de Dezembro de 2012 em <http://www.coimbravivasru.pt>

COMPENDIUM – Cultural policies and trends in Europe (2012). Acedido a 11 de Dezembro de 2012 em <http://www.culturalpolicies.net/web/netherlands.php?aid=1>

Corporate RUG (2012). Acedido a 17 de Novembro de 2012 em <http://www.rug.nl/corporate/universiteit/fondswerving/uef/index?lang=en>

Direcção Geral das Artes e Instituto do Emprego e Formação Profissional (2011). *Relatório Final INOV-ART.* Acedido a 8 de Dezembro de 2011 em <http://www.dgartes.pt/contents.php?month=12&year=1911§ionID=166§ionParentID=27&lang=pt>

Empresa Municipal de Turismo Sobre Coimbra. Acedido a 26 de Novembro 2012, em: <http://www.turismodecoimbra.pt/pt/sobre-a-cidade/coimbra.html>

EUROSTAT, Comissão Europeia (2012). Acedido a 30 de Novembro de 2012 em http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page/portal/about_eurostat/introduction

Fundo Jessica Portugal (2012). Acedido a 8 de Dezembro de 2012 em <http://www.fundojessicaportugal.org/>

Government of Netherlands (2011). Acedido a 10 de Dezembro de 2011 em <http://www.government.nl/issues/arts-and-culture/innovation-and-talent-in-culture>

Government of Netherlands (2011). Acedido a 10 de Dezembro de 2011 em <http://www.government.nl/issues/arts-and-culture/documents-and-publications/reports/2012/07/24/key-figures-2007-2011.html>

Grão Mestre das Ordens honoríficas portuguesas (2012). Acedido a 17 de Novembro de 2012 em <http://www.ordens.presidencia.pt/?idc=120>

Groningen – Holland (2011). Acedido a 8 de Dezembro de 2011 em <http://www.oldandsold.com/articles19/holland-16.shtml>

Groningeruitburo de Groningen (2012). Acedidas no dia 1 de todos os meses de 2012 em <http://www.groningeruitburo.nl/events/search?page=2&period=THISMONTH&periodStart=&periodEnd=>

Information for prospective PhD students (2011). Acedido a 8 de Dezembro de 2011 em <http://www.rug.nl/gmw/research/graduate/infoprospectivephds>

Jornal O Público (2013). Acedido a 4 de Novembro de 2013 em <http://www.publico.pt/ciencia/noticia/falso-artigo-cientifico-aceite-para-publicacao-por-quase-200-revistas-especializadas-de-acesso-livre-1608118>

Martini Tower [fotografia] (Going Dutch.). Acedido a 18 de Setembro de 2014, em <http://wafflesandwindmills.wordpress.com/2011/04/10/martini-tower-groningen-2/>

Metro Mondego (2012). Acedido a 8 de Dezembro de 2012 em <http://www.metromondego.pt/>

Paço das Escolas e Torre da UC [fotografia] (s.a.). Acedido a 10 de Julho de 2014, em <http://www.uc.pt/informacaopara/visit/paco/torre>

PORDATA (2012). Acedido a 1 de Dezembro de 2012 em <http://www.pordata.pt/>

SCOPUS. Acedido a 29/08/2011 de <http://www.scopus.com/home.url>

Statline – Centraal Bureau voor de Statistiek (2012). Acedido a 30 de Novembro de 2012. <http://statline.cbs.nl/statweb/>

Toerism Groningen (2012) *About Groningen*. Acedido em 26 de Novembro, 2012 em <http://toerisme.groningen.nl/en/about-groningen/city-of-groningen>

Toerisme Groningen (2012) acedido a 12 de Dezembro de 2012 em <http://toerisme.groningen.nl/en/about-groningen/city-of-groningen>

Torre da Universidade de Coimbra [fotografia]. Acedido a 8 de Dezembro 2011, em coimbrar.blogspot.com

Turismo de Coimbra (2012). Acedido a 12 de Dezembro de 2012 em <http://www.turismodecoimbra.pt/pt/sobre-a-cidade/coimbra.html>

University Museum RUG (2012). Acedido a 17 de Novembro de 2012 em <http://www.rug.nl/museum/geschiedenis/hoogleraren/ubbo?lang=en>

Urban Planning. (2012). Acedido a 4 de Dezembro de 2012 em <http://study-amsterdam-scns.ciee.org/2012/03/urban-planning-restructuring-the-eastside-of-grote-markt-groningen.html>

ANEXOS

Índice de Anexos

ANEXO I	Agendas Culturais.....	287
Quadro 01	Frequências das iniciativas culturais em Coimbra: Janeiro-Dezembro 2012.....	287
Quadro 02	Frequências das iniciativas culturais em Groningen: Janeiro-Dezembro 2012.....	288
Quadro 03	Expressivas públicas em Coimbra.....	289
Quadro 04	Expressivas públicas em Groningen.....	289
Quadro 05	Participativas públicas em Coimbra.....	290
Quadro 06	Participativas públicas em Groningen.....	290
Quadro 07	Expressivas semipúblicas em Coimbra.....	291
Quadro 08	Expressivas semipúblicas em Groningen.....	291
Quadro 09	Receptiva semipública em Coimbra.....	292
Quadro 10	Receptiva semipública em Groningen.....	292
Quadro 11	Associativa criativa em Coimbra.....	293
Quadro 12	Associativa criativa em Groningen.....	293
Quadro 13	Associativa expressiva em Coimbra.....	294
Quadro 14	Associativa expressiva em Groningen.....	294
Quadro 15	Eruditas criativas em Coimbra.....	295
Quadro 16	Eruditas criativas em Groningen.....	295
Quadro 17	Receptivas e informativas de públicos cultivados em Coimbra.....	296
Quadro 18	Receptivas e informativas de públicos cultivados em Groningen.....	296
Quadro 19	Tipo de promotores de actividades culturais em Coimbra.....	296
Quadro 20	Tipo de promotores de actividades culturais em Groningen.....	296
ANEXO II	Amostragem.....	297
Quadro 01	Plano de amostragem de Coimbra – composição dos estratos.....	297
Quadro 02	Plano de amostragem de Groningen – composição dos estratos.....	298
ANEXO III	Estudantes estrangeiros por país de origem.....	299
ANEXO IV	Análise das Correspondências Múltiplas UC.....	301
ANEXO V	Análise das Correspondências Múltiplas RUG.....	306
ANEXO VI	Análise das componentes principais: práticas de lazer.....	311
ANEXO VII	Índices sintéticos.....	314
ANEXO VIII	Teste-t de comparação de médias das práticas de lazer.....	323
ANEXO IX	Análise de Clusters frequência das práticas de lazer.....	325
ANEXO X	Satisfação com os equipamentos de lazer.....	326
ANEXO XI	Análise das Componentes Principais Motivos para estudar no estrangeiro.....	328
ANEXO XII	Teste-t de comparação de médias - Motivos para estudar no estrangeiro.....	331
ANEXO XIII	Análise de Clusters dos motivos para estudar no estrangeiro.....	333
ANEXO XIV	Qui-quadrado redes de suporte social e financeiro dos estudantes estrangeiros	334
ANEXO XV	Análise de resíduos ajustados por perfis e factores de atracção da cidade e universidade.....	335
ANEXO XVI	Análise das Componentes Principais Factores de Atracção da Cidade.....	339
ANEXO XVII	Análise das Componentes Principais Factores de Atracção da Universidade.....	340
ANEXO XVIII	Índices globais de atractividade das cidades e das universidades.....	341

ANEXO I: Agendas Culturais

Quadro 1: Frequências das iniciativas culturais em Coimbra: Janeiro-Dezembro 2012

Mês	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Expressivas públicas	8	10	10	21	14	24	23	10	12	12	8	12
Participativas públicas	17	5	15	32	22	10	21	7	11	19	9	4
Expressivas semipúblicas	4	4	0	1	0	0	5	0	1	16	1	0
Recetivas semipúblicas	4	7	7	0	0	2	5	8	5	14	8	6
Associativas criativas	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
Associativas expressivas	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0
Eruditas criativas	8	11	12	7	7	4	13	4	6	9	5	6
Recetivas e informativas de públicos cultivados	33	35	22	71	49	45	95	12	30	59	53	36
Arquitetura / design	2	0	0	0	0	0	2	0	0	1	0	3
Artes performativas: teatro	6	4	8	9	2	5	23	2	11	9	11	10
Artes performativas: ópera	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Artes performativas: dança	0	0	0	3	0	0	6	0	0	1	1	0
Artes performativas: circo	0	1	1	4	2	0	1	1	1	1	1	1
Artes plásticas: pintura	1	4	1	7	10	10	10	2	4	5	3	4
Artes plásticas: escultura	3	3	2	2	2	3	6	2	3	3	3	2
Artes plásticas: fotografia	3	1	0	5	3	0	2	0	0	2	2	3
Edição literária	7	13	3	11	7	6	3	0	1	7	4	3
Edição videográfica	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Música	9	11	6	28	18	12	28	5	10	28	20	9
Produção audiovisual	3	1	0	1	3	1	5	0	0	0	0	0
Produção multimédia	0	1	0	3	3	3	1	1	1	2	2	0
Produtos cinematográficos	12	6	9	8	2	2	10	8	5	30	8	7
Gastronomia	1	1	2	2	1	2	3	0	1	3	3	1
Artesanato	2	3	3	3	3	6	12	9	9	9	8	8
Património	7	8	5	17	20	19	24	6	9	10	3	5
Desporto	11	7	12	19	5	7	9	2	3	7	6	2
Oficinas de Ciência	5	7	12	5	6	3	11	3	2	4	2	4
Conferências científicas	4	1	2	7	5	6	6	0	5	8	7	4
Públicos	22	25	17	44	43	46	45	9	18	44	41	28
Privados	23	20	21	28	22	20	44	20	22	21	22	20
Organizações sem fins lucrativos – associativas cooperativas	10	7	14	1	0	1	8	2	2	2	1	0
Organizações sem fins lucrativos – de outro tipo	20	20	14	61	27	18	65	10	23	63	20	17

Quadro 2: Frequências das iniciativas culturais em Groningen: Janeiro-Dezembro 2012

Mês	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maior	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Expressivas públicas	3	1	4	3	9	11	4	6	3	4	3	7
Participativas públicas	16	29	47	40	40	31	14	17	17	41	39	31
Expressivas semipúblicas	3	0	0	0	9	4	1	2	3	1	1	2
Recetivas semipúblicas	11	4	14	3	6	7	5	2	5	13	8	17
Associativas criativas	2	3	0	0	2	2	1	1	0	0	0	0
Associativas expressivas	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Eruditas criativas	4	2	0	0	2	1	0	3	1	0	1	0
Recetivas e informativas de públicos cultivados	77	67	96	63	58	46	33	35	38	86	137	74
Arquitetura / design	0	0	3	3	5	1	1	2	1	0	2	0
Artes performativas: teatro	29	26	35	29	19	6	6	6	8	30	50	33
Artes performativas: ópera	0	2	2	1	0	1	0	0	0	3	5	2
Artes performativas: dança	5	11	20	0	11	12	3	5	5	14	18	15
Artes performativas: circo	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	2
Artes plásticas: pintura	11	6	10	4	5	5	4	5	10	11	4	0
Artes plásticas: escultura	3	0	4	2	3	7	1	6	5	2	3	0
Artes plásticas: fotografia	4	0	1	1	0	0	0	7	2	2	3	0
Edição literária	4	0	1	0	1	1	0	1	1	1	10	0
Edição videográfica	0	0	0	0	0	0	1	0	0	9	0	0
Música	47	55	69	62	59	43	32	22	26	62	75	51
Produção audiovisual	2	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	0
Produção multimédia	3	1	1	2	0	1	1	0	0	1	1	0
Produtos cinematográficos	4	3	10	0	5	9	3	1	3	1	8	17
Gastronomia	0	2	0	0	1	2	2	2	1	2	0	2
Artesanato	0	0	0	0	4	0	0	0	1	1	3	2
Património	2	0	3	2	9	9	3	5	2	3	1	3
Desporto	2	0	2	3	1	2	0	2	0	0	0	2
Oficinas de Ciência	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1
Conferências científicasn	0	0	0	0	1	2	0	2	2	1	5	0
Públicos	42	48	44	26	39	26	18	22	22	40	65	43
Privados	56	42	73	44	42	46	22	29	28	73	59	54
Organizações sem fins lucrativos – associativas cooperativas	3	2	2	3	10	3	3	3	4	10	11	6
Organizações sem fins lucrativos – de outro tipo	14	14	44	36	35	27	15	12	13	23	54	29

Quadro 3: Expressivas públicas em Coimbra

Expressivas públicas - Coimbra	janeiro	fevereiro	março	abril	maio	junho	julho	agosto	setembro	outubro	novembro	dezembro
Arquitetura / design												1
Artes performativas: teatro			1			1						
Artes performativas: ópera												
Artes performativas: dança							2					
Artes performativas: circo							1					
Artes plásticas: pintura												
Artes plásticas: escultura												
Artes plásticas: fotografia												
Edição literária												
Edição videográfica												
Música									1			
Produção audiovisual							2					
Produção multimédia												
Produtos cinematográficos												
Gastronomia	1	1	2	2	1	2				1		
Artesanato	2	3	3	3	3	6	10	9	8	8	8	8
Património	5	6	4	6	10	11	5	1	3	2		3
Desporto				10		3	2			1		
Oficinas de Ciência						1	1					
Conferências científicas												

Quadro 4: Expressivas públicas em Groningen

Expressivas públicas - Groningen	janeiro	fevereiro	março	abril	maio	junho	julho	agosto	setembro	outubro	novembro	dezembro
Arquitetura / design			2		1							
Artes performativas: teatro						1		1				
Artes performativas: ópera												
Artes performativas: dança												
Artes performativas: circo												
Artes plásticas: pintura												
Artes plásticas: escultura												
Artes plásticas: fotografia												
Edição literária								1				
Edição videográfica												
Música	1	1				1			1			1
Produção audiovisual	1											
Produção multimédia							1			1		
Produtos cinematográficos												
Gastronomia						1	1	1	1	2		2
Artesanato					4				1	1	3	2
Património			1	1	4	6	1	3				1
Desporto	1		1	2		1						1
Oficinas de Ciência							1					
Conferências científicas						1						

Quadro 5: Participativas públicas em Coimbra

Participativas públicas - Coimbra	janeiro	fevereiro	março	abril	maio	junho	julho	agosto	setembro	outubro	novembro	dezembro
Arquitetura / design												
Artes performativas: teatro				1								
Artes performativas: ópera												
Artes performativas: dança							2					
Artes performativas: circo		1	1	3	1			1	1	1	1	1
Artes plásticas: pintura												
Artes plásticas: escultura												
Artes plásticas: fotografia												
Edição literária				1								
Edição videográfica												
Música	5	4	2	17	13	6	10	4	6	12	2	1
Produção audiovisual	1											
Produção multimédia												
Produtos cinematográficos							2					
Gastronomia												
Artesanato									1			
Património				1					3			
Desporto	11		12	7	5	4	7	2		6	6	2
Oficinas de Ciência				2								
Conferências científicas					3							

Quadro 6: Participativas públicas em Groningen

Participativas públicas - Groningen	janeiro	fevereiro	março	abril	maio	junho	julho	agosto	setembro	outubro	novembro	dezembro
Arquitetura / design			1	2								
Artes performativas: teatro				1			1			1		
Artes performativas: ópera												
Artes performativas: dança			4		1	3		2		1		
Artes performativas: circo			1		1							2
Artes plásticas: pintura												
Artes plásticas: escultura												
Artes plásticas: fotografia												
Edição literária												
Edição videográfica												
Música	15	29	40	37	36	25	13	13	17	38	39	28
Produção audiovisual												
Produção multimédia												
Produtos cinematográficos						1						
Gastronomia												
Artesanato												
Património					1	1						1
Desporto	1		1		1	1		2				
Oficinas de Ciência												
Conferências científicas										1		

Quadro 17: Receptivas e informativas de públicos cultivados em Coimbra

Recetivas e informativas de públicos cultivados - Coimbra	janeiro	fevereiro	março	abril	maio	junho	julho	agosto	setembro	outubro	novembro	dezembro
Arquitetura / design	1											
Artes performativas: teatro	6	4	7	8	2	4	23	2	10	8	11	9
Artes performativas: ópera												
Artes performativas: dança				2			2			1	1	
Artes performativas: circo				1	1							
Artes plásticas: pintura	1	3	1	7	10	9	8	1	3	5	3	3
Artes plásticas: escultura	3	2	1	1	1	3	5	1	1	2	2	1
Artes plásticas: fotografia	3	1		5	3		2			2	2	2
Edição literária	4	11	1	10	7	6	2		1	7	4	3
Edição videográfica												
Música	4	7	4	11	5	5	18	1	3	16	18	8
Produção audiovisual	1	1		1	3	1	3					
Produção multimédia				2	2	2				1		
Produtos cinematográficos	4	1	1	8	2	1	3					1
Gastronomia										1	2	1
Artesanato							2			1		
Património	2	2	1	8	8	8	13	5	6	7	3	2
Desporto		1										
Oficinas de Ciência		1	4				7	2	1			1
Conferências científicas	4	1	2	7	5	6	6		5	7	7	4

Quadro 18: Receptivas e informativas de públicos cultivados em Groningen

Recetivas e informativas de públicos cultivados - Groningen	janeiro	fevereiro	março	abril	maio	junho	julho	agosto	setembro	outubro	novembro	dezembro
Arquitetura / design				1	4	1	1	2	1		1	
Artes performativas: teatro	26	26	35	28	18	5	5	5	8	26	50	33
Artes performativas: ópera		2	2	1		1			3	3	5	2
Artes performativas: dança	2	8	13		6	6	2	1		13	18	14
Artes performativas: circo												
Artes plásticas: pintura	9	5	9	4	5	4	4	4	9	11	4	
Artes plásticas: escultura	3		4	2	3	7	1	5	5	2	2	
Artes plásticas: fotografia	4		1	1				6	2	2	3	
Edição literária	3		1			1			1		10	
Edição videográfica												
Música	25	24	28	22	17	16	18	8	5	24	36	23
Produção audiovisual					1					1	1	
Produção multimédia	3	1	1	2		1					1	
Produtos cinematográficos		1										
Gastronomia												
Artesanato												
Património	2		2	1	3	2	2	2	2	3	1	1
Desporto				1								
Oficinas de Ciência												1
Conferências científicas					1	2		2	2		5	

Quadro 19: Tipo de promotores de actividades culturais em Coimbra

Coimbra	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Total
Públicos	22	25	17	44	43	46	45	9	18	44	41	28	382
Privados	23	20	21	28	22	20	44	20	22	21	22	20	283
Organizações sem fins lucrativos – associativas cooperativas	10	7	14	1	0	1	8	2	2	2	1	0	48
Organizações sem fins lucrativos – de outro tipo	20	20	14	61	27	18	65	10	23	63	20	17	358

Quadro 20: Tipo de promotores de actividades culturais em Groningen

Groningen	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Total
Públicos	42	48	44	26	39	26	18	22	22	40	65	43	435
Privados	56	42	73	44	42	46	22	29	28	73	59	52	566
Organizações sem fins lucrativos – associativas cooperativas	3	2	2	3	10	3	3	3	4	10	11	6	60
Organizações sem fins lucrativos – de outro tipo	14	14	44	36	35	27	15	12	13	23	54	29	316

ANEXO II: Amostragem**Quadro 1: Plano de amostragem de Coimbra – composição dos estratos**

REGULAR			
	F	M	Total
1 ciclo			
Brasil	25	28	53
Angola	2	3	5
Cabo Verde	3	2	5
China	6	3	9
França	2	1	3
Outras nacionalidades	11	9	20
2 ciclo			
Brasil	20	17	37
Angola	5	9	14
Cabo Verde	4	3	7
França	3	1	4
Outras nacionalidades	13	13	26
3 ciclo			
Brasil	14	15	29
Outras nacionalidades	7	8	15
TOTAL			227
MOBILIDADE			
	F	M	Total
1 ciclo			
Alemanha	2	1	3
Brasil	20	15	35
Espanha	7	6	13
Polónia	3	1	4
Outras mobilidades	19	13	32
2 ciclo			
Brasil	11	4	15
Espanha	5	3	8
Outras mobilidades	11	6	17
3 ciclo		1	1
TOTAL			128
TOTAL			355

Quadro 2: Plano de amostragem de Groningen– composição dos estratos

aantal international degreestudenten REGULAR	
Bsc - 1 ciclo	64
Master - 2 ciclo	33
Ph.D - 3 ciclo	30
TOTAL	127
aantal uitwisselingstudenten MOBILIDADE	
Bsc & Master - 1 ciclo e 2 ciclo	25
TOTAL	152

ANEXO III: Estudantes estrangeiros por país de origem**Estudantes estrangeiros na UC por país de origem**

		País			
		Frequência	%	% válida	Percentagem acumulada
Valid	Afeganistão	1	,3	,3	,3
	Alemanha	6	1,7	1,7	2,0
	Angola	19	5,4	5,4	7,3
	Argentina	5	1,4	1,4	8,7
	Austrália	1	,3	,3	9,0
	Áustria	1	,3	,3	9,3
	Bélgica	4	1,1	1,1	10,4
	Brasil	169	47,6	47,6	58,0
	Brunei	1	,3	,3	58,3
	Bulgária	1	,3	,3	58,6
	Cabo Verde	16	4,5	4,5	63,1
	Canadá	2	,6	,6	63,7
	China	10	2,8	2,8	66,5
	Coreia do Sul	4	1,1	1,1	67,6
	Eslováquia	4	1,1	1,1	68,7
	Espanha	24	6,8	6,8	75,5
	Estados Unidos da América	2	,6	,6	76,1
	Estónia	1	,3	,3	76,3
	Finlândia	1	,3	,3	76,6
	França	15	4,2	4,2	80,8
	Guiné	2	,6	,6	81,4
	Hungria	1	,3	,3	81,7
	Índia	2	,6	,6	82,3
	Indonésia	2	,6	,6	82,8
	Irão	4	1,1	1,1	83,9
	Islândia	1	,3	,3	84,2
	Itália	17	4,8	4,8	89,0
	Luxemburgo	1	,3	,3	89,3
	Moçambique	8	2,3	2,3	91,5
	Países Baixos	1	,3	,3	91,8
	Paraguai	1	,3	,3	92,1
	Polónia	10	2,8	2,8	94,9
	Reino Unido	3	,8	,8	95,8
	República Checa	6	1,7	1,7	97,5
	São Tomé e Príncipe	1	,3	,3	97,7
Suíça	1	,3	,3	98,0	
Turquia	1	,3	,3	98,3	
Ucrânia	3	,8	,8	99,2	
Venezuela	3	,8	,8	100,0	
Total	355	100,0	100,0		

Estudantes estrangeiros na RUG por país de origem

		País			
		Frequência	%	% válida	Percentagem acumulada
	Albânia	3	2,0	2,0	2,0
	Alemanha	17	11,2	11,2	13,2
	Argélia	1	,7	,7	13,8
	Brasil	3	2,0	2,0	15,8
	Bulgária	4	2,6	2,6	18,4
	Canadá	2	1,3	1,3	19,7
	Cazaquistão	1	,7	,7	20,4
	China	4	2,6	2,6	23,0
	Colômbia	2	1,3	1,3	24,3
	Coreia do Sul	1	,7	,7	25,0
	Croácia	1	,7	,7	25,7
	Eslováquia	7	4,6	4,6	30,3
	Espanha	6	3,9	3,9	34,2
	Estados Unidos da América	9	5,9	5,9	40,1
	Etiópia	2	1,3	1,3	41,4
	Finlândia	4	2,6	2,6	44,1
	França	2	1,3	1,3	45,4
	Gana	3	2,0	2,0	47,4
	Grécia	7	4,6	4,6	52,0
	Hungria	1	,7	,7	52,6
	Índia	2	1,3	1,3	53,9
	Indonésia	10	6,6	6,6	60,5
	Irão	2	1,3	1,3	61,8
Valid	Itália	6	3,9	3,9	65,8
	Letónia	2	1,3	1,3	67,1
	Lituânia	2	1,3	1,3	68,4
	México	6	3,9	3,9	72,4
	Montenegro	1	,7	,7	73,0
	Nepal	1	,7	,7	73,7
	Noruega	1	,7	,7	74,3
	Paquistão	1	,7	,7	75,0
	Polónia	3	2,0	2,0	77,0
	Portugal	10	6,6	6,6	83,6
	Reino Unido	4	2,6	2,6	86,2
	República Checa	3	2,0	2,0	88,2
	Roménia	1	,7	,7	88,8
	Rússia	2	1,3	1,3	90,1
	Salvador	1	,7	,7	90,8
	Suécia	1	,7	,7	91,4
	Suíça	1	,7	,7	92,1
	Tailândia	3	2,0	2,0	94,1
	Tanzânia	3	2,0	2,0	96,1
	Turquia	2	1,3	1,3	97,4
	Vietname	2	1,3	1,3	98,7
	Zâmbia	1	,7	,7	99,3
	Zimbabué	1	,7	,7	100,0
	Total	152	100,0	100,0	

ANEXO IV: Análise das Correspondências Múltiplas UC**Sumário**

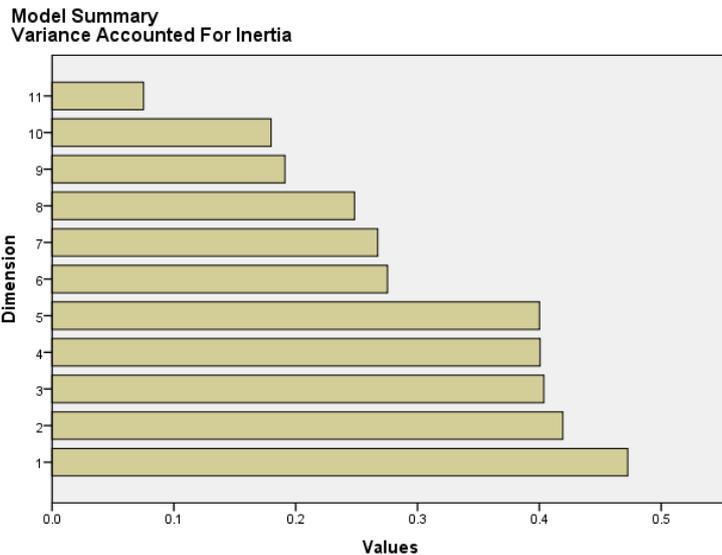
Casos válidos activos	355
Casos válidos activos com valores omissos	0
Casos suplementares	0
Total	355
Casos usados na análise	355

Sumário modelo

Dimensão	Alpha de Cronbach	Variância explicada		
		Total (valor próprio)	Inércia	% de Variância
1	,920	7,089	,473	47,260
2	,901	6,290	,419	41,931
3	,895	6,056	,404	40,372
4	,893	6,009	,401	40,061
5	,893	6,002	,400	40,014
6	,812	4,130	,275	27,534
7	,804	4,009	,267	26,726
8	,784	3,724	,248	24,827
9	,698	2,868	,191	19,122
10	,674	2,696	,180	17,975
11	,120	1,127	,075	7,511
Total		50,000	3,333	
Média	,836 ^a	4,545	,303	30,303

a. A média do Alpha de Cronbach é baseada na média do valor próprio.

O gráfico seguinte representa a contribuição para a inércia das 11 dimensões possíveis (15 dimensões a que se subtraiu o número de variáveis).



Tomou-se a opção mais usual de bidimensionalidade.

Sumário modelo

Dimensão	Alpha de Cronbach	Variância explicada		
		Total (valor próprio)	Inércia	% da Variância
1	,920	7,089	,473	47,260
2	,901	6,289	,419	41,925
Total		13,378	,892	
Média	,911 ^a	6,689	,446	44,592

a. A média do Alpha de Cronbach é baseada na média do valor próprio

As duas dimensões têm uma boa fiabilidade interna, vide o teste de *Alpha de Cronbach*.

Ciclo de estudos^a

Coordenadas

Categoria	Frequência	Coordenadas dos centróides	
		Dimensão	
		1	2
1º ciclo [licenciatura]	182	-,247	-,149
2º ciclo [mestrado]	128	,179	,460
3º ciclo [doutoramento]	45	,491	-,703

Normalização principal.

a. Peso 3.

Situação de matrícula^a

Coordenadas

Categoria	Frequência	Coordenadas dos centróides	
		Dimensão	
		1	2
Regular [vai obter o certificado pela universidade de destino]	227	,498	-,054
Mobilidade [inscrito em outra universidade]	128	-,882	,096

Normalização principal.

a. Peso é 2.

País de origem^a

Coordenadas

Categoria	Frequência	Coordenadas dos centróides	
		Dimensão	
		1	2
Europa	102	-1,331	,608
África	46	1,483	1,678
América do Norte	4	-,425	2,361
América do Sul	178	,255	-,806
Asia	24	,880	-,445
Austrália	1	2,840	5,555

Normalização principal.

a. Peso é 6.

Capital escolar familiar^a

Coordenadas

Categoria	Frequência	Coordenadas dos centróides	
		Dimensão	
		1	2
Baixo	165	-,378	-,049
Médio	166	,390	,104
Alto	22	-,033	-,384
Não se aplica	2	-,845	-,407

Normalização principal.

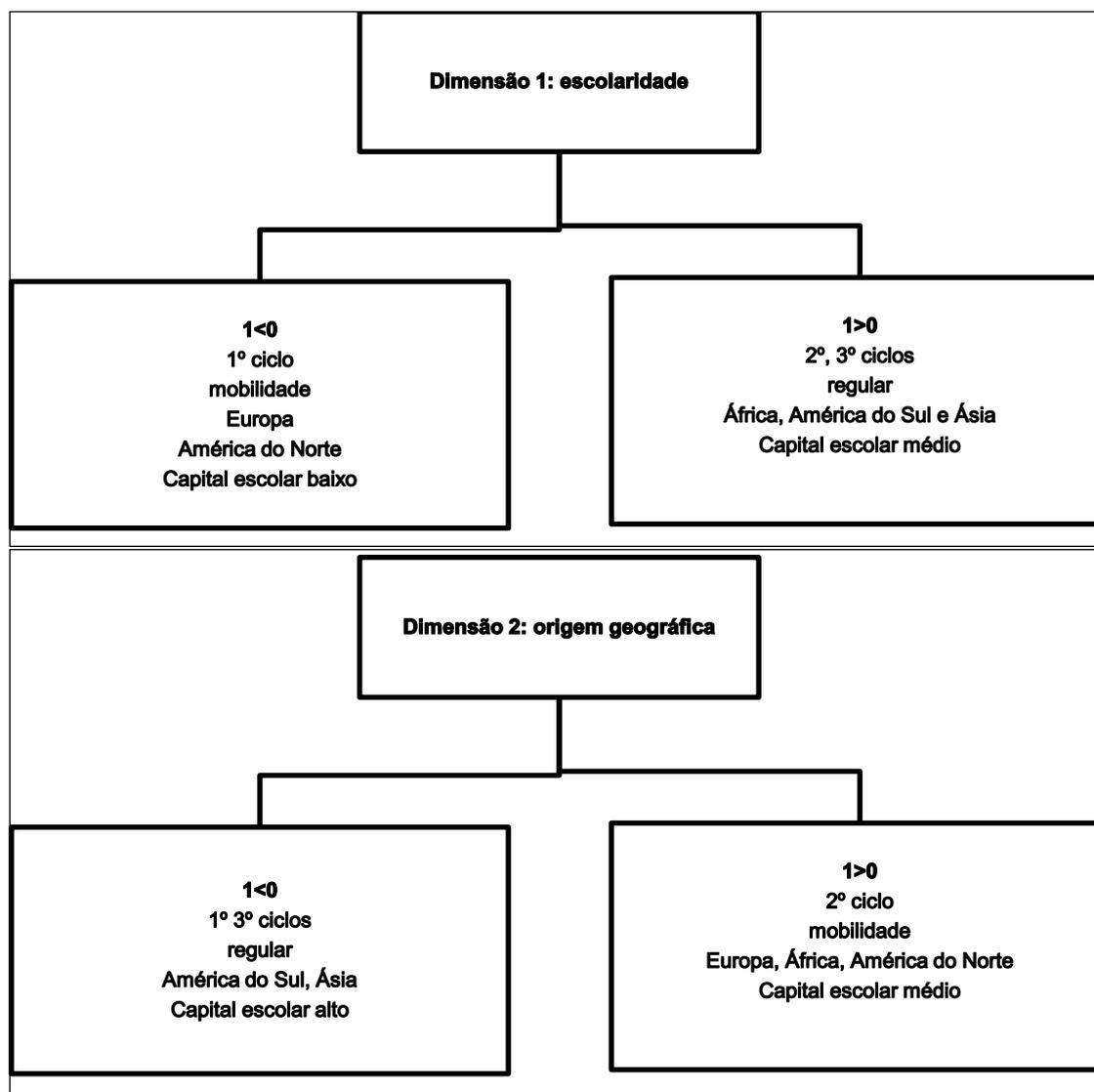
a. Peso é 4.

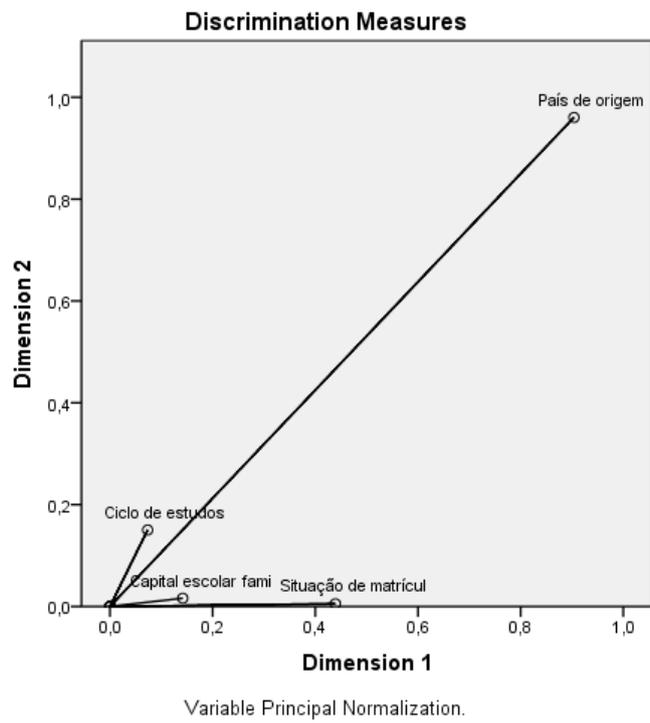
Medidas discriminadas

	Peso da variável	Dimensão		Média
		1	2	
Ciclo de estudos	3	,073	,150	,112
Situação de matrícula	2	,439	,005	,222
País de origem	6	,904	,960	,932
Capital escolar familiar	4	,142	,016	,079
Activo Total ^a		7,089	6,289	6,689
% da Variância		47,260	41,925	44,592

a. Os pesos da variável estão integrados na estatística total

A partir dos quadros acima podemos fazer uma leitura das dimensões das categorias que geram níveis de diferenciação, através do sinal das quantificações e que nos permitirão encontrar os perfis definidos no trabalho. Níveis próximos de zero não são contemplados (Carvalho, 2004).





ANEXO V: Análise das Correspondências Múltiplas RUG

Sumário

Casos válidos activos	152
Casos válidos activos com valores omissos	0
Casos suplementares	0
Total	152
Casos usados na análise	152

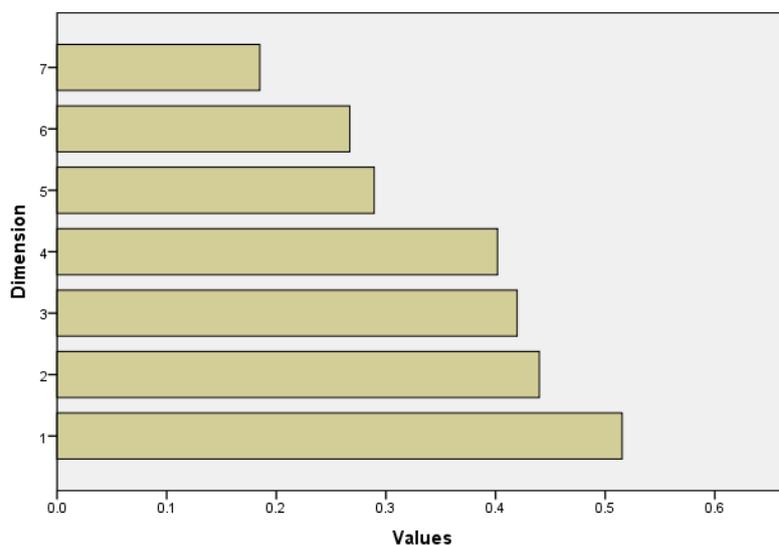
Sumário modelo

Dimensão	Alpha de Cronbach	Variância explicada		
		Total (valor próprio)	Inércia	% da Variância
1	,933	7,732	,515	51,548
2	,909	6,599	,440	43,990
3	,901	6,295	,420	41,967
4	,894	6,028	,402	40,186
5	,824	4,338	,289	28,922
6	,804	4,005	,267	26,697
7	,685	2,773	,185	18,489
8	,657	2,583	,172	17,221
9	,582	2,188	,146	14,585
10	,337	1,459	,097	9,729
Total		44,000	2,933	
Média	,828 ^a	4,400	,293	29,333

a. A média do Alpha de Cronbach é baseada na média do valor próprio.

Após análise da variância contemplou-se o modelo que adopta duas dimensões.

Model Summary
Variance Accounted For Inertia



Sumário modelo

Dimensão	Alpha de Cronbach	Variância explicada		
		Total (valor próprio)	Inércia	% de Variância
1	,933	7,732	,515	51,548
2	,909	6,598	,440	43,987
Total		14,330	,955	
Média	,922 ^a	7,165	,478	47,767

a. A média do Alpha de Cronbach é baseada na média do valor próprio.

Ciclo de estudos^a

Coordenadas

Categoria	Frequência	Coordenadas dos centróides	
		Dimensão	
		1	2
1º ciclo [licenciatura]	83	,147	-,346
2º ciclo [mestrado]	39	,022	,474
3º ciclo [doutoramento]	30	-,434	,342

Normalização principal.

a. Peso é 3.

Situação de matrícula^a

Coordenadas

Categoria	Frequência	Coordenadas dos centróides	
		Dimensão	
		1	2
Regular [vai obter o certificado pela universidade de destino]	127	-,116	,197
Mobilidade [inscrito em outra universidade]	25	,589	-1,002

Normalização principal.

a. Peso é 2.

País de origem^a

Coordenadas

Categoria	Frequência	Coordenadas dos centróides	
		Dimensão	
		1	2
Europa	91	,332	-,015
África	11	-3,054	-,781
América do Norte	11	,692	-2,884
América do Sul	12	,744	1,202
Asia	27	-,489	1,008

Normalização principal.

a. Peso é 6.

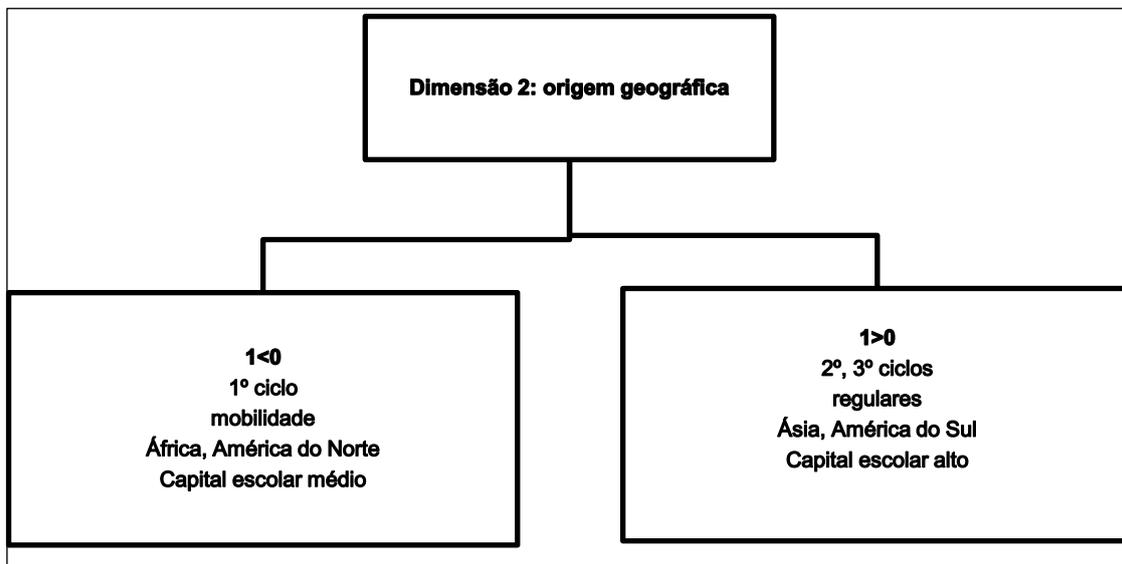
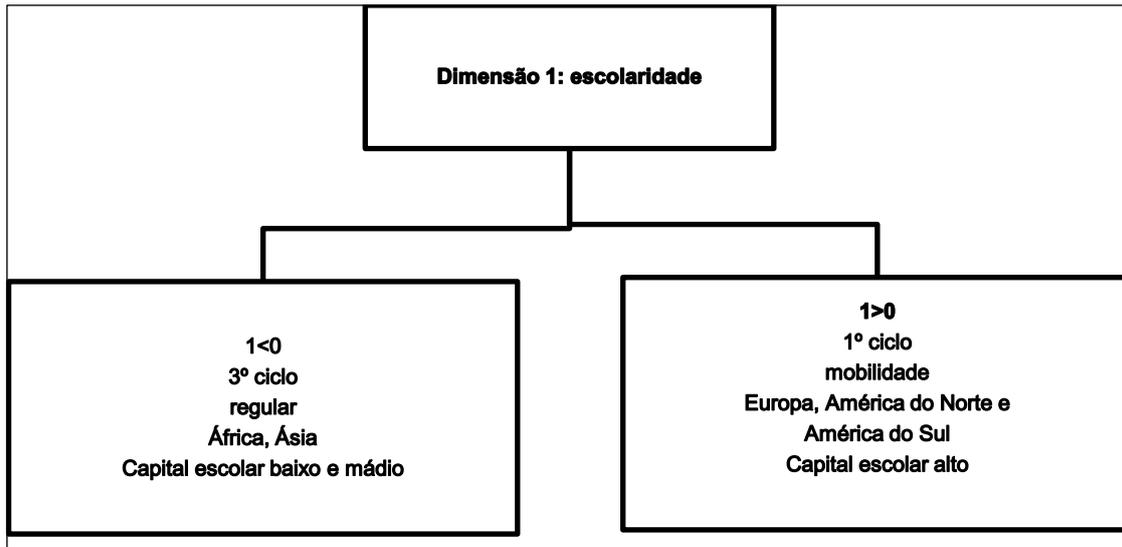
Capital escolar familiar^a

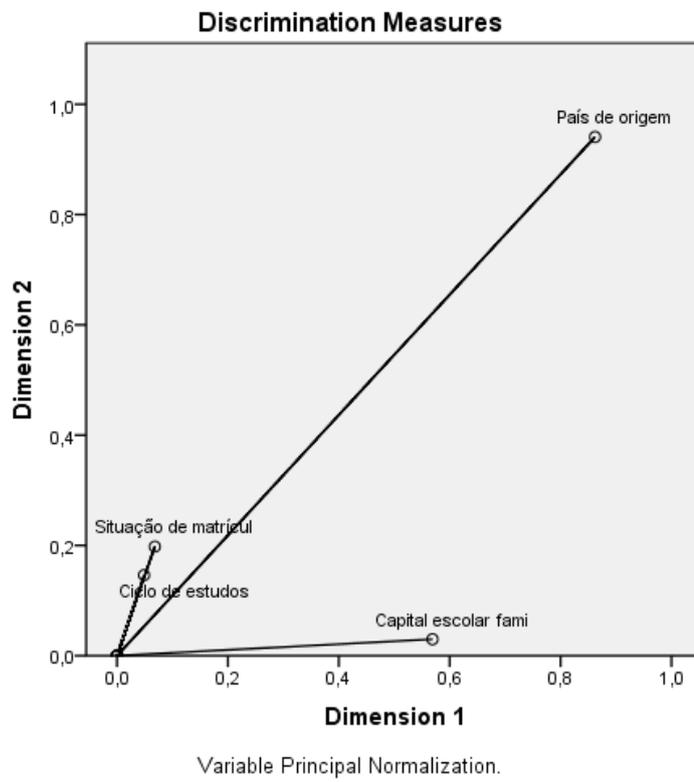
Coordenadas

Categoria	Frequência	Coordenadas dos centróides	
		Dimensão	
		1	2
Baixo	4	-2,812	,023
Médio	38	-,650	-,070
Alto	109	,374	,042
Não se aplica	1	-4,855	-2,037

Normalização principal.

a. Peso é 4.





ANEXO VI: Análise das componentes principais: práticas de lazer**Testes KMO e Bartlett**

Teste de Kaiser-Meyer-Olkin de adequação da amostra	,842
Aprox. Qui-quadrado	5705,133
Teste de esfericidade de Bartlett	561
Sig.	,000

Comunalidades

	Inicial	Extraída
Passear	1,000	,581
Passear em centros comerciais	1,000	,719
Ir a feiras	1,000	,548
Fazer desporto	1,000	,749
Fazer jogging	1,000	,658
Ir à praia	1,000	,586
Ir a concertos de música popular	1,000	,612
Assistir a touradas ou corridas de cavalos	1,000	,640
Assistir a espetáculos desportivos	1,000	,600
Ir ao circo	1,000	,587
Ir a cafés, cervejarias, pastelarias	1,000	,618
Assistir a cerimónias religiosas	1,000	,512
Jogar em máquinas eletrónicas	1,000	,426
Ir a discotecas	1,000	,723
Ir a bares	1,000	,787
Ir às compras (roupa, livros, etc.)	1,000	,546
Ir ao cinema	1,000	,537
Dançar incluído num grupo	1,000	,598
Tocar instrumental musical incluído num grupo	1,000	,678
Cantar incluído num grupo	1,000	,746
Fazer teatro amador	1,000	,527
Jogar cartas, damas, bilhar	1,000	,529
Fazer campismo ou caravanismo	1,000	,623
Participar em workshops	1,000	,589
Participar em blogues/ chats científicos	1,000	,671
Promover encontros científicos	1,000	,651
Ir a concertos de música clássica	1,000	,609
Organizar eventos culturais	1,000	,498
Visitar museus, exposições	1,000	,552
Ir a conferências científicas	1,000	,665
Ir a apresentações de livros	1,000	,573
Frequentar a casa de amigos	1,000	,560
Jantar fora de casa	1,000	,574
Viajar	1,000	,542

Método de extracção: Análise das Componentes Principais

Componentes	Total da variância explicada					
	Valores próprios iniciais		Somadas de extracção dos carregamentos ao quadrado		Somadas rotativas dos carregamentos ao quadrado	
	Total	% da Variância	% Acumulada	Total	% da Variância	% Acumulada
1	6,685	19,663	19,663	6,685	19,663	19,663
2	3,521	10,356	30,019	3,521	10,356	30,019
3	2,180	6,413	36,432	2,180	6,413	36,432
4	1,842	5,417	41,848	1,842	5,417	41,848
5	1,610	4,736	46,584	1,610	4,736	46,584
6	1,415	4,161	50,745	1,415	4,161	50,745
7	1,200	3,530	54,275	1,200	3,530	54,275
8	1,106	3,253	57,528	1,106	3,253	57,528
9	1,052	3,095	60,624	1,052	3,095	60,624
10	,940	2,765	63,389			
11	,854	2,511	65,900			
12	,821	2,416	68,316			
13	,752	2,213	70,529			
14	,712	2,094	72,622			
15	,687	2,022	74,644			
16	,673	1,980	76,624			
17	,623	1,832	78,456			
18	,615	1,810	80,266			
19	,604	1,776	82,042			
20	,544	1,599	83,642			
21	,526	1,547	85,189			
22	,504	1,482	86,671			
23	,499	1,466	88,137			
24	,483	1,420	89,557			
25	,465	1,369	90,925			
26	,438	1,287	92,213			
27	,420	1,234	93,447			
28	,395	1,161	94,608			
29	,366	1,078	95,686			
30	,352	1,036	96,722			
31	,331	,972	97,695			
32	,321	,945	98,640			
33	,261	,767	99,407			
34	,202	,593	100,000			

Método de extracção: Análise das Componentes Principais

Matriz de Componentes Rodada^a

	Componentes								
	Práticas científicas eruditas	Práticas de sociabilidade e participação expressiva	Entretenime nto em espaço semi-público:	Recreativas	Entreteni- mento em espaço público	Expressão e participação desportiva	Auto- recreação	Expressão turística	Actividades eruditas
Participar em blogs/ chats científicos	,777								
Promover encontros científicos	,765								
Participar em workshops	,723								
Ir a conferências científicas	,670								
Organizar eventos culturais	,607								
Ir a apresentações de livros	,541	,721							
Frequentar a casa de amigos		,673							
Jantar fora de casa		,587							
Ir ao cinema		,500							
Viajar									
Ir a discotecas			,806						
Ir a bares			,764						
Dança incluído num grupo			,612						
Ir a cafés, confeitarias, pastelarias			,588						
Cantar incluído num grupo				,838					
Tocar um instrumento musical incluído num grupo				,800	,772				
Fazer teatro amador				,493	,675				
Assistir a touradas ou corridas de cavalos									
Ir ao circo									
Fazer desporto						,845			
Fazer jogging						,765			
Assistir a espetáculos desportivos						,578			
Passear em centros comerciais							,745		
Ir a feiras							,656		
Passear							,582	,582	
Ir às compras (roupa, livros, etc.)							,521		
Fazer campismo ou caravanismo								,582	
Assistir a cerimónias religiosas								,444	
Ir à praia									,545
Ir a concertos de música popular									,536
Ir a concertos de música clássica									,511
Visitar museus, exposições									
Jogar em máquinas eletrónicas									
Jogar cartas, damas, bilhar									

Método de extração: Análise das Componentes Principais

Método de Rotação: Varimax com normalização Kaiser

a. Convergência de rotação em 13 interações.

ANEXO VII: Índices sintéticos

Índice de práticas científicas eruditas	Indicadores	Observações/Fundamentação teórica
Questão de pesquisa/ hipótese		
Avaliar o nível das práticas científicas eruditas	Indique qual a frequência com que pratica cada uma das seguintes actividades: Promover encontros científicos	<p>Fonte: (Correia da Silva, 2011, p. 241)</p> <p>Nota: construir o Índice sintético</p>
	Indique qual a frequência com que pratica cada uma das seguintes actividades: Ir a conferências científicas	
	Indique qual a frequência com que pratica cada uma das seguintes actividades: Participar em blogues/ chats científicos	
	Indique qual a frequência com que pratica cada uma das seguintes actividades: Participar em workshops	
	Indique qual a frequência com que pratica cada uma das seguintes actividades: Ir a apresentações de livros	
Indique qual a frequência com que pratica cada uma das seguintes actividades: Organizar eventos culturais		

1.Via médias (sem ponderação)

Índice	Indicadores	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão	Alpha de Cronbach
práticas científicas eruditas	Promover encontros científicos	507	1	5	1,76	1,034	0,815
	Ir a conferências científicas	507	1	5	2,61	1,269	
	Participar em blogues/ chats científicos	507	1	5	1,89	1,135	
	Participar em workshops	507	1	5	2,42	1,244	
	Ir a apresentações de livros	507	1	5	2,00	1,125	
	Organizar eventos culturais	507	1	5	1,72	1,034	

2. Via ACP (com ponderação dos indicadores)

Índice	Indicadores	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão	Alpha de Cronbach	Pesos factoriais	Variância explicada
práticas científicas eruditas	Promover encontros científicos	507	1	5	1,76	1,034	0,815	,791	52,3%
	Ir a conferências científicas	507	1	5	2,61	1,269		,751	
	Participar em blogs/ chats científicos	507	1	5	1,89	1,135		,738	
	Participar em workshops	507	1	5	2,42	1,244		,729	
	Ir a apresentações de livros	507	1	5	2,00	1,125		,678	
	Organizar eventos culturais	507	1	5	1,72	1,034		,645	

Índice de práticas de sociabilidade e participação expressiva

Questão de pesquisa/ hipótese	Indicadores	Observações/Fundamentação teórica
Avaliar o nível das práticas de sociabilidade e participação expressiva	Indique qual a frequência com que pratica cada uma das seguintes actividades: Frequentar a casa de amigos	Fonte: (Correia da Silva, 2011, p. 241) Nota: construir o Índice sintético
	Indique qual a frequência com que pratica cada uma das seguintes actividades: Jantar fora de casa	
	Indique qual a frequência com que pratica cada uma das seguintes actividades: Viajar	
	Indique qual a frequência com que pratica cada uma das seguintes actividades: Ir ao cinema	

1. Via médias (sem ponderação)

Índice	Indicadores	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão	Alpha de Cronbach
práticas de sociabilidade e participação expressiva	Frequentar a casa de amigos	507	1	5	3,60	1,105	0,656
	Jantar fora de casa	507	1	5	3,68	1,034	
	Viajar	507	1	5	3,74	,981	
	Ir ao cinema	507	1	5	2,95	1,147	

2. Via ACP (com ponderação dos indicadores)

Índice	Indicadores	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão	Alpha de Cronbach	Pesos factoriais	Variância explicada
práticas de sociabilidade e participação expressiva	Frequentar a casa de amigos	507	1	5	3,60	1,105	0,656	,733	49,7%
	Jantar fora de casa	507	1	5	3,68	1,034		,798	
	Viajar	507	1	5	3,74	,981		,663	
	Ir ao cinema	507	1	5	2,95	1,147		,614	

Índice de entretenimento em espaço semipúblico

Questão de pesquisa/ hipótese	Indicadores	Observações/Fundamentação teórica
Entretenimento em espaço semipúblico	Indique qual a frequência com que pratica cada uma das seguintes actividades: Ir a bares	Fonte: (Correia da Silva, 2011, p. 241) Nota: construir o índice sintético
	Indique qual a frequência com que pratica cada uma das seguintes actividades: Ir a discotecas	
	Indique qual a frequência com que pratica cada uma das seguintes actividades: Ir a cafés, cervejarias, pastelarias	
	Indique qual a frequência com que pratica cada uma das seguintes actividades: Dançar incluído num grupo	

1 Via médias (sem ponderação)

Índice	Indicadores	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão	Alpha de Cronbach
entretenimento em espaço semipúblico	Ir a bares	507	1	5	3,45	1,236	0,762
	Ir a discotecas	507	1	5	2,93	1,294	
	Ir a cafés, cervejarias, pastelarias	507	1	5	3,95	1,078	
	Dançar incluído num grupo	507	1	5	2,22	1,299	

2 Via ACP (com ponderação dos indicadores)

Índice	Indicadores	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão	Alpha de Cronbach	Pesos factoriais	Variância explicada
entretenimento em espaço semipúblico	Ir a bares	507	1	5	3,45	1,236	0,762	,888	59,9%
	Ir a discotecas	507	1	5	2,93	1,294		,846	
	Ir a cafés, cervejarias, pastelarias	507	1	5	3,95	1,078		,777	
	Dançar incluído num grupo	507	1	5	2,22	1,299		,539	

Índice Recreativas

Questão de pesquisa/ hipótese	Indicadores	Observações/Fundamentação teórica
Recreativas	Indique qual a frequência com que pratica cada uma das seguintes actividades: Cantar incluído num grupo	Fonte: (Correia da Silva, 2011, p. 241) Nota: construir o Índice sintético
	Indique qual a frequência com que pratica cada uma das seguintes actividades: Tocar um instrumento musical incluído num grupo	
	Indique qual a frequência com que pratica cada uma das seguintes actividades: Fazer teatro amador	

1 Via médias (sem ponderação)

Índice	Indicadores	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão	Alpha de Cronbach
Recreativas	Cantar incluído num grupo	507	1	5	1,52	1,012	0,721
	Tocar um instrumento musical incluído num grupo	507	1	5	1,46	,949	
	Fazer teatro amador	507	1	5	1,25	,705	

2Via ACP (com ponderação dos indicadores)

Índice	Indicadores	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão	Alpha de Cronbach	Pesos factoriais	Variância explicada
Recreativas	Cantar incluído num grupo	507	1	5	1,52	1,012	0,721	,868	64,3%
	Tocar um instrumento musical incluído num grupo	507	1	5	1,46	,949		,817	
	Fazer teatro amador	507	1	5	1,25	,705		,714	

Índice Entretenimento em espaço público

Questão de pesquisa/ hipótese	Indicadores	Observações/Fundamentação teórica
Entretenimento em espaço público	Indique qual a frequência com que pratica cada uma das seguintes actividades: Assistir a touradas ou corridas de cavalos	Fonte: (Correia da Silva, 2011, p. 241)
	Indique qual a frequência com que pratica cada uma das seguintes actividades: Ir ao circo	Nota: construir o Índice sintético

1 Via médias (sem ponderação)

Índice	Indicadores	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão	Alpha de Cronbach
Entretenimento em espaço público	Assistir a touradas ou corridas de cavalos	507	1	5	1,30	,695	0,624
	Ir ao circo	507	1	4	1,35	,686	

2Via ACP (com ponderação dos indicadores)

Índice	Indicadores	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão	Alpha de Cronbach	Pesos factoriais	Variância explicada
Entretenimento em espaço público	Assistir a touradas ou corridas de cavalos	507	1	5	1,30	,695	0,624	,852	72,6%
	Ir ao circo	507	1	4	1,35	,686		,852	

Índice Expressão e participação desportiva

Questão de pesquisa/ hipótese	Indicadores	Observações/Fundamentação teórica
Expressão e participação desportiva	Indique qual a frequência com que pratica cada uma das seguintes actividades: Fazer desporto	Fonte: (Correia da Silva, 2011, p. 241) Nota: construir o índice sintético
	Indique qual a frequência com que pratica cada uma das seguintes actividades: Fazer jogging	
	Indique qual a frequência com que pratica cada uma das seguintes actividades: Assistir a espetáculos desportivos	

1 Via médias (sem ponderação)

Índice	Indicadores	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão	Alpha de Cronbach
Expressão e participação desportiva	Fazer desporto	507	1	5	3,44	1,223	0,684
	Fazer jogging	507	1	5	2,60	1,317	
	Assistir a espetáculos desportivos	507	1	5	2,31	1,207	

2 Via ACP (com ponderação dos indicadores)

Índice	Indicadores	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão	Alpha de Cronbach	Pesos factoriais	Variância explicada
Expressão e participação desportiva	Fazer desporto	507	1	5	3,44	1,223	0,624	,834	61,4%
	Fazer jogging	507	1	5	2,60	1,317		,772	
	Assistir a espetáculos desportivos	507	1	5	2,31	1,207		,743	

Índice Auto-recreação

Questão de pesquisa/ hipótese	Indicadores	Observações/Fundamentação teórica
Auto-recreação	Indique qual a frequência com que pratica cada uma das seguintes actividades: Passear	Fonte: (Correia da Silva, 2011, p. 241) Nota: construir o Índice sintético
	Indique qual a frequência com que pratica cada uma das seguintes actividades: Passear em centros comerciais etc.)	
	Indique qual a frequência com que pratica cada uma das seguintes actividades: Ir às compras (roupa, livros, etc.)	
	Indique qual a frequência com que pratica cada uma das seguintes actividades: Ir a feiras	

1Via médias (sem ponderação)

Índice	Indicadores	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão	Alpha de Cronbach
Auto-recreação	Passear	507	1	5	4,03	,896	0,612
	Passear em centros comerciais	507	1	5	3,24	1,093	
	Ir às compras (roupa, livros, etc.)	507	1	5	3,37	,991	
	Ir a feiras				2,96	,969	

2Via ACP (com ponderação dos indicadores)

Índice	Indicadores	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão	Alpha de Cronbach	Pesos factoriais	Variância explicada
Auto-recreação	Passear	507	1	5	4,03	,896	0,612	,594	46,2%
	Passear em centros comerciais	507	1	5	3,24	1,093		,776	
	Ir às compras (roupa, livros, etc.)	507	1	5	3,37	,991		,698	
	Ir a feiras	507	1	5	2,96	,969		,637	

Índice Expressão turística		Indicadores		Observações/Fundamentação teórica
Questão de pesquisa/ hipótese				
Expressão turística	Indique qual a frequência com que pratica cada uma das seguintes actividades: Fazer campismo ou caravanismo			Fonte: (Correia da Silva, 2011, p. 241) Nota: construir o Índice sintético
	Indique qual a frequência com que pratica cada uma das seguintes actividades: Ir à praia			

1 Via médias (sem ponderação)

Índice	Indicadores	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão	Alpha de Cronbach
Expressão turística	Fazer campismo ou caravanismo	507	1	5	1,62	,985	0,545
	Ir à praia	507	1	5	2,33	1,061	

2 Via ACP (com ponderação dos indicadores)

Índice	Indicadores	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão	Alpha de Cronbach	Pesos factoriais	Variância explicada
Expressão turística	Fazer campismo ou caravanismo	507	1	5	1,62	,985	0,545	,829	68,7%
	Ir à praia	507	1	5	2,33	1,061		,829	

Índice Actividades eruditas

Questão de pesquisa/ hipótese	Indicadores	Observações/Fundamentação teórica
Actividades eruditas	Indique qual a frequência com que pratica cada uma das seguintes actividades:	Fonte: (Correia da Silva, 2011, p. 241) Nota: construir o Índice sintético
	Indique qual a frequência com que pratica cada uma das seguintes actividades:	
	Indique qual a frequência com que pratica cada uma das seguintes actividades:	

1Via médias (sem ponderação)

Índice	Indicadores						Alpha de Cronbach
	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão		
Actividades eruditas	507	1	5	2,72	1,117		0,626
	507	1	5	1,90	1,082		
	507	1	5	3,00	1,081		

2Via ACP (com ponderação dos indicadores)

Índice	Indicadores						Alpha de Cronbach	Pesos factoriais	Variância explicada
	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão				
Actividades eruditas	507	1	5	2,72	1,117	0,626	,721 ,803 ,745	57,3%	
	507	1	5	1,90	1,082				
	507	1	5	3,00	1,081				

ANEXO VIII: Teste-t de comparação de médias das práticas de lazer

Por Universidade

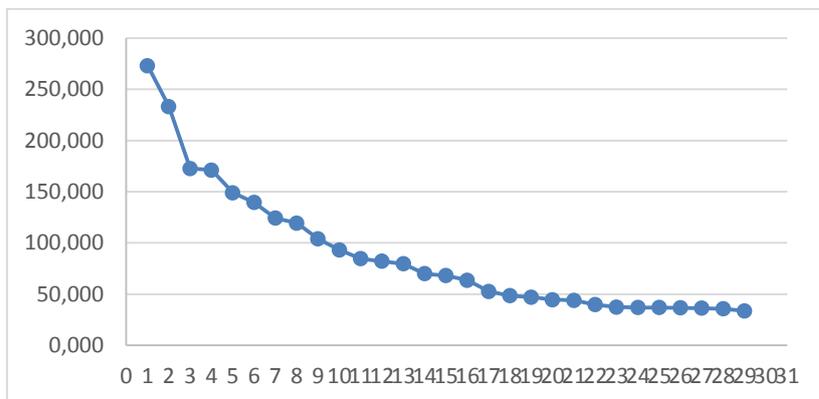
	Teste de Levene para igualdade de variâncias		Teste t para a igualdade de médias									
	F	Sig.	t	df	Sig. (2-extremidades)	Diferença média	Erro padrão da diferença	Intervalo de confiança da diferença		Superior		
								Inferior	Superior			
Prática científica erudita	,005	,941	-3,485	505	,001	-,33410523	,09588228	-,52248253	-,14572793			
										Assume-se a igualdade da variância		
Práticas de sociabilidade e participação expressiva	,005	,945	-3,491	286,812	,001	-,33410523	,09571115	-,52249057	-,14571989			
										Assume-se a igualdade da variância		
Entretenimento em espaço semipúblico	3,891	,049	-3,634	505	,000	,34863453	,09577980	,16045858	,53681047			
										Assume-se a igualdade da variância		
Recreativas	,567	,452	,260	305,370	,795	,02449983	,09426796	-,16611661	,21511627			
										Assume-se a igualdade da variância		
Entretenimento em espaço público	1,277	,259	4,494	505	,000	,42760658	,09514400	,24067977	,61453339			
										Assume-se a igualdade da variância		
Expressão e participação desportiva	,378	,539	-5,545	505	,586	-,05281721	,09699964	-,24338975	,13775533			
										Assume-se a igualdade da variância		
Auto-recreação	9,265	,002	1,800	505	,072	,17412117	,09671824	-,01589851	,36414085			
										Assume-se a igualdade da variância		
Expressão turística	,087	,769	-3,666	505	,000	-,35110104	,09576195	-,53924193	-,16296015			
										Assume-se a igualdade da variância		
Actividades eruditas	,205	,651	,032	301,304	,974	,00307091	,09702802	-,18755738	,19369919			
										Assume-se a igualdade da variância		

Por situação de matrícula

	Teste t para amostras independentes						Teste t para a igualdade de médias			
	Teste de Levene para igualdade de variâncias			t	df	Sig. (2-extremidades)	Diferença média	Erro padrão da diferença	Intervalo de confiança da diferença 95%	
	F	Sig.							Inferior	Superior
Prática científica erudita	Assume-se a igualdade da variância	14,936	,000	7,840	505	,000	,71693119	,09144146	,53727866	,89658372
	Não se assume a igualdade da variância			8,539	354,759	,000	,71693119	,08396062	,55180806	,88205431
	Assume-se a igualdade da variância	1,730	,189	-2,833	505	,005	-.27222747	,09608639	-.46100577	-.08344916
Práticas de sociabilidade e participação expressiva	Não se assume a igualdade da variância			-2,962	320,534	,003	-.27222747	,09191288	-.45305580	-.09139914
	Assume-se a igualdade da variância	3,423	,065	-5,591	505	,000	-.52543744	,09398213	-.71008156	-.34079332
	Não se assume a igualdade da variância			-5,925	331,448	,000	-.52543744	,08868032	-.69988467	-.35099021
Entretenimento em espaço semipúblico	Assume-se a igualdade da variância	,221	,638	-.483	505	,629	-.04677118	,09682464	-.23699990	,14345754
	Não se assume a igualdade da variância			-.474	276,899	,636	-.04677118	,09861436	-.24090028	,14735792
	Assume-se a igualdade da variância	,002	,967	-.303	505	,762	-.02938170	,09683818	-.21963703	,16087362
Recreativas	Não se assume a igualdade da variância			-.306	294,593	,760	-.02938170	,09597469	-.21826463	,15950122
	Assume-se a igualdade da variância	2,461	,117	,707	505	,480	,06847154	,09679906	-.12170694	,25865001
	Não se assume a igualdade da variância			,686	269,332	,493	,06847154	,09984115	-.12809683	,26503990
Expressão e participação desportiva	Assume-se a igualdade da variância	1,103	,294	-3,121	505	,002	-.29937346	,09592637	-.48783737	-.11090954
	Não se assume a igualdade da variância			-3,184	302,273	,002	-.29937346	,09403153	-.48441275	-.11433417
	Assume-se a igualdade da variância	,966	,326	-5,264	505	,000	-.49638240	,09429438	-.68164000	-.31112481
Auto-recreação	Não se assume a igualdade da variância			-5,433	310,702	,000	-.49638240	,09136923	-.67616310	-.31660171
	Assume-se a igualdade da variância	11,547	,001	-2,004	505	,046	-.19332192	,09646417	-.38284243	-.00380140
	Não se assume a igualdade da variância			-2,227	373,158	,027	-.19332192	,08680671	-.36401355	-.02263028

ANEXO IX: Análise de Clusters frequência das práticas de lazer

Método Ward Linkage – 3 factores



K-médias

Centros dos grupos finais

	Cluster		
	1	2	3
Prática científica erudita	,18523	-,41759	,37562
Práticas de sociabilidade e participação expressiva	,36242	-,54960	,14843
Entretenimento em espaço semipúblico	-,10209	,08937	,10169
Recreativas	-,26350	,16166	,41379
Entretenimento em espaço público	-,33828	-,31181	1,67003
Expressão e participação desportiva	,41788	-,57737	,04764
Auto-recreação	-,24328	,31689	,01445
Expressão turística	-,23103	,22898	,17151
Actividades eruditas	-,19679	,07968	,39905

ANOVA

	Cluster		Erro		F	Sig.
	Quadrático médio	df	Quadrático médio	df		
Prática científica erudita	25,875	2	,901	504	28,709	,000
Práticas de sociabilidade e participação expressiva	44,295	2	,828	504	53,484	,000
Entretenimento em espaço semipúblico	2,417	2	,994	504	2,431	,089
Recreativas	17,886	2	,933	504	19,170	,000
Entretenimento em espaço público	138,437	2	,455	504	304,515	,000
Expressão e participação desportiva	51,559	2	,799	504	64,500	,000
Auto-recreação	16,308	2	,939	504	17,363	,000
Expressão turística	12,450	2	,955	504	13,043	,000
Actividades eruditas	11,872	2	,957	504	12,407	,000

ANEXO X: Satisfação com os equipamentos de lazer**Teste do Qui-quadrado: Frequência das práticas de lazer e satisfação com os equipamentos culturais em Coimbra****Teste estatístico**

	Qui-quadrado	df	Índice de significância
Passear	104,639 ^a	3	,000
Passear em centros comerciais	147,437 ^b	4	,000
Ir a feiras	165,155 ^b	4	,000
Fazer desporto	49,239 ^b	4	,000
Fazer jogging	56,930 ^b	4	,000
Ir à praia	127,155 ^b	4	,000
Ir a concertos de música popular	95,775 ^b	4	,000
Assistir a touradas ou corridas de cavalos	544,977 ^a	3	,000
Assistir a espetáculos desportivos	83,831 ^b	4	,000
Ir ao circo	447,828 ^a	3	,000
Ir a cafés, cervejarias, pastelarias	162,254 ^b	4	,000
Assistir a cerimónias religiosas	158,873 ^b	4	,000
Jogar em máquinas eletrónicas	87,746 ^b	4	,000
Ir a discotecas	32,310 ^b	4	,000
Ir a bares	45,070 ^b	4	,000
Ir às compras (roupa, livros, etc.)	131,465 ^b	4	,000
Ir ao cinema]	55,549 ^b	4	,000
Dançar incluído num grupo	129,493 ^b	4	,000
Tocar um instrumento musical incluído num grupo	766,394 ^b	4	,000
Cantar incluído num grupo	604,423 ^b	4	,000
Fazer teatro amador	937,831 ^b	4	,000
Jogar cartas, damas, bilhar	230,620 ^b	4	,000
Fazer campismo ou caravanismo	520,676 ^b	4	,000
Participar em workshops	91,127 ^b	4	,000
Participar em blogues/ chats científicos	335,155 ^b	4	,000
Promover encontros científicos	413,268 ^b	4	,000
Ir a concertos de música clássica	257,944 ^b	4	,000
Organizar eventos culturais	381,465 ^b	4	,000
Visitar museus, exposições	88,394 ^b	4	,000
Ir a conferências científicas	39,521 ^b	4	,000
Ir a apresentações de livros	155,944 ^b	4	,000
Frequentar a casa de amigos	134,197 ^b	4	,000
Jantar fora de casa	131,493 ^b	4	,000
Viajar	134,169 ^b	4	,000
Passear	374,258 ^c	2	,000
Passear em centros comerciais	326,000 ^d	2	,000
Ir a feiras	158,158 ^e	2	,000
Fazer desporto	172,448 ^f	2	,000
Fazer jogging	134,941 ^g	2	,000
Ir à praia	89,321 ^h	2	,000
Ir a concertos de música popular	102,195 ⁱ	2	,000
Assistir a touradas ou corridas de cavalos	16,052 ^j	2	,000
Assistir a espetáculos desportivos	83,900 ^g	2	,000
Ir ao circo	33,578 ^k	2	,000
Ir a cafés, cervejarias, pastelarias	406,281 ^l	2	,000
Assistir a cerimónias religiosas	106,794 ^m	2	,000
Jogar em máquinas eletrónicas	101,754 ⁿ	2	,000
Ir a discotecas	146,804 ^o	2	,000
Ir a bares	274,511 ^p	2	,000
Ir às compras (roupa, livros, etc.)	289,288 ^q	2	,000
Ir ao cinema	284,331 ^r	2	,000
Dançar incluído num grupo	61,681 ^s	2	,000
Tocar um instrumento musical incluído num grupo	31,503 ^t	2	,000
Cantar incluído num grupo	37,560 ^u	2	,000
Fazer teatro amador	20,462 ^v	2	,000
Jogar cartas, damas, bilhar	57,757 ^w	2	,000
Fazer campismo ou caravanismo	35,320 ^u	2	,000
Participar em workshops	85,912 ^x	2	,000
Participar em blogues/ chats científicos	61,855 ^y	2	,000
Promover encontros científicos	53,169 ^z	2	,000
Ir a concertos de música clássica	44,090 ^{aa}	2	,000
Organizar eventos culturais	60,990 ^{ab}	2	,000
Visitar museus, exposições	170,839 ^p	2	,000
Ir a conferências científicas	115,881 ^{ac}	2	,000
Ir a apresentações de livros	73,273 ^{ad}	2	,000
Frequentar a casa de amigos	386,894 ^r	2	,000
Jantar fora de casa	403,775 ^{ae}	2	,000
Viajar	382,807 ^{af}	2	,000

Teste do Qui-quadrado: Frequência das práticas de lazer e satisfação com os equipamentos culturais em Groningen

Teste estatística			
	Qui-quadrado	df	Índice de significância
Passear	108,263 ^a	4	,000
Passear em centros comerciais	16,092 ^a	4	,003
Ir a feiras	55,829 ^a	4	,000
Fazer desporto	28,263 ^a	4	,000
Fazer jogging	18,066 ^a	4	,001
Ir à praia	77,474 ^a	4	,000
Ir a concertos de música popular	16,553 ^a	4	,002
Assistir a touradas ou corridas de cavalos	426,750 ^a	4	,000
Assistir a espetáculos desportivos	48,066 ^a	4	,000
Ir ao circo	256,158 ^b	3	,000
Ir a cafés, cervejarias, pastelarias	98,461 ^a	4	,000
Assistir a cerimónias religiosas	182,803 ^a	4	,000
Jogar em máquinas eletrónicas	143,789 ^a	4	,000
Ir a discotecas	13,395 ^a	4	,009
Ir a bares	41,947 ^a	4	,000
Ir às compras (roupa, livros, etc.)	70,697 ^a	4	,000
Ir ao cinema]	37,276 ^a	4	,000
Dançar incluído num grupo	67,211 ^a	4	,000
Tocar um instrumento musical incluído num grupo	259,250 ^a	4	,000
Cantar incluído num grupo	311,947 ^a	4	,000
Fazer teatro amador	425,829 ^a	4	,000
Jogar cartas, damas, bilhar	79,316 ^a	4	,000
Fazer campismo ou caravanismo	149,711 ^a	4	,000
Participar em workshops	23,066 ^a	4	,000
Participar em blogues/ chats científicos	71,224 ^a	4	,000
Promover encontros científicos	88,066 ^a	4	,000
Ir a concertos de música clássica	90,961 ^a	4	,000
Organizar eventos culturais	172,934 ^a	4	,000
Visitar museus, exposições	48,263 ^a	4	,000
Ir a conferências científicas	30,368 ^a	4	,000
Ir a apresentações de livros	81,842 ^b	3	,000
Frequentar a casa de amigos	54,382 ^a	4	,000
Jantar fora de casa	69,776 ^a	4	,000
Viajar	74,250 ^a	4	,000
Passear	106,778 ^c	1	,000
Passear em centros comerciais	58,051 ^d	2	,000
Ir a feiras	69,314 ^e	2	,000
Fazer desporto	176,254 ^f	2	,000
Fazer jogging	134,508 ^g	2	,000
Ir à praia	1,670 ^h	2	,434
Ir a concertos de música popular	60,961 ⁱ	2	,000
Assistir a touradas ou corridas de cavalos	8,375 ^j	2	,015
Assistir a espetáculos desportivos	46,126 ^k	2	,000
Ir ao circo	21,500 ^j	2	,000
Ir a cafés, cervejarias, pastelarias	220,383 ^l	2	,000
Assistir a cerimónias religiosas	6,582 ^m	1	,010
Jogar em máquinas eletrónicas	30,328 ⁿ	2	,000
Ir a discotecas	143,557 ^o	2	,000
Ir a bares	187,064 ^l	2	,000
Ir às compras (roupa, livros, etc.)	153,329 ^p	2	,000
Ir ao cinema	165,696 ^q	2	,000
Dançar incluído num grupo	36,930 ^r	2	,000
Tocar um instrumento musical incluído num grupo	24,388 ^s	2	,000
Cantar incluído num grupo	24,105 ^t	2	,000
Fazer teatro amador	20,724 ^u	2	,000
Jogar cartas, damas, bilhar	40,074 ^v	2	,000
Fazer campismo ou caravanismo	12,559 ^w	2	,002
Participar em workshops	89,728 ^x	2	,000
Participar em blogues/ chats científicos	48,222 ^v	2	,000
Promover encontros científicos	57,648 ^y	2	,000
Ir a concertos de música clássica	39,939 ^z	2	,000
Organizar eventos culturais	39,500 ^{aa}	2	,000
Visitar museus, exposições	92,043 ^l	2	,000
Ir a conferências científicas	100,579 ^b	2	,000
Ir a apresentações de livros	35,106 ^{ab}	2	,000
Frequentar a casa de amigos	107,848 ^{ac}	2	,000
Jantar fora de casa	195,455 ^p	2	,000
Viajar	135,877 ^{ad}	2	,000

ANEXO XI: Análise das Componentes Principais Motivos para estudar no estrangeiro

Testes KMO e Bartlett

Teste de Kaiser-Meyer-Olkin de adequação da amostra		,819
Aprox. Qui-quadrado		3028,242
Teste de esfericidade de Bartlett	Graus de liberdade	153
	Sig.	,000

Comunalidades

	Inicial	Extraída
Vontade de viajar	1,000	,684
Experimentar viver num país diferente	1,000	,722
Ser autónomo	1,000	,716
Espírito de aventura	1,000	,596
Aprender a resolver problemas	1,000	,715
Estabelecer novas amizades	1,000	,568
Valorização pessoal	1,000	,529
Experimentar viver sem os pais	1,000	,668
Conhecer o país dos seus antepassados	1,000	,669
Valorização no país de origem de um diploma estrangeiro	1,000	,676
Garantir um estatuto social elevado	1,000	,619
Novas perspetivas de empregabilidade	1,000	,673
Elevar o seu rendimento económico no futuro	1,000	,725
Contribuir para o desenvolvimento económico do seu país	1,000	,534
Desenvolver competências linguísticas	1,000	,465
Interesse no plano de estudo	1,000	,602
: Não existência da área de estudo no país de origem	1,000	,430
Desejar obter um visto de residência permanente	1,000	,587

Método de extracção: Análise das Componentes Principais

Total da Variância explicada

Componentes	Valores próprios iniciais		Somadas de extração dos carregamentos ao quadrado		Somadas rotativas dos carregamentos ao quadrado	
	Total	% da Variância	Total	% da Variância	Total	% da Variância
1	4,331	24,063	4,331	24,063	3,245	18,029
2	3,110	17,276	3,110	17,276	2,629	14,606
3	1,612	8,954	1,612	8,954	2,279	12,660
4	1,098	6,099	1,098	6,099	1,559	8,664
5	1,026	5,701	1,026	5,701	1,464	8,133
6	,833	4,626				
7	,813	4,515				
8	,730	4,053				
9	,631	3,508				
10	,607	3,371				
11	,571	3,170				
12	,551	3,061				
13	,442	2,454				
14	,383	2,129				
15	,376	2,091				
16	,357	1,984				
17	,279	1,552				
18	,251	1,394				
		24,063		24,063		24,063
		41,339		41,339		41,339
		50,293		50,293		50,293
		56,392		56,392		56,392
		62,092		62,092		62,092
		66,718				
		71,233				
		75,286				
		78,794				
		82,165				
		85,335				
		88,396				
		90,850				
		92,979				
		95,070				
		97,054				
		98,606				
		100,000				

Método de extração: Análise das Componentes Principais

Matriz de Componentes Rodada^a

	Componentes				
	1	2	3	4	5
Elevar o seu rendimento económico no futuro	,847				
Valorização no país de origem de um diploma estrangeiro	,808				
Novas perspetivas de empregabilidade	,797				
Garantir um estatuto social elevado	,743				
Contribuir para o desenvolvimento económico do seu país	,620				
Valorização pessoal					
Experimentar viver num país diferente		,843			
Vontade de viajar		,786			
Estabelecer novas amizades		,626			
Espírito de aventura		,598			
Ser autónomo			,446		
Aprender a resolver problemas			,815		
Experimentar viver sem os pais			,767		
Interesse no plano de estudo			,756		
Desenvolver competências linguísticas				,744	
Não existência da área de estudo no país de origem				,633	
Conhecer o país dos seus antepassados				,461	
Desejar obter um visto de residência permanente					,772
					,688

Método de extracção: Análise das Componentes Principais

Método de Rotação: Varimax com normalização Kaiser

a. Convergência de rotação em 6 iterações.

ANEXO XII: Teste-t de comparação de médias - Motivos para estudar no estrangeiro
Teste-t de comparação de médias - Motivos para estudar no estrangeiro por universidade

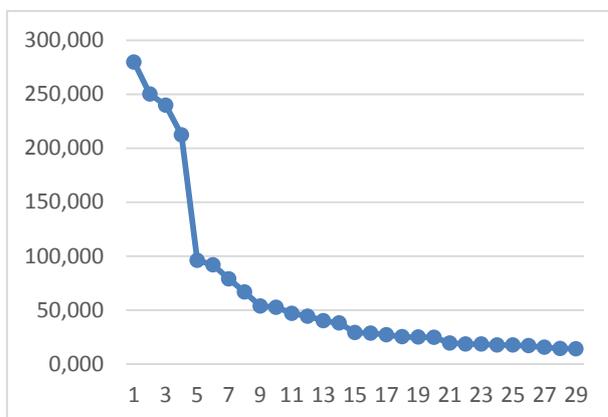
		Teste de amostras independentes									
		Teste de Levene para igualdade de variâncias					Teste t para a igualdade de médias				
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-extremidades)	Diferença média	Erro padrão da diferença	Intervalo de confiança da diferença 95%	Inferior	Superior
Motivos económicos	Assume-se a igualdade da variância	,003	,954	3,334	505	,001	,31996841	,09597772	,13140361	,508533	20
	Não se assume a igualdade da variância			3,362	291,155	,001	,31996841	,09517839	,13264352	,507293	29
Motivos sociais	Assume-se a igualdade da variância	4,685	,031	-1,772	505	,077	-,17143448	,09672775	,36147284	,018603	87
	Não se assume a igualdade da variância			-1,860	320,159	,064	-,17143448	,09214676	,35272414	,009855	18
Motivos pessoais	Assume-se a igualdade da variância	16,640	,000	-1,118	505	,264	-,10830867	,09690833	,29870182	,082084	48
	Não se assume a igualdade da variância			-1,224	355,190	,222	-,10830867	,08852067	,28239919	,065781	86
Motivos académicos	Assume-se a igualdade da variância	1,523	,218	-2,894	505	,004	-,27845881	,09623363	,46752638	,089391	23
	Não se assume a igualdade da variância			-3,041	321,072	,003	-,27845881	,09156855	,45860894	,098308	68
Motivos migratórios	Assume-se a igualdade da variância	,011	,917	-,413	505	,680	-,04002927	,09701176	,23062562	,150567	08
	Não se assume a igualdade da variância			-,413	285,954	,680	-,04002927	,09696651	,23088792	,150829	38

Teste-t de comparação de médias - Motivos para estudar no estrangeiro por situação de matrícula

	Teste de amostras independentes									
	Teste de Levene para igualdade de variâncias					Teste t para a igualdade de médias				
	F	Índice de significância	t	df	Sig. (2-extremidades)	Diferença média	Erro padrão da diferença	Intervalo de confiança da diferença 95%	Inferior	Superior
Motivos económicos	1,362	,244	4,095	505	,000	,39015163	,09527812	,20296131	,57734195	
			3,985	271,479	,000	,39015163	,09791456	,19738325	,58292001	
Motivos sociais	18,466	,000	-7,566	505	,000	-,69440883	,09178499	-,87473628	-,51408137	
			-8,754	412,249	,000	-,69440883	,07932821	-,85034708	-,53847058	
Motivos pessoais	1,856	,174	-,981	505	,327	-,09490345	,09675488	-,28499513	,09518822	
			-1,016	313,295	,311	-,09490345	,09342959	-,27873223	,08892533	
Motivos académicos	4,507	,034	,620	505	,535	,06003132	,09681016	-,13016895	,25023158	
			,650	322,724	,516	,06003132	,09234678	-,12164638	,24170901	
Motivos migratórios	,500	,480	1,278	505	,202	,12354609	,09669084	-,06641975	,31351193	
			1,308	304,497	,192	,12354609	,09448760	-,06238521	,30947739	

ANEXO XIII: Análise de Clusters dos motivos para estudar no estrangeiro

Método Ward Linkage – 5 factores



K-médias

Centros dos grupos finais

	Cluster				
	1	2	3	4	5
Económicas	1	0	-1	0	-1
Sociais	0	0	-2	-1	0
Pessoais	0	0	-1	0	0
Académicas	-1	0	-1	1	0
Migratórias	-1	1	0	0	0

ANOVA

	Cluster		Erro		F	Sig.
	Quadrático médio	df	Quadrático médio	df		
Económicas	70,577	4	,446	502	158,386	,000
Sociais	68,560	4	,462	502	148,503	,000
Pessoais	6,341	4	,957	502	6,623	,000
Académicas	37,066	4	,713	502	52,014	,000
Migratórias	76,035	4	,402	502	189,087	,000

ANEXO XIV: Qui-quadrado redes de suporte social e financeiro dos estudantes estrangeiros

Redes de suporte social e decisão de estudar no estrangeiro

Teste do Qui-quadrado

	Valor	df	Significância sig. (2-lados)
Qui-quadrado de Pearson	32,161 ^a	7	,000
Razão de Verossimilhança	31,295	7	,000
Associação Linear-by-Linear	13,485	1	,000
Nº de casos válidos	507		

a. 3 células (18,8%) esperam uma contagem inferior a 5. A contagem mínima esperada é 1,80.

Redes de suporte financeiro e decisão de estudar no estrangeiro

Teste do Qui-quadrado

	Valor	df	Significância sig. (2-lados)
Qui-quadrado de Pearson	26,699 ^a	7	,000
Razão de Verossimilhança	26,040	7	,000
Associação Linear-by-Linear	10,901	1	,001
Nº de casos válidos	507		

a. 1 células (6,2%) esperam uma contagem inferior a 5. A contagem mínima esperada é 4,80.

ANEXO XV: Análise de resíduos ajustados por perfis e factores de atracção da cidade e universidade

UC 1 - estudantes em mobilidade, vindos da Europa, inscritos no primeiro ciclo, com um capital escolar familiar baixo que considera <u>muito importante</u> os seguintes factores de atracção da cidade		
		Resíduo Ajustado
Resíduo Ajustado >1,96	Clima	4,1
	Localização da cidade no país	3,3
	Proximidade do mar	4,0
	Gastronomia	3,7
	Oferta cultural	2,3
	Oferta de entretenimento nocturno	3,0
	Oferta turística da cidade	2,3
UC 2 - estudantes regulares, vindos da América do Sul ou Ásia, inscritos no segundo - terceiro ciclos, com um capital escolar familiar alto que considera <u>importante</u> os seguintes factores de atracção da cidade		
		Resíduo Ajustado
Resíduo Ajustado >1,96	Condições para o consumo de bens variados	3,7
	Facilidade em arranjar trabalho remunerado	3,8
	Ter uma universidade	2,1
UC 3 - estudantes regulares, vindos da América do Sul, inscritos no primeiro ciclo com um capital escolar familiar baixo que considera <u>muito importante</u> os seguintes factores de atracção da cidade		
		Resíduo Ajustado
Resíduo Ajustado >1,96	Segurança na cidade	2,7
		1,9

RUG1: estudantes em mobilidade, vindos da Europa ou América do Norte, inscritos no primeiro ciclo, com um capital escolar familiar alto, que <u>não considera especialmente importantes</u> os seguintes factores de atracção da cidade		
		Resíduo Ajustado
Resíduo Ajustado >1,96	Segurança	2,6
	Obtenção de vistos	2,1
	Clima	2,1
	Gastronomia	2,1
	Conhecer a cidade previamente	2,6
RUG 2 - estudantes regulares, vindos da Europa, Ásia ou América do Sul, inscritos nos segundo ou terceiro ciclos, com um capital escolar familiar alto que considera <u>importante</u> seguintes factores de atracção da cidade		
		Resíduo Ajustado
Resíduo Ajustado >1,96	Custo de vida	3,6
	Condições para o consumo de bens variados	2,5
	Segurança	2,2
	Gastronomia	2,8
RUG 3 - estudantes regulares, vindos de África ou Ásia, inscritos no terceiro ciclo, com um capital escolar familiar médio, considera <u>importante</u> seguintes factores de atracção da cidade		
		Resíduo Ajustado
Resíduo Ajustado >1,96	Obtenção de vistos	2,0

UC 1 - estudantes em mobilidade, vindos da Europa, inscritos no primeiro ciclo, com um capital escolar familiar baixo que considera <u>importante</u> os seguintes factores de atracção da universidade		
		Resíduo Ajustado
Resíduo	Cursos ministrados em língua inglesa (muito importante)	2,8
Ajustado	Oferta de cursos de língua	3,3
>1,96	Promoção de eventos culturais	3,0
UC2 - estudantes regulares, vindos da América do Sul ou Ásia, inscritos no segundo - terceiro ciclos, com um capital escolar familiar alto que considera <u>importante</u> os seguintes factores de atracção da universidade		
		Resíduo Ajustado
Resíduo	Valor das propinas	5,7
Ajustado	Facilidade em arranjar alojamento universitário	4,2
>1,96	Empregabilidade dos diplomados	4,4
	Promoção de eventos científicos	2,5
	Produção científica de um grupo	2,1
	Produção científica de um professor (muito importante)	2,1
	Obter um grau numa área específica	2,9
	Facilidade do reconhecimento do diploma no país de origem	3,1
UC3 - estudantes regulares, vindos da América do Sul, inscritos no primeiro ciclo com um capital escolar familiar baixo que considera <u>muito importante</u> os seguintes factores de atracção da universidade		
		Resíduo Ajustado
Resíduo	Obter um grau numa área específica	2,9
Ajustado	Posição nos rankings universitários	2,3
>1,96		

RUG1: estudantes em mobilidade, vindos da Europa ou América do Norte, inscritos no primeiro ciclo, com um capital escolar familiar alto, que não considera especialmente importantes seguintes factores de atracção da universidade		
		Resíduo Ajustado
Resíduo Ajustado >1,96	Produção científica de um grupo	2,1
	Produção científica de um professor	2,0
	Perspectiva de obter boas classificações	2,4
	Obter um grau especializado	3,1
RUG2 - estudantes regulares, vindos da Europa, Ásia ou América do Sul, inscritos nos segundo ou terceiro ciclos, com um capital escolar familiar alto que considera importante seguintes factores de atracção da cidade		
		Resíduo Ajustado
Resíduo Ajustado >1,96	Produção científica global	2,0
	Obter um grau especializado	3,3
RUG3 - estudantes regulares, vindos de África ou Ásia, inscritos no terceiro ciclo, com um capital escolar familiar médio, considera importante os seguintes factores de atracção da cidade		
		Resíduo Ajustado
Resíduo Ajustado >1,96	Promoção de eventos científicos	2,2
	Produção científica global	2,4
	Produção científica de um grupo	2,7
	Produção científica de um professor	2,8
	Obter um grau de especialização	2,1

ANEXO XVI: Análise das Componentes Principais Factores de Atracção da cidade

Matriz de Componente Rodada^a

	Componentes			
	Entreteni- mento	Facilidade de Integração	Turismo	Trabalho e Informação da cidade
Custo de vida		,769		
Condições para o consumo de bens variados		,744		
Facilidade em arranjar um trabalho remunerado				,459
Facilidade na obtenção de alojamento		,688		
Segurança na cidade		,695		
Facilidade de obtenção de vistos		,593		
Ter uma universidade		,465		
Clima			,757	
Localização da cidade no país			,711	
Proximidade do mar			,785	
Gastronomia			,677	
Oferta cultural	,661			
Oferta de entretenimento noturno	,741			
Oferta turística da cidade	,722			
Condições para a prática desportiva	,573			
Condições para a prática de lazer	,706			
Imagem prévia da cidade	,707			
Facilidade em obter informações à distância sobre a cidade	,640			
Já conhecer a cidade				,764
Referências de familiares ou amigos				,703

Método de extracção: Análise das Componentes Principais

Método de Rotação: Varimax com normalização Kaiser

a. Convergência de rotação em 7 interacções.

ANEXO XVII: Análise das Componentes Principais Factores de Atracção da Universidade

Matriz de Componentes Rodada^a

	Componentes				
	Produção e Infraestruturas científicas	Acesso a recursos	Custo e empregabilidade	Acreditação	Língua
Produção científica de um grupo	,866				
Produção científica global	,859				
Produção científica de um professor	,837				
Promoção de eventos científicos	,719				
Qualidade do corpo docente	,622				
Posição nos rankings universitários	,472				
Infraestruturas de ensino	,445				
Promoção de eventos culturais		,801			
Vida académica		,799			
Nível de internacionalização		,666			
Serviços de apoio ao estudante		,610			
Condições para a prática desportiva		,562			
Informação disponível online		,548			
Oferta de cursos de língua		,524			
Facilidades de alojamento universitário			,751		
Valor das propinas			,738		
Localização no país			,705		
Empregabilidade dos diplomados			,542		
Facilidade do reconhecimento do diploma no país de				,662	
Obter um grau numa área específica				,656	
Oferta dos cursos				,536	
Perspetiva de obter boas classificações				,536	
Avaliação em língua inglesa					,902
Cursos ministrados em língua inglesa					,895

Método de extracção: Análise das Componentes Principais

Método de Rotação: Varimax com normalização Kaiser

a. Convergência de rotação em 6 interacções.

ANEXO XVIII: Índices globais de atractividade das cidades e das universidades

	Universidade	N	Média	Desvio padrão	Desvio padrão estimado da média
Índice global de atractividade da Cidade	UC	355	,0102536	1,04713128	,05557596
	RUG	152	-,0239475	,88295185	,07161685
Índice global de atractividade da Universidade	UC	355	-,2436392	,94400571	,05010262
	RUG	152	,5690258	,89237048	,07238080

Teste de amostras independentes

	Teste de Levene para igualdade de variâncias					Teste t para a igualdade de médias				
	F	Sig.	t	df	Sig. (2-extremidades)	Diferença média	Erro padrão da diferença	Intervalo de confiança da diferença 95%		
								Inferior	Superior	
Índice global de atractividade da Cidade	5,338	,021	,353	505	,725	,03420111	,09701617	-,15640391	,22480614	
			,377	335,697	,706	,03420111	,09065131	-,14411508	,21251731	
Índice global de atractividade da Universidade	1,134	,287	-9,026	505	,000	-,81266498	,09003712	-,98955845	,63577151	
			-9,232	300,904	,000	-,81266498	,08802984	-,98589707	,63943289	

